m

1940

ABRIL - Nº 275

EU SEI TUDO
2$500 NO RIO
3$000 NOS ESTADOS
23º ANNO - Nº 11
ABRIL - 1940

LIFEBUOY - SABONETE DE SAUDE
ASSEGURA SEU "ASSEIO CORPORAL"

INVICTA
A PORTUENSE
JOALHERIA
A.G.&I.

O preço de

Não deve constituir surpreza para os leitores a modificação do custo deste magazine. O encarecimento de todo o material com que é feito determinou esta providencia, que somente está sendo tomada oito mezes após a declaração da actual guerra européa. Quer isso dizer que, emquanto foi possivel, mesmo com sacrificio, EU SEI TUDO manteve o preço antigo.

E' um pequeno sacrificio que este magazine solicita de seus leitores, certo de que, ainda agora, continúa sendo a mais barata revista do Brazil.

Eu Sei Tudo

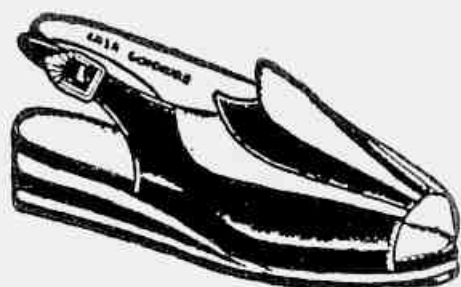
CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO"

FOI E SERA' A MAIS BARATEIRA DO BRASIL.

LANÇA NO MERCADO NOVIDADES DE SUA CRIAÇÃO

50$ Verniz preto, Bufalo branco e azul

50$ Verniz preto ou Bufalo branco.

40$ Combinações de tres côres. Branco, azul e vermelho. Preto e branco ou branco de 28 a 33.

60$ "Annabella". Branco, azul ou preto de 32 a 38

20$ Sandalheta. beige ou preta de 32 a 39.

45$ Cortiça. Laranja, azul e branco.

REMETTEM-SE GRATIS CATALOGOS ILLUSTRADOS

JULIO N. DE SOUZA & CIA.

AV. PASSOS, 120 — RIO — TEL. 43-4424

PODEROSO TONICO PARA AS SENHORAS

Dá uma Vigorosa Saude e Transbordante Vitalidade

Se a senhora está anemica, nervosa, fraca e sem appetite, e deseja ter carnes firmes, formas graciosas, belleza e saude, faça um tratamento com as Pilulas Rosadas do Dr. Williams. A' base de ferro assimilavel, estas pilulas regeneram o sangue porque multiplicam os globulos vermelhos.

Este sangue mais rico, mais vivo, "nutre" generosamente o organismo e permitte a formação de carnes firmes, sem gordura superflua. Além de proporcionar vigorosa saude, as Pilulas Rosadas do Dr. Williams darão á senhora a silhueta attrahente e a transbordante vitalidade que constituem o encanto feminino.

Recorte e envie este annuncio com o seu nome e endereço á Caixa Postal 962, Rio de Janeiro. Receberá gratis e em enveloppe fechado o interessante livrinho "Conselhos Confidenciaes para Senhoras". 1 A-16

Por que soffrer dos

CALLOS?

Eliminam-se com facilidade

Applique-lhes ao deitar-se a POMADA MAGICA DE HANSON. Ao levantar-se, mergulhe o pé em agua quente e o callo sahirá sem dôr

ACIDO URICO

Se todos comprehendessem de que vital importancia para a saude é o funccionamento regular dos rins, não ficariam um só dia sem tratamento em caso de fraqueza dos rins. Cada gotta de sangue do nosso organismo tem de passar pelos rins para ahi serem filtradas todas as impurezas e toxicos — sendo dentre estes, o principal, o acido urico. Se os rins estiverem fracos demais para effectuarem devidamente essa tarefa, o acido urico é transportado por todo o corpo, formando crystaes agudos, que se alojam nas articulações, causando inflammações dolorosas, rigidez e, finalmente, a tortura do rheumatismo. Ou então os crystaes se alojam na bexiga, dando logar a calculos, pedras ou inflammação chronica.

A fraqueza dos rins, que póde ser facilmente reconhecida pelo apparecimento de dôres nas costas, sensação de peso e cansaço geral, deve ser immediatamente tratada por meio das Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Agem directamente sobre os rins, tonificando-os e auxiliando-os a eliminar todas as impurezas do organismo.

A venda em todas as pharmacias. Compre as legitimas

Pilulas DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

indicadas para Rheumatismo, Sciatica, Dôres na Cintura, Disturbios Renaes, Molestias da Bexiga e, em geral, para enfermidades produzidas por excesso de acido urico.

A FELICIDADE

A felicidade hoje não mais se apresenta como aquella miragem inattingivel de que nos falavam os poetas romanticos do passado... Hoje, no seculo do dynamismo e do progresso, a felicidade é saude, é optimismo, é confiança propria, é força... Para chegar até nós, ella exige naturalmente alguma coisa. Da mulher, por exemplo, ella exige, antes de mais nada, saude. Jovens abatidas e desanimadas, senhoras cansadas e envelhecidas precocemente — quantas existem por ahi lamentando-se de sua grande infelicidade! E tudo por que? Porque perderam a saude. Porque não souberam combater racionalmente os males proprios de seu sexo. Na luta pela vida, no lar, na sociedade, só vence a mulher que tem saude. Para ter saude e para conserval-a a mulher precisa combater racional e intelligentemente os males que periodicamente a torturam, recorrendo a um remedio scientifico, fabricado de accordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier — fabricado sob duas formulas differentes, porque de duas naturezas differentes são os males femininos — é esse remedio providencial. O Regulador Xavier n.º 1 se applica nos casos de fluxos abundantes, repetidos, prolongados e suas consequencias: dôres, vertigens, insomnias, nervosismo, fastio, hemorrhagias etc. O Regulador Xavier n.º 2 se applica nos casos de falta de fluxos, fluxos atrazados, suspensos, diminuidos e suas consequencias: anemia, colicas uterinas, flôres brancas, insufficiencia ovariana etc.

O Regulador Xavier assegura para a mulher um tratamento racional e intelligente de seus males, curando-os radicalmente. O Regulador Xavier dá á mulher a chave da felicidade: A SAUDE.

Cia SOUZA CRUZ

CIGARROS

Belmont

Um

de qualidade

Cia. SOUZA CRUZ

— N. 275 — ABRIL — 1940 11.º DO ANNO XXIII

Avulso (Capital) .... 2$500
Estados .... 3$000
Numero atrazado ...... 3$500

ASSIGNATURA ANNUAL
REGISTRADA

Brazil e as Americas... 36$000
Outros continentes.... 65$000

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA S. A.
Director, GRATULIANO BRITO.
Escriptorio: — *Rua Maranguape, 15* — Rio de Janeiro
Endereço telegraphico: "REVISTA".
Telephones: *Direcção — 22-2622. Administração Publicidade — 22-2550.*

Succursal em S. Paulo — Edificio Martinelli — 10.º andar Sala G — Telephone: 3-3885. End. teleg. — "REVISTA".

REPRESENTANTES
Bahia — JOAQUIM M. CUNHA — Praça Castro Alves, 79 — S. Salvador.
Paraná — GERSON GOMES LUSTOSA (correspondente). Hotel Metropole — Curityba.
Rio G. do Sul — ADEMAR LOBATO — (Agencia Publix) — Rua Siqueira Campos, 159, sala 6 — Porto Alegre.

MAGAZINE MENSAL ILLUSTRADO — SCIENTIFICO, ARTISTICO, HISTORICO E LITTERARIO

ARMAS SECRETAS

O genio de Archimedes e a espantosa batalha de Syracusa

TELEGRAMMAS RECENTES NOS INFORMAM DE QUE O GOVERNO DO REICH PEDIU ÁS MULHERES ALLEMÃS OFFEREÇAM Á PATRIA SEUS CABELLOS AFIM DE SUBSTITUIR UMAS TANTAS MATERIAS PRIMAS DEFICIENTES. PELO ARTIGO A SEGUIR, VER-SE-HA QUE, JÁ NO SECULO III, ANTES DE CHRISTO, OS GREGOS HAVIAM APPELLADO PARA ESSE RECURSO.

Os annos de 1938 e 1939 hão de ficar assignalados, para maior assombro dos historiadores, por grandes e repetidas conquistas obtidas unicamente pela ameaça, sem necessidade de batalhas ou com um minimo de acção militar.

O genio da ensceneação dos Allemães foi elevado ao cumulo pelo Sr. Hitler, que, pelo só prestigio do passado, dos fantasmas de Clausevitz, Scharnost, Blucher e Moltke, com palavras truculentas e vagas referencias a armas desconhecidas, irresistiveis, conseguiu paralysar a França e a Inglaterra, durante vinte e quatro mezes, emquanto elle dava os mais retumbantes golpes de força, na Rhenania, na Austria, na Tcheco-Slovaquia e finalmente na Polonia. Foi preciso este ultimo attentado, eliminando do mappa mais um paiz glorioso e livre, para que a Republica Franceza e o Imperio Britannico se decidissem a enfrentar de armas na mão o mysterioso poder da Allemanha, verificando que elle não é menor nem maior do que em 1914.

A Historia é uma eterna repetição. E' possivel que algum erudito *doktor* de alem Rheno tenha inspirado ao *fuerer* essa politica de *bluff*, tomando como base o que se passou no seculo III, antes de Christo, com Appio e Marcello, os melhores generaes romanos d'esse tempo. O facto foi rigorosamente o mesmo, com os mesmos elementos, porem todos ás avessas. Ao contrario dos Allemães de hoje, os Gregos d'aquelle tempo guardaram ciosamente segredo sobre as armas novas, que possuiam; apezar d'isso, os Romanos, com sua espionagem já bem organizada, tiveram informações; mas, justamente por que ouviram fallar em engenhos maravilhosos, capazes de realizar verdadeiros prodigios, acreditaram que se tratava de fabulas.

E pagaram cruelmente esse engano.

—◆—

Os Gregos contavam então com Archimedes, um dos maiores genios, que a humanidade já produziu; um homem de tão variados e portentosos recursos mentaes que, sem o testemunho de muitos e respeitaveis escriptores da epocha, teria sido comprehendido na lista dos personagens fantaziosos, os semi-deuses como Hercules, Perseu, Ulysses...

Convem, de inicio, recordar uma circumstancia: — desde os tempos nebulosos em que Assyrios e Persas se enfrentavam nas planicies da Mesopotamia até o descobrimento da polvora, a apparelhagem militar pouco progrediu. Por assim dizer, tudo fôra inventado desde aquelles dias de que não restam documentos. Até as minas e contra-minas já eram conhecidas. Encontraram recentemente, nas ruinas de Jerichó, os engenhosos trabalhos com que Josué poz abaixo as muralhas d'essa cidade.

Uma catapulta romana, para o lançamento de grandes e pesadas flexas incendiarias.

Por isso, eram naturaes as duvidas dos chefes romanos, homens praticos e precavidos, ouvindo dizer que os Gregos de Syracusa dispunham de armas novas, capazes de alterar por completo a arte da guerra.

Como todos os sabios tocados pelo genio, Archimedes vivia para seus estudos, tão absorto por elles que, durante muitas horas — por vezes dias ou noites inteiras — ficava isolado em si mesmo, sem ver nem

ouvir o que occorria em torno. Porem Hieros II, o rei de Syracusa, teve a habilidade — e a paciencia — de conquistar sua amizade e conseguiu que, durante alguns annos, elle abandonasse quaesquer outras preoccupações, para se dedicar unicamente a organizar a defeza de sua cidade natal. Apaixonado por essa empreza, expandiu nella seu genio inventivo e creou uma apparelhagem formidavel, que o rei, com exemplar cautela, construiu e armazenou em absoluto segredo.

Não só o povo como o proprio exercito — com excepção de alguns officiaes superiores — a desconhecia.

Mas, alem d'esses dotes de previdencia e discreção, o rei Hieros II tinha mais uma qualidade de que sómente elle se podia orgulhar entre os governantes de seu tempo. Era pacifista. Por isso, embora dispondo de armamento, que o punha ao abrigo de qualquer ataque, manteve com seus poderosos visinhos, os Romanos, uma politica de cordialidade, que lhe permittiu reinar tranquillamente durante cincoenta e seis annos. Com sua morte, essa situação foi lamentavelmente alterada. Seu neto, Hyeronimo que o succedera no throno, era um rapazola cheio de vaidade e ambição. Exaltado pela gloria de Annibal, que obtivera retumbantes victorias sobre os Romanos, em Trasimeno e Cannes e tendo conhecimento das armas secretas com que Archimedes dotara Syracusa, julgou que podia tambem affrontar o poder de Roma e mandou offerecer sua alliança a Carthago.

Os Romanos logo tiveram noticia d'esse facto e não o julgaram desprezivel. Incapazes de egualar sua esquadra e seus marinheiros, no Mediterraneo, os Carthaginezes só podiam atacar a peninsula, apoz longas e penosas jornadas atravez a Iberia e a Gallia; mas se contassem com um ponto de apoio, uma base, como se diz actualmente, na Sicilia, seriam mais perigosos adversarios.

Então, sem mais demora, Roma tratou de aprestar uma esquadra e um exercito, a fim de occupar Syracusa, a capital e praça forte da Sicilia, antes que os Carthaginezes alli pudessem chegar.

Para almirante foi escolhido Marcello; para general Appio, ambos experimentados e habeis.

Alem de sua comprovada habilidade como estrategista em terra como no mar, Marcello, que pela edade e a antiguidade no cargo, tinha precedencia sobre seu collega, vinha aureolado pelo renome de chefe humano, tolerante e bom.

Desembarcou na Sicilia, juntamente com Appio, apoderou-se, de surpreza, quasi sem combate, da cidade de Lentini e revigorou sua lisongeira fama, tratando bondosamente a população contra a qual nenhum acto de violencia foi praticado.

Mas já havia, então, aproveitadores da desgraça alheia, negociantes e industriaes interesseiros, que muito se aborreceram com a attitude de Marcello e, temendo que ella induzisse os Syracusanos a um accordo, que os privaria de grandes lucros, apressaram-se a mandar a Hieronymo emissarios com informações diametralmente oppostas á verdade, dizendo que os Romanos haviam arrazado Lentini, degollado toda a população masculina e enviado as mulheres e creanças, como escravas, para a Italia. Essa noticia despertou tamanha indignação que, chegando pouco depois, á vista de Syracusa, uma embaixada romana, para propor uma conciliação, foi, contra todas as leis da guerra, massacrada.

O espirito tolerante de Marcello não desanimou. Attribuindo o inexplicavel attentado a algum mal entendido, resolveu insistir na politica de paz. Passados alguns dias, uma imponente galera com cinco fileiras de remos, ostentando as aguias de Roma e o estandarte de embaixador, appareceu na entrada do porto de Syracusa. Immediatamente, cinco ou seis galeras gregas poderosamente armadas avançaram contra ella e metteram-a a pique.

Armas romanas do seculo III, antes de Christo — um "carneiro" (martello horizontal para rebentar portas ou muralhas); uma torre movediça, para collocar o assaltante na altura das muralhas; e uma catapulta, para o lançamento de pedras. No centro, ao alto, o emblema de Syracusa.

Então, sem mais esperança de uma solução pacifica, os Romanos decidiram o ataque a Syracusa. Sabiam que a cidade estava bem resguardada por uma muralha espessa e elevada, com os alicerces solidamente firmados em rocha viva, mas julgavam-se preparados para dominar esse obstaculo.

Sessenta galeras, quasi todas com cinco fileiras de remos, se approximaram, armadas com catapultas de balancim, para a projecção de grandes pedras; catapultas de arco, para o lançamento de enormes flexas, pesados "carneiros" (toros de madeira, pendentes de tripodes e tendo na extremidade um contraforte de bronze em forma de cabeça de ovino) para romper as mais resistentes muralhas; torres de madeira, construidas sobre estrados com rodas, para encostar ás muralhas e permittir que os assaltantes passassem para ellas...

Algumas d'essas torres eram de tal vulto e peso que vinham armadas sobre duas galeras, que mano-

...em juntas, lançando cada qual apenas os ... de um lado.

Marcello acreditava que o só apparecimento d'essa temivel esquadra seria bastante para fazer o orgulhoso Hieronymo ... attitude menos aggressiva. Bem longe estava de imaginar que era elle quem ia ser surprehendido pelas machinas de guerra creadas pelo genio de Archimedes.

Antes que sua esquadra chegasse á distancia em que seus projectis pudessem alcançar as muralhas de Syracusa, d'essas partiram centenas de seixos atirados com tal força e segurança que feriram muitos entre os soldados e marinheiros apinhados nas galeras.

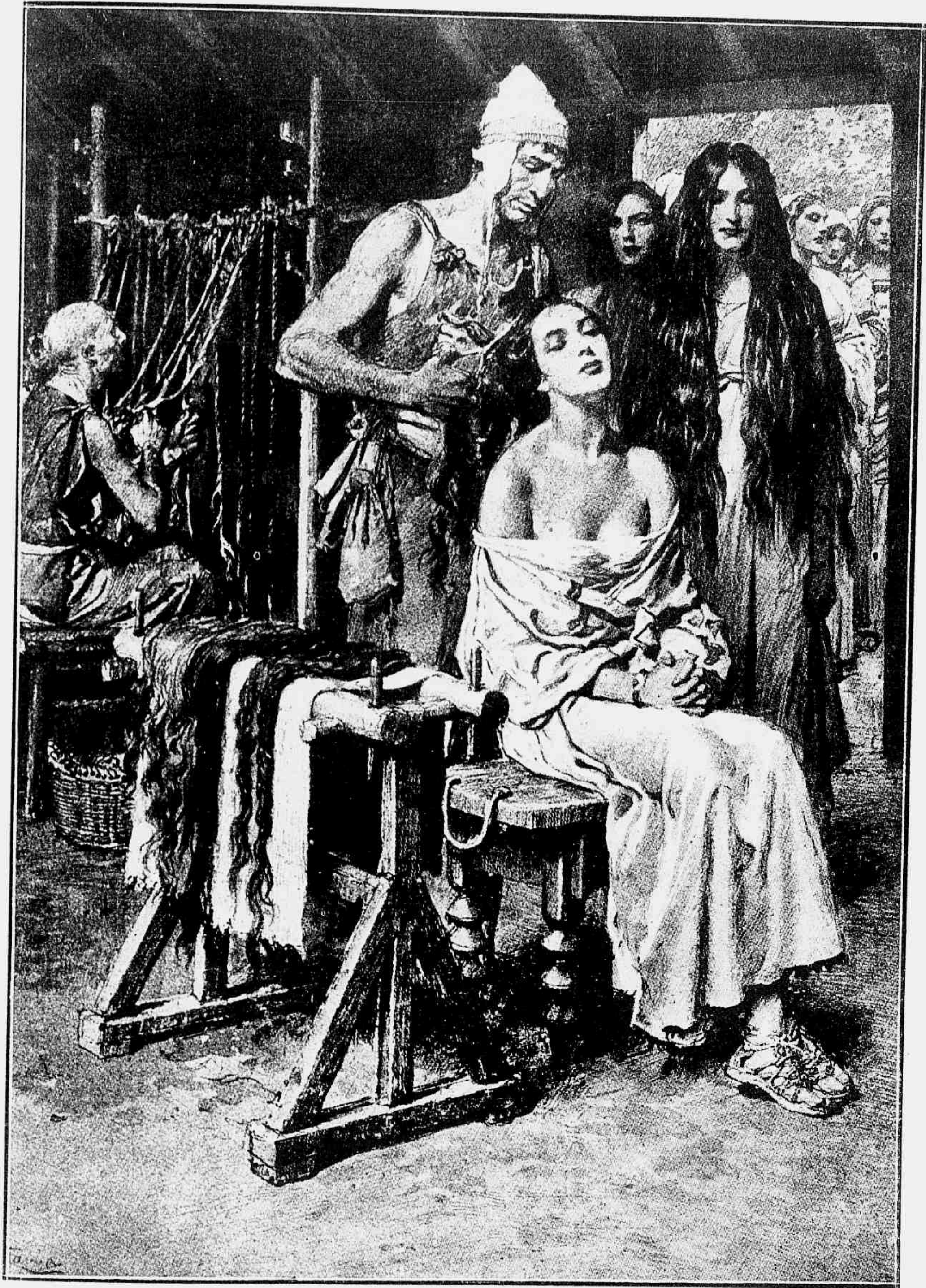
Essa damninha surpreza impressionou desagradavelmente o almirante romano mas não lhe abateu o animo.

Elle não pensou em recuar; ao contrario. Fiado na força e numero de seus navios, ordenou que fosse apressado o avanço. A victoria seria mais penosa e exigiria maiores sacrificios, mas não podia falhar.

Lamentavel engano. Apenas suas galeras chegaram mais perto, os projectis dos Gregos passaram a ser verdadeiros rochedos, com peso de sessenta a cem kilos. Os que acertavam nas galeras — e por isso mesmo que ellas eram muitas era facil acertar — abriam rombos no convez ou destruiam mastros e armas.

Marcello e seus officiaes pasmaram. Não lhes era possivel comprehender de que recursos dispunham os defensores de Syracusa para lançar taes projectis.

Se era essa a impressão dos chefes, que dizer dos soldados, muitos dos quaes entravam pela primeira vez em uma batalha?

Comprehendendo o perigo que seria para a expedição deixar que esse primeiro susto se generalisasse em panico, Marcello ainda mais insistiu em precipitar a offensiva. Uma vez abordadas as muralhas, as novas e poderosissimas armas de facto dos Gregos perderiam toda a importancia.

Quando não foi mais possivel obter nervos de animaes domesticos, pela extincção dos rebanhos, o rei Hieronymo appellou para o patriotismo das mulheres e as bellas Syracusanas offereceram seus cabellos com os quaes habeis artifices faziam as mais flexiveis e resistentes cordas para as machinas de guerra.

Assim pensava elle, porem Archimedes preparara engenhos para todas as circumstancias. A' proporção em que as galeras se approximavam, os Syracusanos, invisiveis por traz de suas muralhas, encurtavam o tiro de suas aperfeiçoadas catapultas; as pedras se erguiam quasi verticalmente e cahiam com dobrada força sobre as embarcações. De envolta com as pedras, vinham agora pesadas flexas, munidas com estopa em chamma e impregnadas de um liquido, que se espalhava pelos convezes, propagando o fogo.

A despeito de tudo, com a coragem fria e indomavel, que a disciplina lhes incutira, os Romanos persistiam no avanço.

Mas eis que surgem, em linha horizontal, dezenas de pequenas flexas certeiras e incessantes, dezimando

as guarnições. De onde partiam essas flexas, que pareciam irromper das proprias muralhas de Syracusa? Só então, os Romanos notaram que havia nessas muralhas pequenas e estreitas aberturas, por onde os Syracusanos observavam e alvejavam os assaltantes. Archimedes fôra o primeiro a imaginar as setteiras. Ideia muito simples porem n va e que foi, para os Romanos, uma temivel surpreza.

Porem ainda lhes faltava conhecer o peior. Quando, affrontando perdas immensas, Marcello logrou encostar algumas de suas galeras ás muralhas, surgiram

Longa cordas projectadas do alto das muralhas, como chicotes gigantescos, laçavam as galeras romanas pela prôa.

no alto machinas gigantescas, de aspecto desconhecido. Umas, que pareciam enormes chicotes, projectavam longas cordas, que laçavam pela prôa as orgulhosas embarcações romanas e, erguendo-as verticalmente, lançavam no mar suas armas de assalto e suas guarnições. Outras, que pareciam tezouras ou pinças de Titans, desciam abertas e, logo, manobradas por poderosas correntes, fechavam suas garras sobre um dos costados da galera, para sacudil-a como um simples graveto, esvasiando-a de tudo quanto continha.

Marcello e seus officiaes contemplavam com indizivel horror esses inverosimeis espectaculos e não podiam comprehender a obtenção de taes resultados, com simples mecanismos. Ignoravam que, alem de applicar com inegualavel intelligencia os principios da alavanca, Archimedes inventara trez cousas, que decuplicavam a resistencia e força em suas machinas — o parafuso, a engrenagem de rodas dentadas e a polia.

Graças ao primeiro, obtinha solidez impossivel com os pregos e rebites; com a segunda e a terceira, conseguia que um só homem movesse pesos correspondentes á força de dez homens.

Applicára tambem, pela primeira vez, o recurso do contrapeso e tudo isso, em conjunto com seus profundos conhecimentos de geometria, lhe permittira a creação dos prodigios com qu Hieronymo repelliu os Romanos, inflingindo-lhes a mais sangrenta e desastrosa das derrotas.

Marcello teve que recuar e retirar-se, tendo perdido um quarto de sua esquadra e ainda perseguido pelos projectis das catapultas gregas.

Syracusa não perdera um só soldado e delirou de orgulho; mas os Romanos de então tinham a paciencia tenaz dos Inglezes de hoje. Não havia golpe que lhes tirasse o animo; não havia esforço que os desencorajasse; não havia sacrificio a que não estivessem dispostos e contavam com o tempo como o melhor dos alliados. Vendo que todo esforço pelas armas era inutil, contra aquella cidade, que o genio de um só homem tornara invulneravel, Marcello desembarcou suas melhores tropas e iniciou o bloqueio de Syracusa.

Durou trez annos esse bloqueio rigoroso e implacavel, que extenuou os Syracusanos e exgottou seus recursos. Em vão, Hieronymo, allucinado, appellava para Archimedes, que, já septuagenario, conservava todo o poder mental. Mas que podia elle fazer contra a carencia de materia prima?

Foi então que, não podendo mais obter os nervos de animaes domesticos com que fazia as cordas para os arcos de seus guerreiros, o rei appellou para os cabellos das mulheres. As cordas feitas com cabellos hu-

Agora desciam das muralhas de Syracusa enormes pinças movidas por correntes; seguravam as galeras por um dos bordos e viravam-as bruscamente.

manos têm elasticidade e resistencia incomparaveis. E as bellas Syracusanas' do anno 215, antes de Christo, como as Allemãs de hoje, sacrificaram suas cabelleiras á patria.

E' conhecido o episodio final d'essa guerra. Quando, por fim, conseguiu entrar com suas tropas em Syracusa, Marcello recommendou que procurassem e trouxessem á sua presença, com as devidas considerações, o sabio Archimedes, por que fazia empenho em lhe testemunhar sua admiração.

Um soldado, passando por uma rua estreita, tropeçou em um velho, que, deitado de bruços, traçava rapidos signaes no lagedo. O soldado impelliu-o com um pé. Sem erguer a cabeça, o ancião protestou com palavras confusas. O guerreiro irritado varou-lhe o peito com seu gladio.

E seguiu, sem saber que matara o maior genio jamais produzido pela Humanidade. Por sua vez, Archimedes, absorto em busca da solução de um problema, morreu, sem saber que Syracusa cahira em poder dos Romanos.

Nas cidades pequenas, acontece, ás vezes, não se reunir o jury, durante dous ou trez mezes, por não haver criminosos a julgar. Em França, occorreu, agora, um facto raro e invejavel: em uma cidade de regular importancia, Nancy, capital do departamento de Meurthe-et-Moselle, com 120.000 habitantes, bispado, universidade, Côrte de Appellação e varias industrias, o tribunal do jury ficou, durante todo o anno de 1939, fechado, por falta de crimes.

Que num logarejo isso acontecesse seria comprehensivel, mas em uma verdadeira cidade é um invejavel record.

A BOA ARTE MODERNA

IMPRESSIONADORAS PORCELANAS DE SAMUEL WING.

Phoca.

Cão inglez.

A causa do furor — Em uma casa dos arredores de Tours (França) cercada por magnifico jardim, havia, junto do portão, uma casa de cachorro, ornada com o seguinte cartaz "**Cuidado! Cão feroz!**" O aviso era illustrado com singular eloquencia pela presença de um cão, um Terra Nova de bom tamanho, que latia com furor e distendia a corrente em saltos impressionadores desde que alguem se approximava do gradil. Um jornalista de Paris, que veraneava pelos arredores, passando por alli diariamente, já se habituara a essa scena. Por isso mesmo, ficou em grande angustia no dia em que assistiu ao seguinte: Uma senhora já edosa entrou nesse jardim, dirigindo-se para a casa, levando pela mão uma creança, um menino de seis a oito annos e caminhando com prudencia o mais longe possivel do cão.

Este parecia ter enlouquecido. Seus latidos troavam e seus saltos eram tão vigorosos que, em dado momento, a corrente rebentou. Num ultimo relance, o jornalista teve a impressão de que o enorme animal corria de preferencia para o menino... e cobriu os olhos para não ver o resto.

Atreveu-se a reabril-os por que? Depois o jornalista explicou. O que, em primeiro logar, lhe restituira a tranquillidade fôra a transformação no latido, que, agora, parecia de alegria e não de colera. Na verdade, uma vez solto, o Terra Nova se limitara a saltar em torno da creança, dando mostras da mais delirante satisfação. O dono da casa apparecera afinal e, tentando acalmar o Terra Nova, explicava:

— Eu ponho alli aquelle aviso, por causa dos malfeitores; mas este animal é muito manso e gosta especialmente de creanças. Fica furioso por estar preso; só quer brincar; é incapaz de atacar seja quem fôr.

Formidavel ninhada — Uma cadella setter-irlandeza, pertencente ao Sr. Gunnar Johansen, residente em Madison (Estado do Wisconsin) photographada com seus 12 filhos nascidos no mesmo dia.

Triceratops.

Fornecedor de Sua Magestade — Os que ainda vivem e guardam lembrança do "tempo da monarchia", recordam-se das casas commerciaes e fabricas, que ostentavam orgulhosamente em suas taboletas, carimbos e cartões a declaração "Fornecedora de Sua Magestade, o Imperador".

Em muitos casos, nunca tinham proporcionado a D. Pedro II cousa nenhuma.

Aquelles dizeres constituiam uma honraria, como uma commenda ou titulo nobiliarchico.

Na Inglaterra, onde tudo é regulado, a honra de juntar a seus annuncios as palavras "**By appointment to His Magesty**" só é concedida a commerciantes e industriaes mediante requerimento, que só pode ser feito se o pretendente puder provar que, durante trez annos, pelo menos forneceu determinados artigos ao rei ou á rainha. A concessão do titulo de "fornecedor de S. M." dá tambem direito a ornar seus carimbos e taboletas com as armas da Inglaterra.

Durante seu reinado, o rei Goerge V concedeu essa regalia a cerca de mil casas inglezas e, contando as galardoadas pelo rei Eduardo VII, ha actualmente no Reino Unido nada menos de 1.375 "fornecedores", que constituiram uma associação contra quaesquer abusos. Essa associação tem descoberto e feito punir pela justiça varios negociantes, que arvoram as insignias do rei, sem direito a isso. Recentemente, até uma fabrica norte-americana de cigarros foi, por isso, processada

COMO E' FACIL SABER TUDO ::: **TUDO SE EXPLICA** ::: PEQUENA ENCYCLOPEDIA POPULAR

QUAL A ORIGEM DA EXPRESSÃO "METTER-SE EM ALTAS CAVALLARIAS"?

Outrora, senhores e cavalleiros mantinham em suas cocheiras duas especies de cavallos: o *palafren* e o *corsel*. O primeiro era utilisado quotidianamente, para passeios ou viagens. Elegante, fino, de boa raça, era montado nas entradas triumphaes e nos desfiles imponentes. Então magnificamente arreado, erguia a cabeça orgulhosa e batia o solo com os cascos bem ferrados.

Porem, para caçar o inimigo ou vingar sua honra, os cavalleiros montavam o corsel, tambem chamado cavallo de lança. Este era mais solido e, principalmente mais alto.

Assim, quando os senhores abandonavam o palafren para montar o corsel, dizia-se "que iam entrar em altas cavallarias", isto é: partiam para a guerra.

A expressão até hoje empregada é, portanto, uma imagem, pois se adapta aos que desejam assumir grandes responsabilidades.

DE QUE MESCLA DE RAÇAS SÃO ORIUNDOS OS ETHIOPES?

O nome de ethiope era, outrora, tido como synonymo de negro, mas todos os ethnologos estão em accordo para separar os Ethiopes da raça negra propriamente dita.

Os habitantes da região chamada Ethiopia são oriundos de uma mescla de numerosos grupos ethnicos, que viviam, em sua maioria, no Egypto. Com o correr dos seculos, importantes migrações semiticas, de origem arabe alem de elementos do typo negroide facilitaram um cruzamento mais accentuado com o correr do tempo e diversas misturas, das quaes resultou um typo mixto caracterizado pelo oval do rosto, os traços finos e regulares, nariz pequeno, forte e bem desenhado, labios carnudos, musculatura poderosa e pelle bronzeada.

Mas, nas regiões do sul, esse typo está menos accentuado e os elementos negriticos parecem dominar certas partes da vasta região, que forma a Ethiopia.

O Fantasma perfumado

Conto de PETER CHEYNEY

UM minuto mais e eu teria perdido esse "caso", porque ia sahir de meu escriptorio, já estava no corredor, quando a campainha do telephone me fez voltar. Lefty, que attendera com a habitual presteza, ... o phone com uma das mãos e disse, volvendo o rosto para mim:

— E' voz de mulher... Uma voz bonita... linda. Diz que é recomendada pelo Sr. van Dine e tem um caso urgente a tratar.

Nunca me havia apparecido um cliente ás 9 e meia da noite, porem van Dine é um bom amigo e eu não podia desdenhar uma pessoa recommendada por elle.

— Diga-lhe que estou á suas ordens.

Lefty repetiu minhas palavras no telephone, ouviu a resposta e desligou, declarando:

— Disse que estará aqui dentro de dez minutos. Mas que voz!... Nunca ouvi um timbre tão doce...

Secretario precioso pelos conhecimentos de direito, a dedicação ao trabalho e a paixão pelos problemas policiaes, Lefty é ainda bastante moço para que eu lhe perdoe esses enlevos sentimentaes.

Limitei-me a sorrir e aconselhei:

— Eu a esperarei aqui. Logo que ella entrar, vá para seu gabinete e ligue o dictaphone. E' sempre bom registrar as primeiras declarações... e você poderá, se quizer, conservar uma lembrança da voz, que o encantou.

Adoptára o dictaphone, desde que me installara em Paris, como detective particular, logo apoz a desmobilisação do exercito norte-americano. Durante a guerra, fôra tenente de infantaria, mas, destacado para o serviço de informações, e contra-espionagem, revelara minha vocação para esse genero de pesquizas e resolvera me tornar um profissional no genero.

Ainda não me arrependera. E' certo que nunca me haviam trazido inqueritos sensacionaes, d'esses que dão renome e fortuna em uma semana; mas a sempre renovada colonia norte-americana na Cidade-Luz era bastante para me assegurar ganhos satisfactorios...

... creatura da linda voz... Devia ser muito urgente seu interesse para que procurasse áquella hora da noite!

... campainha da porta... Eil-a. O aspecto era digno da ... a inesperada visitante tinha uma belleza um pouco exotica, ... slava ou mexicana, mas incontestavel; e seu sorriso ... d'esses que tornam comprehensiveis a guerra de Troya, ... batalha de Actium e outras calamidades provocadas pelo capricho de uma mulher. Mas isso não era tudo. Quando ella se sentou diante de mim, tive a impressão de que meu gabinete ficara impregnado de um perfume... oh! muito discreto; sem exaggero de mau gosto; suave, subtil mas delicioso. Tenho para os odores uma sensibilidade e uma memoria, que muito me tem servido em minha profissão; comtudo, não logrei identificar o que emanava das roupas ou da pelle de minha formosa cliente.

— O Sr. van Dine me fez taes elogios de sua habilidade que resolvi appellar para seu auxilio.

— Conhece-o ha muito tempo? — perguntei.

— Dous ou trez annos. Fui-lhe apresentada em Londres. Devo lhe dizer que sou Mrs. Cynthia Severn.

— Então, deve conhecer tambem outro amigo meu, Vincent Duborg. Elle e van Dine são inseparaveis.

Ella concordou com um sorriso fascinante:

— Oh! sim. Conheço tambem. Mas vamos a meu caso, Sr. Valentine... Estou com medo de que ria de mim...

— Santo Deus! Por que?

— Porque... estou preoccupada com uma cousa tão vaga, tão inverosimil... Ouça... Ha um anno, eu morava em um pavimento terreo, no faubourg Saint Antoine. Tinha alli um apartamento confortavel e não me teria mudado se não sentisse nelle um sei que de mysterioso, e alarmante.

Calou-se. Esperei um instante e disse em tom strictamente official.

— Não estendi bem. Peço-lhe que se explique melhor. Ouvia alguma cousa, durante a noite?...

— Não — replicou Mrs. Severn, com um movimento de impaciencia. — Reflecti muito, antes de vir procural-o e, ha pouco empreguei o termo rigorosamente exacto. Não via nem ouvia nada alli; mas sentia qualquer cousa anormal naquelle apartamento. Pois bem, justamente na vespera de minha mudança, voltando, alta noite, de um theatro, vi um fantasma.

— Está bem certa d'isso? — perguntei friamente, por que não gosto de pilherias d'esse genero.

— Ahi está! — exclamou Mrs. Severn, chocando com despeito as mãos enluvadas. — Eu já adivinhara que o senhor não me tomaria a serio. Affirmo-lhe que vi. Não sou

Tenho uma memoria notavel para perfumes e podia affirmar que esse era completamente novo para mim.

nervosa nem facilmente impressionavel. Por isso mesmo, passei todo o anno decorrido, desde essa noite até hoje, atormentada por esse problema?

— Que problema?

— O de saber se o que vi era realmente um fantasma. Será que, nessa unica vez, eu tenha sido victimas de uma allucinação? Nunca fui sugeita a essas anomalias, nem antes nem depois d'essa noite. Por que, então, sómente alli e naquella occasião?

— E que posso eu fazer para tiral-o d'essa duvida?

— O seguinte. Uma criada, que eu tinha e que já servira outra pessoa alli, disse-me que o apartamento tinha "fama de mal assombrado..." Ella nunca vira; mas ouvira dizer que todos os annos, no dia anniversario de sua morte um homem apparecia alli.

— Ah!... Era um homem?

— Sim... Muito elegante mas com uma casaca e uma cartola de forma antiquada.

No dia seguinte a essa inexplicavel visão, tive que partir para Londres. Passei lá onze mezes. Agora, estando de novo em Paris, voltei a me preoccupar com o caso e, lembrando-me de que faz amanhã justamente um anno que eu vi o fantasma, vim lhe pedir um favor, um grande favor. Quer ir commigo, amanhã, á meia noite, ao apartamento do Faubourg Saint Antoine? Informei-me. Está para alugar... vasio, portanto. Supponho que não lhe será difficil entrar lá... Esperaremos a meia noite e, com seu testemunho, eu sahirei d'essa duvida atroz... Ficarei sabendo se estou doente dos nervos ou tenho excesso de imaginação.

— ¿Quer então que a acompanhe? — perguntei, hesitante.

Dando mostra da mais intensa afflicção, a loura e formosa condessa fôra chamar o rondante no boulevard.

— Peço-lh'o e, para retribuição de seus inestimaveis serviços, trouxe aqui... — Tirou da bolsa um enveloppe e collocou-o discretamente sobre um canto de minha mesa — dous mil francos. Será bastante?

— De sobra. E' pagar-me com excessiva generosidade.

— Ah! não... — protestou ella, erguendo-se com jovialidade. — Então, está combinado. Vamos fazer uma cousa. Eu o esperarei ás 11 horas da noite, em meu hotel — o Splendid. — Tomaremos um chá e seguiremos para o faubourg Saint Antoine.

Sua sumptuosa pelliça escorrera para seus quadris... Ajudei-a a puxal-a para os hombros e mais de perto saboreei o delicioso perfume jamais conhecido... Devia ser uma combinação ideada e preparada por ella.

Acompanhei-a até o elevador e, ao voltar, encontrei Lefty em meu gabinete, com os olhos fulgurantes.

— Que negocio da China, chefe. Dous mil francos para tomar chá e esperar um fantasmagorico fantasma na companhia de uma moça bonita. A mim não apparecem cousas d'estas!

— Acha assim tão apreciavel esse negocio? Ah! meu caro Lefty... Será que um palminho de cara bonita e uma silhueta airosa têm o dom de lhe tirar o raciocinio? Nada notou de extranho no que disse e fez essa tão seductora dama, em dez minutos?

— Não. Nada... a não ser a propria singularidade de sua proposta.

— Pois eu notei mais duas cousas: — Primeira — Preoccupada, ha um anno, com um problema, que — diz ella — a atormentava, esperou a vespera do anniversario para me consultar... ás nove e meia da noite. Segunda — Conhecendo egualmente dous amigos meus, que andam quasi sempre juntos, apresenta-se dizendo recomendada por um d'elles, van Dine... que, por coincidencia, está ausente, em Roma, no Egypto ou não sei onde, ha oito ou dez dias.

— Sim, na verdade... — murmurou meu secretario, pensativo.

— Ha alguma cousa por traz d'esse fantasma, amigo Lefty; vamos immediatamente, começar a tirar isso a limpo. Mrs. Severn me disse que não ha de ser difficil entrar no mysterioso apartamento, amanhã. Ella que o diz é por que o sabe — acrescentei com intenção. — Vamos tentar essa exploração hoje mesmo...

◆ ◆ ◆

Eram onze horas quando, percorrendo um estreito jardim, que corria ao longo do casa indicada, no faubourg Saint Antoine, encontramos um janella baixa tão facil de abrir, que parecia preparada para isso.

Entramos. Espaçoso e vasio, visto apenas á luz da lanterna de bolso, que eu levara, o apartamento tinha aspecto mysterioso, que predispunha á visão de cousas e entes do outro mundo; mas nada **vimos**

Eu tive porem uma impressão sensorial de outro genero. Entrando no confortavel quarto de banho, senti nas narinas um odor, que não podia ter esquecido. Sem me incommodar com o pó, que devia cobrir o mosaico do soalho, ajoelhei-me junto do banheiro luxuosamente esmaltado.

Não havia duvida. Restava ainda alli um pouco do perfume **sui generis** da combinação secreta e deliciosa com que Mrs. Severn me enebriara, uma hora antes, em meu gabinete.

Minha suspeita se avolumava. Quanto tempo poderia um objecto esmaltado conservar o odor dos saes misturados á agua, que contivera? Dous... trez dias, no maximo. Sahindo d'alli, dispensei os serviços de Lefty e segui pelo boulevard Montmartre, sosinho, reflectindo.

Cada vez mais me interessava o caso de Mrs. Cynthia Severn.

◆ ◆ ◆

No dia seguinte, Lefty colheu varias informações interessantes sobre o apartamento do faubourg Saint Antoine. Sua ultima habitante, a muito loura e donairosa condessa Alexia Staranoff, mudara-se d'alli, bruscamente, na ante-vespera, não por ter visto qualquer fantasma mas por cousa muito mais seria. Fôra victima de um roubo.

O policial, que rondava, na esquina da rua proxima, vira-a passar num taxi illuminado... Pouco depois, vira-a reapparecer a pé, dando mostras da mais viva afflicção e gritando que fôra roubada. Fizera tal alarido, que fôra preciso pedir reforço á delegacia e depois á policia central. Mrs. Staranoff parecia allucinada e seu desespero se justificava pelo valor da perda, que soffrera. O chauffeur do taxi testemunhara que ella descera diante de seu apartamento, com uma joia faiscante no peito, abrira a porta com uma chave, que tirara da bolsa e entrara. Era o dia de sahida de sua criada e, sabendo-se sosinha alli, a nobre russa começara por fechar cuidadosa os ferrolhos de segurança. Chegando a seu quarto, tivera a primeira surpreza... A janella estava aberta. Immediatamente, um vulto saltara de um canto, arrancara-lhe o cordão de platina, que pendia de seu pescoço e saltara para o jardim.

Ella gritara, correra á porta; mas perdera tempo com os ferrolhos e, quando chegara a rua, não vira mais ninguem

... O proprio taxi desapparecera. Então tivera que ir até o boulevard, para encontrar o rondante.

O que dava importancia ao caso era que ao cordão estava preso um diamante de alto valor, o chamado diamante do Rajah...

Como essa joia estava assegurada contra roubo, a condessa Staranoff fizera empenho em se cercar de todas as precauções, a fim de deixar fóra de qualquer duvida sua boa fé. Exigira que toda a casa e ella propria fossem submettidas a severa e attenta revista. O diamante não fôra encontrado. Por tanto, não havia duvida. Fôra levado pelo ladrão.

Não perdi um minuto. Fui á Lyon-Marseille Insurance, a companhia asseguradora e, munido com todas as informações sobre a preciosa pedra, corri ao outro extremo de Paris, a uma casa sordida nas Buttes Chaumonts, onde conferenciei longamente com **papa Dubinet**, o mais antigo e habil falsificador de joias. Sahindo d'alli, dei minhas instrucções a Lefty e passei o resto do dia apparentemente ocioso mas imaginando todas as hypotheses viaveis.

Na hora marcada, fui ao Splendid e, apenas dei meu nome ao porteiro, este fallou ao telephone e Mrs. Cynthia Severn appareceu, com um toilette de apurado gosto e um minusculo chapéo de ultima moda sobre os cabellos negros e luzidios, como os de uma hespanhola. Tomamos um chá da melhor qualidade e seguimos num taxi para o apartamento mal assombrado. A encantadora ingleza parecia tão anciosa como eu por chegar ao termo da temeraria aventura.

Quando descemos diante do elegante e fatal apartamento, sua nervosidade era tal que ella não se limitava a se apoiar a meu braço, apertava-o com força.

Saltamos na esquina, entramos pelo faubourg Saint Antoine, a pé, com passo rythmado e tardo, como dous enamorados... Um olhar para um lado e outro e, como um apache, saltei a grade baixa do jardim. Immediatamente, segurando-a pela cintura esbelta, ajudei-a saltar tambem e adiantamo-nos, pé ante pé, ao fundo da casa.

Fingindo-me distrahido, passei alem da janella facil de abrir... Ella não se conteve e chamou minha attenção.

— Olhe... Aqui... Este caixilho parece fragil.

Voltei sobre meus passos, concordei e pouco depois estamos no interior do apartamento. Eu precisava de representar bem meu papel. Tirei do cinto um revolver de impressionador calibre e tomei uma attitude resoluta.

— Não — ciciou ella, a meu ouvido.— Vamos ficar quietos e esperar. Vou leval-o ao logar de onde vi o vulto extranho.

Puxando-me com movimentos febris, foi até o corredor, que dava para a cozinha. Logo que chegou ahi, voltou a se agarrar a um braço, balbuciando...

— Alli... vai passando alli.

Firmei o olhar na direcção indicada por sua mão tremula e disse friamente:

— Está sonhando. Não vejo cousa nenhuma.

Logicamente, essa affirmação devia tranquillisal-a; ao contrario Mrs. Severn ficou ainda mais inquieta No fim de um ou dous minutos, no maximo, ouvi-a mexer em qualquer cousa na parede, murmurando.

— O registro da electricidade é aqui. Se a luz ainda estiver ligada.

A pequenina alavanca da ligação estalou duas ou trez vezes sob seus dedos, em vão. Nenhuma luz appareceu.

— Ou já desligaram ou tiraram as lampadas — murmurou ella, com irritação. E bateu porta metalica do registro com força.

— Vai assustar o fantasma! — disse eu, sem disfarçar a ironia.

Meus olhos já se tinham habituado á escuridão e, disfarçadamente, eu observava Mrs. Severn. Ella se afastara um pouco, como se minha observação a tivesse chocado e parecia muito quieta. Mas suas mãos se moviam, devagar.

Essa verificação me deu paciencia para ficar immovel e em silencio mais alguns minutos. Foi ella quem resolveu acabar com aquella enscenação. Suspirou e disse baixinho:

— Estou convencida. Seriamente, o senhor nada viu, ha pouco?... Então, não ha duvida. Sou uma visionaria. Isso é... fui, ha um anno; por que hoje — concluiu um pouco enleiada. — Não ouso affirmar que vi.

Sahimos, um pouco contrafeitos, ambos, porem ella não tardou a reagir.

Quando já iamos pelo boulevard, em busca de um taxi, riu nervosamente e disse:

— Confesso que estou envergonhada... Dar-lhe um trabalho d'estes... atôa...

— Ao contrario. Eu é que me envergonho. Nunca me acontecera ganhar dous mil francos com tão pouco trabalho.

Ella erguera para mim os olhos magnificos e murmurou com inesperada timidez:

— Não diga isso... Tenho a impressão de que está aborrecido... E tem razão... Eu não devia tel-o incommodado para uma cousa mais do que simples... simploria... Uma bobagem... Serio... não está zangado? Então, para me dar prova d'isso, venha tomar um **cocktail** commigo, antes de se recolher.

Parecia sinceramente desejosa de me restituir o bom humor e eu sorri por que, se ella não me convidasse, partiria de mim a proposta para um **drink** de conciliação.

Entrando no Splenid, fingi que procurava alguma cousa num bolso e exclamei.

Para bem representar esse papel, tirei do cinto um revolver de impressionador calibre.

— Oh! Esqueci o relogio em cima da mesa, em meu gabinete... Isso é o menos mas juntamente com elle estavam minhas chaves... Tenho que prevenir meu criado para que me espere. Com licença.

E entrei na cabine telephonica collocada junto do gabinete da gerencia.

Liguei para Lefty, que me esperava em logar combinado.

— Dentro de dez minutos... exactamente dez minutos, toque para aqui e mande chamar Mrs. Savern. Quando ella attender... estou certo de que reconhecerá sua voz tão melodiosa... desligue mansamente.

— Não é preciso que lhe diga qualquer cousa?

— Não... Logo ella attender, desligue.

Mrs. Severn me esperava na porta do bar. Escolhi uma meza de onde não se podia ver a cabine telephonica e iniciei uma douta palestra sobre cousas do Alem, citando Huysmans, sar Peladan, lord Litton... No fim de oito ou nove minutos, apanhei sobre a mesa a bolsa marron, que minha linda ouvinte alli, pousara e simulando admirar o fecho de ouro lavrado, murmurei.

— Bonito trabalho.

Nesse momento, um **groom** veiu dizer que chamavam "madame" ao telephone. A ingleza contrahiu a pequenina fronte, aprehensiva e notei o olhar de inquietação que ella lançava á bolsa. Mas continuei a examinar o lavor deveras notavel de sua parte metalica e ella não se atreveu a me interromper. Seria o cumulo da descortezia manifestar receio de deixar sua bolsa em meu poder durante alguns instantes.

Não se demorou e, ao voltar, trazia entampada no rosto uma expressão terrivelmente complexa, mixto de desconfiança, colera e medo. Sua bolsa estava de novo no canto da mesa e eu accendia um cigarro com calma.

Não pude deixar de admirar a perfeita naturalidade com que Cynthia Severn, apanhou a bolsa, abriu-a e, a pretexto de tirar d'ella um lenço, lançou um olhar ao pequenino compartimento central.

Vinte minutos depois, quando me despedi, a mão, que ella me deu a beijar, não tremia e sua expressão era de completo desafogo.

◆ ◆ ◆

No dia seguinte, cedo ainda, antes de 9 horas, eu já estava na rua e, tomando um taxi, fiz-me conduzir á casa de apartamentos da rua Bercere n. 5.

Informara-me previamente e, sem interrogar o porteiro, subi ao 4.º andar. Calquei o botão da campainha. Uma criada muito moça ainda, com typo accentuadamente moscovita veiu abrir.

— A condessa Staranoff.

— Oh! — exclamou a criada, com indignação. — Madame não attende ninguem a esta hora.

Sem uma palavra, empurrei-a, bati a porta atraz de mim e adiantei-me do vestibulo para a sala de viver, gritando:

— Mrs. Severn! Não se esconda. Venho lhe trazer seu diamante.

E, sem dar attenção aos protestos da criada, ia me adiantando pelo apartamento.

Uma porta se abriu, de subito, impetuosamente e a formosa aventureira me appareceu com um **peignoir** grenat escuro, que realçava sua belleza loura. Nesse dia, ella estava loura; e, vista assim, á luz do dia, sua belleza era ainda mais admiravel.

Ao ver-me, empallideceu ligeiramente mas logo recobrou a presença de espirito e, abrindo mais a porta para que eu entrasse em um **boudoir** mobiliado com apurado gosto, disse, friamente:

— Presumo que lhe devo uma explicação...

— E eu estou convencido do contrario — repliquei, aceitando a cadeira, que ella me indicava diante da sua — Perfeitamente convencido, por que sei, sobre esse... mysterio cousas, que tanto Mrs. Severn quanto a condessa Staranoff ignoram.

— Por exemplo? — perguntou ella, em tom ironico.

— Por exemplo? — repeti — Mrs. Severn ficou hontem no hotel Splendid, certa de que tinha em sua bolsa o diamante do Rajah... E a condessa Staranoff despertou hoje neste apartamento, com a mesma convicção...

— E estavam ambas enganades?

A voz de Mrs. Severn se mantinha serena, cortante, seu olhar vacillou e sua faces tremeram.

— Profundamente enganadas... Oh! A imitação que deixei em seu poder é perfeita... é trabalho de **papa Dubinet**, um artista incomparavel no genero... Não se admire. Desde as primeiras horas da manhã de hontem eu sabia varias cousas: 1.º — que Mrs. Cynthia e a condessa russa eram uma só e formosa creatura; 2.º — que o diamante não foi roubado e como havia testemunhas de que a senhora entrara com elle no apartamento do faubourg Saint Antoine e fizera-se revistar para provar que sahia sem elle, era evidente que o deixara lá, occulto... Onde? Eis o que restava descobrir. Mas era tambem claro que, não podendo voltar alli como condessa a senhora ia voltar como Mrs. Severn. Para isso inventou a historia do fantasma e contratou meus serviços para ter uma testemunha de que só entrara alli durante alguns minutos, no escuro... Não podia ter procurado e achado um diamante. A menos... que elle estivesse escondido na pequenina caixa de ligação da luz electrica, unico logar em que mexeu, com o mais razoavel dos pretextos...

O peito da seductora arfava visivelmente e havia em seu olhar, alem da muito justificavel colera, um pouco de admiração. Lisongeado por essa involuntaria homenagem, continuei.

— Eu previra tudo, menos que o esconderijo fosse o relogio da electricidade. Em todo caso, tendo obtido na companhia de seguros todas as informações sobre o diamante do Rajah, inclusive sua photographia, tamanho natural, de varios lados, fui procurar papa Dubinet. A' noite quem lhe telephonou foi meu secretario. Eu precisava apenas do meio minuto necessario para lançar um olhar a sua bolsa. Tivera tão pouco tempo para guardal-o que, com certeza, o diamante devia estar logo em cima.

Em facto, apenas abri a bolsa, vi um pequenino embrulho de papel azul bastante sujo... Substitui a pedra verdadeira pela falsa...

— Quer dizer... atalhou a aventureira, vibrante de furor. — Quer dizer que... somos collegas.

— Sinto muito, mas isso não é verdade — declarei em tom de profunda magua. Desde que seu diamante não foi roubado, supponhamos que foi... perdido. Eu tive a sorte de encontral-o e venho restituil-o a sua dona.

— Mediante quanto? — indagou ella, com olhar de novo glacial e tranquillo.

— Oh! pouca cousa... — retorqui, tirando o diamante do bolso do collete e volteando-o entre os dedos. — A senhora vai me entregar uma declaração de que nada reclamará da companhia de seguros, pois considera cada seu contrato com ella.

Um espectaculo, que só se vê nos paizes de lingua ingleza. — Uma procissão maçonica desfilando pelas ruas de Simla (India).

A surpreza era indisfarçavel no olhar da condessa e foi machinalmente que perguntou:

— Só isso?

— Não. Paguei quinhentos francos a papa Dubinet pela imitação do diamante. Aqui está seu recibo. **Por serviços profissionaes, quinhentos francos. Ange Dubinet**. E' justo que a senhora me indemnise essa despeza que fiz exclusivamente por sua causa. Por isso, dos dous mil francos, que me entregou ante-hontem, restituo-lhe apenas mil e quinhentos — conclui, collocando o dinheiro junto do diamente.

— Restitue? — balbuciou a aventureira.

— Naturalmente. Visto que a Lyon-Marseille Insurance me paga razoavelmente

ELEGANCIAS DE OUTRORA

Uma elegante de Coney Island, (New York) em 1889.

O bosque de Boulogne, de Paris, em 1900.

Uma praia de banhos de Coney Island, em 1900.

meus serviços não seria honesto receber de dous lados.

E minha melhor recompensa foi a expressão de assombro com que a deixei petrificada na cadeira.

Peter Cheyney

◆ ◆

HERANÇA SEM PRECEDENTES

A esposa do presidente da Republica norte-americana é, desde 1931, beneficiaria de uma singular herança.

Naquelle anno, um ricaço norte-americano, o Sr. William Freeman, falleceu em Paris deixando uma renda de 120.000 dollars por anno, destinados a auxiliar as despezas pessoaes da "esposa do presidente dos Estados Unidos".

Os parentes do morto protestaram perante os tribunaes e tentaram invalidar o testamento sob varios argumentos, inclusive o de que a herdeira não era pessoalmente determinada e podia até não existir, caso o chefe de Estado norte-americano fosse solteiro ou viuvo. O advogado e testamenteiro do millionario objectou que a redacção do testamento justificava com muita logica o beneficio, deixando fora de qualquer duvida a vontade do testador.

Entendia o Sr. Freeman que o subsidio do presidente, que vae occupar a Casa Branca durante quatro ou oito annos, 6.250 dollars por mez, não é sufficiente; por isso especificou que, durante o mandato de seu marido, a primeira **dama do paiz** receberá o auxilio de sua herança, afim de manter representação conveniente a sua alta hierarchia.

Diante de uma barraca de feira em um bairo popular de New York, (1903).

Sem o protesto dos herdeiros naturaes Mrs. Herber Hoover seria a primeira beneficiaria da generosidade do Sr. Freeman. Mas a demanda ainda não teve solução e os rendimentos estão se accumulando num banco, sem que se saiba que destino terão depois.

Deverão ser distribuidos pelas esposas dos presidentes, que se succederam durante todo esse tempo? Ou irão augmentar a pensão das futuras beneficiarias?

Quantas novas demandes em perspectiva!

◆ ◆

A expedição scientifica norte-americana, que está fazendo excavações em Kish, logar proximo ás ruinas de Babylonia, descobriu nas ruinas de uma especie de residencia de verão, algumas joias de ouro massiço de grande valor artistico, datando do reino de Nabuchodonosor, magnificas esculpturas do periodo dos Sassanidas e, por fim, novos tumulos reaes do periodo sumeriano, a grande profundidade sob o templo de Nabuchodonosor.

Alguns d'esses tumulos remontam a 5.500 annos.

O TRAGICO MOMENTO

CONTO DE
W. ARMSTRONG

UMA alegria delirante invadira John Farrady, no dia em que lhe tinham vindo propor ser um dos participantes da expedição da **Liberty**. Nem era para menos! Tratava-se de explorar o "Grande Norte" com uma **troupe** de artistas cinematographicos, para fazer os exteriores do film, que, depois de prompto, seria o mais caro de todos e teria por titulo: "O Conquistador do Polo".

O director Jack Limbot estava, nessa vez, decidido a obter, por qualquer preço uma esmagadora victoria sobre as companhias rivaes, ás quaes vinha tentando, ha muito, arrebatar a supremacia. Por isso, alem de contratar **stars** famosas, cuidára de escolher, elle proprio, para os papeis secundarios e figurantes, typos bem originaes, bem impressionadores. Eis por que recrutara, para a scena final, John Farrady, hercules e acrobata maravilhoso e cuja ingenuidade legendaria era a alegria de toda a população maritima de Halifax. O contrato de Farrady não fôra, de resto, cousa complicada, porque o salario offerecido era muito superior ao que elle estava habituado — e resignado — a ganhar. Accresce que John se deixára seduzir, immediatamente, pela perspectiva de ver, um dia, projectada no écran de um grande cinema, deante de uma platéa palpitante de emoção, a imagem de sua modesta pessoa, num meio de artistas illustres, cujos nomes appareciam constantemente nos cartazes.

A **Liberty**, apoz cruzar o mar de Baffin, avançára corajosamente atravez os bancos de gelo e pouco depois desembarcava a companhia no local previamente escolhido, conforme as ordens do director. A equipagem procedeu aos trabalhos necessarios á filmagem. Foram construidas cabanas de neve, excavadas trincheiras, creara-se, em summa — e na medida do possivel no grandioso quadro da natureza, "a atmosphera" exigida pelo "enredo" e desenhada pelo director de scenarios. Depois, tudo prompto, cada qual estudava seu papel, esperando, com impaciencia, a ordem final do supervisor para o grito "Camera!".

Infelizmente, esse instante propicio tardou a chegar, porque, em razão de uma fatalidade tão inconcebivel como imprevista, os indispensaveis figurantes, as figuras "centraes" para a "atmosphera" não appareceram. Nem um só Esquimó! Nem uma unica phoca! Nem um só urso, ao menos, no horizonte! Simplesmente alguns pinguins, que, agitando as natatorias, pareciam erguer os hombros com zombaria para escarnecer da falta de sorte dos cinematographistas.

Homens e animaes pareciam se ter combinado para enlouquecer os technicos da **Liberty**, fugindo da região. E... sem elles, as "cameras" não poderiam "rodar!"

Só restava um recurso. Fazer como Mahomet, que, tendo a montanha recusado vir a seu encontro, fôra ao encontro da mesma. Isto é, partir em busca dos ausentes, descobrir onde se escondiam e trazel-os, por bem ou por mal, até o scenario preparado.

Certa manhã, todos se dispersaram, percorrendo varias milhas e deixando para gardar o navio, apenas, trez homens da tripulação... e Farrady, que dormia beaticamente sonhando com a gloria.

Pobre John Farrady! Quando despertou e verificou que o tinham deixado alli, sentiu que não teria paciencia bastante para aguardar a volta de seus camaradas e iniciou marcha forçada na direcção, que os marinheiros lhe indicaram como a do grupo maior.

Apenas se viu fóra da embarcação, sentiu com mais intensidade o frio, porem nada poderia obrigal-o a voltar. Com a tenacidade de um andarilho veterano, percorreu longa distancia atravez a immensa planicie gelada. De quando em quando, se detinha para examinar o horizonte e gritar, afim de attrahir a attenção dos que procurava. Mas nenhuma silhueta humana surgia nas estensões

A primitiva construcção esquimó desmoronava e os ursos irrompiam entre seus destroços.

immaculadas; nenhuma voz respondia a seus gritos, que se perdiam no silencio infinito.

Em dado momento, uma emoção indizivel apertou sua garganta. Vira apparecer, já bem proximos, enormes ursos brancos, até então invisiveis sobre o gelo. Só então, John Farrady se lembrou de que, em sua precipitação, nem sequer pensara em se munir com alguma arma.

Com olhos que se abriam como duas lanternas de fogo no rosto tão branco como a neve, os ouvidos attentos, os joelhos dormentes, o coração lento e dolorido, mal teve tempo para balbuciar instinctivamente uma prece quando um rosnar feroz resoou acima de sua cabeça, ao mesmo tempo que garras enormes passavam de raspão por um de seus hombros.

Então, galvanisado pelo medo, John recuperou subitamente todas as faculdades de acrobata.. Um salto quasi sem impulso levou-o seis metros para frente e elle começou a correr em linha recta, até que viu surgir uma das cabanas construidas pela expedição. Persuadido de que esse abrigo constituia a mais solida defeza, esgueirou-se, no espaço de um segundo, atravez a estreita e sombria abertura que servia de porta e já regosijava pensando que sua agilidade o puzera a salvo e que só lhe restava aguardar, pacientemente, o momento mais opportuno para o regresso dos companheiros, quando, passos

Expressões de creança — Seu primeiro bolo de anniversario e sua admiração diante d'essa maravilha — uma chamma!

Os aspectos mais pungentes da guerra — Senhoras de Londres despedindo-se de seus filhos, que, por ordem do governo e para evitar o risco de bombardeio aereo, partem para um logar supposto seguro, no interior da Inglaterra. Que logar é esse? Ellas mesmos não sabem. Quando tornarão a vel-os? Tambem ignoram.

pesados e rastejantes, acompanhados por grunhidos se fizeram ouvir, em torno da cabana.

Assaltado por novas apprehensões e desejando verificar o mais depressa possivel o que occorria, rastejou até a entrada da cabana, situada rente ao chão e insinuou nella a cabeça. Mas, apenas arriscára um olhar, teve que recuar bruscamente, para evitar um terrivel golpe de pata, que quasi lhe esmagou o craneo.

Attrahidos pelo faro até a presa, que se escondia de sua vista, varios ursos atacavam furiosamente o precario abrigo de John Farrady e, laborando a neve com as garras, procuravam tambem penetrar pelo orificio — felizmente demasiadamente exiguo para elles.

Cercado em sua prisão de gelo, cuja entrada nem ao menos podia defender, atacado ao mesmo tempo por todos los ados, o infeliz, comprehendendo que tudo estava perdido e que de minuto a minuto seu fim se tornava mais proximo, abandonou toda esperança, entregando-se ao desespero e lançando gritos estridentes.

Com violencia crescente, os ursos se esforçavam em seu trabalho e já, sob o impeto de seus corpos, as paredes de gelo oscilavam, se esboroavam. Atravez suas frinchas, as patas poderosas e os focinhos resfolegantes, temiveis, começavam a se introduzir.

Em vão, John Farrady

Os que governam a Russia actualmente — A "mesa", que presidiu a sessão da "Commissão Plenipotenciaria da Assemblea Nacional da Ukrania Occidental", reunida em Moscou em Dezembro ultimo.

Dous aspectos d'essa assemblea, que, pelo comprimento e vigor do titulo, foi certamente constituida pela elite de representação já escolhida por eleição. A expressão de intelligencia, lucidez e alta cultura, que illumina esses rostos permitte comprehender tudo quanto se passa na Russia, em nossos dias.

se esforçava por sustentar essas paredes em vão se defendia, lançando contra seus aggressores os destroços, que cahiam a seus pés; em vão enrouquecia, bradando appellos angustiados. Tudo era inutil, conseguia apenas retardar de alguns segundos o momento fatal.

Um ultimo assalto, mais brutal do que os precedentes, acabou de arrazar a cabana e o fragil abrigo ruiu, cobrindo o pobre acrobata, que perdeu os sentidos.

Seria uma allucinação? Uma perturbação auditiva provocada pela emoção intensa de que fôra preza? No momento em que seus olhos se fechavam, pareceu-lhe que varias detonações, enchiam seus ouvidos.

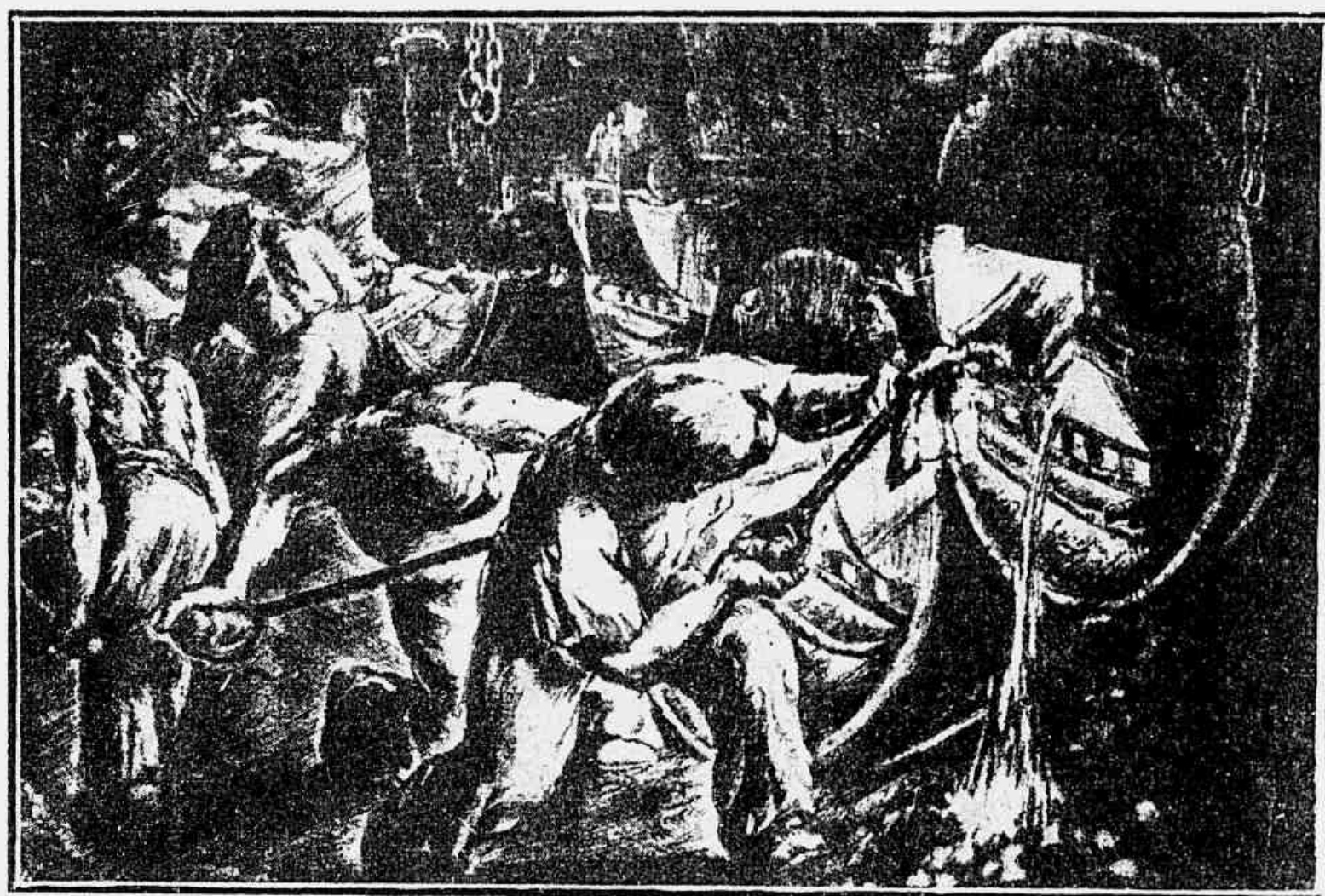
Quando, duas horas depois, recuperou os sentidos, percebeu, com estupefacção, que estava confortavelmente deitado em seu leito, a bordo da **Liberty**.

A equipagem quasi completa formava um semi-circulo em torno de seu leito.

— Salvo? Estou salvo? Mas... Os ursos? Contem-me! Que aconteceu?

— Meu caro amigo — respondeu, rindo, o director. — Acabamos, graças a você, de filmar uma scena magnifica e que, embora não estivesse prevista no programma, não pudemos resistir á tentação de registrar. Sim! Ouvimos seus gritos e, orientados pelos marinheiros de bordo, chegamos a tempo para assistir sua fuga, registrando-a na celluloide, em todas as suas phases dramaticas, o assalto dos ursos á cabana etc... até o instante em que vendo que você tinha perdido irremediavelmente a partida, resolvemos intervir para salval-o com o auxilio de meia duzia de tiros bem certeiros. Onde poderiamos encontrar occasião para filmar uma scena tão emocionante e tão natural? Ah? Tivemos sorte realmente! E, você tambem! Não desejava apparecer, um dia, no écran, numa scena sensacional? Pois conseguiu mais do que sonhou!

W. Armstrong

ARTE MODERNA — *O trabalho no campo*. Painel decorativo de John E. Costigan.

O TRABALHO NA USINA — Painel decorativo de Irwin D. Hoffman.

UMA ESTRÉA COM MUITOS ESPECTADORES — Toda a familia Roosevelt assistiu á primeira expedição de seu ultimo rebento pelo vasto mundo. John Boettiger Junior, ultimo neto do presidente norte-americano, adianta-se (como pode) por um dos salões de Casa Branca. Toda a familia observa seus movimentos. Sentados, no assoalho — Anna Eleanor Dall, Diana Hopkins e Curtiss Dall Junior. Nas cadeiras — Mrs. Franklin Roosevelt, Mrs. Sarah Delano Roosevelt (mãe do presidente), Mrs. Franklin Roosevelt Junior, seu filho Franklin, de 5 annos, o presidente e Mrs. John Bottiger. De pé, os Srs. Franklin Roosevelt Junior e John Roosevelt.

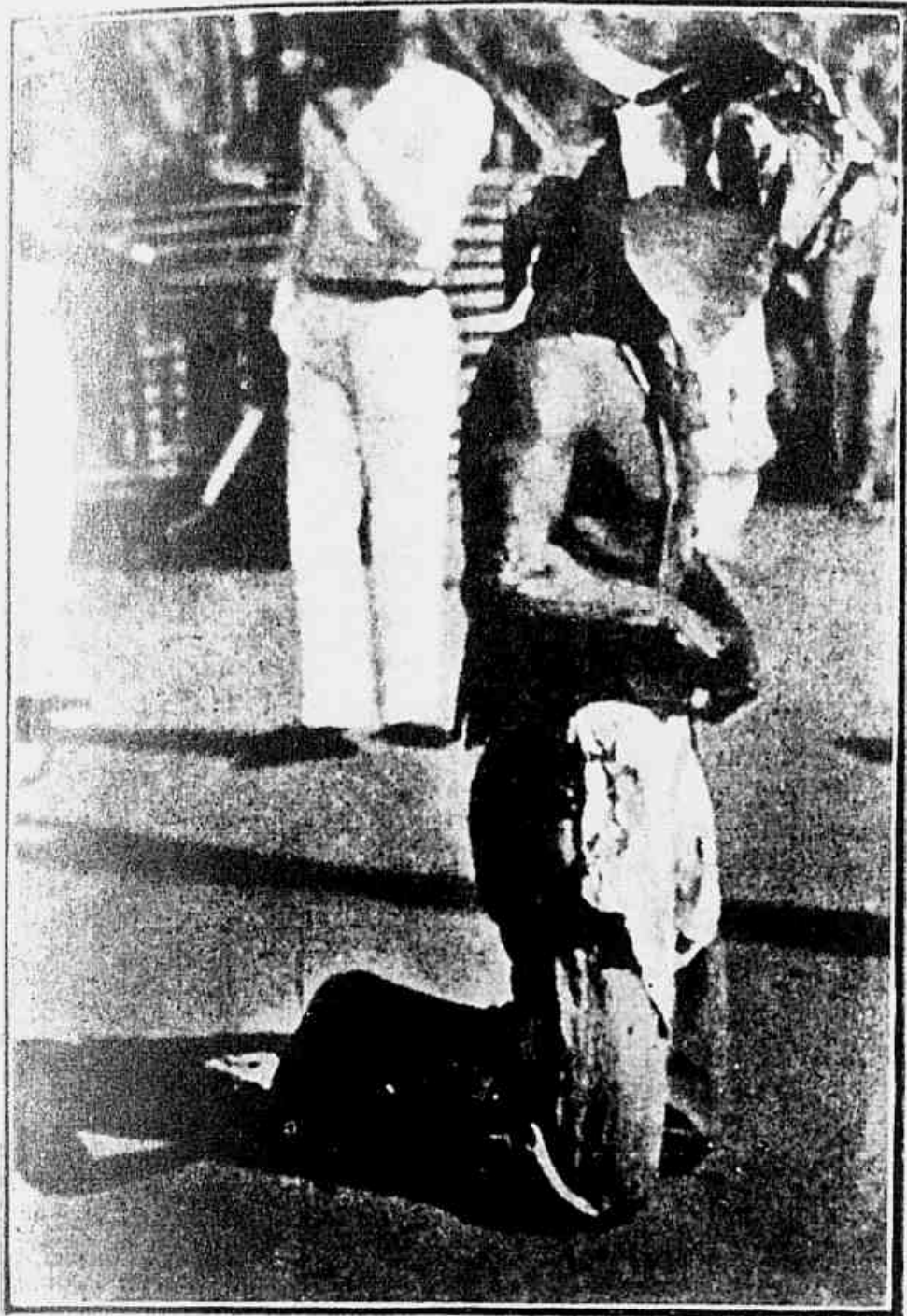
O Metropolitano de Paris inaugurou sua primeira linha, Vincennes — Porte Maillot, em 1900, ha quarenta annos. Em 1914, essa rede subterranea contava já 92 cilometros; em 1929, 117 kilometros de linhas duplas com, um movimento annual de 736 milhões de passageiros.

No anno proximo findo as passagens vendidas em suas 331 estações se elevou a 815 milhões.

◆◆

No dia 6 de Maio proximo, o mundo commemorará o centenario do sello postal. Foi nessa data, em 1840, que a Inglaterra poz á venda os primeiros sellos. Trez annos depois, o Brazil seguia o bom exemplo. Seguiram-o, a quatro annos de distancia, a Suissa, a França e a Belgica.

◆◆

Segundo as ultimas classificações, ha, no mundo, 2.500 especies de mamiferos, 3.600 especies de passaros; 3.400 especies de reptis, 11.000 especies de peixes, 53.000 especies de molluscos, 8.000 de arachnidios, 18.000 de echniodermes, 5.000 de vermes, 3.500 de protozoarios e 220.000 de insectos.

Lamentavel misticismo — Fanatico de uma seita catholica das Philippinas, cujos "irmãos" se fazem chicotear em publico até ficar com as costas em carne viva, no domingo da Paschoa, em memoria do que Jesus soffreu pela redempção dos Homens.

A arte no tempo em que não se admittia pintura sem desenho — Detalhes dos "Anjos" no quadro de Botticelli "A Madonna dos Lyrios".

LINGUA TEMIVEL

O grande actor Silvain, da Comedia Franceza, rompera relações com o escriptor George Porto-Riche, que lhe tirara um papel já estudado para satisfazer um capricho pessoal de sua collega Cecile Sorel.

Passados alguns mezes, Porto-Riche, desejoso de voltar ás boas com seu amigo de tantos annos, aproximou-se uma noite em que elle obtinha exito colossal numa das melhores peças de Moliere e abordou-o nos bastidores.

— Você representa admiravelmente Tartufo — disse o comediographo.

— Você tambem — respondeu o actor.

Porto-Riche não insistiu.

A Australia, essa ilha tão grande que os geographos [illegible] consideral-a um continente, era, ha um seculo, [illegible] sómente por selvagens de uma inimaginavel estu[illegible] os mais re[illegible] entre os en[illegible]; diante [illegible] Cafres e os [illegible] são pen[illegible]eniaes.

[illegible]stamente cem [illegible] Inglezes co[illegible] estabelecer [illegible]ias, que, em [illegible]ontando já [illegible]hões de habi[illegible] confedera[illegible] constituir um [illegible] Actualmente, [illegible] população [illegible] que triplicada [illegible]nos de quarenta [illegible] (6.200.000 habitantes) a Australia [illegible] um dos Estados confederados do Imperio Britanico, com governo proprio, independente, parlamento eleito directamente pelo povo, cidades grandiosas como Sydney e Camberra (construida especialmente para ser sua capital federal), exercito, marinha e aviação.

Ainda em consequencia de sua extensão territorial, adoptou uma constituição similhante á dos Estados Unidos. Seus Estados são sete — Australia Meridional, Australia Occidental, Nova Galles do Sul, Tasmania, Quenslandia, Victoria e Adelaide..

Os menores Estados independentes, na Europa, são: o principado de Monaco (1490 kilometros quadrados), a republica de S. Marinho (100 k.), o principado de Liechstenstein e o valle de Andorra (495 k.).

Quanto a poppulação, Monaco tem 20 mil habitantes, S. Marinho 13.000, Liechtenstein 12.000 e Andorra 5.000.

O tambor é um instrumento de origem arabe. Foi introduzido na Europa pelas invasões mossulmanas, no seculo VII.

A primeira referencia historica, que se encontra a elle, é na descripção do desembarque do rei Eduardo III, da Inglaterra, em Calais (França) no anno 1347.

Logo em seguida foi adoptado pelos Suissos.

Mulheres do mundo inteiro — Peixeiras de Copenhague (Dinamarca)

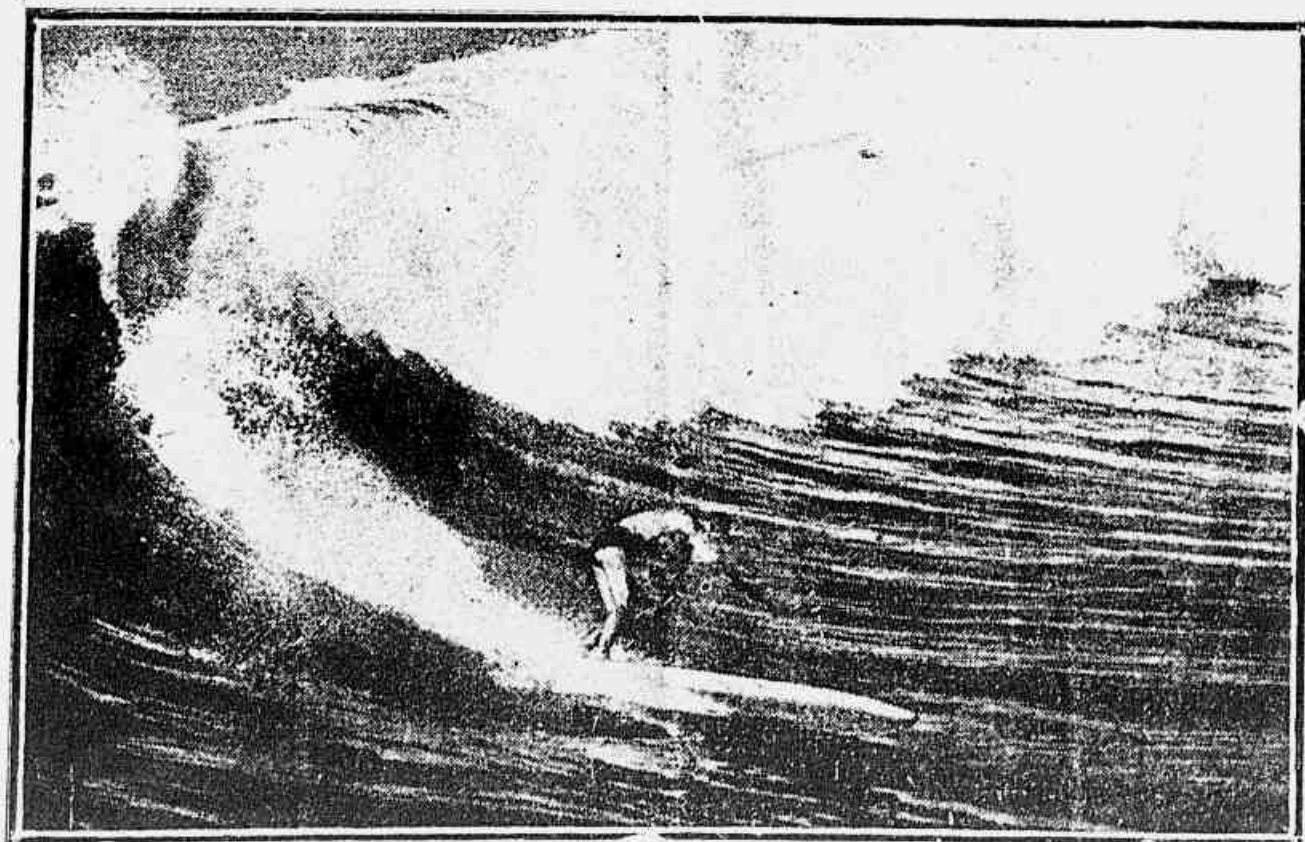
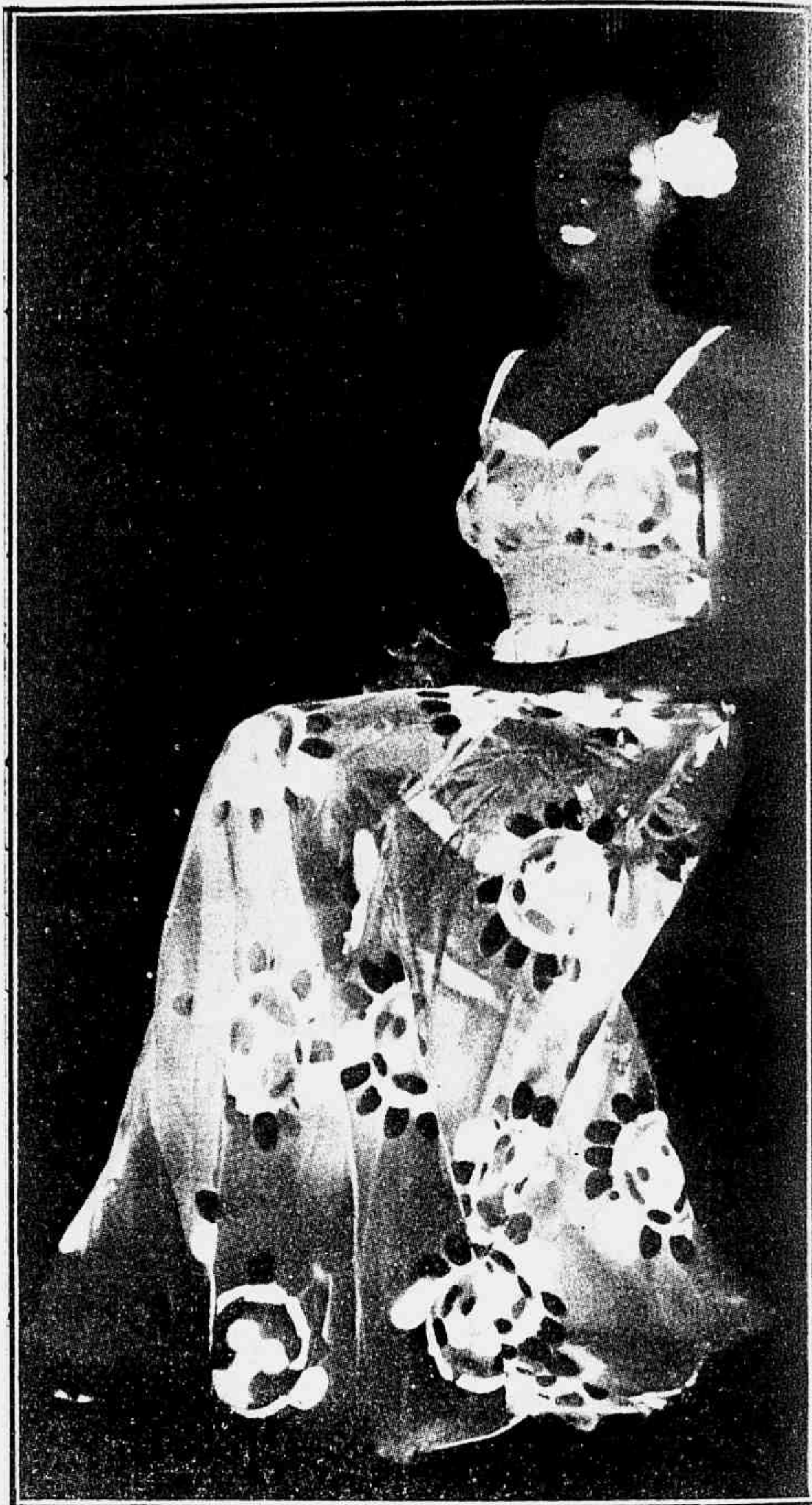
Todos afilhados do rei George VI — As seis creanças que nasceram na Maternidade de Westminster, no dia de sua rapida mudança para outro edificio menos exposto a bombardeios aereos.

A' primeira vista, o mais logico seria que todos os medicos vivessem muito. Conhecendo as molestias e seu tratamento melhor do que o commum dos mortaes, deviam saber defender-se e viver no minimo até cem annos.

Mas assim não é. Estatisticas rigorosamente estabelecidas nos Estados Unidos mostram que a vida media de um medico, naquelle paiz, é de 74 annos, o mesmo que os advogados; menos do que os professores e os padres.

Em mais duas particularidades os medicos se mostram homens como quaesquer outros. No total dos obitos as mortes violentas inclusive suicidios entram na proporção de 7 por cento, como em quasi todas as profissões.

A primeira edição do diccionario da Academia Franceza foi publicada em 1694. Seguiram-se as de 1718, 1740, 1762. 1798, 1835, 1788, 1929. O trabalho de revisão é constante. Quando chega a ultima palavra da lettra Z, volta á primeira da lettra A.

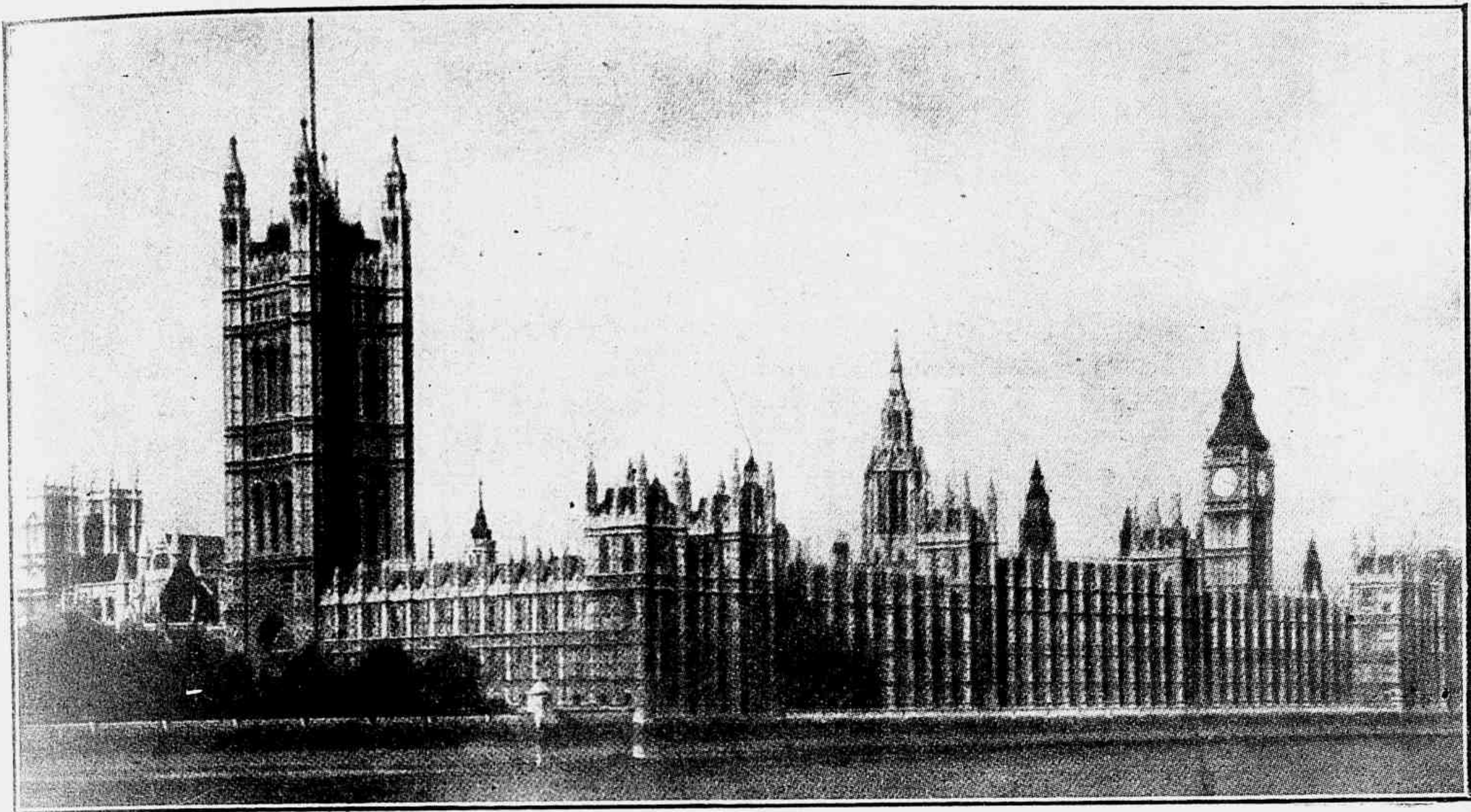
Mãos de anciã — Testemunho de muitos annos de trabalho humilde, ignorado, constante.

Ondas no littoral da California (E. Unidos). Cliché premiado em uma exposição em S. Francisco da California.

Que é isso ? — Uma formosa dama, sentada em um palco mergulhado em completa escuridão, com o rouge dos labios, vestido e ornato dos cabellos colorido com tintas que só se tornam luminosas apoz alguns momentos de sombra total.

A mesma senhora photographada com luz natural.

Alem de dar assumpto farto aos humoristas, a Sociedade das Nações só tem, até agora, prestado um serviço valioso ao mundo: — organisar estatisticas de todos os generos com bons elementos.

Uma d'essas estatisticas nos informa que ha, actualmente, no mundo 2.796 linguas vivas, isso é, falladas. As 860 principaes se repartem assim. Europa, 48; Asia, 153; Africa, 118; America 424; Oceania, 117.

O bom historiador não é de nenhum tempo nem de nenhum paiz. Por muito que ame sua patria, não a lisongeia em detrimento da verdade. — **Fenelon.**

UM BEIJO EM MAMÃE — Quadro de *W. F. Witherington.*

Westminster Hall, o lendario palacio do Parlamento inglez, construido em estylo gothico, na margem do Tamisa. Tem 275 metros de fachada. O edificio original era uma abbadia e foi construido por Henrique I, o Beauclerc, filho de Guilherme o Conquistador, no seculo XI. Destruido por um incendio, em 1834, foi construido em 1840.

O mais antigo templo das tradições inglezas

UM PARLAMENTO SETE VEZES CENTENARIO E ETERNANAMENTE CONSTITUINTE. — A CAMARA DOS COMMUNS, SEU PAPEL NO GOVERNO DA INGLATERRA, SUAS PRAXES INALTERAVEIS, SUAS CERIMONIAS SYMBOLICAS.

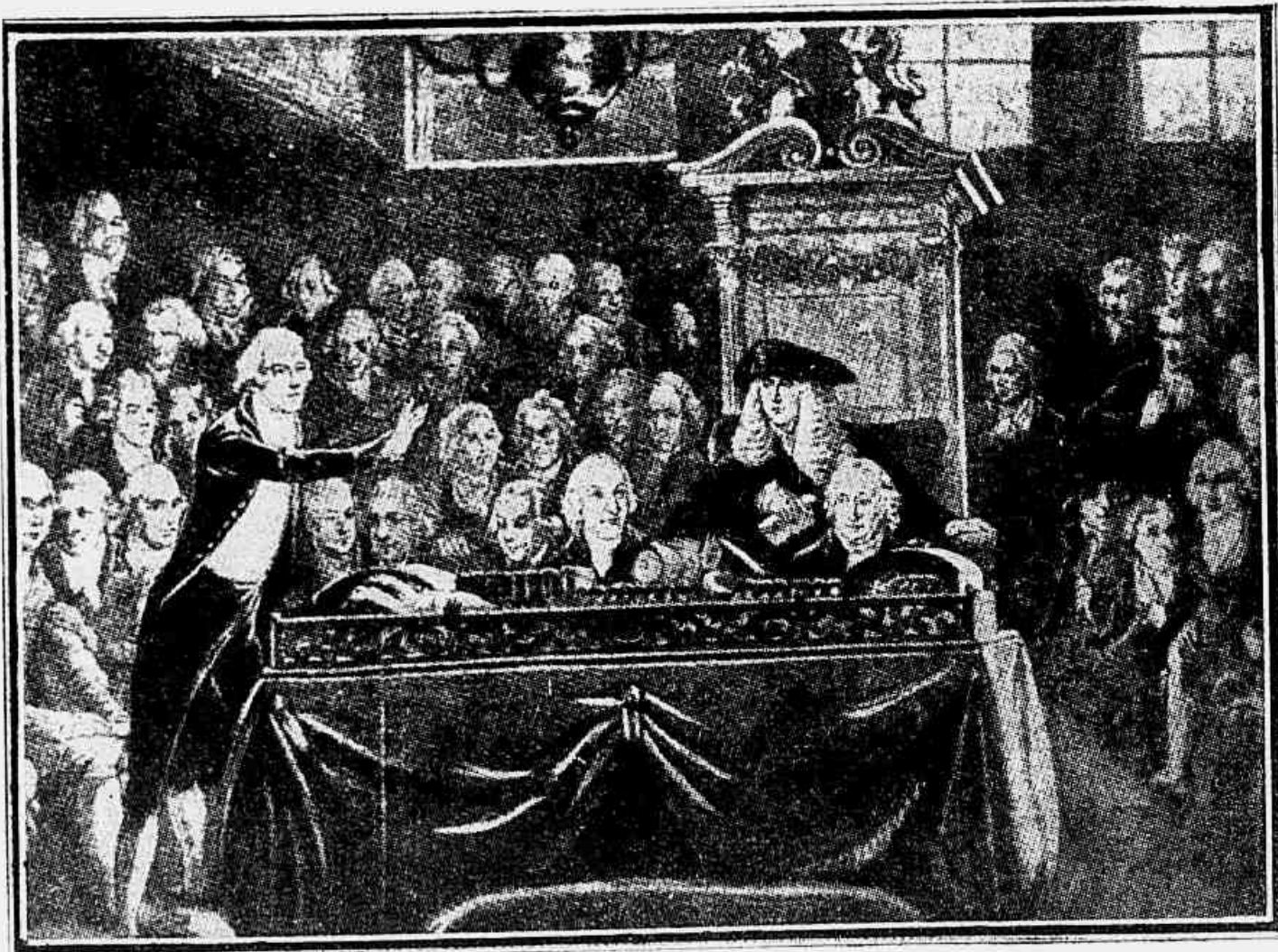
Apenas um paiz, a Suecia, pode, em todo o mundo, se orgulhar de possuir uma assembléa parlamentar mais antiga do que a Camara dos Communs, de Londres. Essa camara se installou no dia 20 de Janeiro de 1265, em consequencia da luta sustentada pelo rei Eduardo III contra os turbulentos barões e condes inglezes, que cada vez mais ampliavam as prerogativas feudaes em prejuizo do poder real.

No dia em que Simon de Monfort, conde de Leicester, o grande precursor do liberalismo inglez, assumiu a chefia da nobreza, essa luta tomou caracter mais auspicioso para o paiz e para o mundo, por que Leicester resolveu appellar para as sympathias populares e utilisou seu prestigio principalmente para arrancar ao soberano uns tantos privilegios judiciarios, transferindo-os para tribunaes, desde logo cercados com as devidas garantias de independencia.

Ficaram assim lançadas as bases da "Justiça Ingleza", até hoje objecto de profundo respeito, não só na Inglaterra como no mundo inteiro.

Eduardo III era, como todos os governantes de seu tempo, arbitrario, violento, sujeito a injustificaveis assomos; mas era tambem bastante intelligente para comprehender que tudo teria a perder se pretendesse annullar ou diminuir as conquistas de Leicester, no terreno das reivindicações populares. Ao contrario, apressou-se a lhe seguir o exemplo; e para, por sua vez, contar com o apoio da população, resolveu lhe confiar a iniciativa em materia de impostos e despezas. Para isso, convocou em Oxford uma assembléa constituida por quatro representantes de cada condado, escolhidos por eleição entre os maiores proprietarios de terras, para — dizia a "carta" de convocação — discutir e prover as necessidades do erario real.

Essa creação vinha consagrar as tendencias invariavelmente democraticas do povo inglez, que já as manifestara com singular vehemencia em 1215 e de novo as confirmara com elevadas conquistas, em 1628 e 1769.

No seculo XIII, em plena Edade Media, os fidalgos inglezes, corajosamente sustentados pelo clero e a burguezia, haviam forçado o rei João Sem Terra, o torvo e inescrupuloso irmão de Ricardo, o Coração de Leão, a assignar o documento basico de todas as leis na Inglaterra, a "Magna Carta", garantindo a todos os cidadãos inglezes, sem distincção entre clero, nobreza e povo, segurança pessoal e de suas propriedades e bens. Em 1629, a carta chamada de Protecção do Direito, declarando que nenhum decreto do poder real é valido sem a approvação do Parlamento; em 1679, a creação do Habeas Corpus, instituição segundo a qual todo cidadão inglez tem o direito de saber, dentro de vinte e quatro horas, a causa de sua detenção pela policia, tinham vindo completar o cyclo de garantias individuaes.

O primeiro ministro Pitt, fallando perante a Camara dos Communs em 1793.

Uma sessão na Camara, em 1760.

Em torno d'essas trez leis, que tão claramente significam a mentalidade liberal da Inglaterra e, especialmente, seu culto pela liberdade individual, a Camara dos Communs legisla e mantem as tradições d'essa mentalidade, sem necessidade de uma carta constitucional.

A orientação está nitidamente traçada por aquelles trez documentos; um projecto de lei, que não se enquadrar nesse programma não será se quer objecto de discussão entre deputados inglezes; as raras iniciativas individuaes contrarias ás velhas tendencias britannicas cahiram sempre, sob a repulsa ou indifferença geral. O mais curioso é que a constancia na orientação e o respeito pelo passado nunca impediu a Inglaterra de ser uma vanguardeira na legislação moderna, a primeira a instituir o jury, a tomar a iniciativa da emancipação de suas colonias, a conceder direitos politicos ás mulheres...

E' de se acreditar que o zelo cioso com que os Inglezes conservam tradições e costumes muitas vezes anachronicos obedece a uma intenção muito elevada e sabia — a de preservar e manter, pelo prestigio de um ritual immutavel, a boa e velha mentalidade, que fez da Grã-Bretanha, ha seculos, o refugio de todos os perseguidos, o paiz em que a dignidade humana encontra mais amplo e generalisado respeito.

◆◆

Vamos recordar a origem de uma das mais pittorescas tradicções, que a Camara dos Communs observa, seja sua maioria liberal, conservadora ou trabalhista, como durante o governo do Sr. Ramsay Macdonald.

No dia 30 de Janeiro de 1606 — ha trezentos e trinta e quatro annos — foram executados, em Londres, os criminosos da legendaria "Conspiração da Polvora", uma das paginas mais curiosas e dramaticas na Historia da Inglaterra. Fôra urdida, desde 1604, por um grupo de nobres — Robert Caterby, John Wright, Thomas Winter, Thomas Percy, Everard Digby, Ambrose Rochwood, Thomas Bates, John Grant e outros, que, sob a chefia de Guy Fawles, pretendiam matar o rei James I e, com elle, os lords e membros da Camara dos Communs, a fim de destruir o Protestantismo e restabelecer a religião catholica. Para isso, tinham imaginado promover uma explosão.

Sir Thomas Hungerford, primeiro *speaker* da Camara dos Communs, em 1376.

Um debate na Camara dos Communs — Caricatura desenhada por Phiz, o famoso illustrador das obras de Dickens.

Como? O accaso favorecera-os, permittindo-lhes descobrir e alugar uma vasta adega, destinada a deposito de carvão, em casa visinha ao edificio da Camara. Essa adega se estendia para um lado e, assim, tinha uma parte situada entre os alicerces da sala, onde, em dias determinados, Lords e Communs se reuniam sob a presidencia do rei. Os conjurados ahi amontoaram trinta e seis barris de polvora, trazidos, na sombra da noite, sob varios disfarces, desde o bairro de Lambesh, onde tinham seu deposito clandestino. E esperaram a primeira reunião plena do Parlamento para executar seu sinistro plano.

Mas dez dias antes da assembléa, uma carta anonyma endereçada a lord Mountagle, denunciou a conspiração. Durante a noite de 4 de Novembro de 1605, todas as casas visinhas do Parlamento foram cercadas, revistadas e Guy Fawles, surprehendido na adega minada, foi pre-

Recinto da Camara dos Communs, tal como é, actualmente. Ao fundo, a cadeira do *speaker*. A' esquerda, o banco do ministerio. A' direita o da opposição.

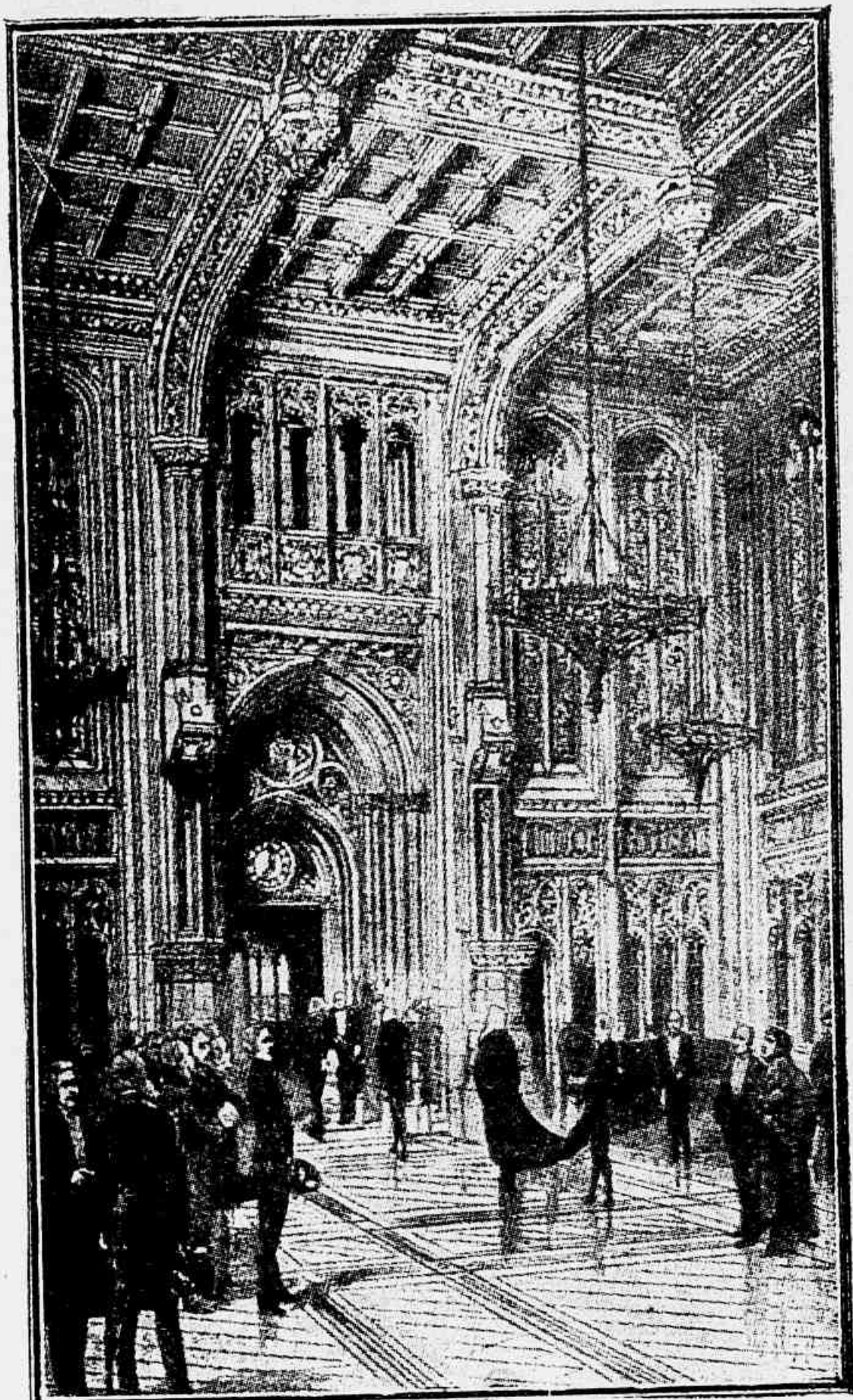
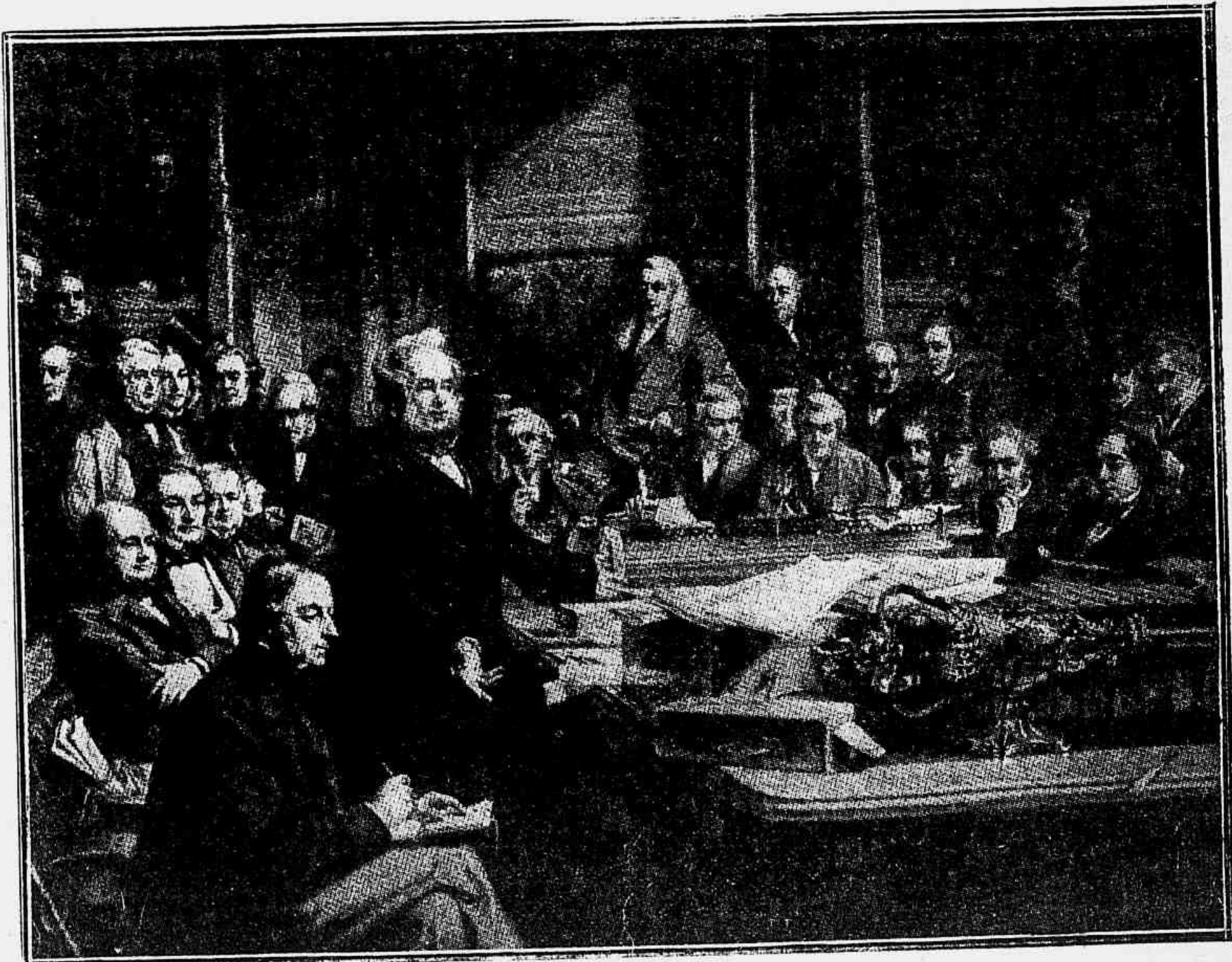
O capitão Edward Fitz Roy, actual speaker da Camara dos Communs.

so. A' noticia d'esse facto, os outros conjurados fugiram a todo galope para o Paiz de Galles, onde esperavam recrutar entre os Catholicos partidarios em numero sufficiente para promover um movimento armado. Essa desesperada empreza fracassou e, cercados em Holbeach pelas tropas do rei, ficaram no campo de batalha ou foram aprisionados todos os conspiradores, inclusive Francis Tresbam, o supposto trahidor, que os denunciara e morreu, dias depois, na prisão... Morreu... ou foi secretamente posto em liberdade, como se disse, na epocha, com muita verosimilhança.

Pois bem, até hoje, o dia 5 de Novembro, anniversario d'aquelle em que os preparativos para o attentado foram descobertos e inutilisados, é um dia de festa popular para os Londrinos, que o celebram com bombas e fogos de artificio — cousas que têm por base polvora.

Mas não é sómente o povo quem insiste em commemorar esse acontecimento, com a fidelidade caracteristica de sua raça; a propria Camara dos Communs lhe dedica, pelo menos uma vez por anno, uma cerimonia, que, só em Londres, pode ser realizada e repetida, sem perigo de ridiculo. Em todos os dias de abertura do Parlamento, uma delegação de deputados, encabeçada pelo *speaker* e escoltada por um contingente de *Yeomen of the King's Bodyguard*, a guarda de veteranos, mantida até hoje na Torre de Londres, com os vistosos uniformes e as armas anachronicas do tempo de Henrique VIII, se forma e percorre os subterraneos do palacio do Parlamento, afim de verificar que alli não se esconde outro Guy Fawkes, com barris de polvora.

Deputados e guardas sabem perfeitamente que nada encontrarão mas não dispensam essa repetição da ronda de lord Mounteagle, que salvou a vida do rei e dos representantes do povo, em 1605.

Assembléa, que se orgulha de sua ancianidade, a Camara dos Communs não se limita a essa evocação do passado; mantem com o

"*Extranhos! Descobri-vos*" — ordena um guarda. E o "speaker" atravessa o vestibulo monumental, precedido por um continuo e o "*massier*", seguido por um pagem, o capellão e um secretario particular. (Gravura de 1880).

Lord Palmerston, fallando perante a Camara dos Communs, em 1860, durante a discussão do tratado de commercio com a França.

A Camara dos Communs em 1727, o anno em que teve como *speaker* Arthur Onslow, sob o governo de sir Robert Walpole. Onslow foi o *speaker*, que durante mais tempo exerceu essas funcções — trinta e trez annos. (Gravura da epocha).

mesmo carinho tudo quanto recorda os tempos mais remotos de sua longa existencia. Vamos alinhar, aqui, uma serie de exemplos d'esse cuidado.

No inicio do seculo XVIII, quando todos os homens andavam armados, o proprio Parlamento decidiu que ninguem poderia entrar com armas no recinto das sessões; e mandou collocar em uma das salas, que o precedem, ganchos de metal esmaltado em vermelho para que os deputados ahi deixassem suas espadas, emquanto iam fazer leis para o reino. Esses ganchos continuam nos mesmos logares, da mesma côr, para que os deputados de hoje nelle pendurem os guarda-chuva.

Só depois da Grande Guerra, foi abolido — por chocar demasiadamente os habitos modernos — uma praxe conservada do seculo XVII. Nesse tempo as cabelleiras postiças tornavam tão penoso o trabalho de collocar e tirar o chapéo que só diante do rei os homens se descobriam e alguns recebiam, por mercê especial, o direito de conserval-o, mesmo em face do soberano. Em lembrança d'esse tempo, ainda que fizesse intenso calor, os deputados só podiam assistir ás sessões da Camara, com o chapéo na cabeça.

Desde a fracassada conjuração de 1605, quando Guy Fawkes e seus companheiros tramaram a destruição da Camara dos Communs, mediante a explosão de um deposito de polvora, uma patrulha de guardas da Torre de Londres, com uniformes e alabardas do seculo XVII, percorre os subterraneos do edificio, no dia de abertura da sessão.

Todos os dias o inicio da sessão é precedido pelo seguinte cerimonial. O presidente da Camara — o *speaker*, como o chamam alli — reside no proprio Westminster Hall (palacio da Parlamento) mas só vai de seus aposentos á sala das sessões em grave e compassado cortejo.

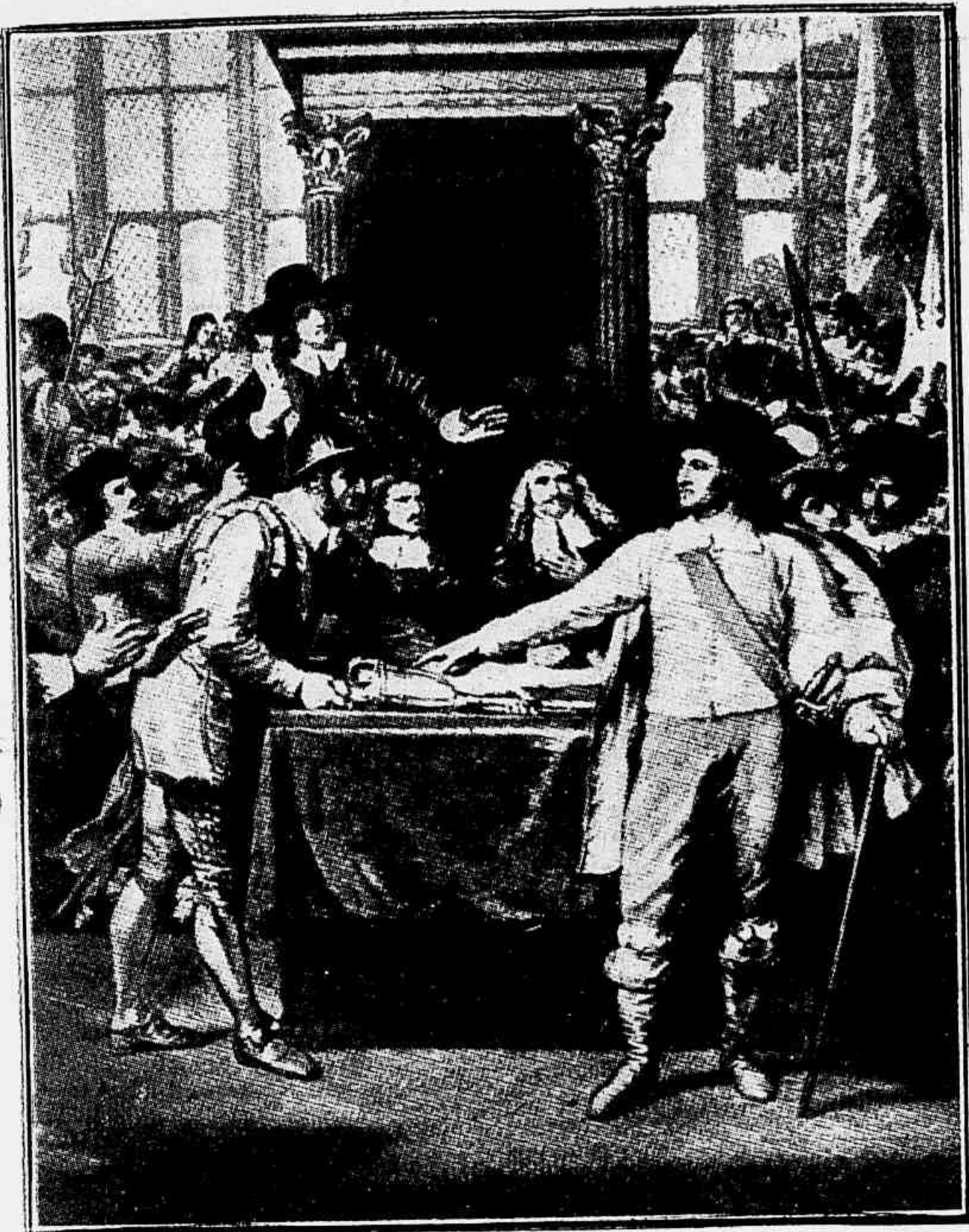
A's trez horas menos um quarto, uma voz distante e sonora annuncia :

— O *speaker*.

Um guarda collocado na immensa sala intermediaria ordena :

— Extranhos ! Descobri-vos.

Ha uma pausa de profundo silencio e o cortejo apparece. Vem á frente um dos continuos da Camara dos Communs, homem grave, vestido com casaca, calça curta e meias pretas, ostentando no peito uma vistosa insignia de prata. Segue-se o *massier*, funccionario, que, em categoria, fica immediatamente abaixo do *speaker*. Veste um uniforme do seculo XVIII, com espada e leva apoiada a um hombro a sumptuosa

Um desfile dos *Yeomen*, da Guarda Real da Torre de Londres.

Os trez attentados de que a dignidade da Camara dos Communs foi victima no decorrer de sete seculos. — *1654* — Entrando á frente de uma força armada, na Camara dos Communs, o irascivel Oliver Cromwell indicou a um capitão de mosqueteiros a "massa d'armas", symbolo da força moral do Parlamento e ordenou: — "Leve d'aqui esta bobagem".

1915 — F. H. Charington, deputado, com a monomania de combater o alcool, interrompeu uma sessão e tentou levar a "massa d'armas", em signal de protesto — disse elle — contra 'a indifferença do Parlamento pelas grandes questões sociaes".

"massa d'armas", que o rei James I offereceu á Camara, como symbolo de sua autoridade. De resto, as funcções do *massier*, personagem muito bem pago e muito prestigiado, se limitam a guardar e transportar todos os dias a *massa*, que deixa sobre uma mesa, diante da cadeira do *speaker*, emquanto duram as deliberações da assembléa.

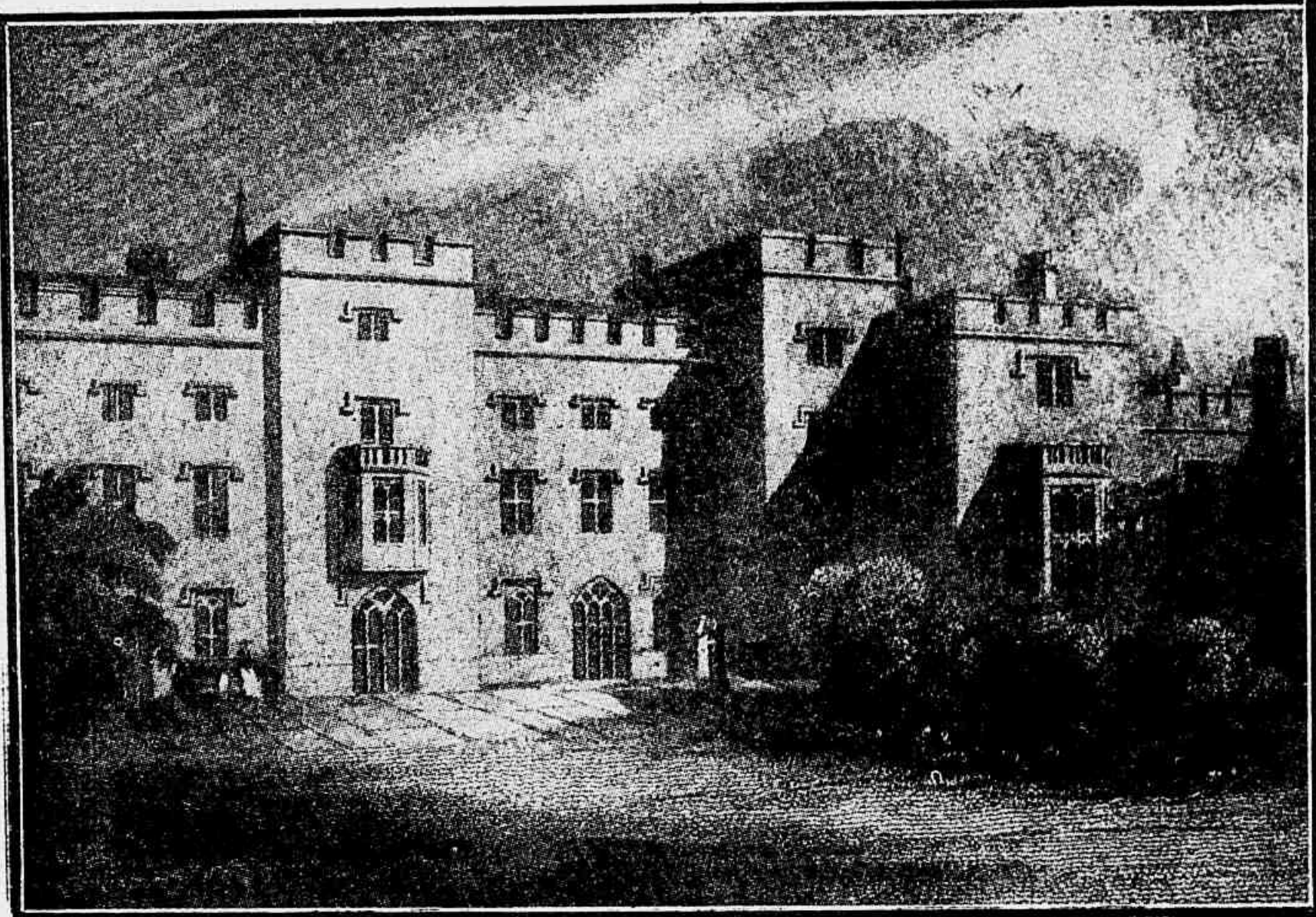
A *massa* é considerada a manifestação material do poder legislativo e, como tal, venerada. De todos os actos revolucionarios praticados por Olivier Cromwell, apoz a execução do rei Carlos I, o que mais alarmou e revoltou o povo inglez foi a insolencia com que invadiu a Camara dos Communs, interrompeu sua sessão e, indicando com um gesto a *massa*, ordenou a um capitão de mosqueteiros:

1930 — O deputado John Beckett, conhecido por seu exhibicionismo (disseram os jornaes na epocha) repetiu o gesto de F. H. Charington, para se vingar da regeição de dous projectos de sua autoria.

— Leve d'aqui essa bobagem!

Foi isso em 1654. Mais duas vezes, em 1915 e 1930, dous deputados se atreveram a repetir o gesto de Cromwell deitando mãos sacrilegas á *massa*. Toda a imprensa e o povo censuraram unanimemente esses attentados praticados exclusivamente para o fim de fazer escandalo. "Cabotinismo ignobil!"— disse o grave *Times*.

Mas voltemos á cerimonia com que, diariamente, se abrem as sessões. Logo apoz o *massier* vai o *speaker*, com uma longa toga negra, cabelleira grisalha, á moda do tempo da rainha Anna, calça curta e meias brancas. Seguem-se um pagem, que segura a cauda de sua toga, o capellão da Camara e o secretario particular do presidente. Desde o principio do seculo XVIII, a Camara

Aspectos e consequencias da luta armada na Inglaterra

Fachada da parte de Westminster Hall, reservada para residencia de seu "speaker", tal como era no principio do seculo XIX, antes do incendio de 1834.

Lanternas especiaes collocadas nos wagons inglezes para que os passageiros possam ler durante as longas horas em que os trens devem ficar sem luzes visiveis exteriormente por causa dos raids aereos.

A mobilisação feminina na Inglaterra — Com excepção da barbara tarefa de disparar fuzis, atirar bombas de mão, ou cravar bayonetas em corpos humanos, as mulheres estão, actualmente, executando no exercito inglez centenas de serviços, que, até hoje, eram reservados aos homens: inclusive trabalhos braçaes. Vejam o ardor — e o vigor — com que essa londrina maneja uma pá, abrindo em plena rua um refugio contra bombardeio aereo.

não iniciou seus trabalhos um só dia sem esse cerimonial, sempre o mesmo, com os mesmos personagens, os mesmos vestuarios e attributos.

Sigamos o cortejo até a sala das sessões. O *speaker* vai até o ultimo extremo da longa sala, para se ajoelhar em um tamborete collocado em uma larga plataforma, que cobre quasi um terço do espaço, que medeia entre os bancos. A seu lado, se ajoelha o capellão, que, segundo o uso firmado no reinado da rainha Elisabeth, lê a oração do dia. Os deputados, que já occupam seus logares, erguem-se reverentes e se unem á oração.

Terminada esta, o *speaker* occupa sua cadeira e um continuo, escolhido pela sonoridade e extensão de sua voz, chega á porta principal, que dá para o interior e annuncia que o presidente está em seu posto. Outros continuos repetem a noticia pelos corredores e todos acodem á sala das sessões. Começam os debates. Ao entrar, cada deputado faz uma reverencia, voltado para a cadeira do speaker. Consta que, na Edade Media, havia alli um crucifixo, retirado no tempo de Carlos II ou de Henrique VIII (as tradições variam). Mas a reverencia, que era dirigida a elle, continua.

A primeira parte da sessão é reservada ás "perguntas" ou interpellações ao governo sobre os mais variados assumptos. Pode-se, então, observar um curioso costume. O ministro interpellado tem o direito de responder ao deputado interpellante: — O governo de Sua Magestade não considera conveniente responder, no momento, a tal indagação.

Um dos muitos automoveis, que circulam em Londres, levando na tolda o sacco de gaz de illuminação com que alimenta seu motor, substituindo a gazolina.

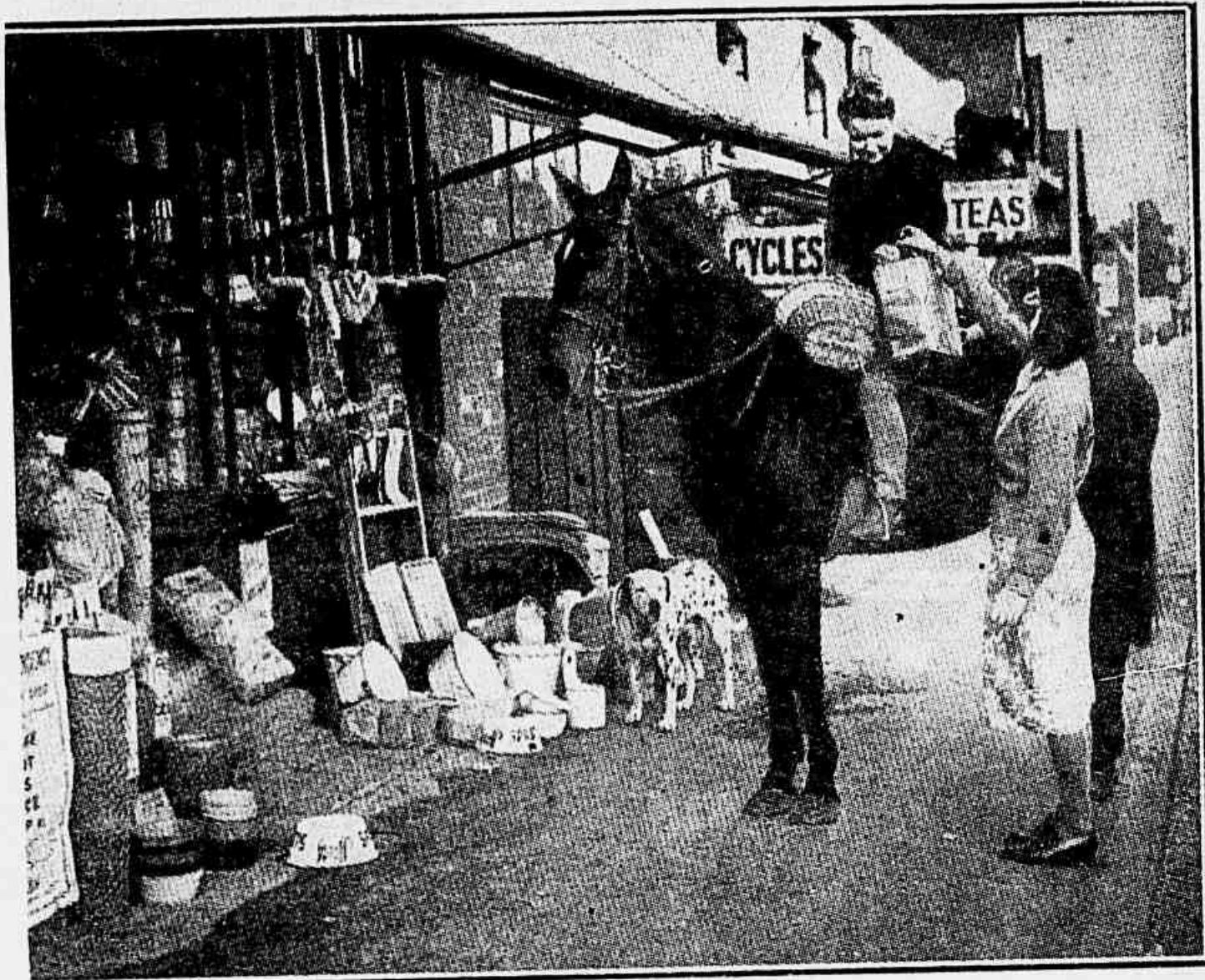
A vida penosa e rude dos tempos de guerra dá ás mulheres mobilisadas desembaraço e robustez quasi masculinos mas não lhes tira a jovialidade. Vemos, acima, enfermeiras de um hospital de Londres, jogando foot-ball nas horas de descanso.

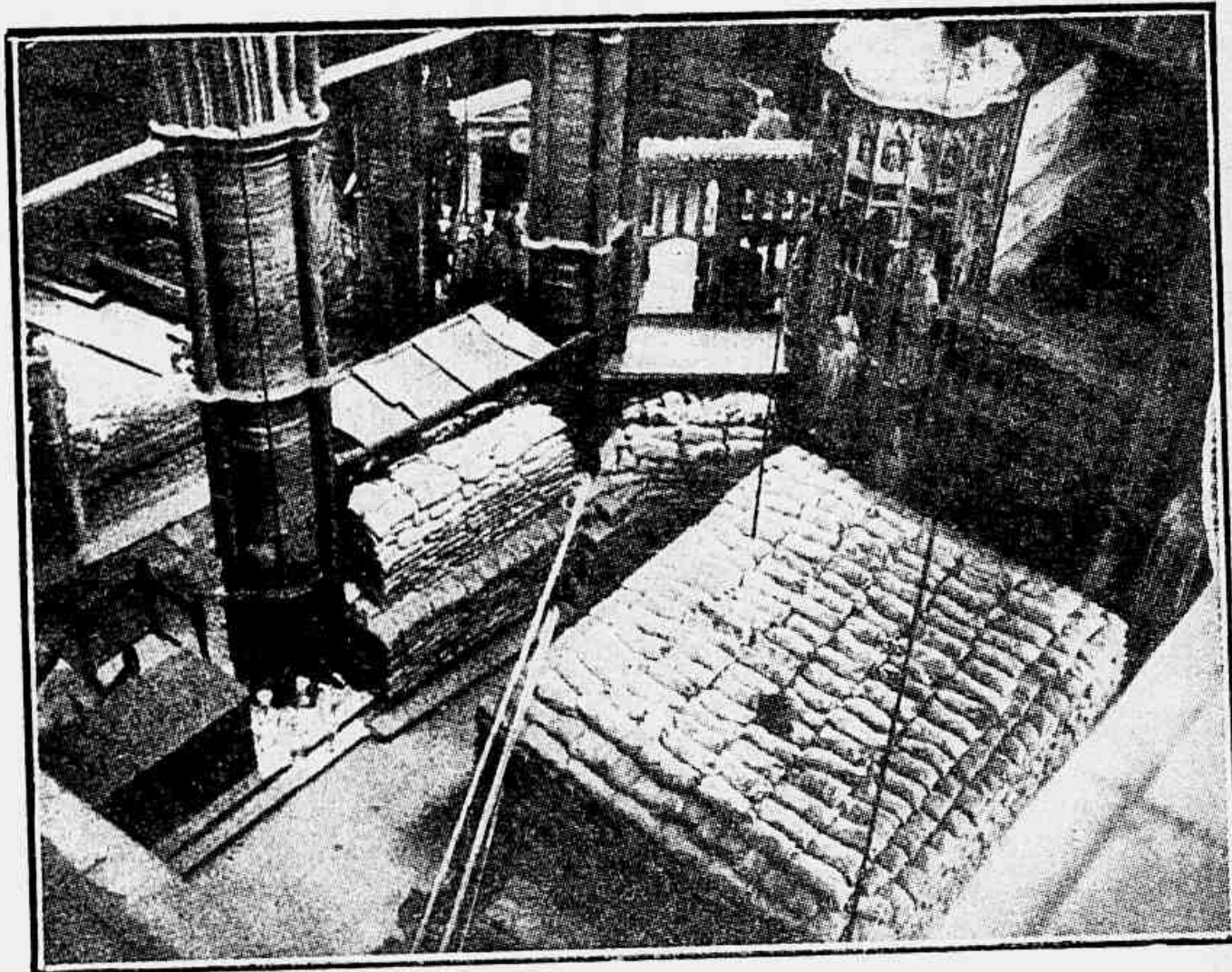
E o deputado não tem o direito de insistir naquella sessão.

Mas se a pergunta fôr feita trez vezes em uma semana, a resposta será indispensavel.

Durante os debates, nenhum deputado se refere a outro pelo nome e sim pelo districto, que representa.

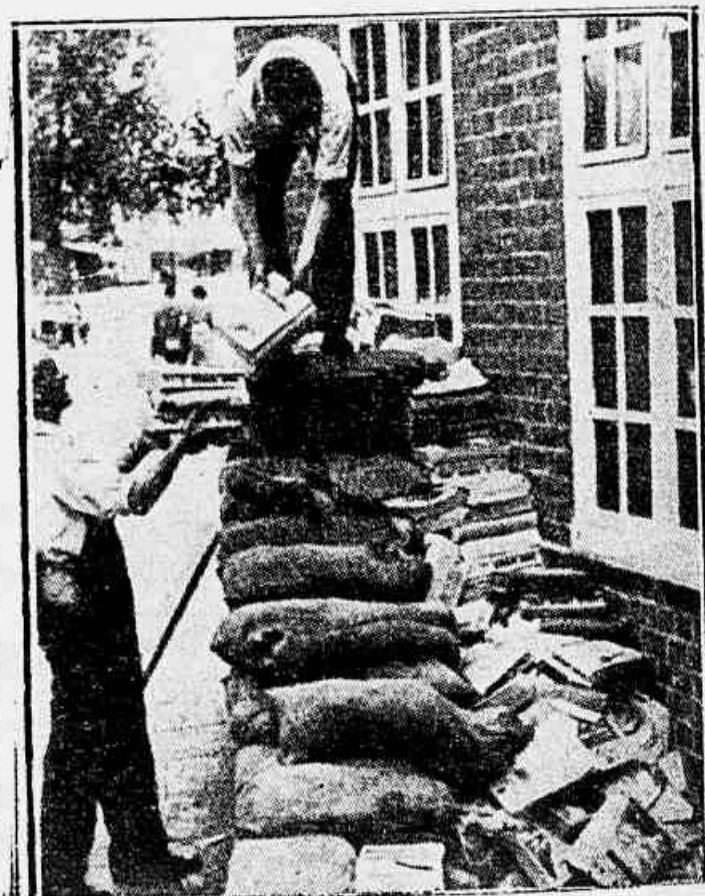
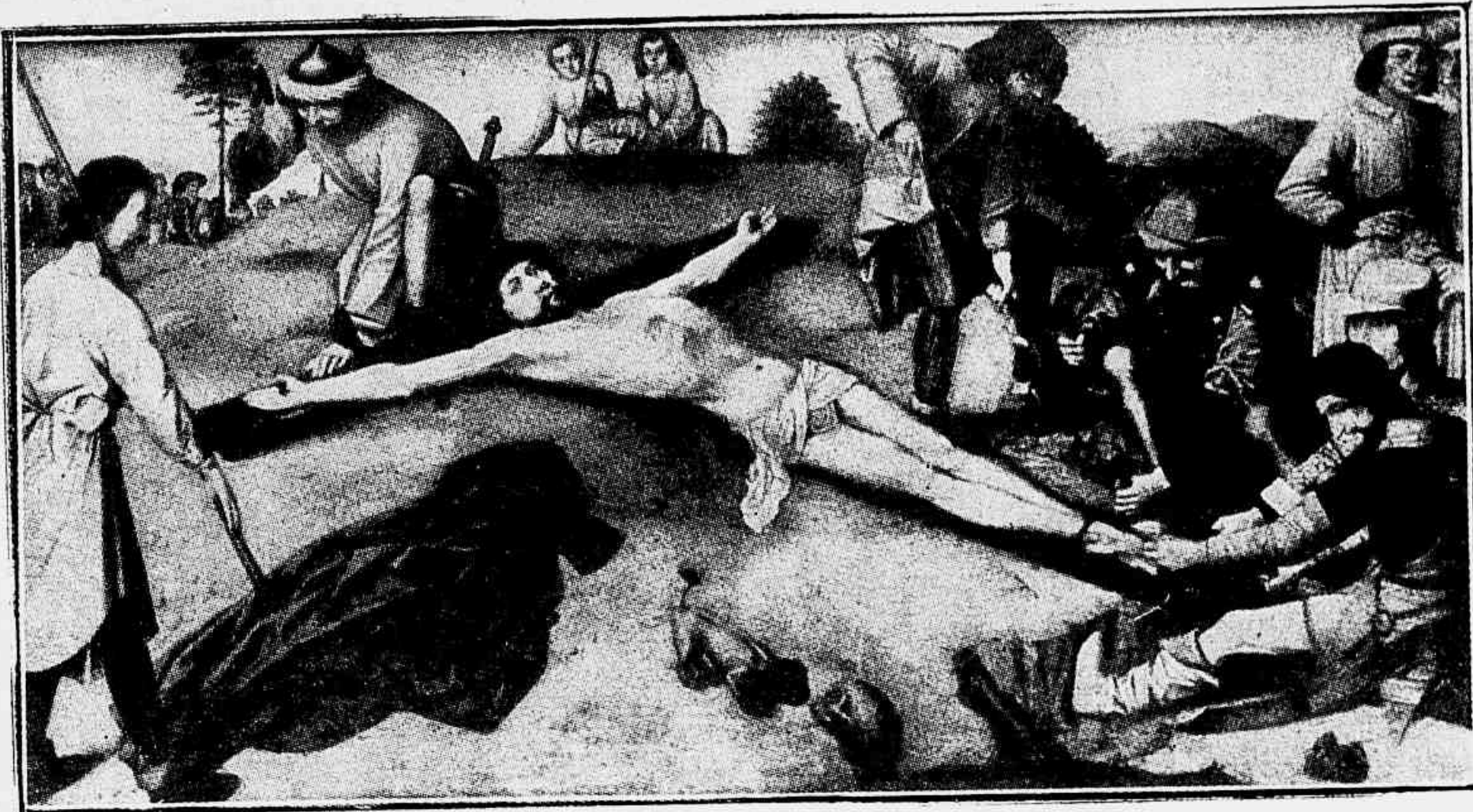
Em geral, as decisões da presiden-

Automovel movido a gazogeneo produzido por depositos de carvão.

Privada de seus criados pela mobilização — Essa jovem lady sahe de seu castello e vai, pessoalmente, a cavallo, fazer compras na pequena cidade proxima.

Outro effeito das restricções no consumo da gazolina — Esse grande advogado londrino possue um luxuoso automovel; mas, como não pode utilisal-o, comprou um tamden, no qual seu *chauffeur* suppre com musculos robustos a debilidade de suas pernas.

Aspecto insolito do interior da cathedral de Westminster. Photographia feita de uma das galerias superiores: o *Triforium* occulto sob tutelares saccos de areia.

cia — isso é, do *speaker* — são acatadas sem dilação nem observações. Quando, por excepção, algum deputado se mostra rebelde ou reincide em actos censuraveis, o *speaker* tem o direito de o chamar nominalmente á ordem. Nos casos mais graves, o primeiro ministro ou aquelle, que faz suas vezes, na sessão, pode apresentar uma moção para que esse deputado "seja suspenso do serviço da Camara." Se essa moção é approvada, como sempre acontece, o deputado abandona por si mesmo o recinto. Se porem se mostra recalcitrante, o *massier*, em pessoa ou por intermedio de um representante, colloca uma das mãos sobre o hombro do culpado. Com rarissimas excepções, essa manifestação symbolica de força é sufficiente.

Passemos á bibliotheca, installada em varias salas de altissimos tectos, com janellas, que dão para o Tamisa. Na parede principal de uma d'essas salas se ostentam, em lettras de ouro, os nomes de todos os *speakers*, que a Camara tem tido, desde o primeiro de que ha memoria — sir Thomas Hungerford, que a presidiu em 1377 — até o actual, capitão Edward Fitz-Roy.

Em outro salão da bibliotheca, pode se admirar

A utilidade dos livros — Repetidas experiencias demonstraram que os livros são, ainda mais do que os saccos de areia, poderosos obstaculos á explosão de bombas e obuzes. Então, as autoridades de Londres requisitaram ou compraram os enormes stocks de livros, que, editados para dar informações sobre um anno, são abandonados e substituidos no anno seguinte. Vemos, nas gravuras acima, á esquerda, montes de annuarios, almanacks, guias ferroviarios etc. e á direita indicadores telephonicos de 1939, utilisados para reforçar trincheiras contra bombardeio aereo nas casas particulares.

A arte na religião — A CRUCIFICAÇÃO — Quadro de Gerard David.

a plataforma do antigo Parlamento, salva do incendio de 1834. Sobre essa plataforma grandes estadistas como lord Canning, Cartlereagh, William Pitt, Fox e Walpole, pronunciaram discursos transcendentes para a Inglaterra e o mundo. Junto d'essa reliquia do passado, ha uma nota extremamente moderna; um annunciador electrico — fita luminosa, na qual apparece o nome do deputado, que se acha na tribuna e o assumpto em debate. Assim, os deputados, que se acham fóra do recinto, podem voltar a elle — ou continuar prudentemente afastados, quando julgam conveniente.

Voltemos ao vestibulo. E' dia da outorga do assentimento real aos projectos de lei previamente approvados pelas duas camaras do Parlamento. Teremos opportunidade para presenciar uma cerimonia, que symbolisa varios seculos da Historia da Inglaterra.

Pelo corredor, que communica a Camara dos Lords com a dos Communs, caminha com passo rythmado o funccionario, que desempenha na Camara Alta funcções identicas ás do *massier* na outra. E' o chamado *continuo do bastão negro* (*Usher of the Black Rod*). Com uniforme egual ao de seu collega da outra casa do Parlamento, chega á porta de communicação e bate para significar que a Camara dos Communs não é obrigada a receber em seu recinto nenhum mensageiro dos Lords nem mesmo do rei e que o admitte por acto de sua propria e livre vontade. Bate trez vezes. O porteiro da Camara dos Communs abre um postigo, que ha na porta, verifica a identidade do mensageiro, abre a porta e annuncia:

— *The Usher of the Black Rod.*

O *speaker* declara suspensa a sessão e ordena:

— Que entre!

O mensageiro entra e manifesta seu desejo de que a Honorable House (e faz uma profunda reverencia para um e outro lado) se dirija á Camara dos Lords, a fim de ouvir o "real despacho". O *speaker* desce de sua cadeira e, seguido pelo *massier*, seu secretario, os "conselheiros privados" e os deputados, que desejem fazel-o, encaminha-se pelos longos corredores até a "barra" da Camara Alta.

Nessa sala brilhantemente ornada, estão os thronos, que, uma vez por anno, são occupados pelo rei e a rainha vestidos de purpura e com as cabeças coroadas, a fim de ler a "falla do throno".

Diante d'esses thronos está o famoso "sacco de lã".

O que tem esse nome é um grande divan forrado de feltro vermelho, no qual se senta o lord Chanceller (presidente da Camara dos Lords). Esse "sacco de lã" é o symbolo da primeira industria prospera e rica na Inglaterra, a da producção e cardagem de lã, para as fabricas francezas e flamengas.

O lord chanceller, tendo de um lado e outro dous assessores, esperam os representantes da Camara dos Communs, de pé, vestidos com togas escarlates orladas com arminho e ostentam chapéos de trez bicos, no estylo do seculo XVIII.

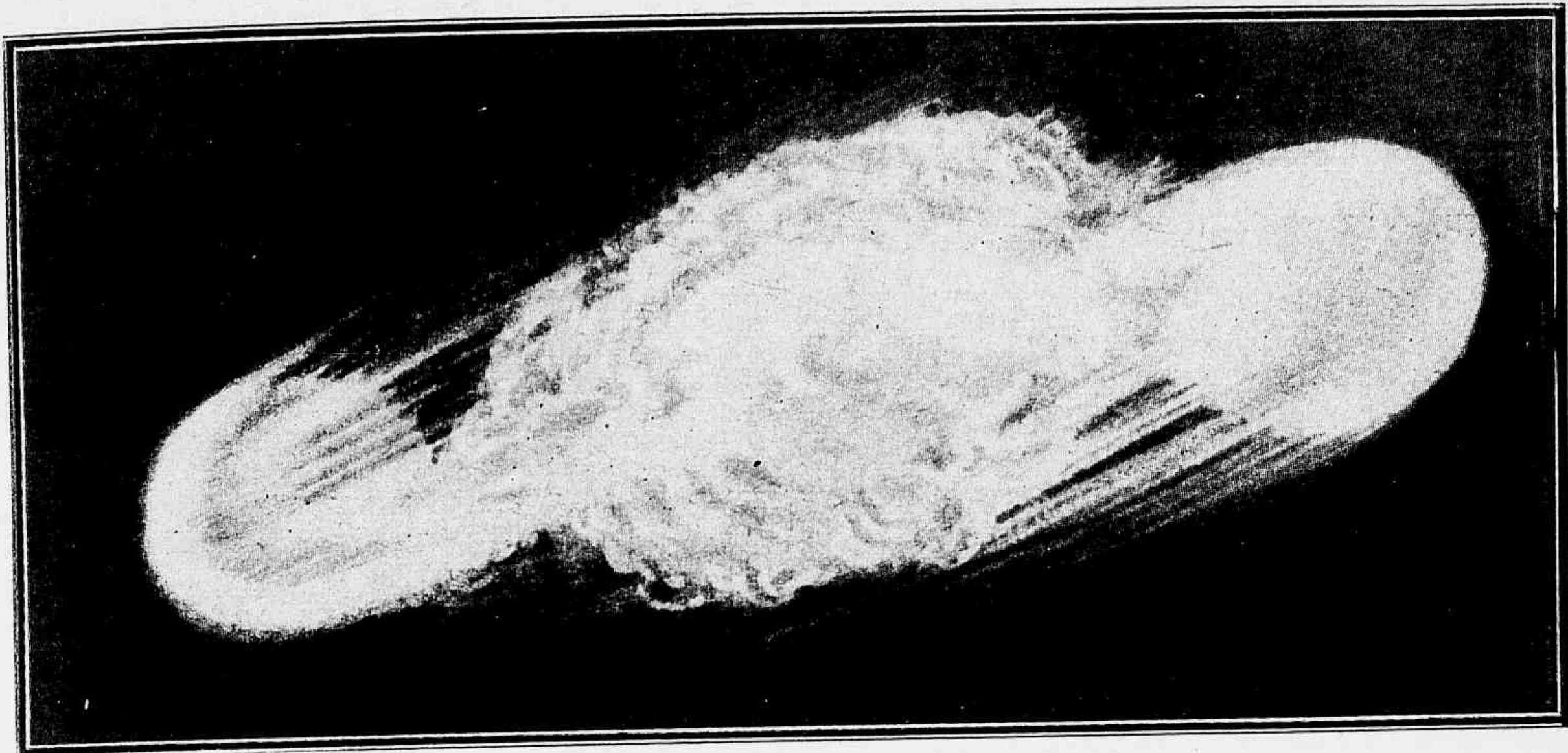
Feita a leitura da aquiescencia real, que o Lord Chanceller assegura estar assignada pelo punho e lettra do rei, os membros das duas camaras trocam profundas reverencias e os da Camara dos Communs voltam a sua "casa".

Nota final. As palavras essenciaes nessa cerimonia são pronunciadas e escriptas em francez archaico, *Le Roy le veult* etc.; por que essa era a lingua official no reino, no seculo XIII, quando foi creado o Parlamento Inglez.

R. de C.

Sports de inverno — Corrida de trenós, com cães de Alaska no Estado de Montana (E. Unidos).

A mudança é condição essencial á vida. As cidades, como os homens, só duram, transformando-se continuamente. — **Pierre Noziére.**

Eu Sei Tudo

A theoria da desagregação por passagem proxima.

UMA TRAGEDIA COSMICA

COMO NASCEU A TERRA?

AS MULTIPLAS THEORIAS, QUE TENTAM FUGIR Á VELHA CONCEPÇÃO DA NEBULOSA EM ESPIRAL E DO SOL, ASTRO FONTE E ORIGEM DE TODOS OS PLANETAS DE SEU SYSTEMA.

HA varios seculos, é geralmente acceita a concepção de que a Terra nasceu do Sol; ultimamente porem, talvez pelo gosto de variar, numerosos sabios se esforçam para estabelecer novas theorias, insistindo especialmente na da collisão, a da erupção e a da approximação.

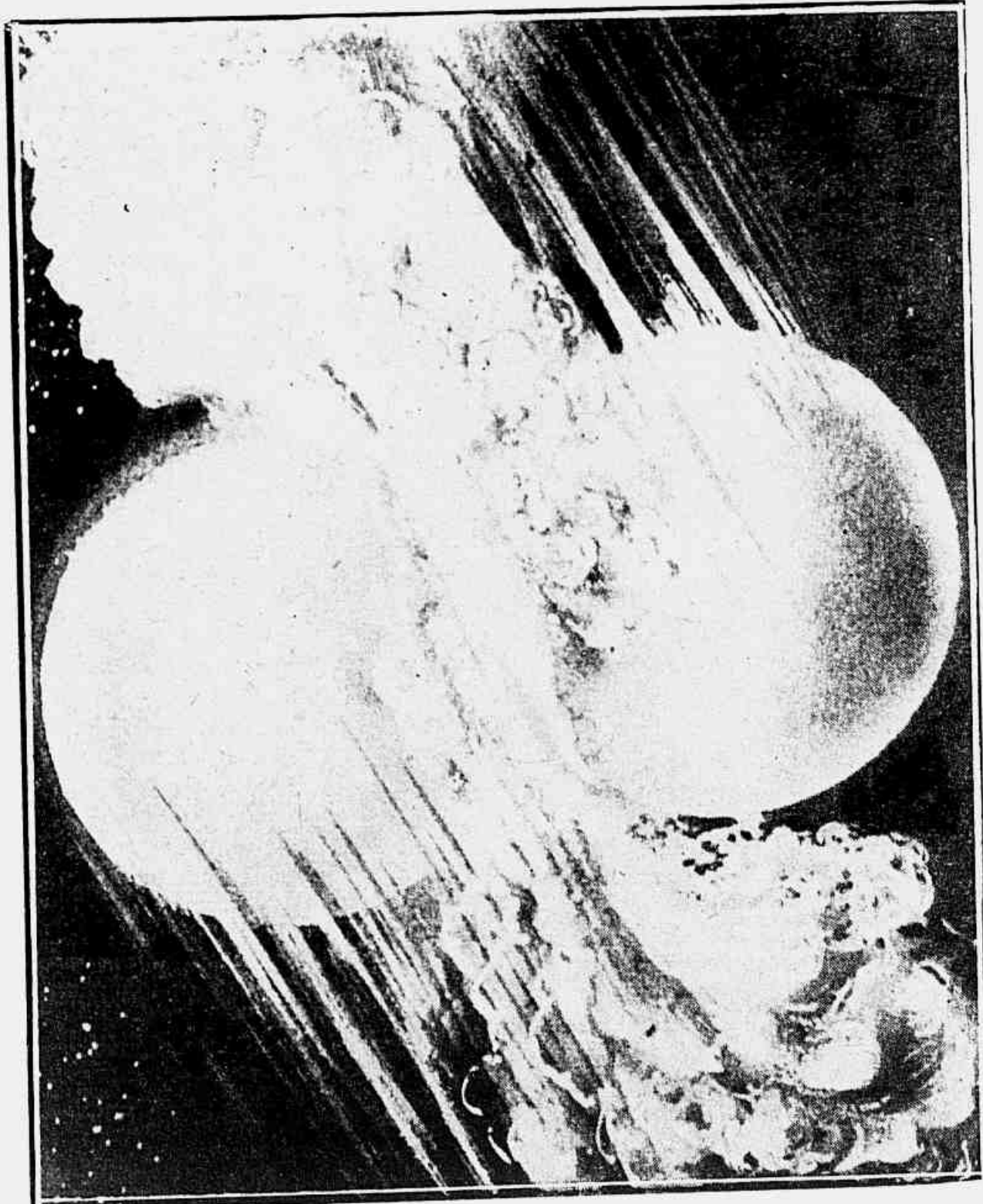
Collaboraram na edificação d'esses novos systemas os astronomos com seus telescopios, os geologistas com suas pesagens, os physicos com seus spectroscopios, os mathematicos com suas medidas e os cosmogonistas com sua... imaginação.

Note-se que as ultimas conquistas da sciencia muito têm concorrido para esclarecer varios mysterios do passado em nosso planeta — Por exemplo: o enigma de sua edade foi illuminado pelo descobrimento do radium. Os trabalhos do casal Curie demonstraram que o uranium, um metal actualmente muito raro na Terra, soffre constante desintegração, mediante irradiação de atomos, que, apoz uma breve evolução produzem depositos de chumbo.

Os estudos pacientes de Eva Curie permittiram-lhe medir com absoluto rigor a duração d'esse cyclo. Tomando por base esses elementos e analysando varias rochas, a fim de averiguar a quantidade de uranium e de chumbo, que contêm, os geologos conseguiram calcular o tempo, que ellas contavam de existencia sob o forma actual (rochosa) e com essa nova base puderam avaliar em 2.000.000.000 — dous bilhões de annos — a existencia da Terra, depois que os continentes surgiram das aguas. Esse calculo está sugeito a uma só restricção, o algarismo 2 figura ahi por prudencia; é bem provavel, que se trate de numero mais elevado. O mais certo seria dizer, varios bilhões de annos; e assim ficam eliminadas as duvidas dos que só se atreviam a contar por milhões de annos a edade da Terra.

Estabelecida approximadamente a edade, passemos a estudar o parentesco de nosso planeta. Desde que o genial Galileu logrou destruir as arbitrarias affirmações de Aristoteles, é crença geral que a Terra nasceu do Sol. Como se demonstra essa theoria? Por varios argumentos. 1.º — A proximidade. Quando se vê uma ninhada de pintos, evoluindo em torno de uma gallinha, é licito imaginar que foi ella quem a poz no mundo. D'ahi, a hypothese de que os planetas gyrando em torno do Sol nasceram d'elle; e ainda se confirma essa hypothese quando vemos que o Sol, como pai carinhoso, continua a sustental-os no espaço, com sua força de attracção, ao mesmo tempo que os alimenta com sua luz e talor.

O argumento da distancia, como prova de parentesco pode tambem ser illustrado com o seguinte contraste. A luz vem do Sol á Terra em 8 minutosI; ao passo que não lhe são bastantes quatro annos para chegar da outra estrella mais proxima.

Não param ahi, nessa cosmogonica investigação de paternidade, os argumentos favoraveis á velha theoria. As analyses feitas por todos os processos até hoje ao alcance da sciencia humana provam que o Sol e a Terra são constituidos pelos mesmos elementos. Essa prova é tão

A theoria da collisão — Do choque de dous corpos celestes resultam estilhaços, que, projectados no espaço, constituem satellites da massa principal, incandescente pela transformação do movimento em calor.

convincente como a da analyse do sangue quando ha duvidas sobre filiação de um ente humano. O sangue do filho apresenta fatalmente umas tantas caracteristicas essenciaes do sangue paterno. E' o que acontece entre o chamado Astro-Rei e nosso modesto habitaculo.

Havia dissidencias. Os mais exigentes, curvados para o spectroscopio protestavam:—"Não é tanto assim. Encontram-se na luz do Sol diversidades notaveis; côres, que não existem no Terra e devem corresponder a outros elementos, que não existem aqui". Para justificar sua theoria negativa, esses "ranzinzas" sideraes empenharam-se no exame das zonas, que consideravam peculiares ao spectro da luz solar e conseguiram identificar pelo estudo de uma

Dous aspectos de nebulosas em spira photographados pelos astronomos do observatorio de Monte Wilson, nos Estados Unidos.

d'ellas um gaz desconhecido em nosso planeta, dando-lhe, por isso, o nome de *helium* (de Helios — Sol, em grego), a fim de significar que elle só alli existia.

Mas, para sua maior confusão, apenas esses teimosos sabios terminaram seu extenuante labor para determinar com minuciosa segurança as caracteristicas d'esse gaz, elle foi encontrado na Terra — em quantidade muito menor — é claro — mas em proporção com a differença de tamanho entre os dous corpos celestes.

◆ ◆ ◆

Os fantazistas, os revoltados contra as "verdades estabelecidas, os ambiciosos sedentos de novidade — ou de publicidade — desejosos de ligar seu nome a uma conquista não desanimaram e agora se atiram contra o systema architectado por Laplace, confirmado pela logica e comprovado pelos factos.

Diz um: O astro isolado nasce provavelmente de uma nebulosa, uma condensação de gazes, que, pela attracção natural das moleculas acaba por constituir um nucleo, attrahindo maior quantidade de materia espelhada nos espaços interplanetarios. Mas justamente por que essa theoria se baseia nos principios da attracção e da força centrifuga não pode admittir a creação de satellites. Esses só podem nascer do choque do corpos celestes. Esse choque pode projectar estilhaços ou porções de materia cosmica, que se equilibrarão a maior ou menor distancia, segundo o valor de sua massa.

A theoria do conjunto de gazes vagueando pelo espaço.

Diz outro: Nada d'isso. O choque, volatisando toda a materia, que constituia os dous corpos, mais seguramente os reunirá em um só corpo pela força centrifuga, que passará a ser uma só. O mais provavel é que os satellites nasçam da passagem de um astro por outro. Podem se produzir, então, dous phenomenos. Ou cada astro arranca do outro particulas, que passam a produzir corpos celestes independentes mas demasiadamente pequenos e por isso condensados a gyrar em torno do maior; ou — sendo um muito maior do que o outro — sua força de attracção desagrega-o, despedaça-o, cahindo sobre elle os fragmentos menores, ao passo que os maiores, arrastados pela velocidade com que vinham, continuam no espaço mas condemnados por sua pequenez a gyrar em torno do corpo maior.

Uma terceira theoria acceita a formação dos satellites no periodo da nebulosidade mas negam a projecção pela força centripeta, creada pelo movimento gyratorio. Nega por um lado a possibilidade de movimento gyratorio de um corpo, ainda em estado gazoso e, por outro a possibilidade de projecção de particulas de um astro já mais ou menos solidificado. Então? Não podendo gyrar — dizem os partidarios d'essa theoria — o corpo ainda gazoso vaguea no espaço, tomando todas as formas imaginaveis e, muitas vezes, se divide em varias partes, que formam varios corpos Se são apenas dous corpos, constituem as estrellas duplas, tão abundantes no universo e que gyram uma em torno da outra; se são diversas, formam um systema, como o solar, gyrando todas em torno da maior, pela ordem do tamanho.

Damos essas hypotheses, a titulo de curiosidade, por que, alem de todos os argumentos já citados, o systema de Laplace encontra novas demonstrações — 1.º — photographias de nebulosas em spiral, que nos mostram corpos gazosos e transparentes com movimento gyratorio; 2.º — as experiencias de laboratorio nas quaes todos os corpos liquidos ou pastosos submettidos a movimento — gyratorio, augmentam de volume na linha do equador e acabam por formar ahi uma especie de annel, que, com a persistencia do movimento, se destaca do todo

O egyptologo Sama Sabra, de Athenas, descobriu na região de Mallani, uma vasta cidade subterranea ou funeraria da epocha de XI dynastia.

Até as ultimas communicações, a expedição sob a chefia d'esse sabio já havia desobstruido doze ruas de uma perfeita regularidade, numerosos sepulchros e centenas de ibis embalsamados.

◆ ◆

O povo não vê. Sente. Cabe ao governo vêr por elle. — BALZAC.

O QUE RESTA DE UM PASSADO MUITAS VEZES MILLENNARIO

Pedras enormes, indubitavelmente trabalhadas por mão de homem e erectas em planicie de Stennen, em uma das ilhas Orbney, na Inglaterra. Os competentes affirmam que esses mysteriosos monumentos datam de ha quarenta ou cincoenta seculos. *No canto, á esquerda* — Mulheres de hoje substituindo os homens mobilisados nos trabalhos agricolas. nessa mesma região.

e é projectado no espaço, a maior ou menor distancia, segundo a importancia de sua massa.

Esse ultimo aspecto se confirma tambem por mais trez *factos*. Todos os satellites do Sol gyram em torno d'elle em um só plano — o *plano* de seu equador. 2.º varios satellites do Sol têm por sua vez satellites. *Todos elles gyram no plano do equador* do planeta, que acompanham. 3.º — Como para mais nos convencer, o planeta Saturno conserva ainda *no equador*, um annel de materia egual á de sua massa, formado evidentemente quando elle gyrava ainda em estado pastoso e que, por uma razão qualquer, não teve força para projectar longe de si.

Pai e filho — Qual d'elles parece mais creança.

Descendente de uma grande raça — Indio azteca de puro sangue vivendo como civilisado, no Mexico.

Depois de suas ultimas annexações, a Allemanha ficou com um territorio de 810.000 kilometros quadrados e uma população de 104 milhões.

Convem consignar que nesse total 42 milhões de habitantes (quasi cincoenta por cento) são Polonezes, Tchecos, Slovacos e Judeus.

◆ ◆

O menor Estado independente, que ha, no mundo, é o Vaticano, que segundo o accordo, negociado pelo Sr. Mussolini, tem um territorio de 44 hectares e população de 800 habitantes.

O Estado do Vaticano tem pavilhão proprio e emitte moeda, que, segundo o accordo com a Italia, tem curso em toda a peninsula.

◆ ◆

Uma patria se compõe não só dos vivos, que a continuam como dos mortos, que a fundaram. — ERNEST RENAN.

◆ ◆

A estatistica é a arte de exprimir com exactidão o que não sabemos. — A. THIERS

Creanças no circo — Esta, muito pequena ainda, fica paralysada e extatica pelo espanto.

COMO E' FACIL SABER TUDO :: DICCIONARIO DE NOMES PROPRIOS :: PEQUENA ENCYCLOPEDIA POPULAR

BIOGRAPHIA DE TODOS OS SANTOS E PERSONALIDADES HISTORICAS OU LEGENDARIAS

GHAZAN-KHAN (Mahmud), imperador mongol da Persia, filho de Arghum-khan, nascido em Sultan-Souvin (Mazenderan) em 1271, morto em 1304. Governador do Kohrassan, desde a edade de treze annos, lutou para collocar o paiz ao abrigo das invasões dos Turcomanos e reprimir a rebellião do emir Nauruz (1290). Com a morte de Arghun, reconheceu como soberano seu tio Kai-Khatu-Khan (1291); porem, quando esse principe foi assassinado por Baidu, marchou contra o usurpador, que foi derrotado em Kurban-Shira, tendo que fugir (1294). Baidu propoz-lhe, então, dividir o imperio, o que Ghazan recusou. Baidu foi vencido e morto, em 1294, sendo no mesmo anno Ghazan proclamado imperador. Trez principes mongoes tentaram, em vão, desthronal-o, em 1295. Ghazan se apoderou do reino do ultimo sultão seldjukida de Iconium, Masud, em 1300 e submetteu o Caucaso. Suas tentativas sobre a Syria, falharam. Ghazan morreu, ao que parece, de despeito. Seus Estados se extendiam desde o Oxus, até o Euphrates; desde o instante em que se tornou mossulmano, recusou reconhecer a soberania do grande kahan de Khantalik. Organisou o imperio mongol da Persia, mandou erguer um cadastro e fez a revisão do codigo de Gengis-Khan. Estabeleceu a unidade monetaria, a dos pesos e medidas e reformou o serviço postal.

GHAZI-HAZAN, grande almirante turco, nascido na Persia ou em Rodosto (Propotnide), morto em Chulmla, em 1790. Entrou em serviço, na regencia de Alger, passando pouco depois a governador de Tlemcen. Seus inimigos o forçaram a fugir para a Hespanha e, depois, para Constantinopla, onde foi aprisionado por denuncia do dey de Alger. Libertado, a pedido do ministro de Napoles, entrou para a marinha e chegou ao posto de vice-almirante. Assistiu ás derrotas de Scio (1770) de Tcheschmé e, no anno seguinte, forçou os Russos a levantar o sitio de Lemnos. Elevado em 1773, ao cargo de grande almirante, venceu o pachá de Acre, Daher, submetteu Ibrahim e Murad, no Egypto, pacificou a Morea (1779), e tomou parte na guerra da Criméa. Fracassou na expedição de Oczakof e, mesmo assim, contra sua propria vontade, foi elevado a grande vizir. Foi finalmente destituido e condemnado a morte. Introduziu importantes modificações na marinha de seu paiz.

GHELEN philologo allemão, nascido em Praga, em 1477, morto em Basiléa, em 1554 ou 1555. Depois de visitar a França, a Allemanha e a Italia, alliou-se a Erasmo.

GHISLAIN ou GUILLAIN (*Santo*), nascido na Grecia, em 600, morto em 687. Estudou lettras em Athenas e, em 633, se achava no norte da Gallia, pregando nas margens do Sambre. Fundou um mosteiro em Courtsoire e outro na floresta de Urbertosidonque, proximo de Maubeuge. Essa casa, enriquecida por Dagoberto I, se fez celebre como Abbadia de S. Gislain. Em 1120 foi estabelecida uma confraria de cavalleiros sob o patrocinio do mesmo santo. S. Ghislain é um dos santos mais populares da Belgica. — Festejado em 9 de Outubro.

GHIYAS-ED-DIN-TUGHLUX I, fundador da terceira dynastia turca de Dehli, morto em 1325. Declarou-se soberano em 1321, protegeu o Dehli, contra as incursões dos Mongoes. Parece ter sido assassinado por seu filho, Afif-khan, que foi seu successor.

GHIYAS-ED-DIN-BALABAN, rei de Dehli, morto em 1286. O principe Nazir-ed-Din-Mahmud, que desposara sua filha, elevou-o ao vizirato. Destituido em 1252, marchou contra a capital e forçou o rei a lhe restituir o cargo. Foi seu successor, em 1266, governando seus Estados com sabedoria.

GILBERTO (Santo) — bispo de Meaux, morto em 1015. Foi elevado ao episcopado em 995, distinguindo-se por sua sciencia e sua piedade exemplar. — Festejado em 13 de Fevereiro.

GILBERTO (Santo) — fundador do mosteiro, que, por muito tempo, teve o seu nome, nos arredores de Clermont-Ferrand. Nascido em 1060, no Auvergne, morto em 152. Combateu sob o reinado de Luiz VI, acompanhou Luiz VII á Palestina e, ao regressar, tomou — com sua esposa Petronilha e sua filha, Poncia — a resolução de abandonar o mundo. Construiu, em Aubeterre, um mosteiro para mulheres, cuja direcção confiou a Petronilha e, em Neuf-Fontaines, um convento de religiosos (1150.º, que mais tarde recebeu o nome de S. Gilberto. — Festejado em 3 de Outubro.

GILBERTO de Sempringham (Santo), nascido na Inglaterra (condado de Lincoln) em 1083, morto em 1189. Filho de um dos companheiros de Guilherme, o Conquistador, foi estudar em Paris. Ao voltar, foi nomeado penitenciario, fundando em seguida, em Sempringham um mosteiro para homens e outro para mulheres, cuja regra foi approvada pelo papa Eugenio III. As duas ordens de "gilbertinos" e "gilbertinas" se espalharam rapidamente por toda a Inglaterra. Gilberto enfrentou a colera do rei Henrique II, dando asylo a S. Thomas Becket. O papa Innocencio III canonisou-o — Festejado em 4 de Fevereiro.

GIL ou GILDAS (Santo), chamado tambem S. Avenino. Vivia na Grã-Bretanha, no seculo VI. Era soldado e bardo. Aprisionado na batalha de Caltraeth, onde os Bretões foram esmagados pelos Saxões, os Pictos e os Scots, seduziu seus vencedores pela belleza de suas canções, obtendo assim a liberdade. Retirou-se, immediatamente para o mosteiro de Llancarvan ou Llanfeithin (paiz de Galles), onde morreu, deixando trez filhos: Sts. Cennyld, Dolgan e Nwython. — Festejado em 26 de Outubro.

GILDAS (Santo), cognominado O Sabio, nascido em Alban (Grã-Bretanha), morto na Gallia, em 580. Foi educado por S. Hildutus, que o ordenou padre. Apoz uma viagem á Irlanda, chegou á Bretanha, onde fundou e governou, proximo de Vannes, que o tomou por padroeiro, o mosteiro de Rhuys. Curiosa obra latina, intitulada O Desastre da Armorica, é attribuida a S. Gildas, sendo egualmente a mais antiga historia da Bretanha, que se conhece — Festejado em 29 de Janeiro.

GIL OU GILLES (Santo)—Em latim Aegidius—Um ermita assim chamado viveu na Provença e deu seu nome á cidade e floresta de S. Gilles, situadas nas margens do Rhodano, proximo de Marselha. Porem os "actos" de sua vida estão repletos de erros; nem mesmo sobre a epocha em que viveu os historiadores estão em accordo. Alguns fallam no inicio do seculo VI, outros no VII. As vezes, é representado em companhia de uma gazella, estando sua mão pousada sobre a cabeça do animal. Isso por que, segundo a tradição, uma gazella, perseguida por caçadores, refugiou-se numa grota, onde justamente se achava Gilles. Uma flexa, errando o alvo foi, attingir o ermita. Desde então a gazella se mostrou submissa ao santo, vivendo a seus pés (Festejado em 1 de Setembro). — Existem varios outros S. Gilles, dous em particular, dos quaes o primeiro foi ermita na Toscania, no seculo VII e o segundo fundou um mosteiro nas Asturias, em 800. Tambem são honrados em 1 de Setembro.

GILLES de Corbeuil medico e poeta francez da Edade Media (fim do seculo XII e inicio do XIII). Ensinou artes liberaes em Montpellier e foi medico de Philippe-Augusto. Deixou numerosos tratados medicos em versos latinos e uma satira em 6 mil hexametros, contra o clero.

GILLES DE Muisis, chronista, nascido em Tournai, em 1272, morto em 1353. Ingressou nas ordens, em 1289, na abbadia de S. Martin de Tournai, da qual foi prior, em 1327 e abbade em 1331. Deixou duas chronicas latinas, que vão desde a creação do mundo até o anno 1352, exactas e utilissimas para a historia do norte da França.

GILLES de Bretanha, terceiro filho de João V, duque de Bretanha e de Jeanne de França, morto em 1450. Passou em sua juventude varios annos na Inglaterra, ligando-se a Henrique VI. Quando, em 1439, João V dividiu seus Estados entre seus filhos, deixou a Gilles um pequenissimo quinhão. Ao advento de seu irmão Francisco I, descontente com sua parte, Gilles reclamou collocando-se sob o protectorado do rei da Inglaterra, Henrique VI. O duque Francisco mandou prendel-o e conduzir a Dinan, em 1446. Mau grado os protestos do condestavel de Richemont, manteve-o prisioneiro, em Moncontour e no castello de la Hardouinaie, mandando, finalmente, estrangulal-o, apoz uma vã tentativa de envenenamento.

GISBERG, filha de Bernard Roger, conde de Foix, morta em 1049. Desposou, em 1036, Ramiro I, rei de Aragon, que trocou seu nome celtico de Gisberg e pelo nome gothico de Ermelinda e do qual teve duas filhas e dous filhos. Foi enterrada no mosteiro de S. Juan de la Pena.

GISCON, general carthaginez, morto em 289, antes de Christo Tendo se distinguido sob as ordens de Hamilcar Barca, durante a primeira guerra punica, recebeu o commando de Lilybéa e, com a paz, foi encarregado de levar de volta á Sicilia, os mercenarios, em 241. Estes, não tendo sido inteiramente pagos, se revoltaram e d'isso resultou uma guerra civil tão atroz, que foi chamada guerra inexpiavel. Giscon foi retido pelos mercenarios, que se apoderam do dinheiro, que elle possuia. Para lhe tirar toda esperança de recuperar sua antiga e prestigiosa posição, seus chefes os impelliram a massacrar os prisioneiros. Giscon foi executado com refinamentos de crueldade. Este episodio forneceu a Flaubert o assumpto para sua obra Salambô.

GISELA, GISLA ou GILDA, filha de Carlos Magno e de Gildegarda, nascida em 781. De conducta condemnavel emquanto seu pai foi vivo, foi encerrada, por ordem de Luiz o Bonacheirão. no palacio de Thermes, com sua irmã Rotruda, egualmente culpada.

GISELA, GISELLA ou GILDA, filha do rei Carlos, o Simples e de Frederona, nascida em 908. Pretenderam — erradamente — que ella foi dada em casamento a Rollon, duque dos Normandos apoz o tratado de Saint-Clair-sur-Epte; nessa epocha ella não tinha mais que trez annos de edade (911).

GISELA, primeira rainha da Hungria, filha do duque de Baviera, Henrique. Desposou Sto. Estevam, em 995 e foi coroada em 15 de Agosto de anno 1000. Tomou parte activa na conversão dos Magyares ao Catholicismo e fez ricos presentes ás egrejas fundadas por seu marido. Apoz a morte de seu filho Emerico conseguiu assegurar a a coroa ao Veneziano Pedro, sobrinho de Sto. Estevam (1301). Este, porem, se mostrou muito ingrato. Mandou prender Gisela, cujos bens foram immediatamente confiscados. Gisela regressou á Baviera e morreu como religiosa em Passau.

GISOLF, duque lombardo, de Friul, morto em 611. Associado ao throno por seu pai, Grasolf I, morreu, em 611, num combate contra os Avaros. Sua viuva, Romilda, sitiada em Friul pelos barbaros, viu seu rei do alto das muralhas e mandou lhe offerecer sua mão de esposa. Este fingiu acceitar, entrou na praça, saqueou tudo e mandou matar Romilda, apoz mil torturas.

GLAUCIO, pretor e agitador romano, morto no anno 100, antes de Christo. Partidario de Mario, amigo e cumplice do tribuno Saturnino, tentou obter o apoio dos Italianos, promettendo, em 105, o direito de cidadania aos que pudessem convencer de concussão um magistrado romano. No anno 100, para lhe assegurar o consulado, Saturnino mandou massacrar, em plena reunião eleitoral seu concorrente Memmion. Na mesma noite, os dous agitadores se apoderaram do Capitolio. Mario, nomeado dictador pelo Senado, teve que sitial-os, vencendo-os pela fome. O povo, depois, lapidou Glaucio e seus cumplices.

GLAUCIO, estatuario grego, nascido em Egina, tendo vivido no seculo 480, antes de nossa era. Executou a estatua e o carro de bronze, que Geleão, de Syracusa, mandou erguer no Altis do Olympo, em memoria de uma victoria que obtivera contra poderoso adversario, no stadio; é tambem o autor das estatuas de Philon, de Glauco de Carysta e de Theagena, de Thasos, coroado nos Jogos Olympicos com a edade de 9 annos.

GLAUCON, philosopho da Grecia do seculo IV, antes de Christo. Irmão de Platão, figurou na Parmenide e na Republica. Tal vez convenha identifical-o com o Glaucon a quem Diogenes Laercio attribue a composição de varios Dialogos.

GLAUCOS, estatuario grego, do seculo VI, antes de Christo nascido em Chio. Sua obra mais celebre foi uma base de ferro onde se viam encastoadas figuras de animaes e plantas, supportando uma cratera de prata. Foi doada ao templo de Delphos, por Alyatta, rei da Lydia. Glaucos inventou — segundo alguns historiadores — a arte de soldar os metaes.

QUEIMA ESTA CARTA!

CONTO DE ANDRE' BIRABEAU

Um baile em 1830 — Caricatura de Daumier.

Um baile em 1898 — Caricatura de Cham.

Um baile de hoje.

Gisela Maussene enchia de benzina seu briquet, quando a criada abriu a porta, para annunciar a chegada de Chanzely.

— Diga-lhe que entre!

Chanzely appareceu immediatamente.

— Que entre... e se dispense de beijar minha mão. Está cheirando a benzina... Bom dia, meu caro Chanzely. E' muito gentil, visitando-me... continuando a me visitar...

— Nada mais natural... Nosso pobre Bertrand se foi... mas nossa amizade não morre. Como está passando?

— Hum... vive-se!

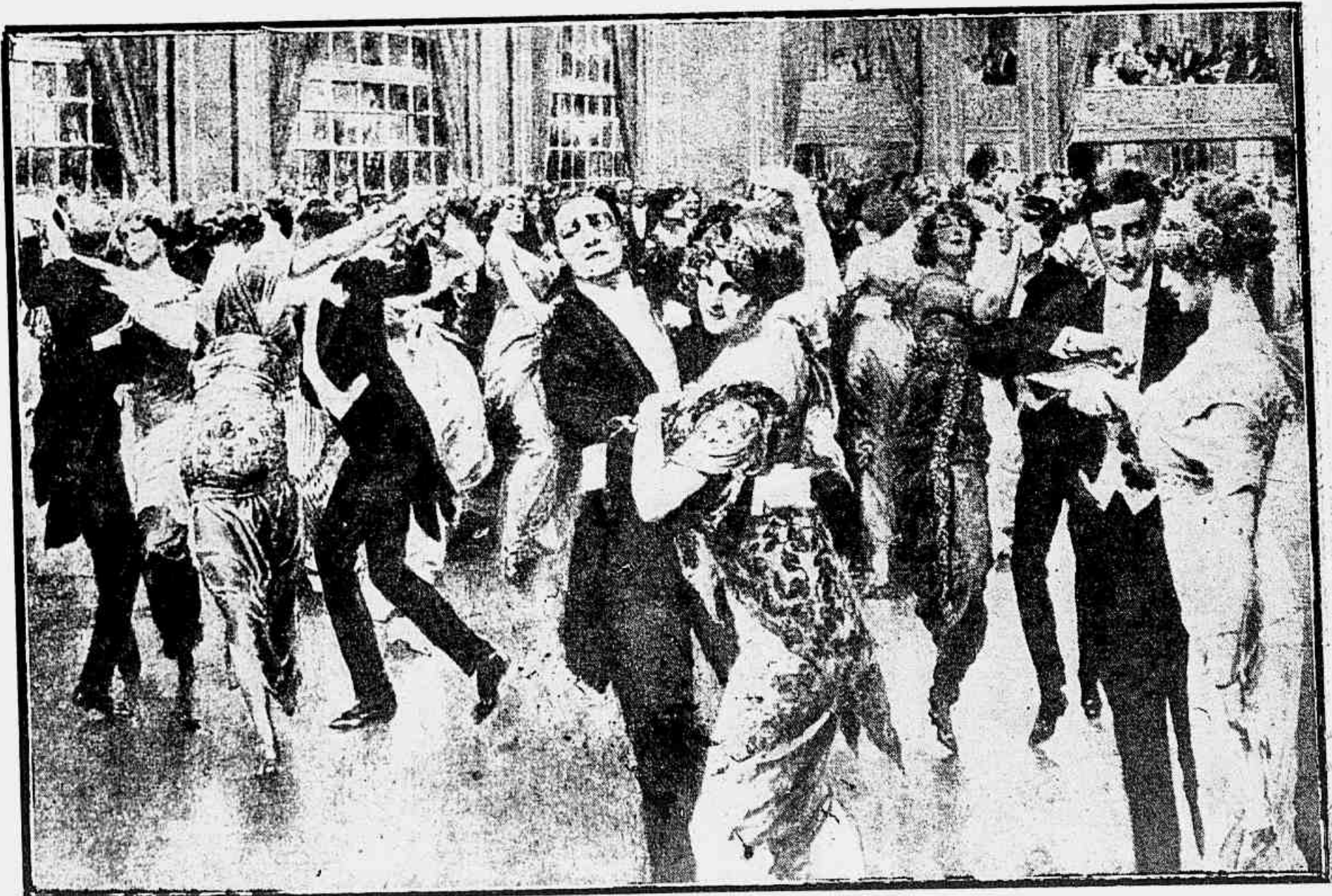
— Já é muito.

— Ou bastante?

— Bastante... para começar...

— Comprehendo... Quer dar a entender que eu acabarei por me consolar? Tambem o creio. Meu amor por Bertrand era muito grande. Mas, note bem: justamente porque era vasto e completo... sua morte não me desesperou. Comprehenda: o que eu amava nelle não era apenas seu ser vivo, era tambem sua intelligencia, sua gloria... Ora, sua intelligencia não me abandonou, não pode me abandonar, porque está em seus livros... e (se a palavra gloria lhe parece excessiva, digamos: sua influencia) sua influencia não cessou neste mundo, continua a agir com força, quente, vivaz... Bertrand chegou a ser um grande estadista... Quando homens com seu valor morrem, não desapparecem inteiramente... A morte não leva tudo d'elles. Perdi simplesmente o homem, que eu amava, mas não perdi o homem, que eu admirava. Tanto mais quanto, em vida, por seus multiplos affazeres, quasi não vivia a meu lado... Embora sua esposa, eu não passava de uma deliciosa aventura, quasi uma "confidente mundana", aquella, que, embora muito amada, elle era constantemente obrigado a deixar... Assim, hoje, procuro imaginar que elle partiu mais uma vez para uma d'essas viagens em que eu não podia seguil-o... Uma viagem, que vai durar mais tempo do que as outras...

— Mas... Durante essas viagens... elle lhe escrevia?

— Sempre! Cartas immensas. Tão interessantes, profundas, espirituaes... Tinha grande confiança em mim. Sabia que podia me dizer tudo, nessas cartas... Mesmo os segredos de Estado... Mais até! Tambem as anecdotas do Estado! Moldara meu espirito e me tornara capaz de comprehender os mais altos problemas politicos. Fallava-me sobre tudo isso, longamente. São as mais bellas cartas de amor, aquellas em que o apaixonado não se limita a dizer:

Um baile em 1910 — Desenho de Simont, publicado, na epocha ,pela "Illustration Française"

O sorriso de Norma Shearer

E as curvas de Mae West.

"Amo-te. E's bella! Quero-te sempre a meu lado!" Naturalmente, tambem encontrava essas palavras nas cartas de Bertrand. Mas não apenas isso. Ellas segredavam, bem junto de meu ouvido, com liberdade, quasi com o prazer de uma creança indiscreta, toda a historia ignorada da diplomacia e da politica, nestes ultimos annos. Mil e uma anecdotas impagaveis. Cem *retratos* de todos esses grandes homens, que eram seus intimos... Ministros, reis, dictadores, altos funccionarios. E, tudo, traçado em poucas linhas, com uma lucidez e uma justeza extraordinarias. Quando lia suas cartas, eu, simples mulher, pensava com orgulho: "Tenho um Saint Simon, para mim sómente!"

— Sómente seu?

— Oh! Tenho a certeza! Eu sentia que aquellas paginas eram confidenciaes. Em todas, elle deixava um *post-scriptum*: "Queima esta carta". Naturalmente, era uma recommendação inutil. Nunca repeti, a quem quer que fosse, uma só de suas palavras. Elle me amava muito para ter segredos commigo. Eu o amava muito para repetir o que elle me dizia...

— Comprehendo...

Chanzely pronunciára esse "comprehendo" em um tom maldoso, arrastando as syllabas, distendendo os labios... Com um sobresalto de surpreza, inquieta, ella perguntou:

— Que significa...?

— O seguinte... Como deve saber, eu, velho amigo de Bertrand, fui encarregado da execução de seu testamento e tratei de pôr em ordem seus papeis... Hontem, numa grande caixa de cartas, descobri certa correspondencia...

— Ah... Cartas de... mulher?

— Não. Cartas de Bertrand.

— A outra mulher?

— Não. A você.

— Não comprehendo.

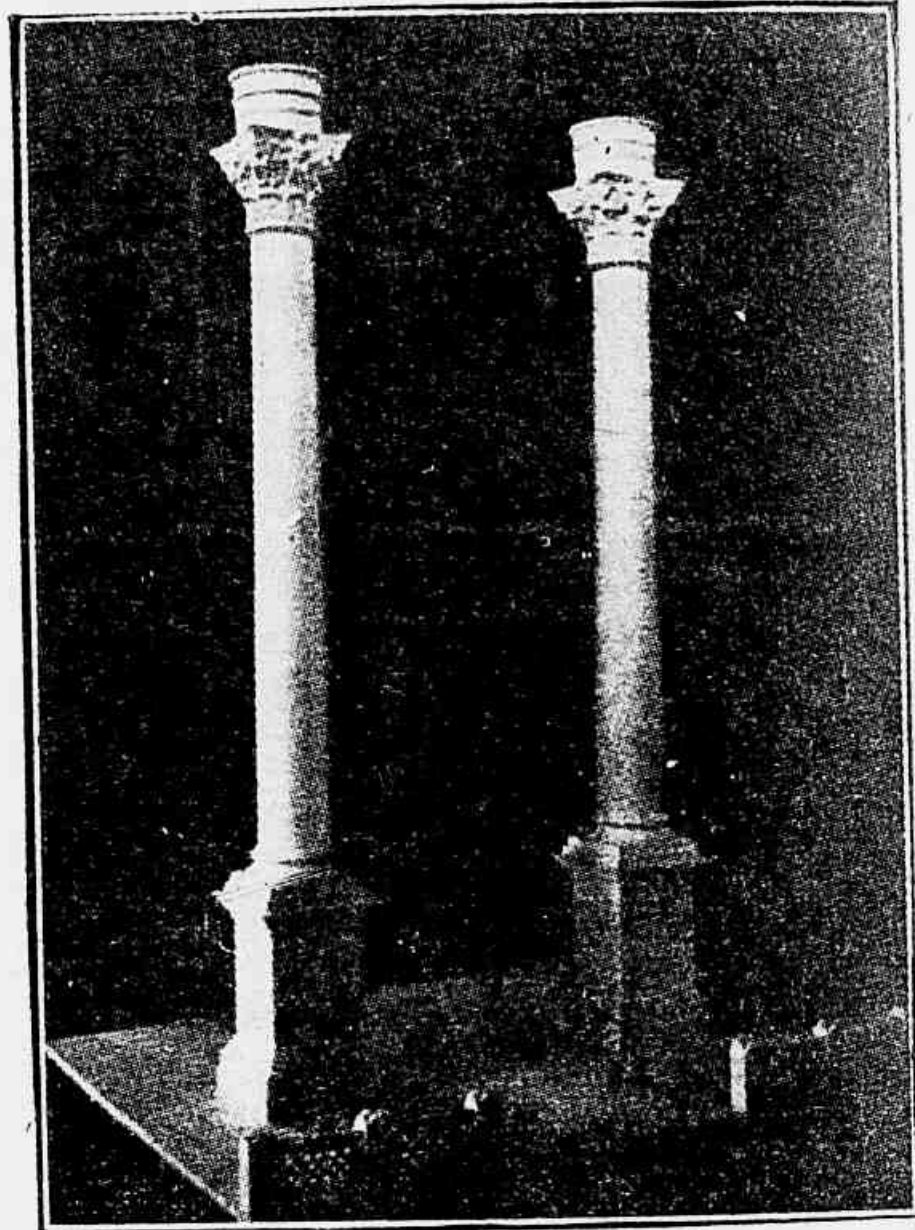
— São copias das cartas, que lhe escreveu...

E exhibe um masso — um gordo masso. Gisela examina... São as mesmas. Tudo alli está. Recorda-se d'esse gracejo, d'essa opinião, de uma certa anecdota... Mas então...? Então... aquellas paginas cuja sinceridade a encantavam... tinham sido adaptadas, para formar uma especie de fichario politico? Mas não! Era muito peior. Quando as escrevia, Bertrand tirava copias! Alli estavam tambem as palavras de amor, as confidencias... Por que? Para que? Oh! Sem duvida por que, no momento de as collocar no enveloppe, relera-as, achara-as interessantes, espirituosas, profundas... Tivera, certamente, a impressão de que seria lamentavel que se perdessem. Então copiara todas — sem ter ainda noção de como seriam aproveitadas... E continuara a fazer isso, sempre que lhe escrevia... Decidido a utilisal-as, mais tarde... para seus velhos dias... ou para sua gloria posthuma...

E ella que acreditava receber cartas, quando, na verdade, lia paginas de um futuro volume de Memorias! Acreditara ser uma confidente e fôra apenas uma primeira leitora! As palavras de amor, que surgiam nas entrelinhas..." minha querida, eu te amo... beijo-te as mãos" eram simples ornamentos e não gritos do coração... Era um recurso litterario... Que desillusão e que repugnancia.

— Julguei que não devia entregar essas copias aos herdeiros — proseguiu Chanzely — Seriam capazes de publical-as. Ora, como está escripto, no fim de todas ellas, "Queima esta carta" e foram, todas, dirigidas a você, julguei que as copias tambem lhe pertenciam!

Era verdade. Elle levára o cuidado ao extremo de

Uma cama... para quem não pretende dormir — Contem, no espaldar da cabeceira, um telephone, um apparelho de radio, um despertador e uma estante. Admitamos que esta só abrigue livros soporiferos; mas todos os outros apparelhos são proprios para tirar o somno.

A arte de Roma imperial — As columnas, que marcavam o fim da via Appia, em Brindisi.

Aproveitando os "sem trabalho" e attendendo á urgencia do serviço, a municipalidade assim manda fazer o trabalho de pintura das faixas brancas, que se tornaram indispensaveis, nas ruas de Londres, nas noites sem illuminação. Uma tira de folha de Flandres, com 12 metros de comprimento e as convenientes aberturas, é carregada por doze homens que, de doze em doze metros, se detêm, collocam a tira no chão e, com um só movimento do largo pincel com que estão munidos, pintam o asphalto.

copiar até o infallivel "Queima esta carta", do *post-scriptum!* Para lhes dar maior sabor, como um *sello de authenticidade!* Inacreditavel... Mas, teria copiado tambem certa carta de Genebra?

Vivamente, abre um pequeno movel, puxa uma gaveta, retira um masso de papeis, percorre-o febrilmente...

— Sim! Copiou tambem esta!

— Ah! — exclamou Chanzely — Então... não as queimou?

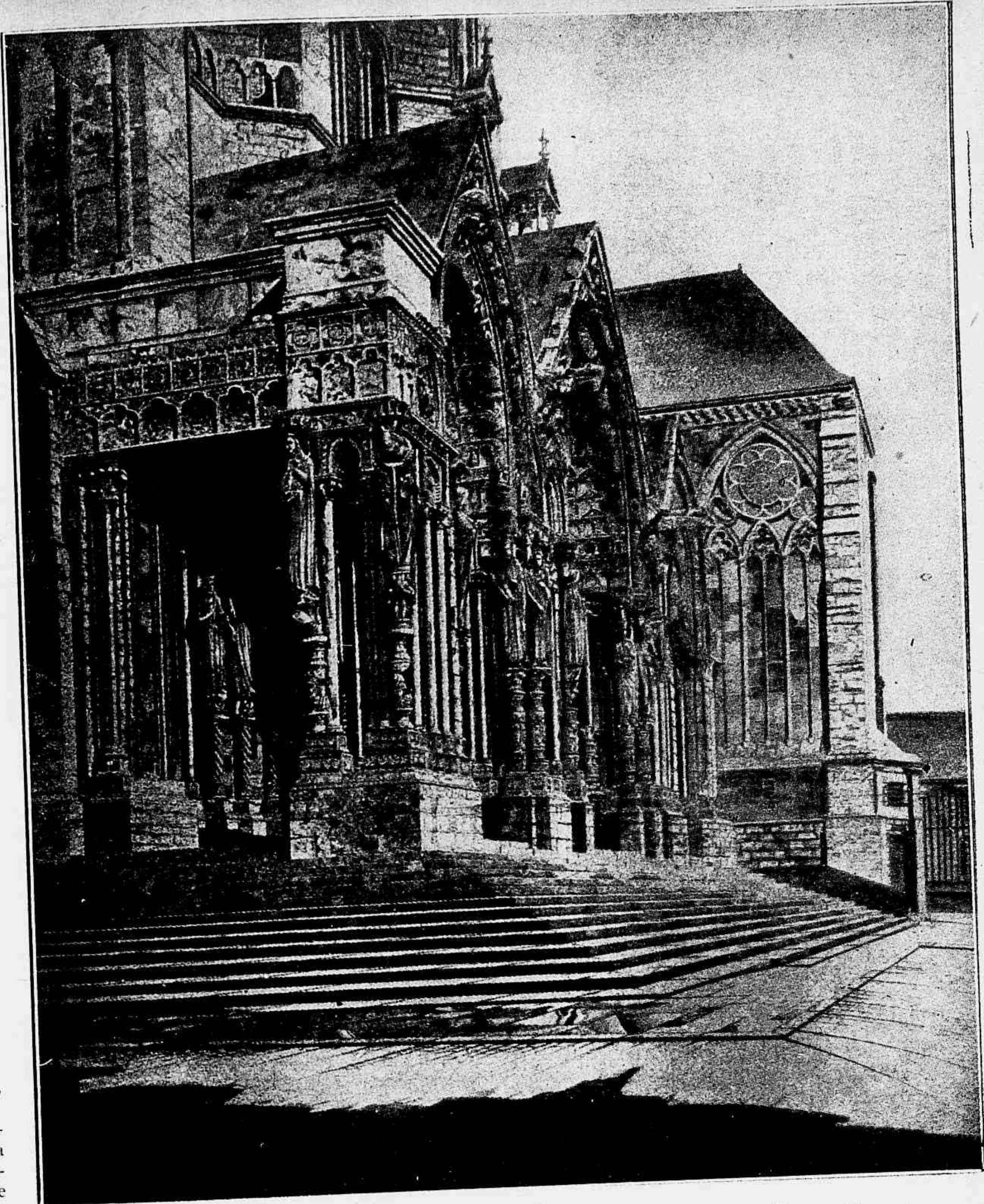
Ella deteve o gesto, labios entreabertos, sentindo as faces em fogo.

Não. Não as queimara, por que? Repentinamente, comprehende — porque, por mais bizarro que seja, ella jamais o notara — não as queimara por que, confusamente, tivera tambem a impressão de que seria pena que se perdessem... desapparecessem. Tambem ella, confusamente... muito confusamente, tivera a idéia — *ou a esperança* — de que, um dia, aquellas cartas de um grande homem, dirigidas a ella... tão interessantes, tão espirituaes, poderiam ser publicadas e uma longa posteridade repeteria seu nome... juntamente com o d'elle.

Seus labios se contrahiram, numa triste expressão de vergonha.

— Ah! — gemeu — E elle me amava... E eu o amava... Como pode, num grande amor, entrar tamanha dose de vaidade! De vaidade, de ambição e de mentira!

Com um gesto brusco atirou ao ladrilho do terraço, os dous massos — as cartas originaes e as copias — lançou sobre elles o conteudo do pequeno frasco de benzina e, com seu briquet de ouro e esmalte, provocou a destruição.

ANDRÉ BIRABEAU.

As maravilhas da architectura medieval — Parte da fachada da cathedral de Chartres (França).

Aspectos novos de Londres, em consequencia da guerra — A reducção no consumo de gazolina fez apparecerem nas ruas milhares de bicyclettes e de vehiculos de tracção animal.

Uma trabalhadora de 110 annos — Ha casos excepcionaes de longevidade, taes como o que agora foi divulgado por um jornal de Belgrado. Segundo uma informação de Smolensky uma mulher com 110 annos trabalha ainda para a Prefeitura de Sytkovo.

Matrena Smirnova, nascida em 1824, foi varias vezes recompensada em razão de seu assiduo labor em suas propriedades. Viver ainda, continuar valida em sua edade, já seria raro, porem trabalhar sem sentir mais do que os outros o peso dos annos deve ser rarissimo.

◆◆

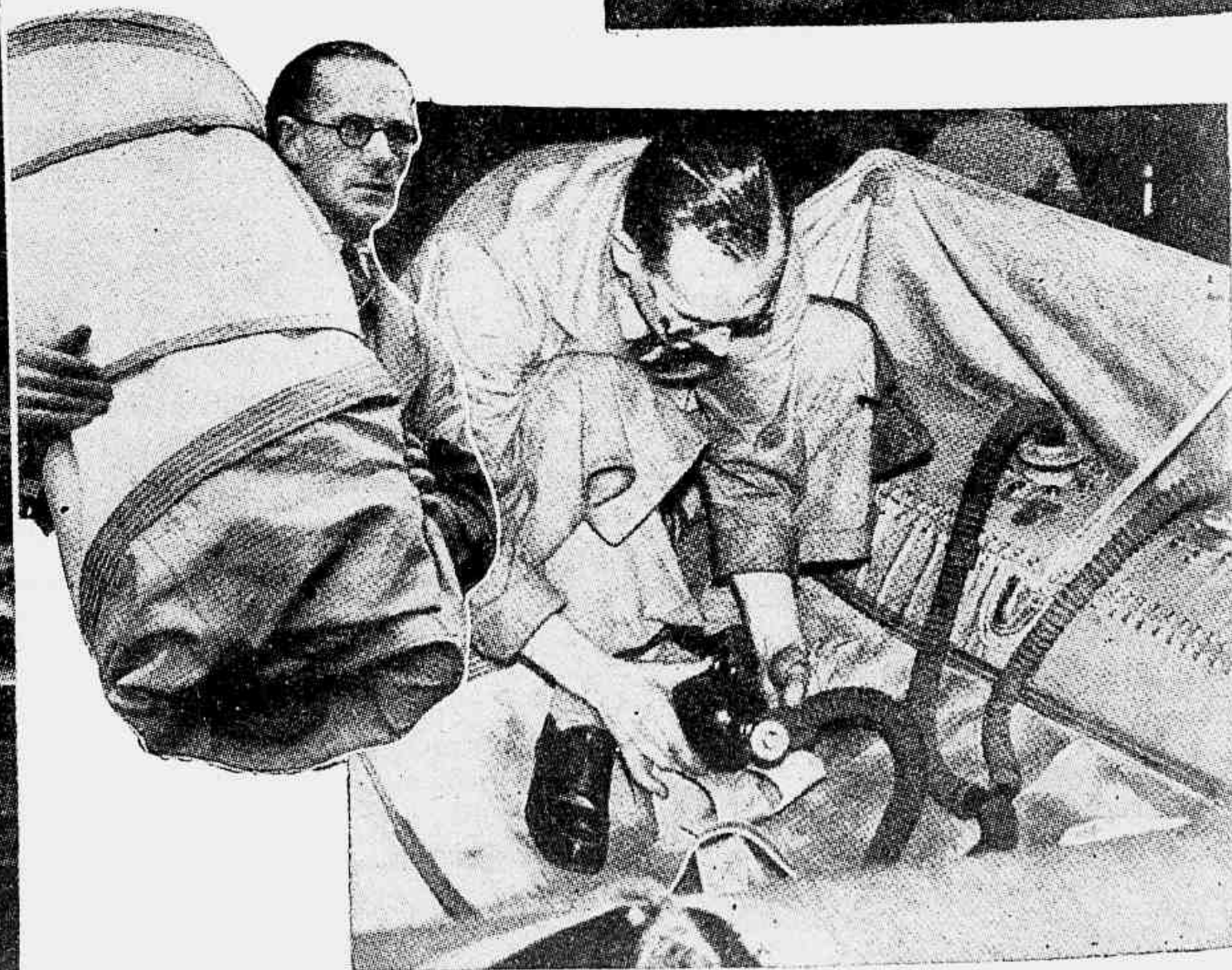
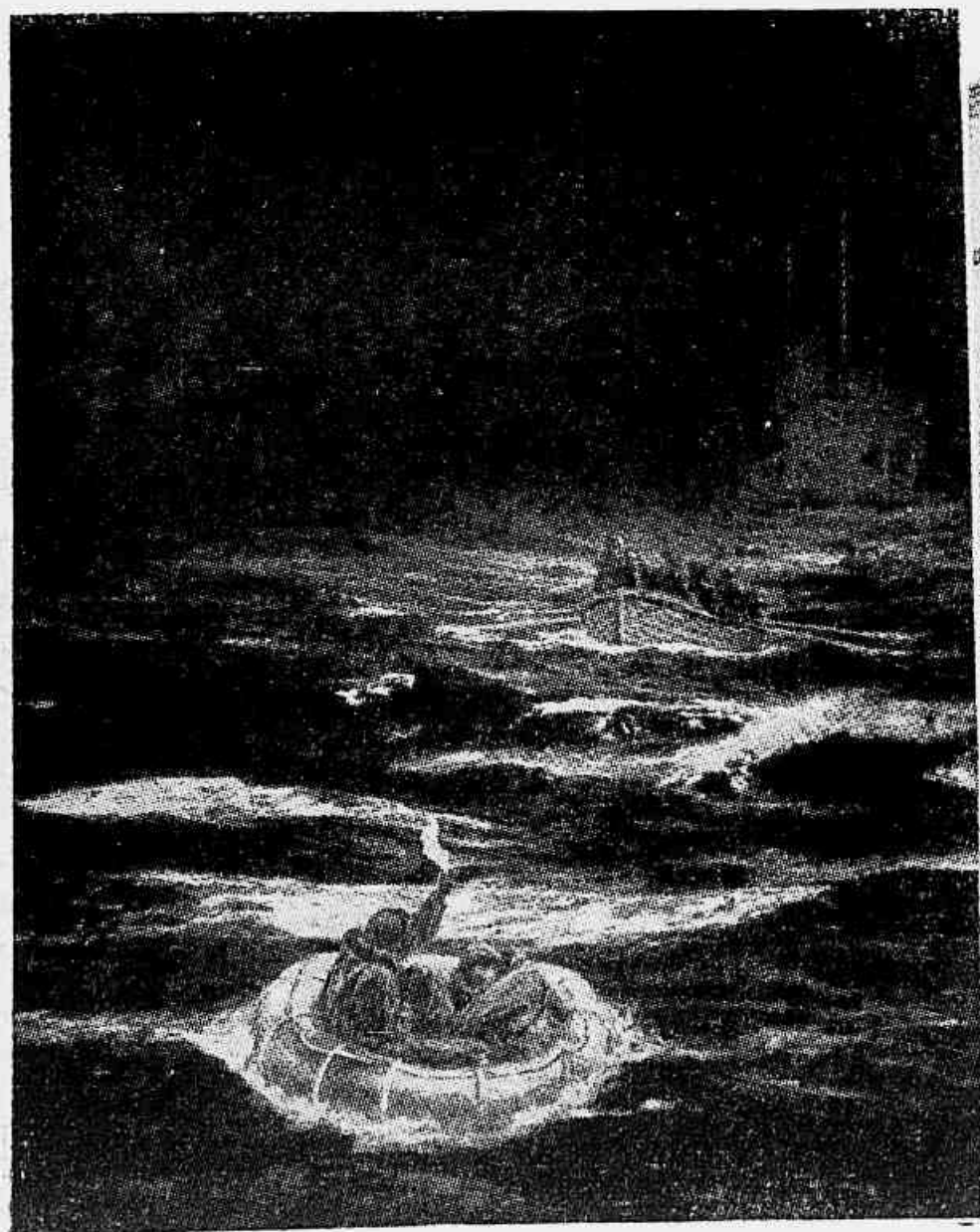
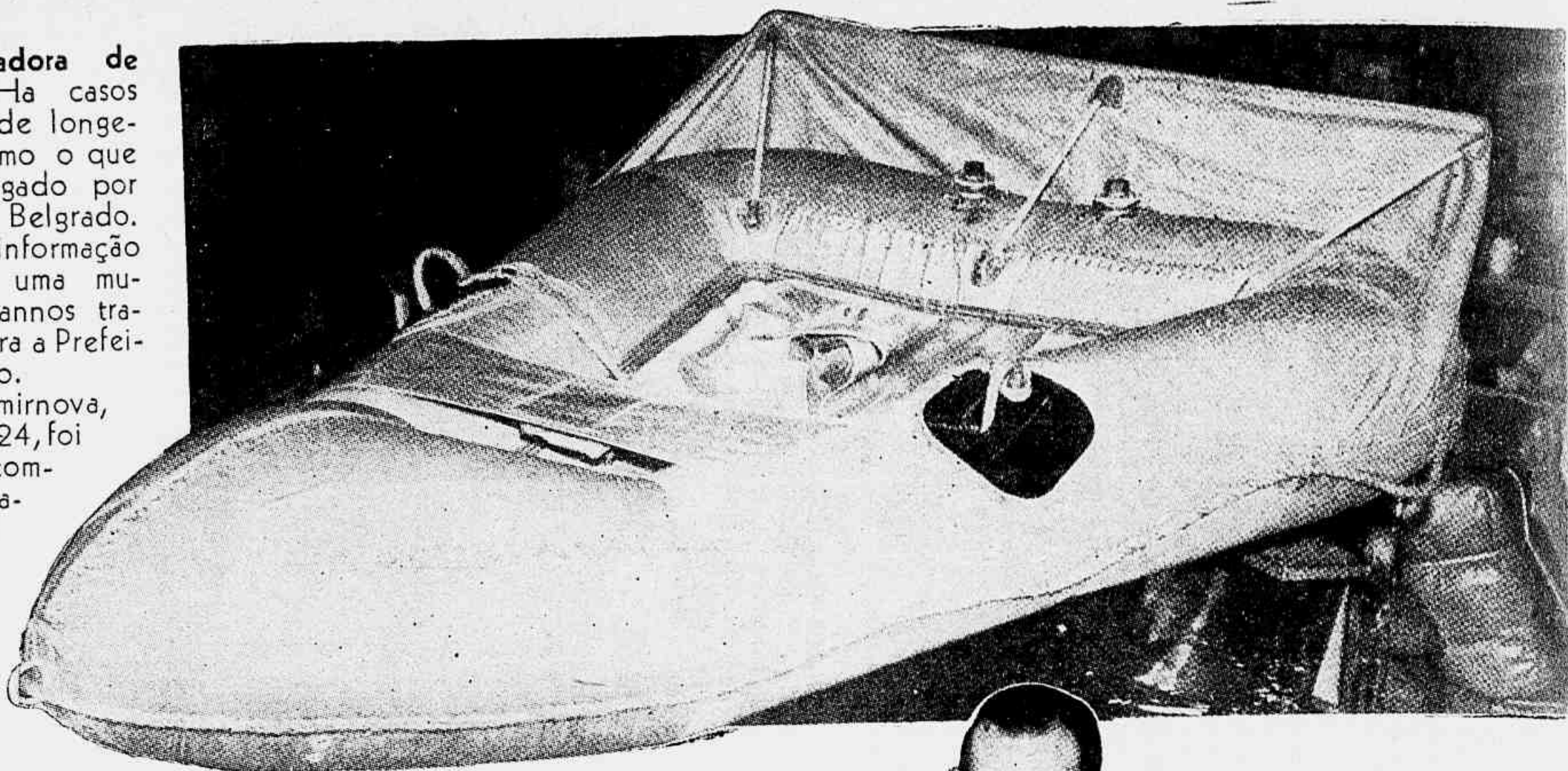
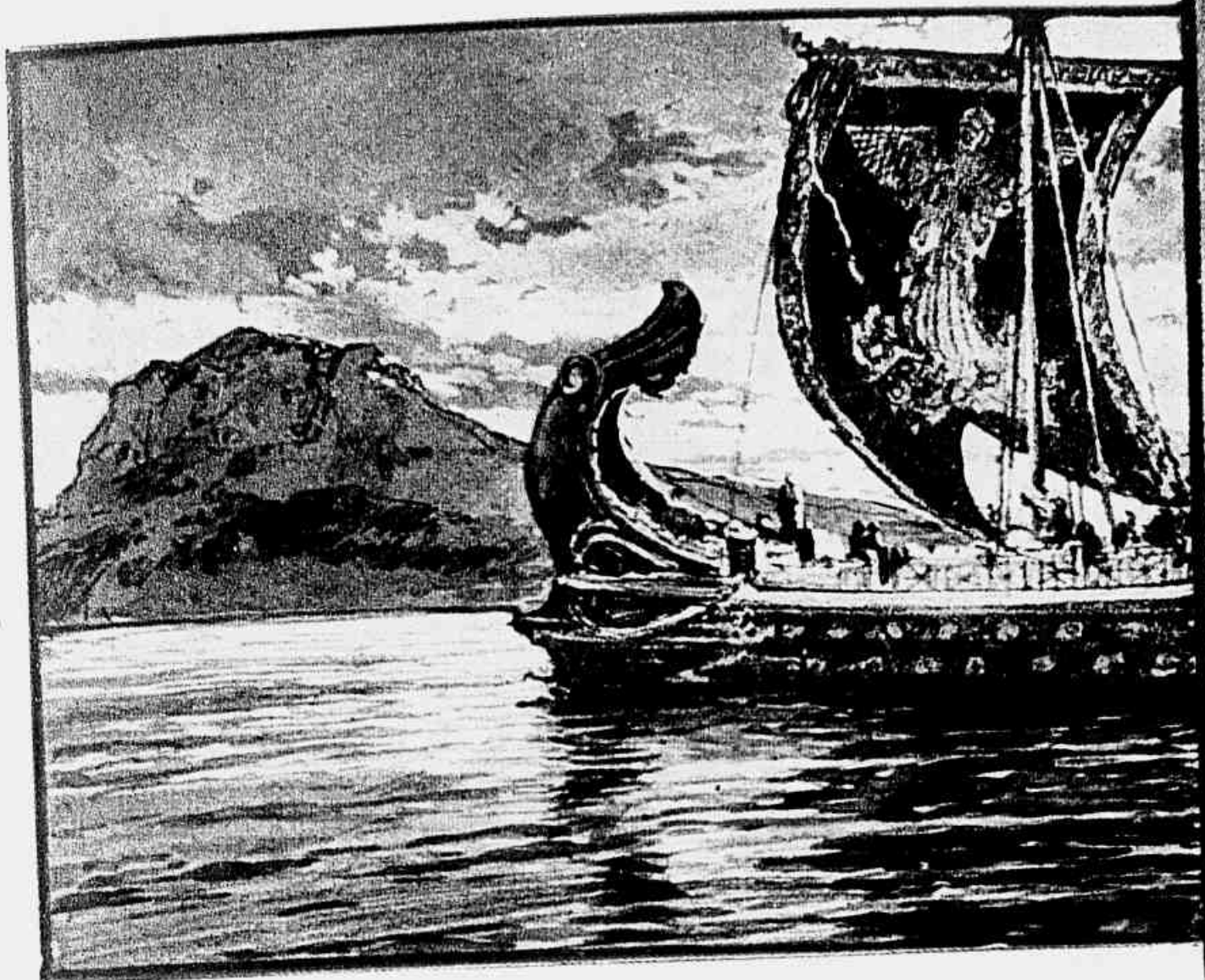
A maior ilha da Terra é Bornéo, com uma superficie de 554.000 kilometros quadrados.

Esse titulo lhe foi conferido depois que a Australia, com seus 7.800.000 k.q. passou a ser considerado um continente.

A superficie de Bornéo é egual á da França, ou á da Inglaterra e a Italia juntas.

✦ ✦

Entre todas as molestias da alma, a mais grave é a indifferença — *Fenelon.*

Novos typos de barco de borracha, que podem ser montados e utilisados em alguns minutos — Modelo triangular, adoptado pelo ministerio do ar, na Inglaterra, para os aviões. *Ao lado* — Um tripulante remando num d'esses barcos. *Em baixo* — O mesmo barco, tal como é levado no avião, não occupa mais logar do que uma bolsa de viagem.

Barco redondo para duas pessoas — Boiando, fechado e sendo armado, com o auxilio das botijas de ar comprimido que vão no envolucro.

A galera de Tiberio, na bahia de Napoles

Tiberio, o Ogre de Capri

Das sereias de Ulysses, ás execuções do anno I — O imperador misanthropo, suas infamias e seus pavores.

Todas as legendas dos Gregos da edade heroica tiveram como base, motivo ou inspiração, um facto real, verdadeiro. Era diante de Napoles, em torno da ilha **dei Capri** que uma d'essas legendas dizia surgirem as **sereias**, creaturas maravilhosas, mixto de belleza e imperfeição porem dotadas com tal encanto que ninguem sabia lhes resistir. Um só homem foi capaz de affrontar essa região, sulcal-a com sua nau aventureira e proseguir com vida — o astucioso Ulysses — e esse mesmo graças á sabedoria da feiticeira Circê, que lhe ensinou as precauções nessessarias: — obturar com cêra as ouvidos de seus marinheiros e fazer-se amarrar, elle mesmo, no mastro principal de sua galera.

Só assim conseguiu escapar á sorte de todos os que o tinham precedido naquella travessia e, seduzidos pelo canto das sereias e sua apparente belleza, se lançavam ás aguas transparentes do golfo de Napoles e alli pereciam.

Pois bem, até hoje, não se sabe por que, essas paragens attrahem e prendem annualmente creaturas de todas as nacionalidades, que, tendo, uma vez, conhecido Capri, nunca mais deixam de voltar alli a cada verão ou se installam definitivamente em seu territorio.

Por que? Entre os proprios nativos da ilha famosa, os mais cultos se confessam estupefactos. Capri não possue nem sombra do conforto, que, em nosso tempo, pode deter os **touristes** habituados a bem estar. Praticamente, só ha, alli, uma praia e não tem mais de cem metros — a chamada **Marina Grande.** Não possue uma nascente; só pode utilizar aguas da chuva, felizmente abundantes, recolhidas em antiquissimas cisternas e transportadas por toda a ilha, como antes de Christo, em cantaros de barro, ou grandes marmitas de cobre.

Tambem como nos tempos anteriores a Jesus, essas vasilhas são levadas pelas asperas estradas de Capri por mulheres moças e esbeltas mas singularmente robustas. Esse é um dos encantos indiscutiveis da ilha. Encontrar uma d'essas creaturas, observar sua silhueta, admirar a graça senhoril com que caminha, erecta, equilibrando a pesada carga sobre a cabeça, é ter a impressão das mais formosas cariatides de Athenas ou Coryntho animadas por milagre.

Outro inconveniente que a ilha oppõe aos habituados a conforto é o dos transportes. Não ha em Capri cem metros de rua ou estrada nitidamente horizontal; por isso o meio mais pratico, se não o unico, de ir de um ponto a outro, é montar um burro. Nisso, como em varias outras cousas, Capri se conserva tal como era no tempo em que só os Phenicios alli tinham uma colonia. Mas, ainda assim, com a só belleza de sua vegetação intensamente italiana, o azul incrivel de seu céo, a symphonia de verdes inimaginaveis de seu mar, a transparencia maravilhosa de sua atmosphera, Capri continua a ter fieis apaixonados.

Hoje, como no tempo dos Phenicios, são as mulheres as que transportam a agua em grandes vasilhas de cobre, por toda a ilha de Capri.

Outra mysteriosa curiosidade d'essa ilha é a men-

ialidade de seus nativos, que parecem nascer e viver dominados pela lembrança de Tiberio. Esse imperador não prestou a Capri nenhum serviço; não deixou um só melhoramento, como recordação do tempo em que residiu alli; foi um governante arbitrario, perseguidor, criminoso, mas pelo só facto de haver escolhido esse recanto de terra para abrigo dos ultimos annos de sua vida, os Capriotas lhe conservam uma especie de culto, referindo-se a elle como se tivesse morrido ha poucos dias.

Mais até. A obsessão do sombrio imperador chega a tal ponto que um estrangeiro recem-chegado pode incorrer em grave equivoco, imaginando que o palacio de Tiberio ainda se ergue imponente e intacto no alto da mais visivel collina da ilha — **il Capo**.

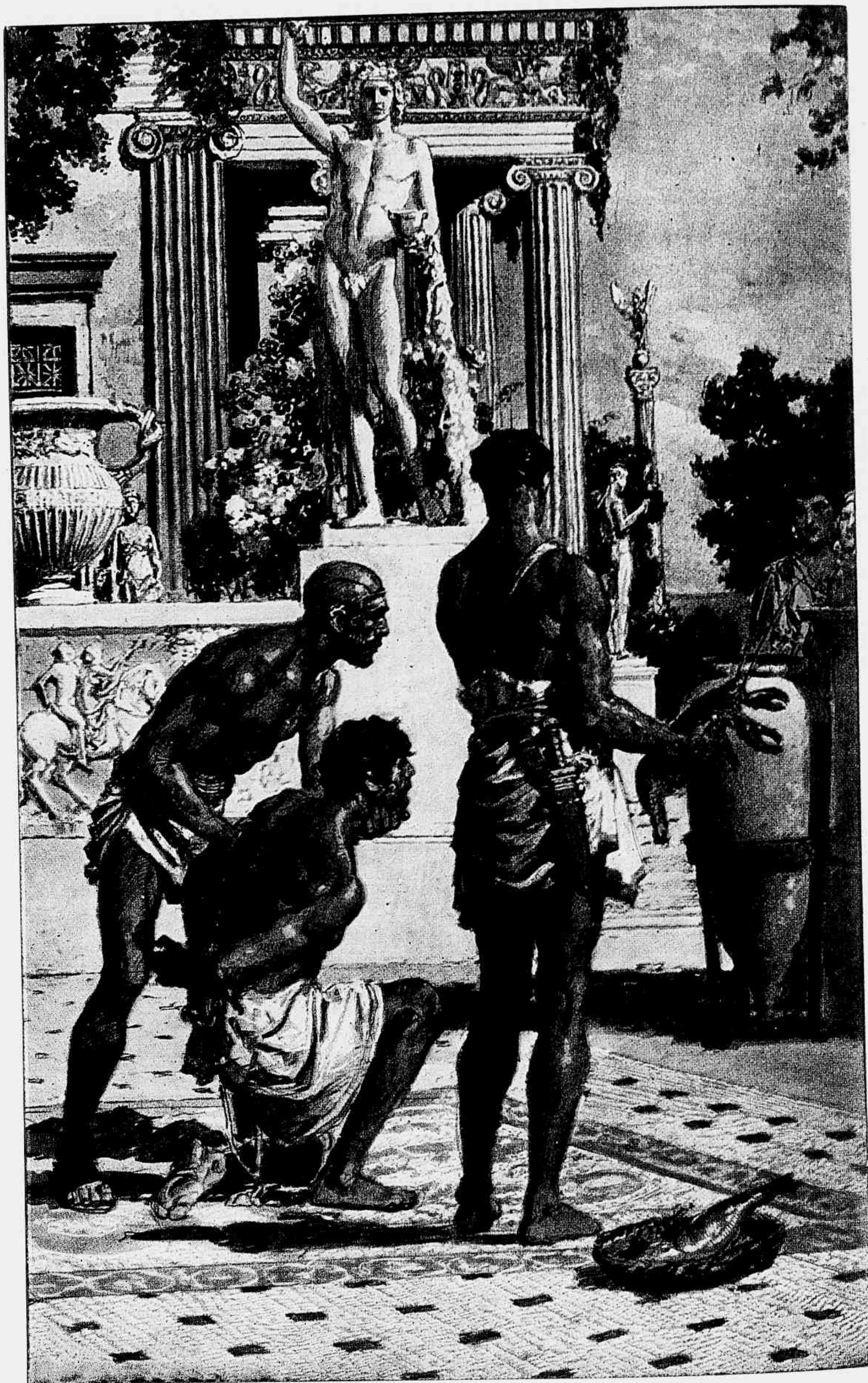
Restam alli apenas alicerces e alguns mosaicos de pavimento; mas os Capriotas se referem a suas grandiosas columnatas, a suas portas finamente lavradas, a suas estatuas e terraços com tanto orgulho como se ainda os tivessem diante dos olhos.

Para os que estudam historia, Capri vale principalmente pelas recordações do terceiro imperador de Roma, o homem, que, tendo organizado o imperio com solidez bastante para nada temer por sua segurança, abandonou voluntariamente os muitos edificios, que tinha á sua disposição, em Roma, para viver no palacio colossal e deslumbrante, que para esse fim mandou construir no **Capo**.

Como explicar sua preferencia por uma vida isolada?

Os pesquizadores buscam em vão as causas d'essa singularidade. Os mais logicos recordam que, durante muito tempo, a desconfiança de Augusto submetteu-o a viver relegado em Rhodes; e acreditam que essa especie de prisão, talvez não injusta mas de certo cruel para um homem ainda moço e cheio de ambições, marcou o caracter de Tiberio com incuravel misanthropia; outros preferem attribuir seu afastamento de Roma a uma manifestação nervosa e torturante, a phobia dos rumores, muito commum nos semi-loucos, com a monomania da crueldade insaciavel e sadica.

Essa versão parece creditada pelo seguinte episodio, que varios chronistas do tempo registraram.

Durante os onze annos de residencia em seu sumptuoso refugio, duas vezes Tiberio considerou indispensavel ir a Roma. Em ambas se aprestou a galera imperial, organizou-se a escolta de legionarios e Tiberio partiu; mas, na primeira como na segunda vez, apenas chegou a certa distancia, o imperador mandou deter sua liteira e se immobilisou, dando mostras de profunda inquietação. Chegava lhe aos ouvidos o rumor confuso e incessante da actividade citadina. Elle mesmo explicou ao medico, que acudira, solicito, a seu lado: Acostumara-se ao silencio magnifico de sua ilha; não podia mais supportar o zumbido d'essa colmeia humana, que é uma grande cidade.

Tiberio recebeu as palavras do ingenuo pescador como uma inspiração e, em vez de

Na segunda jornada, forçado talvez por considerações imperiosas, levou mais longe a experiencia, chegou mais perto das muralhas de Roma; teve porem que recuar ainda mais rapido do que na vez anterior.

Ha ainda uma terceira corrente, que dá ao exilio de Tiberio uma explicação psychologica.

Perverso e mau, sem a audacia de Nero nem a inconsciencia de Caligula, Tiberio tinha medo de expandir seus instinctos na cidade onde seus actos teriam forçosamente milhares de testemunhas — inclusive sua mãe,

peixe ligeiramente aspero, mandou utilizar uma lagosta, no castigo, que determinara.

que fiscalisava seus actos com alarmado zelo.

E elle não imaginava que reacções poderiam haver no povo, ainda não habituado aos excessos do poder absoluto. Em Capri, com uma guarda segura, poderia fazer tudo quanto lhe aprovesse e o segredo de seus actos morreria alli, com suas victimas.

Conta a Historia que Tiberio se descuidara de pagar os trezentos sestercios, **per capita**, que o imperador Augusto deixara ao povo romano, em seu testamento. Um dia, quando passava pelas ruas mais frequentadas um funeral, viu-se um homem do povo tomar posição e, no momento em que o cortejo se approximou, adiantar-se para murmurar qualquer cousa ao ouvido do morto. Quando foi interrogado sobre esse extranho acto, replicou que enviara a Augusto, no outro mundo, um recado, denunciando que sua herança não fôra paga.

Tiberio, informado do incidente, ordenou que o humorista fosse preso e levado a sua presença. Tendo-o a seus pés, entregou-lhe trezentos sestercios e declarou:

— Agora condemno-te á morte, porque assim poderás ir pessoalmente dizer a Augusto que já recebeste a parte que te cabia.

Como replica — em palavras — seria digna do humorista; porem Tiberio levou alem sua desforra e o infeliz foi executado.

Entretanto, por vezes Tiberio se mostrava disposto a governar nobremente, affectando modestia e amor á Justiça.

Assim foi esse extranho typo de homem, que, um dia, mandou aprestar uma veloz **trireme**, abordou a ilha de Capri e nella desembarcou, com a resolução subita de não mais voltar a Roma.

Capri era um retiro ideal. D'ella, o imperador podia alongar o olhar alem, por quarenta ou cincoenta kilometros em redor. Capri se tornou, então, para elle, o mundo; e alli viveu, cercado por milhares de escravos, promptos a obedecer, sem reflectir. A ordem era "Não fallar. Não ver."

Felizes por estar em uma região onde havia sempre sol e onde o ar sempre puro revigorava seus musculos, esses escravos trabalhavam com a alacridade de verdadeiros Romanos. Em breve, edificios magnificos surgiram, embellezando a ilha para a qual vinham os melhores materiaes de Roma e de Carrara. Corintho lhe enviou o metal trabalhado, que, até hoje, não encontrou similar. No coração da ilha, habeis artifices construiram adoraveis imitações de edificios romanos, em pequenas praças calçadas com mosaicos.

A magnifica Villa Jupiter, coroando o ponto mais elevado da ilha — il Capo — era como um pedaço do Paraizo, quando o Sol brilha no Zenith. Porem Tiberio quiz que tambem fosse perfeita, nas sombrias horas da

O cão fiel atirou-se ao rio atraz do corpo de seu dono e desappareceu com elle.

noite. Mandou construir um pharol colossal cuja luz foi disposta de tal modo que, á distancia, brilhava exactamente como a Lua. Essa similhança foi mencionada por muitos escriptores contemporaneos.

Não é possivel repetir aqui tudo quanto occorria na famosa Villa Jupiter e muito menos expor a formidavel organização creada unicamente para distrahir o imperador. O proprio ceremonial, que se desenrolava diariamente, nesse scenario de belleza deslumbrante, se baseava em praticas immoraes e deshumanas.

Porem, mesmo afastado do throno romano, quizesse-o ou não, Tiberio tinha que encarar os problemas de Estado e, embora raramente, era forçado a se lembrar de que era o imperador. Para isso, foi creado um systema de signaes visiveis da terra mais proxima, a peninsula de Sorrento e muito similhante ao que ainda hoje usam os signaleiros militares e navaes, para a transmissão de ordens e informações. Assim, uma mensagem podia ir de Roma a Capri e vice-versa, em reduzido espaço de tempo. Nesses instantes, Tiberio retomava as redeas do governo, installado no parapeito circular, circumdado por magnifico terraço, na ponta extrema da Villa, de onde recebia e transmittia mensagens. Anno apoz anno, tudo fez para não abandonar a ilha.

Enviara sua esposa — sem quaesquer meios de subsistencia — para a ilha de Pandataria, onde a infeliz pouco tempo poude viver, miseravelmente. A morte, que tudo elimina, poz fim a seus soffrimentos. Egualmente são conhecidas as atrocidades praticadas por Tiberio, na propria ilha de Capri. Não distante de Villa Jupiter ha uma rocha com cerca de trezentos metros de altura, enfrentando o mar com sua face mais perpendicular. Do alto d'essa rocha muitos infelizes foram lançados ao abysmo, para que "não contassem o que sabiam".

Mas Tiberio estava ainda longe de alcançar o apogeu da crueldade. Elle dirigira pessoalmente parte da construcção de suas villas, usando todo o engenho dos architectos, para tornar não apenas difficil mas impossivel qualquer accesso á Villa Jupiter.

Um dia, quando caminhava só, entre a dupla fileira de columnas, que supportavam uma pergola, por onde se extendera maravilhosa parreira, deteve-se, medroso e estupefacto, ao ver duas mãos surgirem acima do parapeito. Pouco depois, num impeto moço e agil, surgia um homem. Desconhecendo as intenções do jovem e vigoroso visitante, Tiberio sentiu um frio mortal invadir seu fatigado corpo e ficou como paralysado, com as pernas tremulas e os pés cravados ao solo. Tinha razões multiplas para não desejar um encontro, face a face com ninguem, estando só ou pouco protegido. Principalmente quando esse alguem era de physico robusto.

Mas o homem galgara completamente o parapeito e se deixára cahir de joelhos, sem esconder em seu rosto moreno e nos grandes olhos, negros e profundos, a emoção de que se achava possuido, por se ver em face do imperador. Com audacia e agilidade incriveis, subira, de rocha em rocha, até a mais alta muralha da villa, com a unica intenção de lhe offerecer, com suas proprias mãos, um dos mais preciosos exemplares do mar de Capri, pois sabia que Tiberio tinha especial enthusasmo por essa especie de peixe — um barbeto.

Mas Tiberio não teve tempo para ouvil-o. Gritou por seus guardas e o desconhecido foi logo preso e brutalmente revistado. Nenhuma arma foi encontrada em seu poder. Porem Tiberio estava suffocado pela colera.

Como podia um homem chegar até sua presença, sem sua permissão? Como podia alguem penetrar no recinto

Nunca se soube qua entre aquelles homens

prohibido, apezar dos mil engenhos imaginados para impedir esse accesso?

Quando o pobre pescador comprehendeu o inesperado aspecto que sua ousadia tinha tomado, considerou-se perdido; mas, ao saber que seu castigo seria esfregarem em suas faces o malfadado barbeto, não poude conter um sorriso. Tiberio lhe perguntou qual a razão d'essa alegria. O pescador, ingenuamente, explicou que se sentia muito feliz por que, antes de escalar aquellas rochas, hesitara se devia offerecer a Tiberio um barbeto ou uma lagosta. O imperador, sadicamente, aproveitou a suggestão e ordenou que esfregassem no rosto do infeliz não o barbeto mas uma lagosta, para que elle e nenhum outro homem se lembrassem jámais de galgar as escarpas da Villa Jupiter.

O barbaro castigo foi applicado e o infeliz sahiu do palacio, horrendamente desfigurado.

Essa maneira de ser estava em accordo com o detestavel principio, que guiou sua vida: "Pouco importa que me odeiem, comtanto que tenham medo de mim." E, realmente, Tiberio sempre foi temido.

Os pais, que recusavam esse accordo, eram, juntamente com a "culpada", conduzidos perante um tribunal cuja sentença era invariavelmente de morte.

...precipitára a morte do tyrano, suffocando-o com um travesseiro.

Sentindo-se, em parte, acobertado pela resolução, que tomára de jamais voltar a Roma, Tiberio multiplicava as ordens crueis e arbitrarias, provocando a indignação geral.

Assim, foi com um sorriso sardonico que leu a minuciosa descripção do fim de Sabino e a commovente historia de seu cão. Desde o instante em que Sabino, um respeitavel patricio, accusado de alta trahição, foi preso sem razão justificada, um cão, que muito o estimava, seguiu-o á prisão, assistiu a sua execução e, em seguida, recusou abandonar o corpo. Finalmente, quando o corpo de Sabino foi lançado ao Tibre, o animal se atirou ao mesmo tempo ao rio e desappareceram juntos.

A todos os instantes, chegavam a Capri noticias da vida intensa de Roma.

De Capri, por meio de cartas e de mensagens, Tiberio iniciou sua grande batalha contra Sejano, seu ex-favorito. Elevara-o até a partilha do poder, do governo do imperio, mas, temendo ser desthronado por tão brilhante rival, planejou sua ruina. Isso não foi facil, por que Sejano era amparado pelo exercito. Mas que exercito, por mais coheso, ou homem por mais poderoso, poderia lutar contra os successivos ardis de uma rapoza, como Tiberio?

Um dia, os signaes de seua **amanuensis** dictaram, palavra por palavra, o miseravel fim de Sejano. Elle, que o Senado elevara durante dezeseis annos, como um segundo imperador, foi executado juntamente com seu filho ainda menor.

No anno 30, depois de Christo, Tiberio, com setenta e dous annos de edade, contava já quatro annos e meio de isolamento na linda ilha. O clima suave, o extraordinario fulgor do Sol, o perfume das mais lindas e variadas flores e, acima de tudo, o explendor da natureza no mais completo sentido da palavra só podem inspirar alegria, fraternidade, amor por tudo e por todos. A maldade não pode encontrar expansões em Capri. Porem Tiberio foi uma excepção. A unica, immensa e incrivel excepção. Mais do que isso, durante os onze annos de sua permanencia em Capri, conseguiu dar á ilha um halo de perversidade; a vontade de um só homem fez de Capri o terror do mundo. Quem acreditaria isso possivel?

Capri, a ilha, que o imperador Augusto obtivera por meio de uma troca feliz e poderia ter sido um verdadeiro jardim do Eden — foi pezadello para milhões de creaturas humanas. Pezadello para o pai, que tivesse uma filha de belleza perfeita e não estivesse disposto a entregal-a ao imperador. Muitos se expatriaram antes de receber o fatal convite dos emissarios imperiaes, que percorriam toda a Italia em busca de "distracções para Tiberio". Os que não podiam escapar e não obedeciam immediata-

mente eram levados a um tribunal cujas sentenças nunca variavam — eram infallivelmente de morte.

E, apezar de tudo, Tiberio encontrava meios para não ser feliz em Capri.

As tempestades, alli, eram sempre rapidas mas em certas epochas do anno repetiam-se diariamente e, não raro, até mais de uma vez por dia. O imperador, que tinha um medo nervoso e ridiculo dos trovões, passava esses momentos escondido em um aposento bem resguardado e escuro, envolvido em mantos de seda.

Nos ultimos annos, o medo, que sempre fôra, em Tiberio, uma caracteristica mal disfarçada, tomou todas as formas inimaginaveis. Elle tinha medo de tudo.

Não dava uma volta pela bahia de Napoles, sem uma escolta de seis ou oito navios de guerra para sua galera e guarnições seguras em todas as pequenas ilhas, que se extendem até o cabo Miseno. Para desembarcar em qualquer d'essas ilhas, durante uma ou duas horas, cercado por guardas de sua immediata confiança, exigia que a propria guarnição se retirasse. E só confiava a direcção e fiscalisação d'essas providencias a Macrone, seu favorito, seu braço direito, o homem, que substituira junto d'elle o bom e honesto Sejano.

Macrone estava sempre a seu lado e como o imperador, cada vez mais avelhantado e fraco, já não tinha por assim dizer vontade propria, o prestigio do homem de confiança avultava dia a dia.

Sómente Ulysses, o astucioso rei de Ithaca, ousou affrontar esses mares; mas para isso se fez amarrar no mastro principal de sua galera.

Alem de Macrone, acompanhavam constantemente o ancião dous homens, apenas dous: — o jovem Caligula, por elle designado para sua successão no throno e o velho Caricles, seu medico. Todas as demais pessôas, inclusive os servos encarregados dos mais necessarios misteres, tinham que se manter a respeitosa... e tranquillisadora distancia. Só podiam se approximar do imperador quando chamados por elles ou por Macrone e sempre estreitamente vigiados por este.

Um dia, em meiados de Março do anno 37, Tiberio resolveu passar alguns dias em sua **villa** do cabo Miseno, sumptuosa construcção, que se erguia no meio de grande parque, diante do mar. Para que se faça uma ideia d'esse palacio é bastante dizer que elle fôra construido por Lucullo, o mais rico e o mais profundo conhecedor de arte de seu tempo, talvez de todos os tempos.

Quando tomou essa resolução, Tiberio apresentava já, não só a seu medico como a todos quantos o viam, graves symptomas de fraqueza e irregularidade cardiaca. Quando desembarcaram, esses symptomas tanto se tinham accentuado que seu medico se alarmou; mas, temendo a colera sempre possivel do imperial doente, fingiu que o ajudava a se recostar para, disfarçadamente, tomar-lhe o pulso.

Tiberio estava, em verdade, no ultimo limite da resistencia physica mas conservava o espirito activo e alerta. Percebeu o gesto de Caricles e, para zombar de sua inquietação, para lhe provar que estava em perfeita saude, ordenou que lhe trouxessem uma refeição variada e farta.

Não havia como discutir suas ordens. Trouxeram-lhe as iguarias por elle indicadas e o imperador começou a comer alegremente, em quanto, por traz d'elle, ao ouvido de Macrone, Caricles insistia em sua previsão. Aquelle homem não poderia viver mais de algumas horas, um dia talvez, dous no maximo. Seu coração se deteria de um momento para outro. Pouco depois, como para confirmar a sentença do medico, o imperador cahiu em deliquio, tão pallido, tão desfigurado que os trez homens recuaram tremulos, jungando-o morto.

Ficaram um momento immoveis, em silencio; depois, começaram a combinar as medidas mais urgentes para o funeral e a proclamação do novo imperador. Os servos, que se mantinham, sempre de ouvido attento nas antecamaras, já se haviam espalhado pelo palacio e seus arredores, propagando a formidavel noticia. Tiberio morrera.

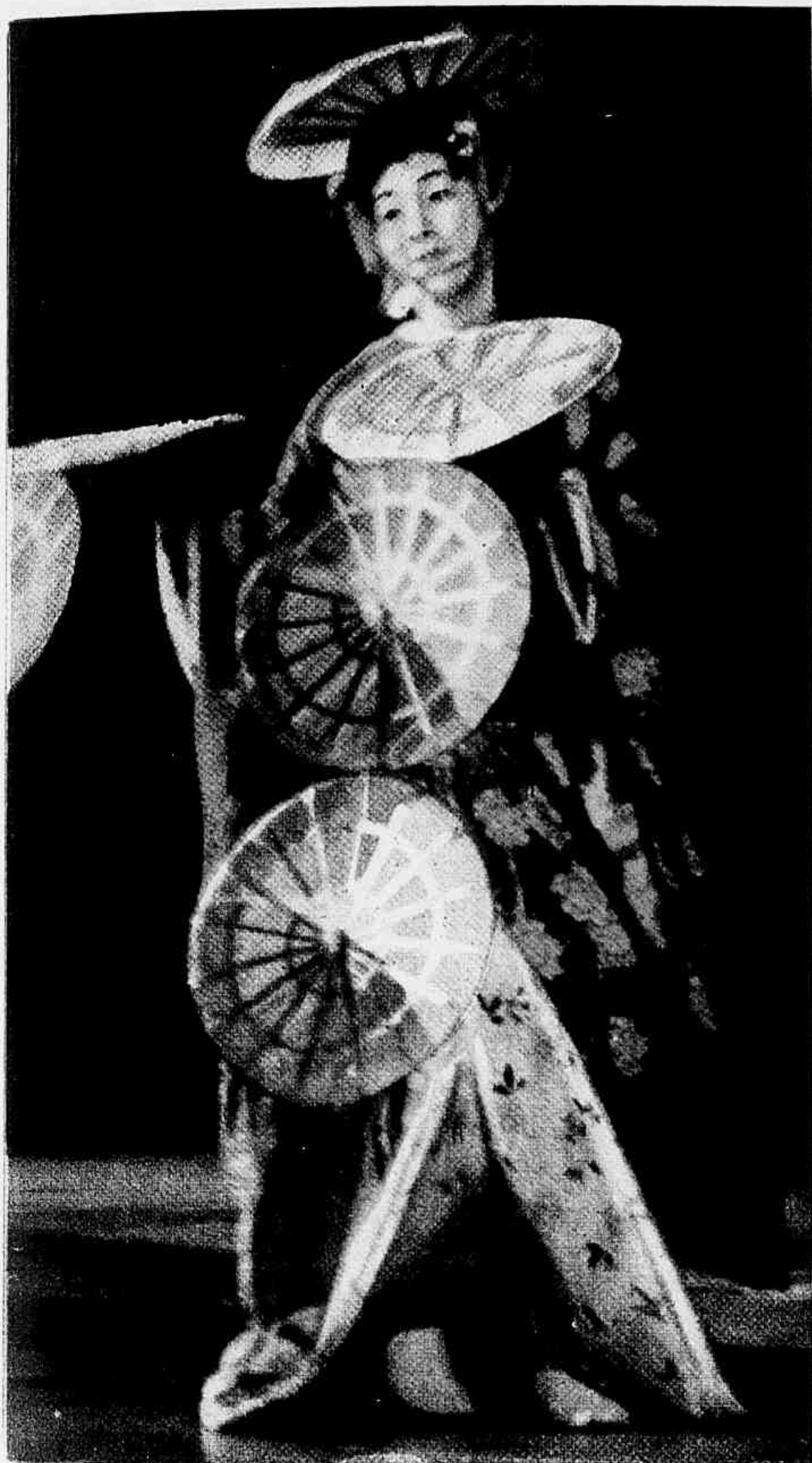
Os mais precavidos e os que tinham mais serias razões para odial-o começaram a clamar: "Longa vida a Caio Cesar Caligula, imperador de Roma!..."

Imagine-se pois o horror com que Macrone, Caligula e Caricles viram de subito, o imperador mover-se, abrir os olhos e sentar-se. Teria elle ouvido o que estavam dizendo? E não estaria ouvindo os gritos de enthusiasmo, que continuavam a se erguer até nos corredores mais proximos? Era preciso impedir que elle os ouvisse.

Os trez homens se approximaram rapidamente; Tiberio presentiu o ataque; extendeu os braços, quiz protestar, gritar; deitaram-o de novo e um travesseiro suffocou lhe a voz... e a vida. Qual dos trez homens fez o gesto assassino? A Historia nunca logrou averigual-o.

No dia seguinte, quando o povo foi admittido a desfilar diante do catafalco do imperador, Tiberio repousava, com a physionomia tão serena, como se houvesse iniciado o somno eterno com a consciencia absolutamente tranquilla.

Terminados os funeraes, Caligula, que subira ao throno com attitudes de moderado e virtuoso, despediu os mimicos, histriões, musicos, bailarinos, declamadores e as centenas de mulheres, que constituiam a sociedade de Tiberio.

Capri ficou deserta, seus varios palacios foram abandonados e o mundo acabou por esquecer que um imperador alli vivera onze annos, cercado por luxo inegualavel

em nossos dias. Como, quando e por iniciativa de quem foram destruidas as opulentas edificações de Tiberio? Todos os technicos são unanimes no affirmar que ellas não ruiram em consequencia de accidente ou cataclysma; foram todas destruidas propositadamente por mãos humanas. Dos primores de arte, que continham; das maravilhas de architectura, que ellas mesmas constituiam, restam, como dissemos, apenas alguns mosaicos.

Como nossos maiores bebiam — As memorias do duque de Portland, publicadas por um grande jornal londrino, suscitaram numerosas reacções.

Uma d'ellas foi a de incredulidade sobre o numero de vinhos servidos em sua mesa no banquete por elle offerecido ao rei de Siam. Porem um **maitre d'hotel**, dos mais antigos em um grande restaurante de Londres, apresentou ao jornal varios documentos — annotações de serviço, recibos, menus, etc. — redigidos por seu pai, que fôra mordomo do famoso duque. Por esses documentos se verifica que, em 1880, na mesa de um fidalgo e millionario inglez, os vinhos Xerez e Madeira eram servidos com a sopa; os vinhos do Rheno e de Bordeaux com o peixe; o de Champagne com os assados e o Porto com o queijo.

Scenas do bailado japonez *Dodjo Dji*. Grande exito do theatro nacional de Kyoto.

O feminismo em França — A reacção instinctiva, o medo de alterar "os costumes" são a base da mentalidade européa, principalmente em França. Por isso, a mulher franceza é, no velho continente, uma das raras que ainda não têm direito de voto politico.

A necessidade, impondo a collaboração feminina em todos os generos de actividade, permittiu-lhe algumas conquistas mas todas foram obtidas com esforço e reduzidas pela reacção.

Um exemplo. Em 1900, ha quarenta annos, a Franceza conseguiu accesso no fôro como advogada, mas os **leaders** de então, no Parlamento (e eram todos grandes homens — Raymond Poincaré, René Viviani, Leon Bourgeois, Paul Deschanel etc.) só deixaram passar a innova-

ção mediante restricções. "Ficou bem claro na lei que a mulher teria todos os direitos de qualquer advogado **menos** substituir nos impedimentos qualquer juiz titular", por que, explicou o relator do parecer "**não é possivel confiar a uma mulher uma parte do poder publico.**" D'ahi decorre uma situação paradoxal.

A mulher conquistou por concurso cargos de professor até na Sorbonne. Com esse caracter, tem logar nas congregações e "mesas", que conferem diplomas. Com esses diplomas os homens obtem cargos publicos, inclusive de juiz.

Assim, a mulher pode conferir aptidões das quaes não é considerada digna.

A mulher no exercito inglez — Voluntarias de Londres, no curso de cozinheiras militares. Um sargento ensina como se regula um forno a gaz.

Uma instructora já ensinou como se construe um forno em pleno campo. Agora, ensina como se utilisa um forno d'esse genero.

Adele Inge, patinadora acrobata sueca, de 14 annos.

O vento — Como S. Francisco, eu escuto meu irmão o Vento. Sua canção vibra na floresta visinha.

Musico incomparavel, elle arranca os mais variados sons de uma só arvore. A's vezes, faz d'ella um sistro e das folhas, que elle move, nasce um fremito metalico; em outras vezes tira d'essas mesmas folhas o tilintar jovial de guizos, o lamento grave de um orgão, o murmurio fresco de uma cascata ou o gemido quasi indistincto de uma vaga morrendo, já sem forças, na areia de uma praia.

Flautim ou trombone, rufos de tambor ou pancadas de cymbalo... Qual o instrumento que elle não imita? Uma tempestade é uma symphonia; que desencadeia a mais numerosa e completa das orchestras. Mas quando elle brinca no cimo das arvores, nenhuma orchestra é capaz de egualar a impressionadora intensidade de seu **crescendo;** nenhum violino imita sequer o seraphico mysterio de seu **diminuendo.**

Nossos pais attribuiam-lhe vozes fantasticas. Nas noites de tempestade, quando seu furor fazia tremerem as chaminés, julgavam ouvir nelle os urros de Belial ou os miados do gato preto, animal demoniaco. Os Gregos fizeram d'elle não um Deus mas varios deuses, inclusive Eolo, com seus odres, que abria ou fechava a seu bel prazer.

Sta. Cecilia é a padroeira dos musicos, em geral. Eolo é pagão. Se fosse possivel baptisal-o, seria o padroeiro dos organistas e seus folles.

Maurice Lena

Os problemas dos Balkãns — Mappa actual da Rumania, mostrando os territorios que lhe são reclamados, a noroeste pela Hungria, a nordeste pela Russia e a sudeste pela Bulgaria.

Talvez já farto das glorias do ring, Joe Louis, o actual campeão mundial de box, pretende as glorias de Orpheu e canta, acompanhando-se em um minusculo ukelele.

Viver ou morrer por outro

Romance de Victor Bridges

I — "Eu lhe darei dez mil libras"

Quando é preciso satisfazer as exigencias de um appetite vigoroso com um *shilling* e seis *pence*, convem reflectir maduramente, antes de tomar uma decisão. Por isso, hesitei alguns minutos entre o restaurant Parelli e o restaurant Carci. O primeiro fornece, por um *shilling*, quatro pratos muito razoaveis, o que me deixaria seis pence para cerveja e gorgeta; mas suas toalhas estão raramente limpas e sua atmosphera é quasi... chineza. D'esse ponto de vista, o Carci lhe é, sem duvida, superior; em comparação, as iguarias são mesquinhas e insipidas.

Então, como eu sentia, acima de tudo, appetite, acabei por me decidir pelo Parelli.

Inspiração do céo. Quando entrei na sala baixa e sombria d'esse restaurant, a primeira pessoa, que vi, em uma das mesas mais proximas da porta, foi Billy Logan. Estava tão longe de imaginal-o em Londres que, no primeiro momento, imaginei ter me enganado; mas reconheci sua calva precoce e a cicatriz avermelhada, que elle conservara, como lembrança de um terremoto, no Chile.

Elle tambem me viu e se ergueu, com uma exclamação de alegria.

— Jack! Jack Burton? Palavra! Eu o julgava morto.

— Ora essa? Por que? — perguntei, sentando-me diante d'elle.

— Disseram-me, na Bolivia.

— Por que eu parti para o norte e não voltei a La Paz?

— Naturalmente — confirmou Billy — ¡Aquella región no es segura.

— Mas nada me aconteceu e eu vim parar no Atlantico, pelo Amazonas. Isso é... não me exprimi bem. Aconteceu uma cousa bem interessante...

Fui interrompido pelo *garçon*, que se curvara solicito.

— Um almoço preço fixo e uma garrafa de boulge — ordenei.

Encontro feliz

— Por minha conta — decidiu Billy — Você está em minha mesa.

O *garçon* se afastou e eu continuei, baixando um pouco a voz:

— Quasi na fronteira do Brazil, numa região em que só ha indios semi-animalisados porem mansos, descobri uma mina de ouro.

— Serio? — perguntou Billy, com um olhar grave.

— Tudo quanto ha de mais serio. Como você sabe, eu tinha fracassado desastrosamente em minhas tentativas como criador, como industrial e até como simples empregado. Internara-me pela Bolivia, como tropeiro. No extremo norte, quasi no angulo em que o territorio boliviano entra como uma cunha entre o Perú e o Brazil, meus fracos conhecimentos de mineralogia me fizeram reconhecer, no solo, vestigios auriferos. A pretexto de caçar, afastei-me um pouco da tropa; os vestigios se accentuavam. Galguei um morro muito ingreme, quasi inaccessivel e, do outro lado, em uma região isolada e deserta, onde nem as cabras apparecem, descobri, quasi á flor da terra, occulto apenas por uma vegetação rala, um veio consideravel.

— Maravilhoso! — exclamou Billy, com os olhos faiscantes.

Contive seu enthusiasmo com um gesto e, com outro, mais discreto, chamei sua attenção para minha roupa miseravel.

— Praticamente, isso não teve para mim, até hoje, a menor vantagem. Tomei cuidadosamente nota do local da jazida e, como estava pouco folgado de dinheiro e mais proximo de Iquitos do que de La Paz, preferi voltar pelo Brazil.

— E então?

— Em Manaus e Pará o ambiente não era favoravel para arranjar capital, mesmo pequeno. Crise. Resolvi tentar em Londres. Peior ainda. Se o negocio fosse proposto por um cavalheiro com aspecto de ricaço — ainda que fosse o mais cynico dos larapios — talvez obtivesse exito; mas um pobre diabo como eu, fallando em minas de ouro, não inspira confiança aos capitalistas; mesmo que se contente com um capital pequeno.

— Quanto seria bastante? — perguntou Billy, pensativo.

— Para começar... umas trez mil libras — disse eu, com prudencia.

— Irra! E você chama isso pequeno capital? — exclamou meu amigo, escandalisado.

— Comprehende. Seria preciso organizar a sociedade aqui; registrar a mina na repartição competente, na capital da Bolivia; levar pessoal e material para o logar... E olhe que eu fallo em 3.000 libras por que ha ouro quasi á flôr da terra.

— Qual! — murmurou Billy Logan — Vai ser muito difficil.

— Sim — concordei tristemente — Mesmo por que nem provas tenho do que encontrei e não quero entrar em detalhes sobre sua localisação...

O apparecimento do primeiro prato, uma sopa enxundiosa e fumegante, cortou esse dialogo e, durante alguns minutos, não pensei senão em encher o estomago.

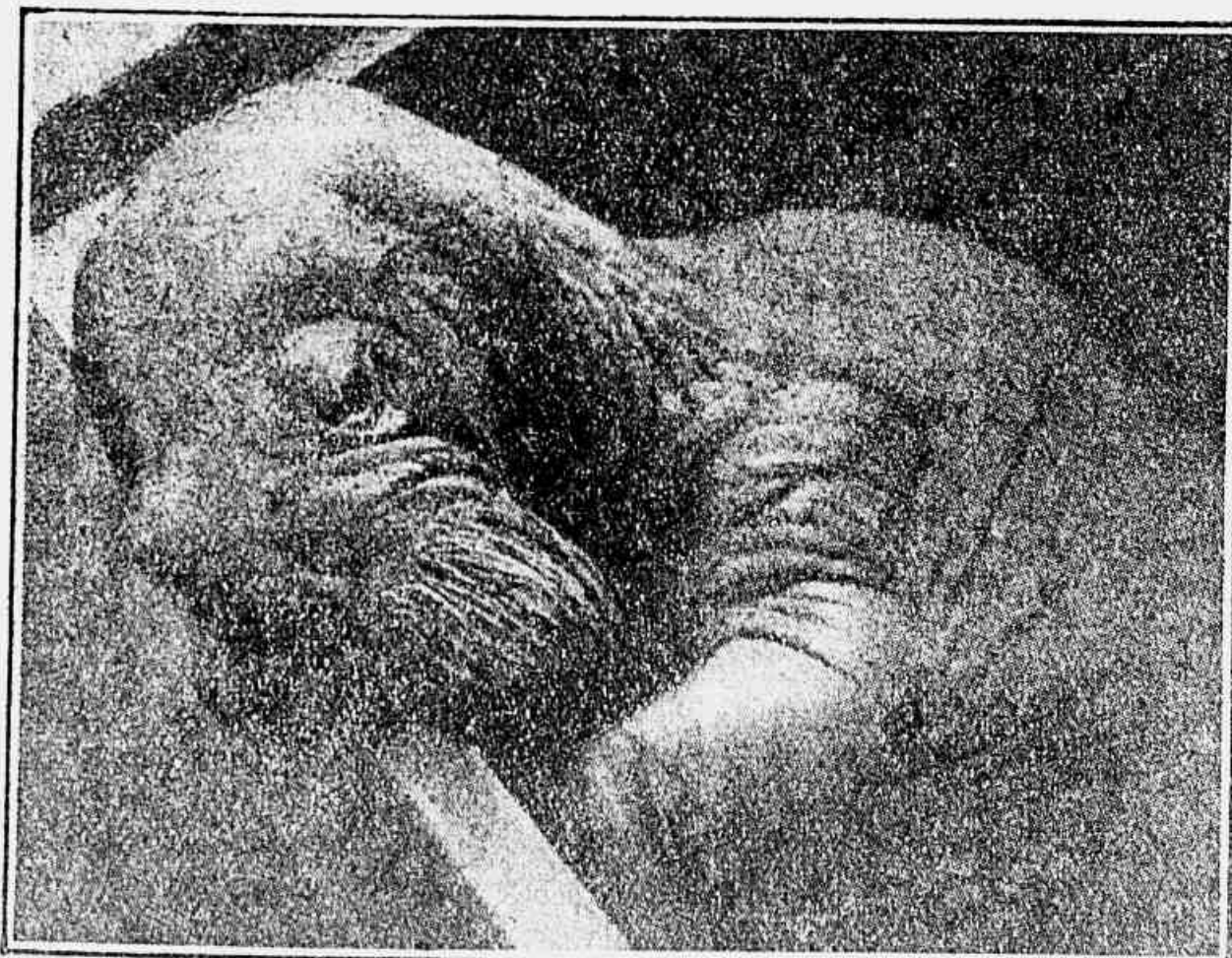
Depois, entre duas garfadas, Billy suspirou:

— Se eu pudesse... Mas sabe de que estou vivendo? Sou chauffeur em uma fabrica de automoveis... experimento os carros novos e passeio os freguezes, que pretendem comprar algum. Se quizer, talvez eu possa lhe arranjar algum "bico", nessa fabrica.

Recusei, sem hesitar um segundo:

— Não. Vou ver se tenho mais sorte em New York. Estou esperando um navio, onde um commissario é meu amigo e irei, nem que seja como foguista.

Billy não extranhou minha recusa nem esboçou a menor tentativa para me fazer mudar de opinião. Conhecia-me bastante e sabia que eu preferia qualquer cousa, mesmo a miseria, a uma situação subalterna, com um serviço monotono. E, acima de tudo, prefiro aventuras, embora com algum risco de vida.

— Está bem — disse elle — Tome nota. Eu pouco paro em casa mas

Cochilando — Singular aspecto de uma jovem *morse*, o mais feio e pacifico typo de phoca do polo Norte.

estou morando em Vauxhall Street, 34. Você me deixando um recado, eu o recebo, em dous dias, no maximo.

E, alem de me pagar o jantar, ainda fez questão de me "emprestar" duas libras, que vinham muito a tempo. Com ellas, eu poderia melhorar um pouco meu aspecto e passar menos mal os dous ou trez dias dentro dos quaes esperava o navio.

Encontro fatal

Quando Billy partiu, num automovel scintillante, eu caminhei de vagar até Victoria Embankment, reflectindo sobre a providencia d'aquelle accaso.

Ia seguindo, pensativo, com as mãos nos bolsos, palpando as duas libras para mais me convencer de sua existencia e com um principio de hesitação. Seis a sete semanas de Inglaterra haviam destruido minhas bellas esperanças sobre a jazida boliviana; mas a vida de liberdade e grandes espaços livres, que conhecera, na America do Sul, tinham me deshabituado da respeitabilidade rotineira da capital ingleza e eu ansiava por fugir áquella atmosphera de civilisação. Parecia-me já sentir, no rosto, o halito quente do mar nos Tropicos, ou a briza gelada dos Andes.

Sem dar por isso, detive-me, lancei um olhar ao Tamisa, a seus barcos, ás chaminés das usinas mais proximas e murmurei, distendendo os braços:

— Deus! Com que alegria vou deixar de ver tudo isso!

— Eu o felicito — disse uma voz, atraz de mim.

Sou, em geral, senhor de meus nervos, em qualquer circumstancia; mas confesso que essa voz me fez estremecer, sem que, no momento, comprehendesse a causa de minha surpreza. Voltei rapidamente e vi-me diante de um homem mais ou menos de minha edade, alto e robusto, vestido com uma elegantissima casaca mal encoberta por um sobretudo leve, em estylo Macfarlane. Observei as feições d'aquelle homem e balbuciei, assombrado:

— Formidavel! Se fosse meu irmão gemeo...

Em verdade, a não ser pela differença na roupa, eu tinha a impressão de estar olhando para um espelho. Aquelle homem era meu *sosia* perfeito.

Elle sorriu e, a despeito da frieza de seu olhar, ainda mais se pareceu commigo.

— Com effeito — disse eu, tranquillamente — E' uma prodigiosa similhança. Até sua voz é egual á minha.

Era verdade. Timbre, inflexões, maneira de dizer. Durante quasi um minuto fiquei mudo de espanto. Depois, consegui pronunciar:

— E ainda ha imbecis que não acreditam em milagres. Supponho que o senhor não é nem mesmo meu parente.

O desconhecido, que não cessara de me examinar, com profundo interesse, tirou de um bolso um porta cartões de ouro e disse:

— Não o acredito. Eu me chamo Stuart Northcote. E' possivel que meu nome não lhe seja desconhecido.

Acceitei o cartão, que elle me apresentava e tratei de occultar minha grande, immensa surpreza. Embora não lesse minuciosamente os jornaes, já encontrara varias referencias lisonjeiras a Stuart Northcote, sua fortuna, sua generosidade. Sabia até que elle alugara uma das mais luxuosas residencias de Londres, o palacete de lord Bammersfield, em Park Lane.

Fitei porem seu cartão sem commentarios, como se o facto de ter um sosia millionario fosse uma occorrencia banal, quotidiana; e disse:

— Quanto a mim, chamo-me John Burton; mas o estado actual de minhas finanças não me permitte o luxo de ter cartões de visitas.

— Pois, muito bem, Sr. Burton — disse o millionario, pausadamente, como se estivesse ainda hesitante ou seguindo um raciocinio secreto — Já que o accaso permittiu que nos encontrassemos, devemos travar mais amplo conhecimento. Se não está com muita pressa... — De novo, hesitou; mas, afinal propoz — Poderia jantar commigo.

Desatei em riso:

O pavor de um millionario

— Dia de nada, vespera de muito. Hontem, não tive o que jantar; hoje, seu convite é o segundo, que recebo; e, como já acceitei o primeiro e comi como um abbade...

Stuard Northmore afastou a objecção com um gesto:

— Então conversaremos bebendo um liquido decente.

Um taxi passava. Sem esperar minha resposta, o millionario fez um gesto.

Quando o *chauffeur* freiou para se deter, um maltrapilho, que estava sentado em um banco proximo, precipitou-se para abrir a portinhola. Esse incidente, tão commum nas ruas de Londres, produziu em meu sosia surprehendente effeito. Com uma expressão de colera e terror desatinado, elle deu um salto para traz, levando a mão ao peito, como se fosse puxar uma arma.

O vagabundo, estupefacto, immobilisou-se sob a luz de uma lampada da illuminação publica e balbuciou, com voz lamentosa:

— Perdão; eu queria apenas abrir a portinhola.

O olhar glacial de Northcote pousou um instante sobre o infeliz e elle disse: — Está bem — atirando-lhe uma moeda.

O mendigo apanhou-a no ar e verificando que era de prata, confundiu-se em agradecimentos dithyrambicos. Entretanto, o proprio *chauffeur* abrira o carro e, sentando-se a meu lado, o millionario explicou, com uma risadinha tremula.

— Não gosto d'esses sugeitos. E' uma repulsão absurda... devemos tratal-os com piedade; mas não posso supportal-os.

Seu desembaraço affectado não me convenceu. Eu já vira mais de um homem sob o terror da morte immediata. Não podia me illudir sobre os symptomas d'essa horrenda aprehensão.

Northcote dera ao *chauffeur* o endereço do restaurant Milan, casa onde se podia jantar diante de cem pessoas ou entrar directamente para um gabinete discreto. Devia ser conhecido pelos garçons por que, sem necessidade de uma palavra, foi conduzido a um d'esses gabinetes.

Alli, a sós, commigo, insistiu.

— Seriamente, já jantou?

— E fartamente.

— Então vou mandar buscar uma garrafa de Heidsiech 1898, para lhe fazer companhia e... conversaremos.

O garçon, que nos acolhera, um homem já edoso, dispunha os talheres diante de nós e annotou o *menu* escolhido pelo millionario. Teria notado a inverosimil similhança, que nos aparentava? Não sei. Sua impassibilidade parecia eterna. Quando elle se retirou para providenciar na cozinha, meu amphytrião começou:

— Em que se occupa actualmente? — Como eu hesitasse em responder, apressou-se a accrescentar — Não lhe faço essa pergunta por simples curiosidade. O senhor está em condições de me prestar um grande serviço; e... por outro lado... tambem eu talvez possa lhe ser util.

Pensando em sua fortuna e em minha mina de ouro na Bolivia, reconheci sem hesitar:

— E' muito possivel.

— Mas preciso de o conhecer melhor — continuou Northcote — Quem é o senhor? Que tem feito até agora? Que espera da existencia?

Foi interrompido pelo criado, que trazia o primeiro prato. Emquanto elle esteve presente, o millionario sustentou a palestra sobre assumptos indifferentes mas não desinteressantes, denunciando cultura variada e admiravel agilidade mental. Eu ouvia-o, tentando imaginar que especie de proposta pretenderia elle me fazer. Só podia ser uma cousa com relação a nossa similhança; mas que seria?

Negociações

A subitaneidade e singularidade de nosso encontro e o que se passara depois davam-me a impressão de estar vivendo um conto das Mil e Uma Noites. Mas, com excepção do local de minha jazida, não via inconveniente em revelar áquelle homem meu tumultuoso mas innocente passado e minhas difficuldades presentes.

Por isso, logo que o garçon se retirou, comecei.

— Não tenho muita coisa a dizer, embora conte já trinta annos.

Elle me lançou um olhar inquisidor.

— Parece mais edoso.

— Se tivesse, como eu, passado quinze annos sob o clima tropical da America do Sul, teria tambem aspecto de fadiga.

Um lampejo de surpreza illuminou o rosto do millionario e elle perguntou, rindo:

— Em que paiz da America do Sul esteve?

— Na Argentina, no Chile... mas principalmente na Bolivia.

— Fazendo o que?

— Tentando tudo... menos roubar; mas com uma tão persistente falta de sorte que voltei mais pobre do que tinha partido.

Depois, corajosamente, revelei a existencia da jazida e minhas fracassadas esperanças em Londres.

— Que pretende tentar agora?

— Vou a New York; vou ver se consigo, alli, um capitalista. Os Norte-Americanos são mais aventureiros.

— Conhece muita gente em Londres? — perguntou Northcote pensativo.

— Quasi ninguem. Um homem em minha situação evita relações.

Houve um silencio; depois o millionario foi fechar a porta com a chave; voltou a se sentar, accendeu um cigarro e perguntou com calma:

— Sr. Burton. Em quanto avalia sua vida? Quero dizer: quanto quer para correr o risco de perdel-a?

O tom em que fazia essa indagação era tão socegado e frio que não pude conter uma risada. E respondi:

— Não sei. Nunca havia imaginado que ella pudesse valer alguma cousa.

Northcote inclinou o busto por cima da mesa e declarou lentamente:

— Se concordar em fazer o que vou lhe propor, eu lhe darei dez mil libras. (Mil contos de reis).

II — AS INSTRUCÇÕES DO HOMEM, QUE COMPROU MINHA VIDA.

Quinze annos de aventuras tinham feito de mim um homem que difficilmente se espantava. Mas a magnificencia d'aquella offerta cortou-me a respiração. Tive que engulir em secco duas vezes, antes de observar:

— Pelo que vejo, o senhor gosta de tratar os negocios em grande. E paga a vista?

Fizera essa pergunta por gracejo; porem elle abriu sobre a mesa uma imponente carteira, tirou d'ella quatro notas do Banco de Inglaterra e disse, sem alterar a voz:

— Aqui tem duas mil libras. Se acceitar minha proposta, eu lhe darei tambem um cheque de oito mil.

Fitei as notas collocadas diante de mim... fitei-as com o respeitoso interesse, que se testemunha aos estrangeiros de distincção. Depois, disse:

— Deve se tratar de serviço muito desagradavel.

Havia em minha voz uma tão profunda convicção, que um sorriso distendeu os labios de meu interlocutor; mas era um sorriso sem alegria, quasi sinistro.

— Talvez — disse elle, por fim — Vou lhe explicar o de que se trata. Mas é preciso que... que me dê sua palavra... que me prometta formalmente guardar absoluto segredo sobre minha proposta, acceite-a ou não.

— Tomo esse compromisso — declarei, immediatamente.

— Muito bem — disse Northcote. Ficou um longo instante em silencio, como se procurasse os termos para se exprimir e começou assim: — E' muito provavel que, dentro de poucos dias, eu esteja morto.

Recordando o incidente do infeliz, que pretendera abrir a porta do taxi, senti que elle dizia a verdade.

— Por isso — continuou meu mysterioso "retrato" — é forçoso que eu desappareça. Se ficar em Londres, com meu proprio nome, serei, sem nenhuma duvida, assassinado. Será uma questão de mezes, de semanas, de horas talvez; mas o desenlace será inevitavelmente esse.

Arte moderna e massiça — O MEDITERRANEO, esculptura de John Rewold, com rheumatismo e tendencias para elephantiasis.

O garçon havia collocado uma garafa de cognac diante de mim. Servi-me, saboreei um gole, de vagar e declarei:

— Essa situação tem o merito de ser simples.

O mesmo sorriso frio passou pelos labios de Northcote.

— Não é tão simples como parece. Os personagens que resolveram me matar, vigiam-me de modo muito estricto e intelligente. Ainda hontem, logrei escapar a uma tentativa de assassinato; mas é pouco provavel que consiga sahir vivo d'este paiz.

Fique em meu logar

Fitou-me, de novo e não soube occultar a ansiedade de seu espirito.

— Hoje, seguindo-o, desde que sahiu d'aquelle restaurant, reflecti. Se acreditasse em cousas sobrenaturaes, diria que foi o demonio quem o collocou em meu caminho... por que, se não estiver disposto a me ajudar... eu desanimarei.

— Mas quem lhe disse que não estou disposto? Falle com franqueza.

Northcote concentrou-se ainda, antes de me expor seu extraordinario projecto. Fallava com uma expressão de vontade implacavel, de energia feroz.

— Eu desejo que o senhor tome meu logar; que troque de roupa commigo e, d'aqui a pouco, saia d'este restaurant transformado em Stuart Northcote. Desejo que volte em meu logar para minha casa, em Park Lane e ahi viva, durante trez semanas, como se fosse eu. Se, no fim d'essas trez semanas, continuar vivo — o que é pouco provavel, não tenha illusões a esse respeito — ficará com as dez mil libras e o direito de fazer o que quizer, inclusive retomar sua personalidade.

No primeiro momento, imaginei varias cousas. Aquillo era uma pilheria, o resultado de uma aposta... o capricho de um millionario amalucado. Mas havia no olhar de Northcote uma dureza, que, bruscamente, dissipou minhas duvidas.

— Mas isso... é impossivel — murmurei — Ainda que seus criados não dessem pelo embuste, eu seria infallivelmente desmascarado por alguem de suas relações.

— Não — disse seccamente Northcote — E' de se jurar que o destino o preparou para a missão, que desejo lhe confiar. O senhor conhece justamente o idioma e os costumes do paiz onde vivi longamente e onde tenho amigos... e inimigos, a Bolivia.

— Ah! — exclamei.

— Sim — continuou o millionario — Alem d'isso, a pressão mental a que vivo sugeito já me grangeou, entre meus amigos, a fama de bizarro, desequilibrado, talvez... As insignificantes differenças, que notarem no senhor serão attribuidas á minhas já conhecidas irregularidades de humor, a ausencias de memoria.

— Mas lembre-se da multidão de cousas que eu ignoro sobre o senhor, sua vida, seus habitos, suas relações. Posso me trahir a cada passo.

— Não. Pensei em tudo isso e se não tivesse a certeza de que todas as difficuldades poderão ser vencidas, não lhe teria feito essa proposta.

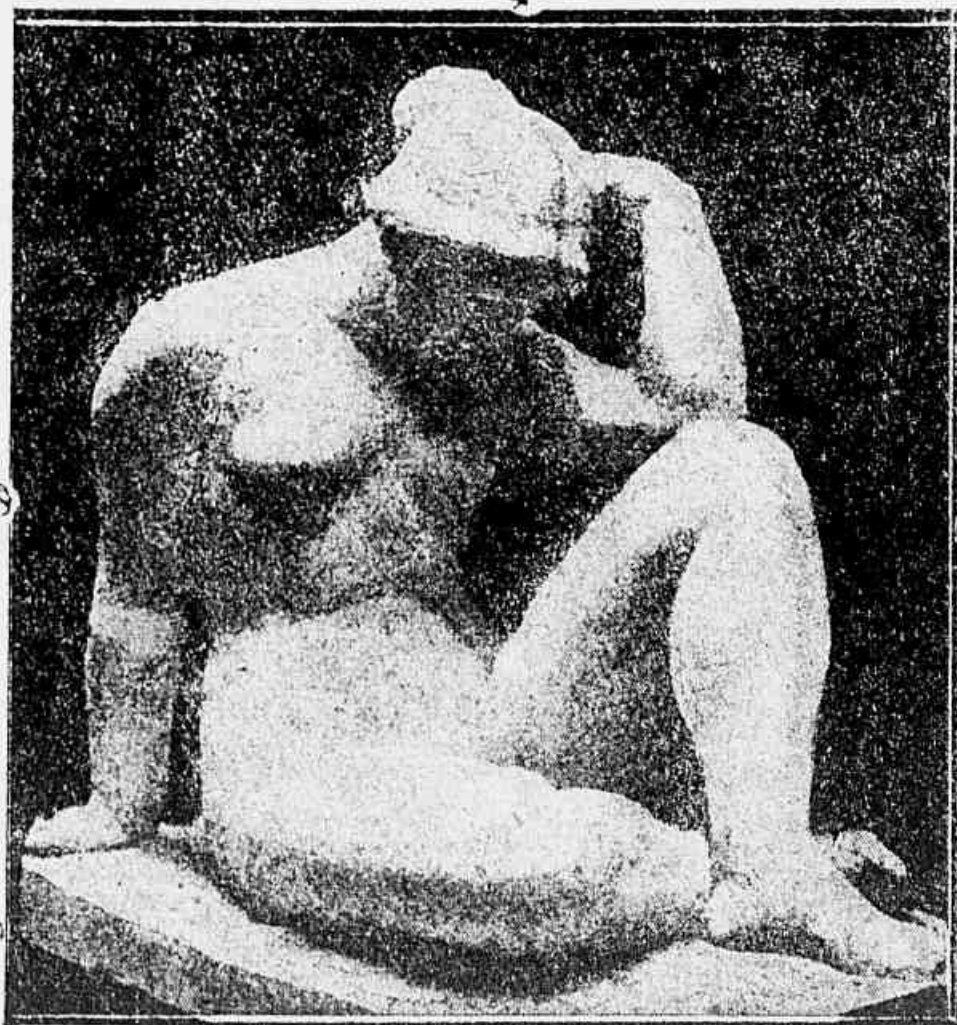
Encarei-o com firmeza.

— E que me impediria de ficar com seu dinheiro, sem fazer o menor esforço para satisfazer seu desejo?

— Nada, a não ser a palavra, que o senhor me desse.

Outro silencio; depois, eu disse, dando de hombros:

Não sou um criminoso

— Se acha sufficiente essa garantia... vamos recapitular. Por dez mil libras, duas mil em moeda corrente, oito mil em cheque, eu ficarei sendo, durante trez semanas, o Sr. Stuart Northcote. E' quasi

certo que, antes de terminar esse periodo, serei assassinado. Se esse desagradavel incidente não sobrevier, voltarei a ser John Burton e ficarei na plena posse das dez mil libras.

— Exactamente — concordou Northcote, com serenidade.

A perspectiva de ficar millionario, mesmo que fosse apenas por trez semanas, seduzia-me enormemente. Alem d'isso, a singularidade da aventura apaixonava-me. Poucas horas antes, esbravejava contra a monotonia da vida em Londres e eis que o destino me offerecia a mais inesperada opportunidade para experimentar emoções variadas e violentas. Perguntei, apparentando tambem profunda calma.

— Ser-me-hia licito indagar por que razão determinada pessôa tanto se empenha em matal-o?

Northcote baixou as palpebras e um sorriso cruel passou em seus labios.

— Sinto muito mas não posso satisfazer sua bem comprehensivel curiosidade. Posso porem lhe assegurar que, tomando meu logar, o senhor se arrisca apenas a ser assassinado. Nada mais. Não ficará sob a ameaça de prisão ou processo. Eu não sou um criminoso... pelo menos perante nossa boa justiça ingleza — concluiu elle, com uma risadinha nervosa.

— Essa declaração concorre grandemente para me tranquillizar — respondi em tom grave — Porem ainda mais tranquillo ficaria se soubesse quem mostra esse tão ardente desejo de matal-o.

— Infelizmente não posso esclarecer esse ponto. Em compensação, previno-o de que o perigo é real e imminente. Tenho bôas razões para confiar em meus criados mas, fóra elles, não confie em ninguem.

— Mas então por que não fica em casa?

— Não posso fazel-o nem o senhor poderá... pelo menos durante os dez primeiros dias. Será preciso que attenda, primeiramente, a uma serie de compromissos assumidos por mim. Passados esses dez dias, poderá dispor de seu tempo como quizer, inclusive metter-se na cama e dar-se por doente.

— Que compromissos são esses? — perguntei desconfiado.

Northcote tirou de um bolso um pequeno caderno de capa *grenat*.

— Estão todos annotados aqui, com a maior clareza e Wilford, meu mordomo, tem copia d'essas notas com ordem para me recordar a cada dia o que tenho a fazer. Não se inquiete com esses detalhes. Tudo ha de correr bem. O unico perigo é o de que o matem. Em todo caso espero que me dará tempo para sahir de Londres e da Inglaterra.

Volteou o menu do reataurant e desenhou rapidamente uma planta de sua residencia.

— Aqui é o pavimento terreo, com a sala de jantar, sala de bilhar... O gabinete de trabalho e o quarto de dormir são no pavimento superior; a escada...

Indicou os demais aposentos da casa com um desenho nitido, escrevendo o destino ou utilidade de cada um.

— E os criados? — perguntei.

Despeço-me talvez para sempre

— Actualmente só tenho trez. A cozinheira, a encarregada da limpeza e Milford. Todos trez de inteira confiança.

— Bem. Se elles me acceitarem como Stuart Northcote, terei meio caminho andado.

— Tambem o creio; mas ha uma pessôa com a qual deve ter muito cuidado; é meu primo Mauricio Furnival. Eu lhe prometti ir passar alguns dias em sua propriedade, no Suffolk. Se puder se libertar d'essa promessa melhor será.

— Que especie de homem é esse primo?

Northcote contrahiu a fronte.

— Ainda não pude firmar juizo. E' o unico parente, que me resta... Julgo-o interesseiro e canalha...

Seu rosto se tornou ainda mais sombrio e elle murmurou, crispando as mãos:

— Se eu pudesse ter a certeza... — Fez um esforço para se dominar e proseguiu, com voz mais calma — Aqui está a quantia combinada, num cheque. Alem d'essas 8.000 libras, tenho duas ou trez centenas em conta corrente, nesse banco. Vou lhe dar mais dous cheques em branco porem devidamente assignados para que o senhor utilise esse saldo nas despezas da casa. A proposito... é provavel que precise de imitar minha assignatura. Acredita que será capaz?...

— Nunca experimentei mas penso que sim.

O *garçon* voltou para retirar as chicaras do café. Northcote entregou-lhe uma nota de cinco libras, dispensou o troco com um gesto e pediu:

— Agora, deixe-nos sós durante uns quinze minutos. Temos que tratar um negocio serio.

Não precisamos de um quarto de hora para trocar nossa roupa. Com excepção das botinas de verniz, que me apertavam um pouco tudo me ficava como se tivesse sido feito, por medida, para mim. Saboreei em silencio o prazer de me sentir bem vestido e fui me collocar diante do espelho. Um olhar foi bastante para me tranquillisar. Ninguem poderia imaginar que eu não era Stuart Northcote. Este por sua vez, com minha roupa e o penteado como eu usava, seria capaz de illudir meu mais intimo amigo.

— Creio que será melhor não sahirmos juntos — disse elle. E, apoz um silencio commovido, estendeu-me a mão direita — Adeus! E' provavel que nunca mais nos tornemos a ver.

Quiz dizer alguma cousa; não pude. Apanhei o sobretudo, que elle deixara nas costas de uma cadeira, vesti-o e, já na porta, lancei um ultimo olhar ao homem, que comprara minha vida. Encostado á mesa, com os braços cruzados, elle me observava com seu extranho sorriso sem alegria.

— Adeus! — repetiu — Seja feliz...

Passei um corredor, desci uma escada e sahi por uma porta lateral. "Taxi?" — perguntou um groom, que surgiu na calçada, como por encanto. Fiz um signal affirmativo; elle assobiou e, pouco depois, eu me encaminhava para Park Lane, recostado num automovel, gozando aquelle conforto, que havia tantos annos não conhecia e prelibando as emoções em perspectiva.

Inicio a aventura

Agora, estava lançada a sorte! Isso é... Ainda havia duas soluções para evitar a morte tão insistentemente annunciada por Stuart Northcote. 1.ª — uma solução honesta — voltar ao hotel e dar o dito por não dito. Se não encontrasse mais o millionario, depositaria no banco seu dinheiro juntamente com um recado. 2.ª — Uma solução deshonesta. Receber o cheque e embarcar tranquillamente para a Bolivia, para os Estados Unidos ou outro qualquer logar.

A tentação da aventura foi mais forte do que tudo. Por momentos, julgava estar sonhando aquillo tudo. Nunca imaginaria cousa assim... e não imaginava ainda como me seria possivel viver vinte e um dias, fazendo-me passar por outro... com a expectativa de receber, a cada instante, uma facada nas costas.

Mas seria esse perigo real, em uma cidade policiada como Londres? Mesmo suppondo que elle não confiasse na policia ou não desejasse envolvel-a em sua vida, poderia contratar dous ou trez detectives particulares. Quem sabe se Northcote não era um desequilibrado, que fantaziava aquelle perigo? Não! Eu me lembrava bem da sinceridade de seu pavor, quando o mendigo correra para elle, em Victoria Embankment...

O argumento contrario se apresentou logo a meu espirito. Se elle era um louco, um visionario, seu susto poderia ser sincero diante de um perigo, que só existia em sua imaginação.

"Emfim — suspirei — O que fosse eu não tardaria a ver. E, definitivamente decidido a levar a aventura até o fim, começava a estudar o plano da casa, á luz das lampadas da rua, quando o taxi se deteve diante de "minha casa".

Desci, paguei o chauffeur e subi a escada do imponente patamar. Minha respiração se accelerara um pouco mas eu tinha a certeza de que meu rosto e meus gestos nada denunciavam de minhas emoções. Dez annos de permanencia nos altos platôs da Bolivia, entre indios puros e mestiços de indio tinham me habituado a manter attitude indecifravel em quaesquer circumstancias.

A chave, que Northcote me entregara, abriu a porta sem difficuldade e eu entrei.

Agora, estava em um vasto *hall* circular, com o tecto sustentado por columnas. Numerosas plantas de estufa davam a esse *hall* um ar de luxo exotico accentuado por enormes poltronas .Fechei a porta e adiantei-me sem rumor, pisando um espesso tapete; mas

ouvi passos discretos e um homem appareceu, erguendo um reposteiro. Devia ter quarenta a quarenta e cinco annos; seus cabellos começavam a ficar grisalhos. Parecia robusto, resoluto... mas suas attitudes eram essencialmente discretas e a expressão de seu rosto um mixto de deferencia e impassibilidade de bom tom. O typo perfeito do mordomo inglez.

"Você é Milford" — disse commigo mesmo. E tirei o chapéo de modo a deixar meu rosto em plena luz, perguntando:

— Chegaram cartas?

— Trez, senhor. Deixei-as sobre a mesa, no gabinete.

Apoderara-se de meu chapéo e ajudava-me a tirar o sobretudo com perfeita naturalidade. O olhar, que eu mantinha attento, não distinguia nelle o menor signal de surpreza.

— Obrigado — disse eu, dirigindo-me para a escada.

Em cima, encontrei sem esforço a porta do gabinete de trabalho. O commutador era no logar do costume, junto da porta e eu inundei o aposento com uma luz muito clara e doce produzida por lampadas dissimuladas em torno do tecto. Era um soberbo gabinete; de grandes proporções, mobiliado com luxo solido e bom gosto. De costas para o fogão de inverno, lancei em torno de mim um olhar satisfeito.

Um tiro pelas costas

Milford entrou trazendo uma bandeja com cognac, syphon e um copo. Collocou-a sobre um gueridon junto da mesa monumental e retirou-se sem rumor.

Sentei-me diante da mesa. Até esse momento tudo tinha corrido bem. Abri o caderno de Northcote e comecei a ler as indicações sobre compromissos nos proximos dias. Ao mesmo tempo, distrahidamente, eu apanhara sobre a mesa um pequeno espelho, que alli estava — por que? Só mais tarde o comprehendi.

Um ruido quasi imperceptivel se fez ouvir atraz de mim. Sem me mover, lancei um olhar ao espelho.

Um pesado reposteiro, que parecia occultar um recanto ou vão de parede, ao lado do fogão, movia-se de vagar. Com o coração batendo apressado e uma tensão de todos os musculos, esperei.

Minha surpreza foi enorme. Quem sahiu de traz da cortina foi uma mulher moça ainda, muito pallida e excepcionalmente bonita.

Essa admiravel creatura ficou um instante immovel, fitando-me com uma expressão de odio inexprimivel; depois, com gesto cauteloso, extrahiu um longo revolver da dobra de seu manto e, lentamente, visou minha nuca.

III — A MORTE ME APPARECE SOB O MAIS ENCANTADOR DOS ASPECTOS.

Prevenido pela rictus cruel d'aquelle rosto tão formoso, eu "mergulhei", justamente no momento em que o tiro partiu, sem ruido maior do que o de um peneumatico de bicyclette, menos até... A bala se cravou na boiserie da parede, exactamente na altura de minha cabeça. Immediatamente, eu me voltei e, num salto, segurei pelos pulsos a linda e perigosa visitante.

Surprehendida por esse contra-ataque inesperado e subito, ella nem chegou a esboçar um gesto de resistencia e, agora, offegava, contemplando-me com os grandes olhos cheios de horror.

— Faça-me o favor de se sentar — disse eu, com ironica cortezia. Mas, ao mesmo tempo, tinha que fazer um grande esforço, para não manifestar minha admiração por sua maravilhosa belleza.

Em compensação, já privada de seu revolver, ella me obedeceu com uma visagem de odio e desprezo.

O progresso na terra dos Pharaós — Uma telephonista egypcia, na estação do Cairo.

— Por que não chama seus criados e não me entrega á policia?

Fallava em tom surdo e apaixonado; mas sua voz era de um timbre delicioso e havia em sua dicção um sotaque extrangeiro, que ainda lhe dava mais graça.

Respondi sem desviar meu olhar de seu rosto.

— Eu evito a policia, por principio. De resto, não sei por que poderia mandar prendel-a. Afinal, que fez? Estragou um pouco a parede, nada mais.

Antes que a desconhecida pudesse replicar, bateram de leve na porta do gabinete e a voz de Milford perguntou:

— Precisa de alguma cousa, senhor? Ouvi... um ruido... como a queda de um movel...

A filha do homem, que "eu" matei

Apoz uma breve hesitação, fui abrir a porta mas não bastante para que o mordomo visse a formosa creaturinha agora sentada em minha poltrona de trabalho.

— Foi cousa atôa. Eu estava examinando um revolver com silencioso, que comprei hoje e, num momento de descuido, disparei-o. A bala se cravou na parede.

— Ainda bem, senhor.

— Pode se deitar. Eu talvez ainda saia... de modo que se me ouvir descer... não se inquiete. Boa noite.

— Bôa noite, senhor.

Ouvi os passos de meu fiel servidor, descendo a escada; depois fechei a porta e dirigi-me a minha "assassina."

— Naturalmente entrou aqui com uma chave falsa. Peço-lhe que a deixe commigo. Pode perdel-a e...

Com gestos raivosos, ella abriu a bolsa e atirou uma chave sobre o sofá.

— Muito obrigado e agora, se não é indiscreção, poderia lhe perguntar por que motivo me deu um tiro?

A desconhecida ergueu para mim um olhar em que havia surpreza e escandalo.

— Que significa isso? — perguntou, vibrante de indignação — Por que finge ignoral-o?

Fitei-a bem de frente e affirmei com sinceridade não simulada.

— Dou-lhe minha palavra. Eu o ignoro.

Ella contrahiu a bocca com desdem, ergueu-se e disse simplesmente:

— Eu sou Maria Solano.

— E' um nome delicioso — murmurei, inclinando-me — Mas continuo a não saber o que me valeu seu odio.

O rosto de Maria exprimia uma indignação crescente. Erguendo as mãos crispadas pelo furor, murmurou, com voz entrecortada:

— Miseravel! Ainda não ha relva sobre o tumulo de meu pai.

Deixou-se cahir, de novo, na cadeira, levou as mãos ao rosto e desatou em soluços.

Aquella explosão de desespero e a referencia a seu pai perturbaram-me profundamente. Não podendo duvidar do que ella dizia, arrependi-me pela primeira vez, do "negocio" que fizera com Northcote. A despeito do que me dissera, aquelle homem era um criminoso. Arrastado por um impeto, que não pude deter, curvei-me para miss Solano e, com as mãos juntas, com uma expressão de intensa piedade, disse:

— Senhorita... Estou certo de que não me acreditará, mas affirmo-lhe, juro-lhe que não tive a menor culpa na morte de seu pai.

Nego um crime horrendo

Ella descobriu o rosto, enxugou rapidamente, com as proprias mãos, os olhos cheios de lagrymas e observou-me com um ar allucinado.

— Oh! — exclamou, apoz alguns instantes — Como se atre-

ve a mentir assim? Quem é o senhor? Um homem ou um demonio?

Resistindo, sabe Deus com que heroismo, ao desejo de tomal-a nos braços e explicar-lhe tudo, segurei-lhe os pulsos e exigi severamente:

— Olhe para mim.

Quando ella me obedeceu machinalmente, perguntei:

— Tenho o aspecto de um homem, que mente? Juro-lhe por minha honra, pela salvação de minha alma, por tudo quanto tenho de sagrado neste mundo, que não tive a menor parte no sacrificio de seu pai. Neste momento, não posso lhe dizer mais; mas por Deus lhe juro que estou dizendo a verdade.

A ardente sinceridade, que havia em minha voz, produziu o effeito, que eu desejava. Ella passou as duas mãos sobre a fronte e murmurou:

— Então... Então, não comprehendo. Suarez tinha me dito...

Calou-se. Cheguei a pensar em interrogal-a. Talvez me fosse util ter informações mais minuciosas sobre esse Suarez, cujo nome ouvia pela primeira mas devia estar muito ligado á vida pregressa de Northcote. Não me atrevi a perturbar as reflexões de Maria Solano... ou não pude me arrancar á contemplação de seu rosto, de suas mãos, de tudo quanto me encantava nessa mulher, ¡que viera alli para me matar.

De subito, com um movimento de impaciencia, irritação ou desanimo, ella se ergueu. Havia agora em sua attitude um pouco de timidez.

— Bem — murmurou — Se não predende me entregar á policia... que vai fazer de mim?

— Eu? Nada. Que poderia fazer? Restituiu-me minha chave; aqui tem seu revolver — Fingindo não notar a estupefacção com que ella recebeu a arma, continuei — Apenas lhe peço que me diga se ha muitas outras chaves d'esta casa espalhadas pela cidade, por que, nesse caso, serei obrigado a mudar as fechaduras.

Ella continuava a me observar com uma curiosidade inquieta.

— Não sei — disse, pensativa — Mas isso não tem importancia. Innocente ou culpado... nada poderá salval-o.

"Longe vá o agouro" — disse a mim mesmo, antes de pronunciar em voz alta:

— Talvez tenha razão. Em todo caso, vou reconduzil-a.

Pedindo ao céo que não nos apparecesse algum criado pelo caminho, precedi-a na escada. No patamar, fechei a porta atraz de mim.

— Vou acompanhal-a até que encontre um taxi.

Um lampejo de terror passou em seus olhos.

— Não, não — murmurou — Não seria prudente. Entre immediatamente.

Era então por mim que ella temia? Fingindo não o ter percebido, concordei:

— Em verdade, não seria prudente deixar uma moça, sosinha, na rua, a esta hora da noite. Só ficarei tranquillo quando a vir dentro de um automovel.

Ella se deteve, mirando-me de alto a baixo, sem mais disfarçar seu assombro.

— Não comprehendo. Imaginava-o tão differente!

Um taxi passava. Fil-o parar com um gesto e abri a portinhola. Ella entrou e eu disse:

— Vou me afastar, para que possa dar seu endereço ao chauffeur. Bôa noite.

Fico pensando em minha assassina

Num movimento impensado, extendi-lhe a mão. Ella hesitou; mas, logo em seguida, correspondeu a meu gesto e senti a pressão rapida de seus dedos sobre os meus.

Que cousa maravilhosa! Uma sensação banal, que se repete tantas vezes por dia... Comtudo, naquelle momento, vinda de uma creatura cuja existencia eu não imaginava sequer, uma hora antes, de uma mulher que pretendera me matar, foi para mim uma delicia enervante, que me fez cambalear.

Como num sonho, recuei. Ella se curvou para o chauffeur. Este bateu a portinhola e o taxi desappareceu para o lado de Oxford Street.

Felizmente, não chegara a me afastar vinte metros de minha casa. Percorri essa distancia ainda tão perturbado que só ao collocar a chave na fechadura me recordei dos perigos, que me ameaçavam. Meus nervos deviam estar em misero estado porque um terror panico se apoderou de mim e mal pude abrir a porta, com a aprehensão de que ia receber um tiro. Quando me vi no hall, corri os ferrolhos da porta e encostei-me á ella, para esperar que meu coração se aquietasse.

Chegando a meu gabinete, comecei por tomar um cognac energico. Um cigarro acabou de me restituir o equilibrio. Justamente por isso, reconheci que minha situação nada tinha de risonha.

Sem o accaso que me fizera apanhar um espelho em cima da mesa... sem o providencial accaso de haver alli, não sei por que, um espelho, eu já estaria morto. Mais tarde, verificando que havia pequenos espelhos espalhados por toda a casa, comprehendi que Northcote lançava mão d'esse recurso para ver o que havia atraz de si, sem se voltar.

Porem meus pensamentos se voltavam irresistivelmente para Maria Solano. Devia ter sido muito horrenda a morte de seu pai para que uma creatura tão moça e apparentemente tão culta, se decidisse a praticar um assassinato... Mas podia tambem ser que ella estivesse illudida e fosse um simples instrumento nas mãos dos verdadeiros criminosos.

Fosse como fosse, renunciei a esconder a mim mesmo o ardente desejo de tornar a vel-a. Seu rosto se conservava em minha memoria, como se eu tivesse diante de mim seu retrato; e meu coração vibrava ainda á lembrança do contacto de sua mão sobre a minha.

Termino o primeiro dia

— Mau — murmurei, dando um murro nas costas de uma poltrona — Isso até parece cousa do outro mundo. Uma creatura, que vi apenas durante alguns minutos...

Passei ao quarto de dormir, ainda maior do que o gabinete e mobiliado em estylo do seculo XVII, leito sumptuoso com baldaquins e o mais na proporção. Fiz uma minuciosa inspecção para me certificar de que não haveria, em qualquer canto, alguma outra visitante de revolver em punho e fechei cuidadosamente as trez portas: uma que dava para o gabinete, outra para o corredor e a terceira para a sala de banho.

Fiz minha toilette para dormir, fechei a luz e lancei um olhar por uma fresta da janella. Seria illusão provocada pelo somno, que já me pesava sobre as palpebras? Pareceu-me vêr um vulto, que se esgueirava entre as arvores, do outro lado da praça.

— Será o Sr. Suarez? — murmurei.

Cinco minutos depois, estava dormindo.

III — Outro recurso: — O veneno

Não foi Milford quem veiu me despertar, na manhã seguinte batendo na porta de meu quarto. Foi uma creadinha moça e nada feia.

Trazia-me algumas cartas e annunciou-me que o mordomo "não estava bem".

— Que tem elle?

— Não sei, não, senhor; mas passou toda a noite se estorcendo, em dôres.

— Chame, immediatamente, o medico — ordenei — E diga a Milford que não tardarei a ir vel-o.

Demorei-me um pouco no banho; em compensação vesti-me em dez minutos fiz a barba em cinco e engoli o primeiro almoço num relance, ansioso que estava por ver Milford. Mas uma das cartas, que a criada levara a meu quarto e que eu trouxera para lêr, durante a refeição, deteve-me um pouco. Dizia assim:

"Meu caro Northcote. Tive, hontem, uma entrevista com Rosedale. Elle acha que devemos lançar a sociedade em principio de Outubro; mas ha ainda dous ou trez pontos, que desejo discutir com você. Poderemos fazel-o quarta-feira.

A proposito, segui seu conselho e comprei a "Andorinha". Morton queria um preço louco mas acabou consentindo em um abatimento e em receber, agora, apenas um signal. Terá que esperar a organisação da sociedade para receber o resto.

Seu, cordialmente

Sangatte.

Fiquei pensativo. Já ouvira fallar em lord Sangatte como em um dos mais temiveis tubarões da Bolsa. E estava em difficuldades de dinheiro! Que poderia ser uma sociedade "lançada" por elle e Northcote?

Consultei o caderninho vermelho. No fim da pagina reservada aos compromissos de 4.ª feira, havia as palavras: *"Baile Sangatte."*

Resolvi não pensar mais nesse caso até a hora do baile. Accendi um cigarro e, sem dar por isso, murmurei: *"Maria Solano..."*

Esse nome, com a doce pronuncia do hespanhol da Bolivia, soava a meus ouvidos como a mais enternecedora das musicas.

Mas a voz da consciencia lembrou-me a doença do mordomo e apressei-me a ir a seu quarto.

Encontrei o bom Milford recostado nos travesseiros, respirando com esforço. Seu rosto tinha uma côr terrosa de mau agouro e sua fronte gottejava um suor insolito.

— Então? Que é isso? — perguntei, em tom cordial.

O primo indesejavel

— Não sei, senhor — murmurou elle com um triste sorriso — Hontem á noite, já não estava me sentindo bem; hoje, amanheci neste estado.

Palpei-lhe o pulso. Estava irregular e fraco.

— Não ha se ser nada — affirmei, affectando um optimismo, que estava longe de sentir. — O medico vem ahi... Provavelmente, você comeu alguma cousa que não digeriu bem.

Milford moveu a cabeça com desanimo.

— Não é possivel. Comi o que sempre como... e, depois do jantar, só tomei a garrafa de cerveja do costume, no bar da esquina. Portanto...

Um spasmo doloroso contrahiu-lhe o rosto, impedindo-o de continuar.

A cozinheira entrava, trazendo um sacco de borracha com agua quente. Tomei-o de suas mãos e colloquei-o sobre o estomago de Milford. Este me agradecia com um olhar, quando ouvi a campainha. Seria o medico, já?

Não. A criadinha foi abrir a porta e voltou, pouco depois, annunciando a presença do Sr. Mauricio Furnivall.

Momento grave, perigoso... Até então, eu só lidava com criados e com Maria Solano, que provavelmente nunca me vira se não de longe... Se minha similhança lograsse illudir tambem esse primo de quem o verdadeiro Northcote tanto desconfiava, eu poderia ficar tranquillo.

Entrei na sala de bilhar, com uma aprehensão um pouco... angustiante e, logo ao primeiro olhar, antipathisei formalmente com o homem, que me esperava. Era um rapaz alto, magro, typo de levantino, com os cabellos muito pretos, divididos e luzentes de um fixador qualquer.

— Olá — disse elle, com voz arrastada — Tão cedo e já vestido para sahir?... Madrugou hoje.

Tomei nota da informação. Northcote costumava dormir ou, pelo menos, ficar recolhido até mais tarde.

A' guiza de explicação, contei-lhe o que se passava com Milford.

— Que aborrecimento! — disse Furnivall, com indifferença — E, fóra isso, que ha de novo?

Sem saber por que, presenti uma intensa curiosidade por traz d'essa pergunta banal. Estaria elle ao corrente da tentativa de assassinato naquella noite?

— Sim — respondi friamente — Aconteceu-me uma cousa muito curiosa esta noite.

Vigiava-o com o olhar e surprehendi uma breve contracção nos musculos de seu rosto; mas sua voz se mantinha a mesma, quando elle perguntou:

— Deveras? Que foi?

— Prefiro não o dizer por emquanto — respondi, com uma risadinha.

Se elle se aborreceu com essa replica, sabia admiravelmente occultar suas impressões. Disse simplesmente:

— Muito gosta você de se envolver em mysterios! — Bocejou e passou a outro assumpto — Quando se resolverá a vir a Ashton, como me prometteu?

Recostara-se em uma poltrona e eu me lembrei do conselho de Northcote; mas preferi enfrentar o perigo. Continuo a pensar que é o melhor meio de evital-o.

— Quando quer me vêr alli? — perguntei com voz indifferente.

Acceito um convite

Nessa vez, não podia haver engano. Uma expressão de triumpho surgira em seu olhar.

— Quinta-feira, estará bem?

— Perfeitamente. Creio que poderemos fazer uma excellente caçada. As perdizes são abundantes e já começam a apparecer patos.

Respondi apenas com um gesto. Tinha o cerebro muito occupado. A perspectiva de uma caçada em companhia d'aquelle inquietador personagem era cousa, que obrigava a reflectir.

Felizmente, a chegada do medico, o Dr. Ritchie, dispensava-me de conversar com Furnival. O Dr. Ritchie era homem de meia edade, com aspecto muito correcto. Apertou-me a mão e encaminhou-se logo para o quarto de Milford.

O pobre mordomo peiorára; estava com o rosto cheio de manchas lividas e o soffrimento deformava sua bocca.

O medico affirma

O Dr. Ritchie contrahiu a fronte com expressão francamente inquieta, examinou Milford, interrogou-o e disse:

— Provavelmente, o senhor ...bebeu alguma cousa, que lhe fez mal. Está com uma intoxicação bastante seria.

— Vou morrer, doutor? — perguntou o mordomo, ainda mais pallido.

— Oh! Não diga isso — protestou o medico, com um sorriso indulgente — Dentro de uma semana estará prompto para outra. Vou receitar, mandar-lhe uma enfermeira e voltarei, á tarde ou á noite.

Milford agradeceu com um esboço de sorriso e sahimos do seu quarto. No corredor, o Dr. Ritchie mudou de tom e de expressão:

— Este homem está gravemente envenenado.

V — Contrato um novo criado

Não pude disfarçar uma emoção, que o medico julgou perfeitamente natural.

— Perdão, doutor — murmurei, em tom grave — Fallou ha pouco em intoxicação, que presuppõe accaso... Agora falla em envenenamento. Este ultimo termo dá ideia de um acto voluntario.

— Não ousaria jurar — disse o medico, com prudencia — Fallei em um envenenamento porque notei symptomas de um toxico mais grave do que os resultantes de uma alimentação... inconveniente.

Uma irritação difficil de conter crispou minhas mãos. Teria o bom Milford sido victima de um veneno preparado para mim? O medico observava-me com tal attenção que não tive duvida. Elle presentira minhas suspeitas; mas não se atreveu a me fazer perguntas e prometteu mandar pela enfermeira os remedios necessarios.

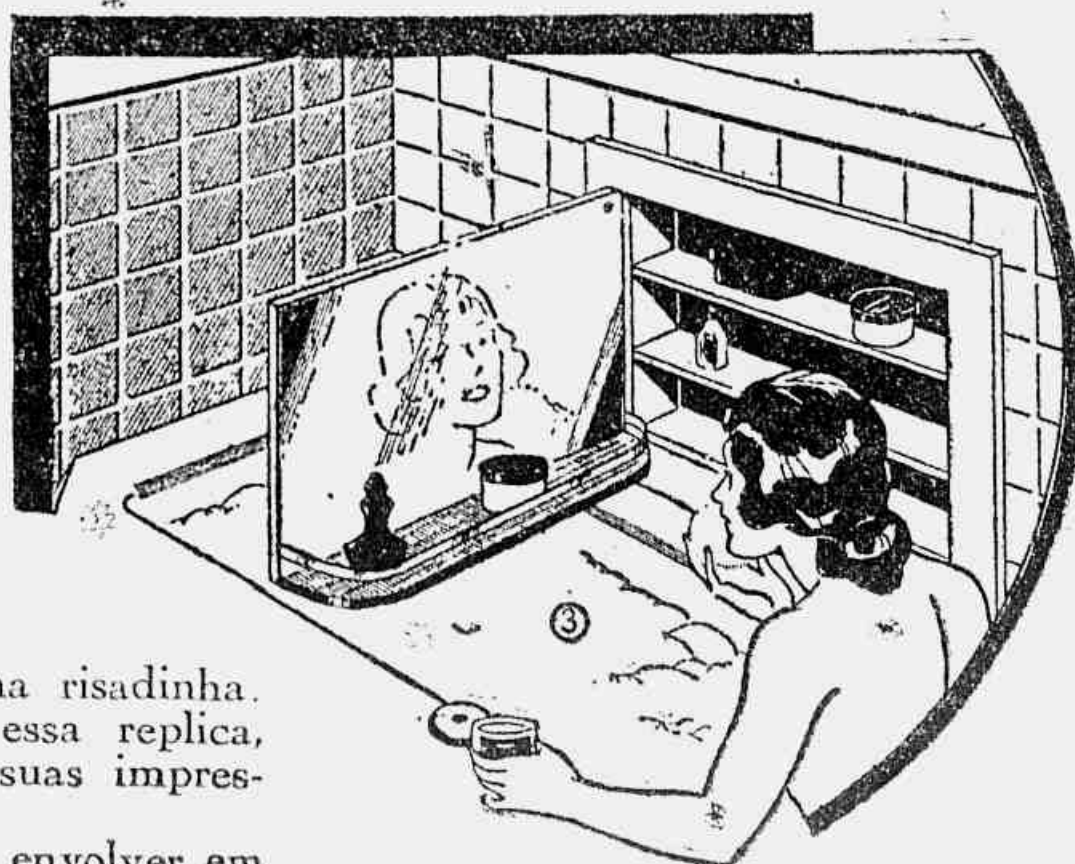
Minha prevenção contra Mauricio Furnival me induziu a lhe dizer simplesmente que Milford estava com uma grippe muito forte e, provavelmente, ficaria muitos dias na cama.

— Que aborrecimento! — repetiu "meu" primo, com um bocejo.

O conhecimento, que já tinha de Northcote, impedia-me de manifestar piedade ou mesmo interesse por um criado. Disse apenas:

— Vou mandal-o para um hospital e ver quem o substitua.

— Então, vamos passar pela agencia Seagrave. Venha commigo. Eu vou a Hannover Square. E' meu caminho.

Não tinha razão para recusar. Antes de sahir com

O problema do espaço no lar — Armario com porta de espelho, no banheiro.

elle, fui a meu quatro e consultei a *agenda* vermelha, afim de verificar o que estava registrado com referencia áquelle dia. Duas cousas apenas: Estar no alfaiate ás 12.30 e numa reunião do conselho de administração da London General Traffic Company, em Cannon Steret, depois do almoço.

Mauricio esperava no hall e, mais uma vez, tive a impressão de que elle se esforçava para occultar seu jubilo.

Estavamos ainda deante da minha casa, quando um automovel de luxo freiou bruscamente deante de nós e um homem edoso, supinamente chic e extremamente sympathico, pôz a cabeça na portinhola.

— Hello, Northcote. Estava mesmo desejoso de encontral-o.

Não sabendo quem elle era, senti-me em grande embaraço; porem Mauricio me salvou, curvando-se, quasi obsequioso.

— Bom dia, lord Lammersfield. Lady Lammersfield está bem?

Sua Senhoria saudou seccamente Mauricio, declarou que Lady Lammersfield continuava como de costume e, voltando-se para mim, indagou:

— Pretende ir ao baile de Sangatte, amanhã? Sim? Muito bem. Conversaremos lá. Preciso de lhe fallar sobre aquelle assumpto.

Apertou-me a mão e, sem olhar se quer para Mauricio, fez signal ao chauffeur para que proseguisse.

— E' um homem encantador — observei maliciosamente.

Mauricio Furnival lançou-me um olhar furtivo e disse, com intenção tambem maldosa:

— E' sempre bom manter bôas relações com um deputado influente no ministerнio do Interior e, principalmente... em Scotland Yard.

A referencia ao medo que eu devia ter da policia era clara, mas fingi não entender.

Entretanto, Mauricio detinha o automovel, dizendo: "E' aqui". Eu havia esquecido a agencia de criados, mas a vistosa placa do portal me refrescou a memoria.

Recebo todo o dinheiro

O Sr. Seagrave era o typo do negociante á moda antiga. Longa barba grisalha e bem tratada, sobrecasaca irreprehensivel, ar importante, gestos untuosos. Quando lhe expliquei o de que se tratava, tomou uma attitude compungida para lamentar a molestia de Milford e logo, mudando a attitude, bateu na fronte:

— Maravilhoso! Justamente agora tenho aqui um homem, que parece feito sob medida para servil-o. E' um francez. Serviu dous ou trez annos em casa de sir Henry Tergfield e retirou-se para viver de um pequeno capital, que herdou de uma tia. Mas acceita trabalho por alguns dias, substituindo algum doente ou licenciado. Chama-se Joseph e falla perfeitamente inglez.

Acceitei sem discutir. Sir Henry Tergfield não me era desconhecido. Encontrara-o mais de uma vez na capital da Bolivia, onde era, havia dez annos, ministro plenipotenciario da Inglaterra. Um homem, que servia em sua casa devia ser um bom mordomo.

O Sr. Seagrave prometteu que o mandaria, dentro de uma ou duas horas, no maximo. Como só pretendia voltar para casa á noite, deixei um cartão para que Joseph se apresentasse a Milford e entrasse immediatamente em funcções.

Ao sahir da agencia, Mauricio Furnival se despediu, murmurando com uma voz languida: "Até quinta-feira"; e eu fui ao alfaiate, onde tudo correu bem. Positivamente ninguem tinha a menor suspeita de que eu não era Stuart Northcote. Em seguida, passei pela casa Thierny a fim de comprar sapatos. Como já disse, os de meu sosia apertavam-me um pouco. Apoz a vida de miseria, que arrastara durante tanto tempo, era delicioso entrar em lojas de luxo, comprar cousas caras e pagar, tirando dinheiro de uma carteira bem recheiada. Para saborear essa delicia tão nova, adquiri varios outros objectos, inclusive uma bengala com estoque — uma verdadeira espada — arma admiravel, que me custou cem libras.

Restava-me ir ao banco e confesso que isso me inquietava um pouco. Até então, só tinha lidado com gente, que não tinha grande interesse em me observar com attenção; mas um banco não paga 8.000 libras, sem umas tantas cautelas.

Eu não estava tranquillo quanto ao cheque de 8.000 libras, que Northcote me confiára. Até agora, illudira toda a gente sem esforço, mas os pagadores, nos bancos, scrutam attentamente a physionomia d'aquelles, que vão receber quantias vultuosas.

Meu exito foi completo. Havia trez pessôas na fileira, antes de mim, diante do guichet onde uma placa de cobre ostentava os dizeres: *Contas correntes. Cheques*; mas, apenas me viu, um empregado já edoso e que estava no *guichet* vizinho, acudiu com todas as demonstrações de profundo respeito.

— Quaes são suas ordens, Sr. Northcote?

— Quero levantar 8.000 libras. Faça-me o favor de verificar se tenho saldo disponivel para isso.

— Creio que sim e já lhe digo com certeza.

Desappareceu por uma porta do fundo da sala e voltou, no fim de alguns instantes, com a tranquillizadora informação de que "meu" saldo ainda se elevava a 9.148 libras, 4 shillings e 6 pence. Entreguei-lhe o cheque. Ellle passou-o ao pagador, que o examinou rapida mas attentamente; depois, abriu uma gaveta e começou a contar o dinheiro.

— Vou lhe dar notas de quinhentas libras. Ficará bem assim?

Quando sahi do banco, não sentia o asphalto debaixo de meus pés. A sensação de ter commigo dez mil libras era uma volupia desconhecida e electrizante.

Na vespera, as duas libras, que o bravo Bill Logan me havia dado, constituiam toda a minha fortuna. Hoje era um millionario.

Para festejar essa rapida promoção, resolvi almoçar no Ritz.

VI — Maria Solano tenta salvar-me a vida

Alli, diante de iguarias, que me dispunham a optimismo, examinei com lucidez minha situação. Ia tudo correndo muito bem mas eu, agora, não tinha mais duvidass obre toda a seriedade dos perigos, que Stuart Northcote tanto receiava. Estava convencido de que a linda morena da noite anterior não voltaria a attentar contra a minha existencia; mas, alem d'ella, havia a temer o Sr. Suarez e sabe Deus quantos outros cavalheiros de nomes hespanholados, decididos a levar a cabo o que Maria não lograra executar.

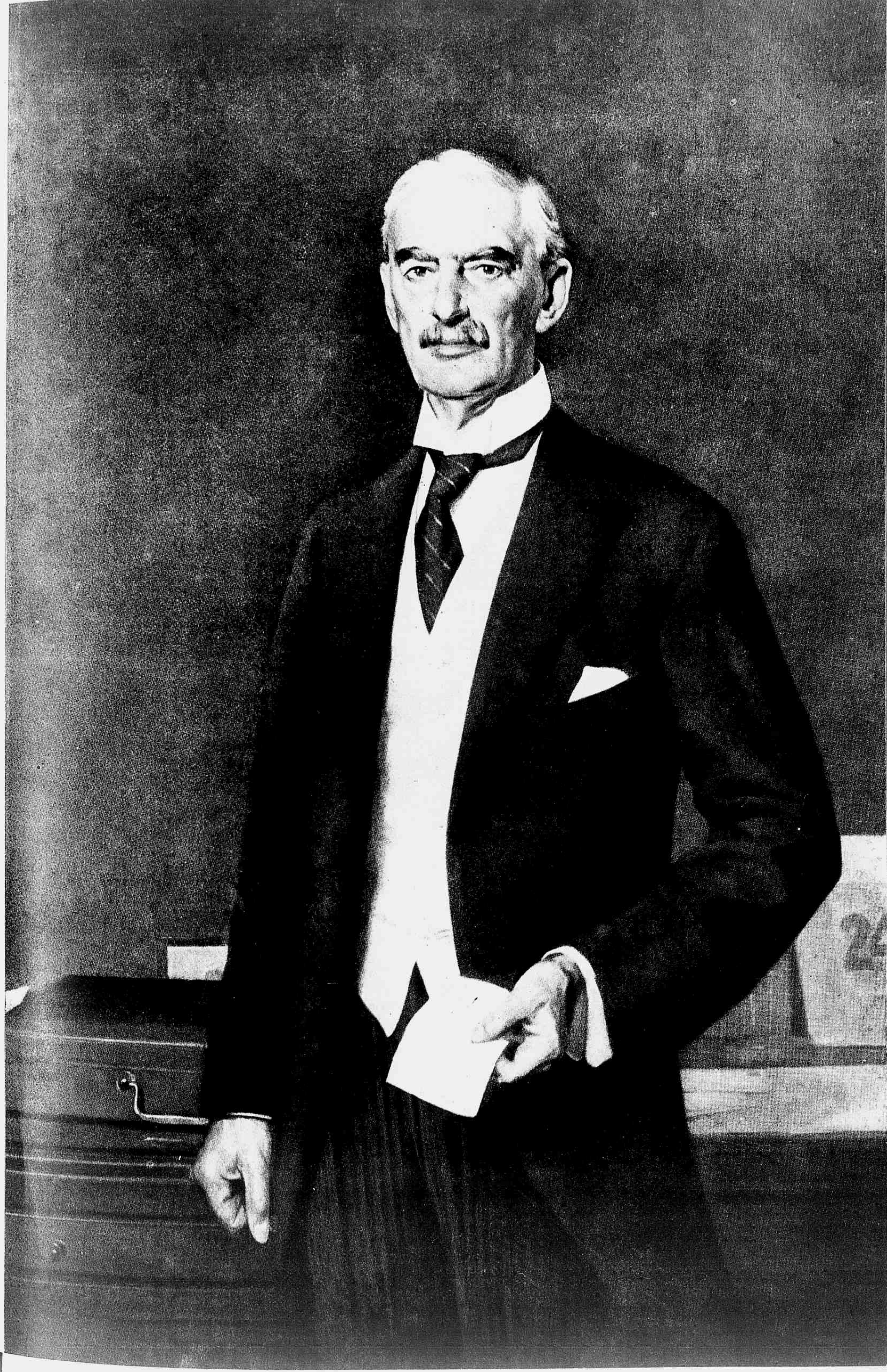
Perigos por todos os lados

E havia tambem a visita á casa de campo de Mauricio Furnival. Mesmo que o Sr. Northcote não me tivesse prevenido, eu desconfiaria d'esse homem. Tudo nelle indicava canalhice, antipathia, hostilidade trahicoeira, disfarçada, cobarde. Era evidente seu odio por Northcote... Restava saber se elle estava em contacto com Suarez e seus sequazes. Nessas condicções, acceitar seu convite equivalia a me atirar na bocca do lobo, como se costuma dizer. Paciencia! Prefiro um perigo brutal e immediato, porem claro, a uma atmosphera de temores indistinctos. Estava, por isso, resolvido a tirar a limpo todos aquelles mysterios e nada me parecia mais propicio á satisfacção de minha curiosidade do que alguns dias passados em casa de Mauricio Furnival.

Quanto aos riscos supplementares... Se eu tivesse junto de mim, um amigo seguro, um companheiro em quem pudesse ter inteira confiança, saberia desafiar dous ou mais d'esses Mauricios. De subito, uma ideia irrompeu em meu cerebro como um raio de luz... Billy! Billy Logan!

Por que não me lembrara d'elle ha mais tempo? Era o companheiro ideal para uma situação d'aquellas. Bravo, forte como um touro, leal, dedicado... Não era possivel imaginar um socio melhor para a aventura em que me mettera.

E' certo que, confiando-lhe meu segredo, eu, de certo modo, faltava á palavra dada ao Sr. Northcote; mas era preciso interpretar as cousas com bom senso. A reserva exigida pelo millionario não podia se extender a um homem, que era um outro eu mesmo. Se fosse possivel consultal-o, o proprio Northcote seria o primeiro a me aconselhar que chamasse Billy para junto de mim.

Continua no proximo numero).

Arthur Neville Chamberlain

FILHO do illustre estadista inglez Joseph Chamberlain — o Grande Joe, como era chamado, quando chefiava o governo da Inglaterra — e irmão do eminente diplomata Joseph Austin Chamberlain, o actual 1.º ministro de Sua Magestade Britannica, nasceu em 1869 e viveu até a edade madura alheio á politica e até fóra da Inglaterra, dirigindo uma importante propriedade agricola, que adquirira nas Bermudas.

Sómente em 1014 regressou á terra natal. No anno seguinte, a despeito de sua absoluta ausencia de ambições, pelo prestigio de seu nome e sua encantadora simplicidade, foi eleito lord mayor de Birmingham. Um anno depois foi chamado para um elevado cargo publico, Director do National Service. Em 1918, foi, pela primeira vez, eleito para a Camara dos Communs e até hoje seu mandato tem sido fielmente renovado por seus eleitores.

Foi, pela primeira vez, ministro, em 1931, como Chanceller of the Exchequer, no gabinete chefiado pelo Sr. Mac Donald. Substituiu esse estadista na chefia do governo em 1934.

O trabalho infatigavel, paciente e sabio da Natureza — A longa e lenta evolução até a creação do Homem

DIAGRAMMA MOSTRANDO A EVOLUÇÃO DO "HOMO SAPIENS" DESDE PRIMEIRO PEIXE VERTEBRADO. ATRAVEZ, OS REPTIS, QUE VIVERAM HA 400 MILHÕES DE ANNOS, OS PRIMEIROS MAMMIFEROS DE HA 250 MILHÕES DE ANNOS E O LEMURIO ANCESTRAL.

Reproduzimos, nesta e nas paginas seguintes, uma serie de desenhos, que, em conjunto, formam um diagramma, illustrando com a maior clareza a evolução do ente vivo, desde os mais antigos peixes até o Homem.

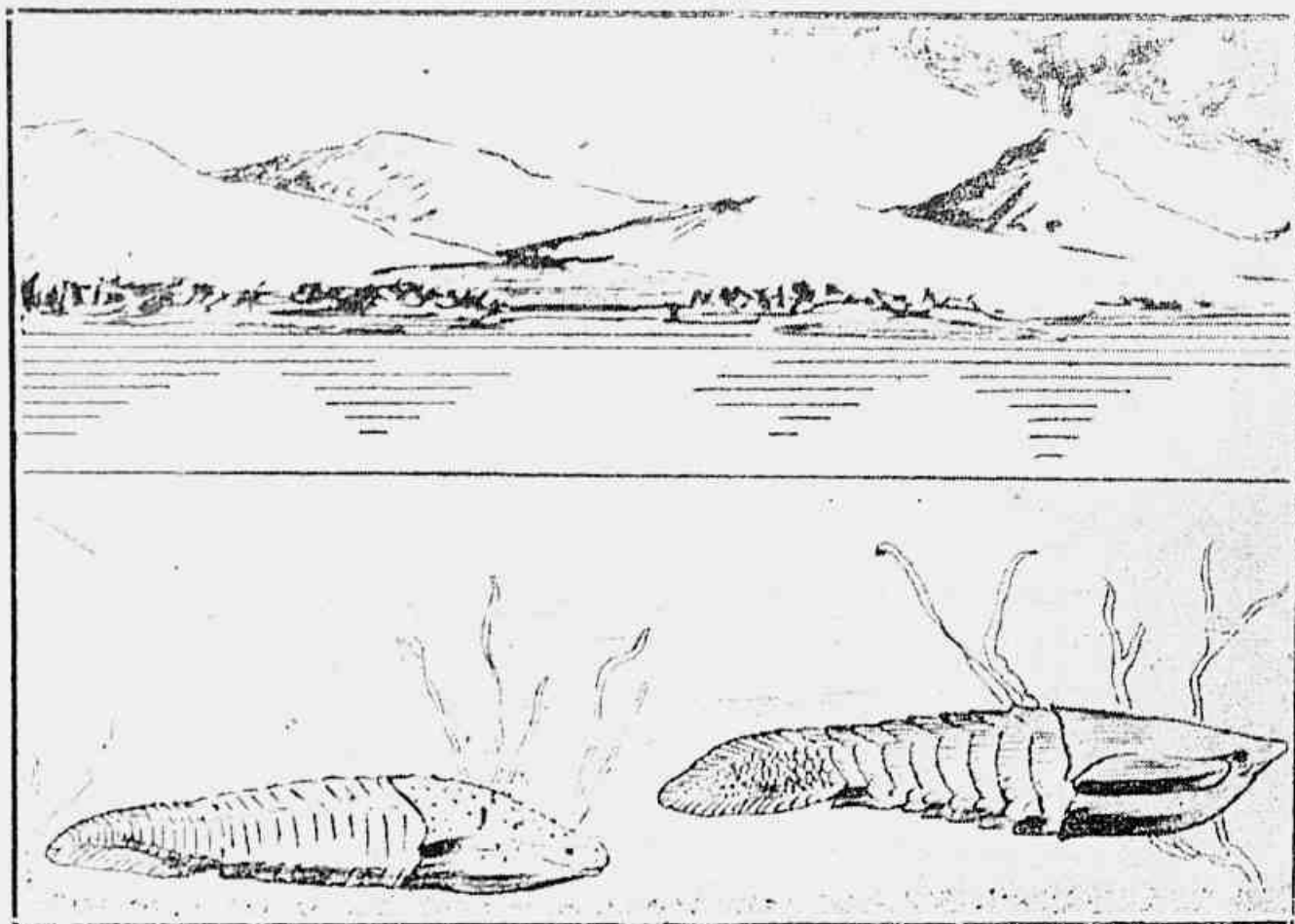
Esse diagramma se baseou nos estudos de um sabio pesquizador norte-americano, o Dr. Erich M. Schlaikjer, do Collegio de Brooklyn e foi publicado, recentemente no **Natural History Magazine**, acompanhado por minuciosa exposição do mesmo scientista:

«O homem de hoje — diz o Dr. Schlackjer — é o producto de um continuo desenvolvimento, desde a mais velha forma de vida organisada, que surgiu em nosso planeta, ha 375 milhões de annos.

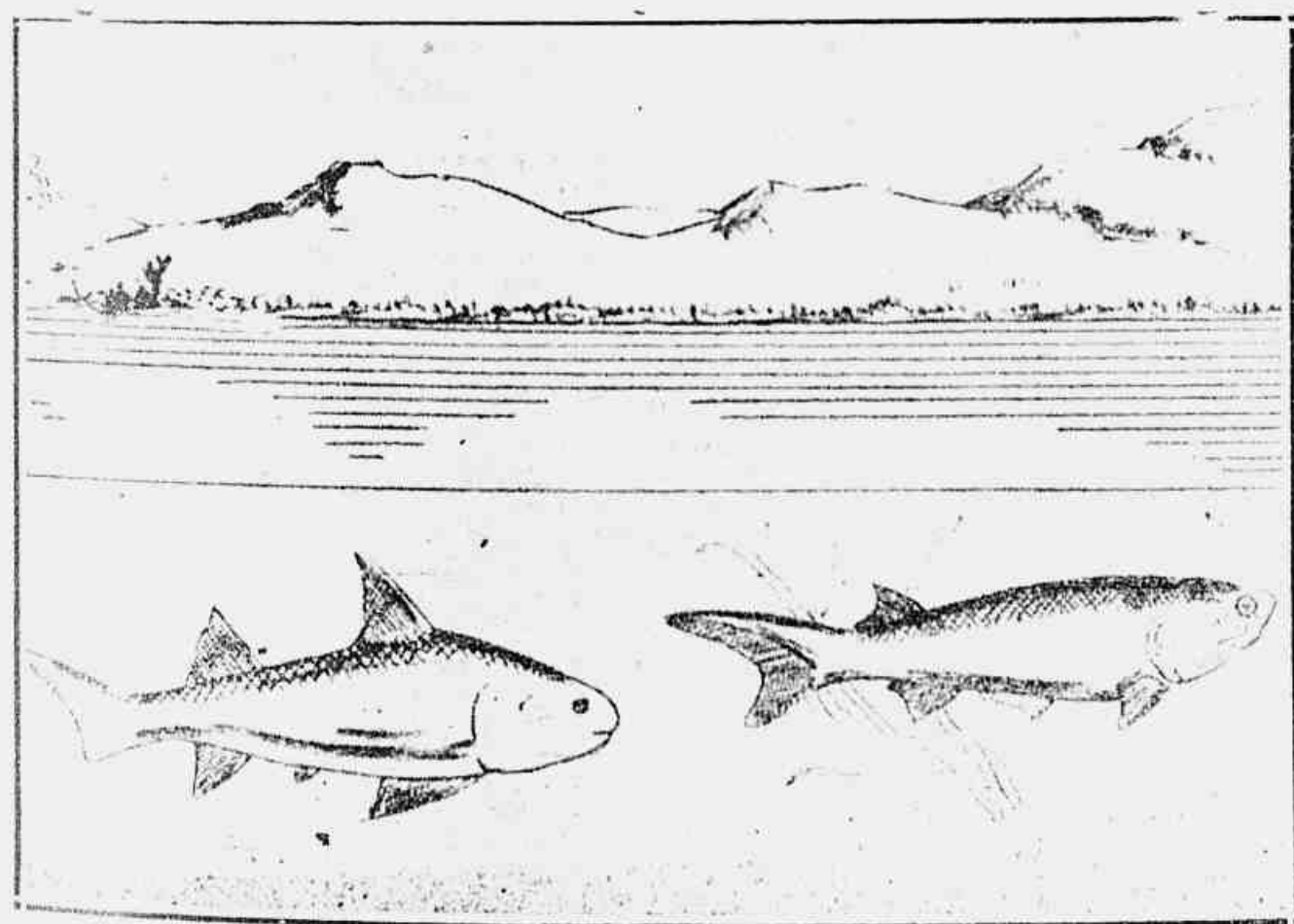
Esse conceito, com ligeiras modificações, foi parcialmente affirmado, embora por simples intuição, pelos mais antigos naturalistas e philosophos; mas só ha cerca de cento e cincoenta annos, innumeros scientistas, nos campos biologico e geologico, procuraram cada qual encontrar novas demonstrações d'essa gradual transformação, operada desde a mais antiga forma do peixe vertebrado ao peixe propriamente dito e d'elle aos amphibios, aos reptis e aos mammiferos, até chegar ao homem.

Entre os que mais se destacam nesse afan para collocar o homem no logar, que lhe cabe, em relação aos mais antigos vertebrados, estão Haeckle e Huxley. Entre os sabios de hoje, destaca-se o trabalho do professor William King Gregory, com innumeras

ERA PALEOZOICA.

(Do grego *palaios* (antigo) refere-se ás mais antigas camadas geologicas em que se encontram fosseis).

*Fim do periodo **ORDOVICIANO** e principio do **SILURIANO**. Ha 350 ou 400 milhões de annos.*

1 — Segundo os mais minuciosos estudos e os cal ulos mais seguros, foi apoz a era *paleozoica*, no fim do periodo *ordoviciano* que surgiu na Terra, ou melhor na agua de nosso planeta, o primeiro animal vertebrado, o *astraspis* de que se encontraram fosseis nas areias do canyon do Colorado (E. Unidos) pequenino animal em que a concha calcarea começava a ser substituida por uma pelle escamosa. Em vez de um abrigo rijo e independente, seu corpo se movia dentro camadas ou tiras semi-calcareas, presas á pelle. E movia-se graças a um esboço da espinha dorsal ainda cartilaginosa.

2 — No principio do periodo *siluriano* esse animal se aprefeiçoara. A cauda se tornara mais movel, afim de agir como um propulsor mais efficaz. No primeiro vertebrado, a alimentação continuava a se fazer principalmente pelos poros por que a bocca era quasi inexistente. No segundo, que as ontologistas chamam e *anglaspis*, ha uma verdad ira bocca e a crosta calcarea existe apenas no dorso, para proteger a espinha dorsal já ossificada. No resto do corpo, as escamas se tornam mais nitidas e tendem a se abrir, afim de auxiliar os movimentos. Nesse periodo, a superficie da Terra, que já aparecia livre de aguas, era quasi totalmente nua, esteril, em consequencia das incessantes erupções vulcanicas, que tudo cobriam de cinza e lavas. (*Duração do periodo: 20 a 30 milhões de annos*).

*Fim do periodo **SILURIANO**. — Ha 350 milhões de annos.*

Os vertebrados são já verdadeiros peixes, com todas as caracteristicas dos actuaes. O animal typico da primeira parte d'esse periodo foi o *aphetohyiode*, que já possuia um esboço de estomago; o do segundo foi o *cheirolepis* com a cauda mais robusta e flexivel, em prejuizo das natatorias, que tambem se tornaram mais fortes porem menores. Varios fosseis d'esse typo foram encontrados no Alaska e Canadá. Na terra, os vulcões se haviam tornado mais raros ou mais calmos. Começa a su gir vegetação rasteira.
(*Duração do periodo: 20 a 30 milhões de annos*(.

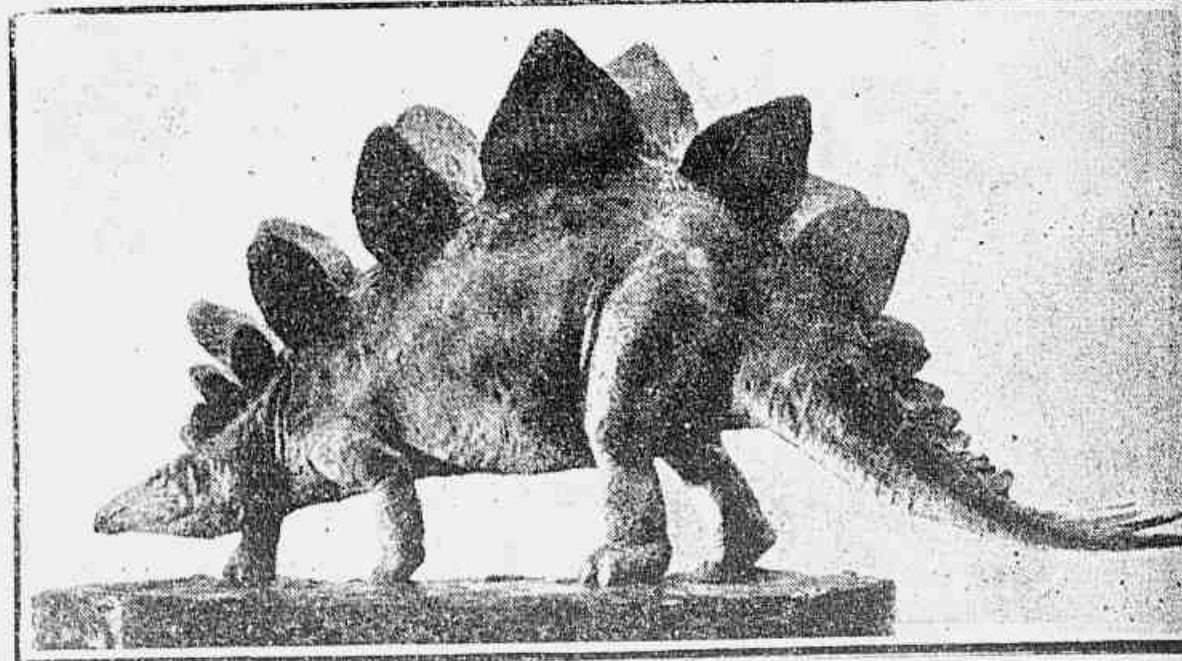
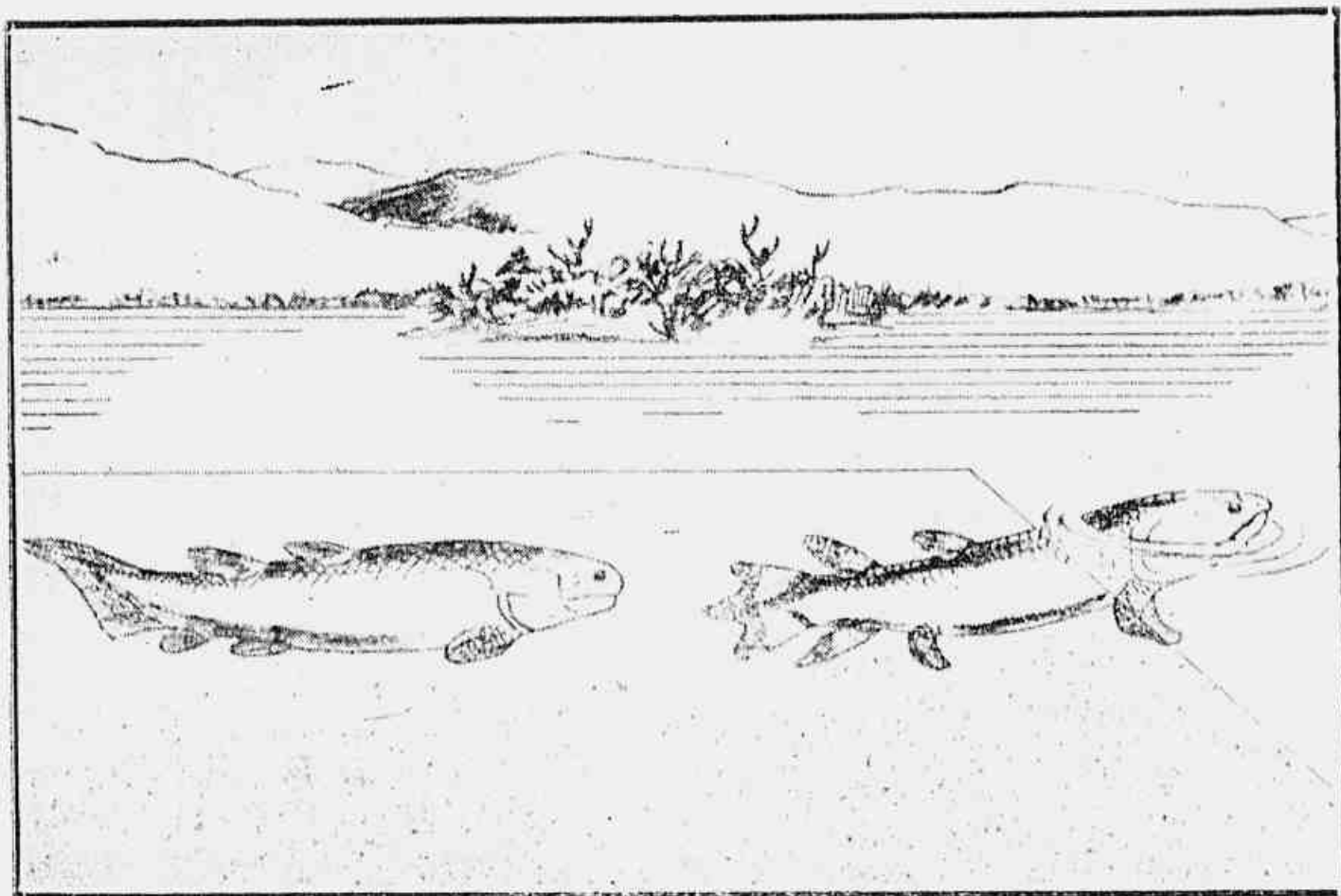
contribuições das quaes a mais notavel é a obra **Origem e Evolução da Dentição Humana**, sobre as etapas da evolução do homem, desde os mais antigos peixes.

Porem, a representação illustrada das etapas de nossos antepassados nunca fôra feita. Muitos o tentaram mas não conseguiram descer a detalhes, militando seu estudo á observação, no todo ou em parte, de animaes ainda hoje existentes.

O presente estudo logrou apresentar, pela primeira vez, uma serie continua de restaurações de trinta formas fosseis, todas pertencentes (ou proximas) a nossos ancestraes, a começar pelos mais velhos vertebrados. Essas formas foram escolhid.s entre milhares de fosseis vertebrados conhecidos, segundo sua estructura e capazes de formar uma sequencia progressiva até o Homo Sapiens.

Convem lembrar que essa lenta marcha para o homem actual teve a representação de uma multidão de sêres e 1 ossa escolha representa apenas as principaes etapas estructuraes, caracterisando cada grupo, atravez a longa caminhada.

A evolução não é apenas uma successão de passos, nem tão pouco uma condição de transformação de um individuo para outro. E' a vagarosa transformação dos mais baixos aos mais altos typos (grupos conhecidos e que gradualmente emergiram das mais velhas edades).

Quando surgiram os primeiros vertebrados, mais de trez quartas partes da historia da Terra já havia decorrido. Desde então, muita cousa ainda

Uma das experiencias nas quaes a Natureza, convencida de que estava com o rumo errado, não insistiu. — O *Stegosauro*, animal enorme com o corpo defendido por placas osseas, corpo, que ia até quinze metros de comprimento e cerebro minusculo.

Periodo DEVONIANO. — Ha 320 ou 330 milhões de annos.

Foi o de mais importante e rapida evolução. Os peixes começam a vir á superficie das aguas e para attender a essa necessidade ou instincto, seu systema respiratorio se torna duplo; alem dos bronchios, que extrahiam o oxygenio da agua, começam a se formar nos peixes verdadeiros pulmões, que os tornam aptos para a vida fora da agua. Ao mesmo tempo, o esforço para galgar o littoral ou adiantar-se pelas areias das praias desenvolve as natatorias. Como sempre, a Natureza experimenta para esse fim varios processos. No primeiro dos animaes typicos d'esse periodo — *osteolepis* — as natatorias se multiplicam; no segundo, o *custhenopteron*, já dotado com pulmões bem desenvolvidos e dentes apropriados para a trituração de vegetaes, as natatorias do dorso se mantêm estacionarias, ao passo que as do peito e ventre se avigoram, como esboços de patas. Ao que parece, essa evolução se fez em todo o mundo, ao mesmo tempo, por que os fosseis do *osteolepis* foram encontrados no Devon (Inglaterra) e os do *custhenopterons* no Canadá occidental. A vegetação já se eleva do solo ainda com o caracter de alga mas bastante desenvolvida. (*Duração do periodo: 10 a 20 milhões de annos*).

Fim do periodo DEVONIANO e principio do CARBONIFERO. — Ha 250 milhões de annos.

O progresso nessa evolução creou o reptil, que teve como primeiro typo caracteristico o *ichthyostegaliano*, cujos fosseis foram encontrados na parte oriental da Groenlandia. Esse animal foi o primeiro vertebrado quadrupede. Tinha porem, ao que parece, a pelle mal defendida para passar entre os obstaculos, que encontrava na terra firme. Por isso continuou a viver quasi exclusivamente na agua. Mas a vegetação se desenvolvia rapidamente. Eram formas primitivas do mundo vegetal — abetos, cactos, fougeres, pinheiros — mas que produziam alimentação saborosa e farta. Surgiram outros typos mais aperfeiçoados de reptis amphibios; o *eogyrino* — com a cabeça mais solida, apparelho auditivo mais desenvolvido, dentes mais fortes, patas mais curtas porem mais bem collocadas no corpo para permittir marcha maio rapida — e o *diplovertebron*, de que só ultimamente se encontraram fosseis em terrenos carboniferos da Bohemia. Neste ultimo typo, a cabeça voltára a ser pequena e afilada, as patas trazeisas approximaram-se das dianteiras, estas são collocadas bem na frente, tudo, em fim, facilita a marcha em terra. (*Duração do periodo — 20 a 30 milhões de annos*).

occorreu, que transformou a crosta da Terra e provocou accentuados modificações na vida animal.

Os primeiros vertebrados tiveram as formas mais simples, no tempo em que não podiam contar com plantas terrestres e os continentes eram separados por mares extensos.

Com o encerramento do periodo Devoniano, os mares soffreram restricções, surgiram plantas rasteiras, cobrindo as terras novas; e, com ellas, appareceram os primeiros amphibios.

Estes encontraram o solo ardente, o clima humido do Periodo Carbonifero, que foi longo e no qual os continentes eram mornas terras, cobertas de plantas ralas porem já mais caracteristicamente vegetaes. Seu desenvolvimento foi, então, abundante. Um grupo se installou definitivamente na terra solida e evoluiu para os reptis, que floresceram no fim da era Paleozoica.

Essa grande era finalizou com a revolução Appalachiana.

Systemas de montanhas surgiram acima do que até então fôra oceano, ventos carregados de humidade varreram as terras, transformando-as, e o universal diastrophismo teve muito que fazer nessas extensas regiões geladas.

Os amphibios perderam muitas de suas especies e os reptis tiveram suas formas desenvolvidas. Os que se approximavam dos mammiferos fizeram-se definitivamente mammiferos; naturalmente, sob formas variadas e, mesmo assim, numa evolução, que durou 140 milhões de annos.

Nos tempos mesozoicos, os mares voltaram a cortar mais largamente os continentes. Nova grande revolução terminou com essa era. Quer antes quer durante o periodo Mioceno, novas transformações occorreram na crosta da Terra que se levantou em novas cadeias de montanhas e culminou com a Era glacial.

Coincidindo com essas severas condicções, teve inicio a transformação do simio mais approximado do homem até se fazer o homem propriamente dito, o que occorreu nos criticos tempos Pleistocenos, que viu o homem abrir seu caminho para o mais alto plano da Evolução das Especies

◆◆◆

E' essa a historia maravilhosa, que o diagramma nos conta, evidentemente com uma simplicidade, que ha de provocar sorrisos indulgentes nos sabios do futuro; mas tal como foi traçado, com suas abreviações ingenuas, suas conclusões visivelmente apressadas, suas ligações por vezes arbitrarias, suas hypotheses talvez aventurosas, esse diagramma costeia de muito perto a verdade; não é obra de fantazia. Podem lhe faltar detalhes essenciaes; faltam-lhe, certamente, provas das transformações occorridas em longos periodos, que o passado ainda guarda em segredo; mas, tal como é — incompleto e falho — constitue um documento precioso porque, para compensar a insufficiencia e os hiatos de sua exposição, podemos estar seguros de que não ha nelle uma só affirmação, que não fosse verificada por mais de um sabio digno de todo o respeito, que não corresponda a uma verdade comprovada pelo exame de fosseis indiscutiveis ou de animaes ainda vivos, conservados, por accaso verdadeiramente miraculoso, em determinadas regiões — ilhas Galapagos, Australia, Madagascar e Amazonia...

◆◆◆

Das linhas, que, acima, descrevem a evolução dos vertebrados e dos desenhos, que tão lucidamente completam o texto, resulta, em primeiro logar, uma licção profunda, que, sem maior exame, pode parecer irreverente ou sce-

ptica mas, ao contrario, exalta em nosso conceito, a admiração pela Madre Natura.

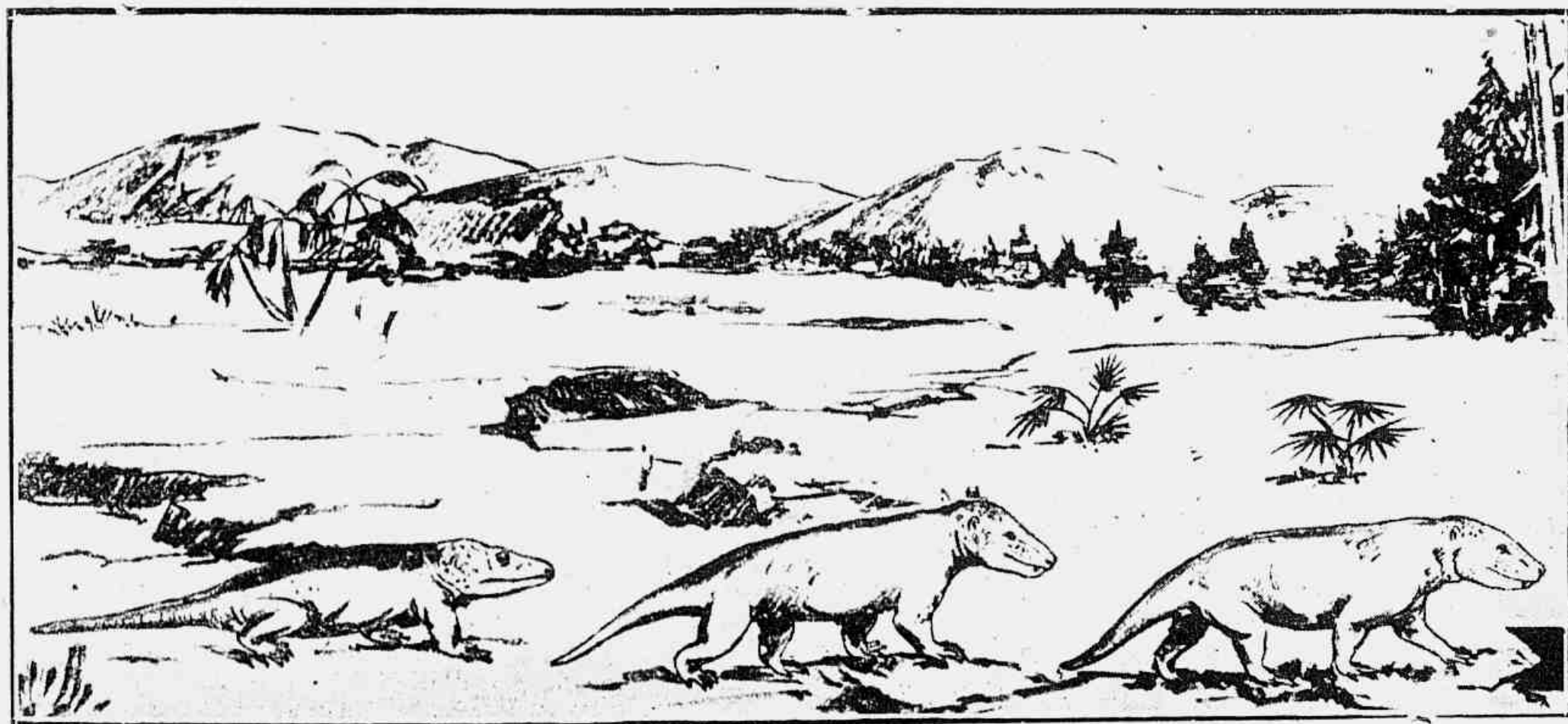
Antigamente, os que pretendiam elogiar a Natureza proclamavam discricionariamente: — Ella não erra! Não pode errar! E' infallivel!" Bradavam essas affirmações, como dogmas, sem provas, de olhos fechados, acceitando como primores ou como infallibilidades, os aleijões, os monstros...

Felizmente, a verdade é outra. A Natureza erra; mas justamente por que é sabia, reconhece quando errou e recomeça seu trabalho sob novos methodos, até acertar e obter o que tinha em vista.

Toda a creação nos apresenta, a cada passo, milhares de exemplos das experiencias, dos enganos, dos erros e do eterno recomeçar com que a Natureza busca a perfeição.

Alem d'isso, a observação minuciosa da evolução natural, desde o periodo devoniano até nossos dias, conduz o observador a trez verificações altamente impressionadoras, por isso que d'ellas resulta a impressão de um

Fim do periodo CARBONIFERO e principio do PERMIANO. — Ha 225 milhões de annos.

O periodo carbonifero caracterisou-se por um recrudescimento da actividade vulcanica, que, de novo, desnudou o solo, destruindo quasi por completo o que já existia de vida vegetal. Immensas florestas de pinheiros intensamente resinosos foram soterradas e submettidas a pressão e calor tamanho que as reduziram a jazidas de carvão. Por isso, o animal vertebrado pouco se adiantou em sua evolução. E' mesmo de crer que tenha voltado a buscar mais constante refugio no seio das aguas. Os trez animaes typicos d'esse tempo apresentam poucas variantes e nenhum progresso como animaes terrestres. O *reynuria*, de que ha varios fosseis no sul dos Estados Unidos, de novo apresenta patas mais recuados — isso é: mais proprias para a natação. Só apresenta desenvolvimento notavel no cerebro. O *romeria*, de que só se encontram fosseis no Texas e o *coptorhinos*, que se seguiram ao reymurio, constituem duas experiencias talvez parallelas da natureza. Extremamente parecidos no aspecto geral, na dentadura e apparelho digestivo, distinguem-se por uma diversidade essencial. O primeiro oviparo, o segundo mammifero. A diversidade de dentadura entre o primeiro e dous ultimos d'esses animais traz nos mais uma prova de que, na primeira parte d'esse periodo, a vida era mais segura sob as aguas. O *reymuria* era dotado com uma dentadura apropriada para partir as cascas de molluscos; nos outros dous os dentes voltam a ser proprios para a trituração de vegetaes.

Fim da era PALEOZOICA; principio da MESOZOICA. Fim do periodo PERMIANO e todo o TRIASSICO. Ha 200 milhões de annos.

Nesse periodo, o animal amphibio, que de peixe tomara a forma de crocodilo e depois de lagarto, fixou-se definitivamente em terra firme e, habituando-se a essa nova existencia, desenvolveu as patas, tornando-se nitidamente um quadrupede, que evoluiu em trez typos: — o *mycerosaurio*, que apenas erguia o peito do solo e conservava a articulação dos membros para a frente, como os reptis anteriores; o *cynognuthon*, que apresenta duas modificações sensiveis — articulação das pernas dianteiras para traz e a cabeça não mais como um prolongamento do corpo (caracteristica dos peixes e reptis) mas formando angulo com elle e apresentando um esboço de craneo arredondado; e, por ultimo, o animal typico do periodo, o *trinaxodon*; a cabeça forma angulo menos accentuado com o corpo; em compensação, o peito é mais amplo, com as patas nitidamente collocadas de um e outro lado; os quadris tambem se avolumaram; a cauda se reduziu. Tem todas as caracteristicas do quadrupede e não é mais amphibio.

(Duração do periodo: 40 a 50 milhões de annos).

O animal typico d'essa epocha na qual teve inicio uma era glacial, foi o *ichtidonasaurio*, que apresenta como caracteristicas dentes de roedor, patas com dedos menores e reduzidos a unhas, provavelmente pela necessidade de buscar o alimento unicamente na terra. Mais sensivel ás variantes de temperatura e precisando de protecção tambem contra o contacto com vegetaes, esse animal começa a ter pellos, que são maiores e mais abundantes no typo seguinte — o *amphiterium*. A cauda, tão importante nos primeiros vertebrados e ainda nos peixes, agindo não só como leme mas principalmente como propulsor, vai se reduzindo a um apendice inutil.

Periodo JURASSICO — Ha 150 ou 160 milhões de annos

Fim do JURASSICO e principio do CRETACEO — Ha 120 milhões de annos

Por causas ainda ignoradas — talvez a desolação em que as geleiras deixaram o mundo — esse periodo assaz dilatado, pois durou trinta a trinta e cinco milhões de annos, trouxe escassissimo progresso ao planeta. Os vegetaes, que haviam desapparecido quasi por completo, renasceram em condições absolutamente eguaes á do periodo anterior; os animaes, ao que parece, tambem se conservaram sem modificações sensiveis, a não ser que os pellos se tornaram mais abundantes, mais finos e a forma geral se tornou mais harmoniosa. Para classificar os mammiferos typicos d'esse tempo, os zoologos são forçados a appellar para detalhes infimos. Por exemplo. O *Amphitherium* do periodo anterior, considerado como primeiro representante de uma ordem nova na natureza — a *pantothera* — (mammifero completo) soffre um ligeiro progresso no *melanodon*, com dentição de insectivoro: e o *deltatheridium*, com a dentição mais uma vez alterada para se alimentar com brotos e cascas de arvore.

Fim do CRETACEO e principio do PALEOCENO — Ha 60 milhões de annos.

Com esse perioro se encerra a era mesozoica e tem principio a cenozoica. Essas duas eras — principalmente a primeira — tiveram importancia capital na evolução natural de que resultaram o Macaco e o Homem. O fim do periodo glacial teve por causa uma volta á temperatura normal, que, provocando o degelo, produziu uma inundação geral. Transformado o solo em um eterno e illimitado charco, os animaes como o *melanodon* e o *deltatheridium* (resultantes da evolução, que vinha se fazendo desde o primeiro vertebrado.) tiveram que buscar refugio nas arvores e d'isso decorreu a necessidade da mais admiravel creação da Natureza — a mão humana. Foram os primeiros *lemurios* (Pantotheras arboricolas) os que, vivendo nas arvores, tiveram necessidade d'esses incomparaveis instrumentos e, como a necessidade crea o orgam, suas patas, boas apenas para andar no solo, foram pouco a pouco se transformando. As unhas ganharam comprimento e, depois, foram alongadas por dedos, que se avigoraram e dividiram, tornando-se articulados e, portanto, prensiveis. Está provado que a Natureza fez essa experiencia em todo o mundo pois tem sido encontrados numerosos fosseis de lemurios em toda parte.

Outra verificação nos dá a prova de que esse foi o periodo aureo da evolução. Alem do esboço de mãos, o Polycodos, ultimo animal typico da epocha, apresenta craneo nitidamente arredondado e cerebro mais desenvolvido, como se a vida arboricola, tendo como consequencia a vida em commum e maiores esforços para assegurar a alimentação e a defeza, houvesse trazido mais rapido progresso mental.

Fim do EOCENO e todo o OLIGOCENO — Ha 35 milhões de annos.

Esse é o periodo do qual são mais raros os testemunhos fosseis; mas os indiscutiveis exemplares da fauna no periodo seguinte deixam fóra de duvida que occorreu então a passagem do quadrupede para o quadrumano. Alem de transformar as patas em mãos e de desenvolver a intelligencia, o animal resultante da vida arboricola, no fim do periodo eoceno, o Nothartus, não encontrando onde se firmar nas quatro patas sobre um galho de arvore, habituou-se a viver sentado, posição já semi erecta, que se accentuou no typo seguinte de arboricola — o *Parapitheco* (do grego *para*, quasi, approximado e *pithekos*, macaco). Esse animal apurou as caracteristicas do simio no *Propliopitheco*, que viveu e firmou seu typo no fim do periodo *oligoceno*.

proposito intelligente, preconcebido e mantido atravez todas as difficuldades, durante centenas de milhões de annos; o de crear o Homem; utilisando para alcançar esse objectivo supremo todos os recursos, inclusive ou cataclysmas, as provações, os soffrimentos.

1.º verificação. A evolução do astraspis — o primeiro esboço de animal organisado — até o Homem seguiu marcha lenta, hesitante, por vezes; com variantes, que tacteavam, diante dos obstaculos, das transformações do ambiente mas com um espirito de continuidade, que nunca foi detido, nunca foi abandonado, nunca desanimou.

Mas — notem bem — todos os creações, todas as formas, todas as experiencias, que se desviaram d'esse objectivo teimosamente perseguido, todos os entes vivos, que não podiam servir áquelle rumo foram abandonados e desappareceram ou **cessaram de evoluir**, como se a **Natureza se tivesse desinteressado** d'elles.

2.º — O periodo dos alagadiços, que constituiu uma calamidade, obrigando todos entes vivos a buscar refugio nas arvores, trouxe á evolução dous progressos decisivos: a transformação da pata informe em mão — o mais admiravel e perfeito dos instrumentos — prensil, tactil, sensivel ás variantes de temperatura, como á consistencia e á forma dos sêres e objectos, instrumentos tão bem organisados, que, em muitas circumstancias, podem substituir os olhos.

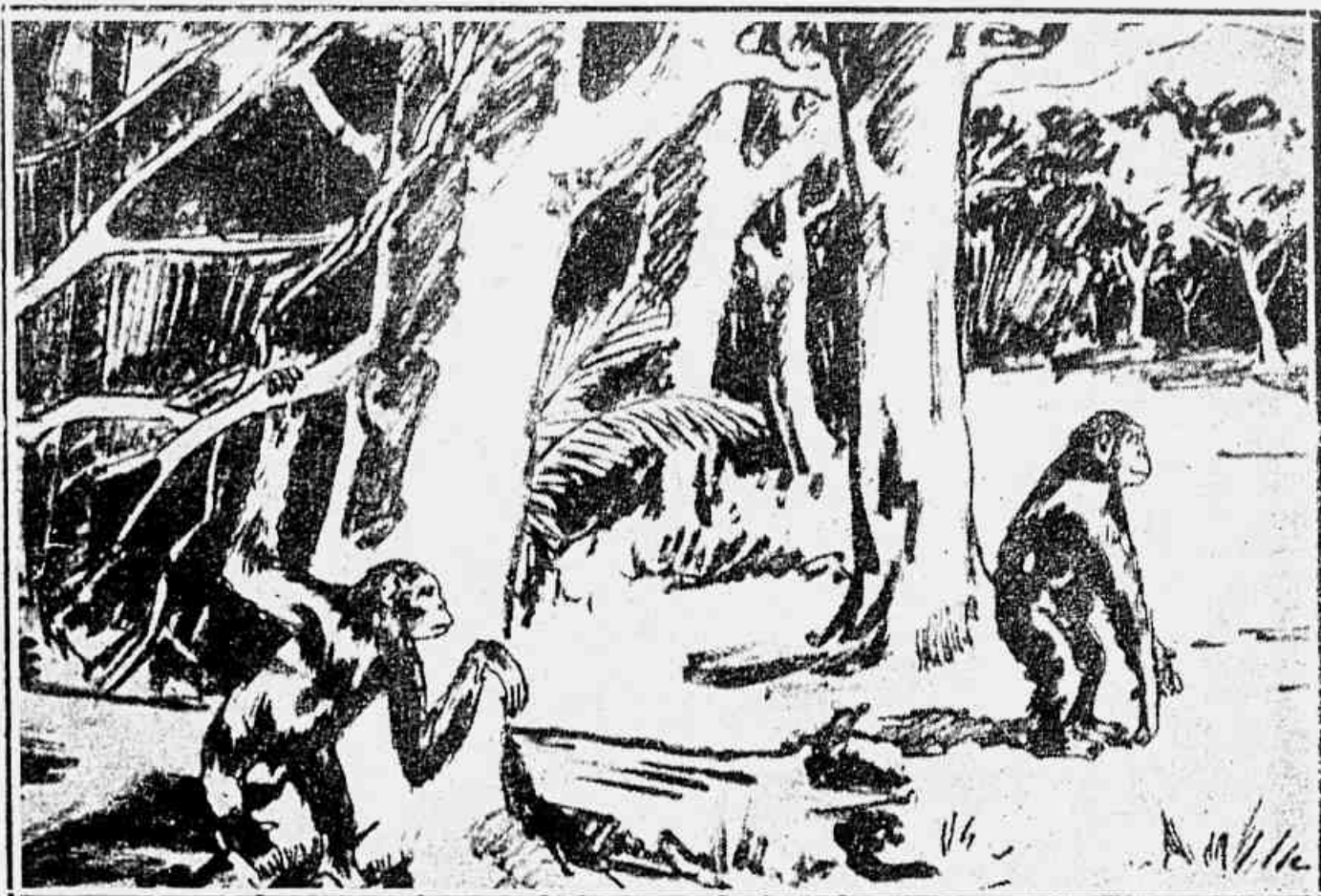
3.º — Esse mesmo periodo, com a provação da vida prisioneira nas

arvores, impediu que o animal em formação voltasse a ser um quadrupede; fel-o bipede.

Durante a vida arboricola, os braços do ente em formação se desenvolveram tanto que, voltando a viver no solo, mesmo quando se apoiava ao mesmo tempo nos pés ou nas mãos, o **pithecanthropus** era forçado a ficar em attitude vertical.

Então, habituando-se a caminhar sómente sobre os pés e dispondo de mãos, o ente, que era ainda **pithecanthropus** (macaco-homem) teve sua victoria assegurada sobre toda a creação; não tardaria a ser unicamente Homem.

E a Natureza poude começar a segunda evolução, a evolução do cerebro e da alma, que só os descuidados negam e tem suas melhores provas no espirito de logica e no senso de justiça, que todas as creanças manifestam, com as primeiras faculdades mentaes.

Tambem nessa segunda parte de seu trabalho, a Creação se caracterisa pela paciencia, o desdem pelos seculos, que passam, a marcha tão calma e tranquilla no tempo sem limites que nos dá a impressão de immobidade.

Periodo MIOCENO-PLIOCENO e principio do PLEISTOCENO. — Ha dez milhões de annos.

Da necessidade de movimentação entre galhos de arvore decorreu o desolvimento insolito dos braços. O *Atele* (tambem chamados *macaco-aranha*) é ainda hoje um sobrevivente d'esse typo e muito se parece com o *Dryopithecos* (Macaco dos carvalhos) que foi o animal typico do periodo myoceno. Mas já a terra absorvera os charcos deixados pelo periodo glacial. Secco e fertilisado pela agua de que se impregnara, o solo offerecia agora aos arboricolas a tentação do alimento variado e farto. O simio se decidiu a abandonar as arvores e occorreu, então o novo milagre da necessidade impondo o progresso. A vida arboricola desenvolvera de tal modo os braços do simio que elle não poude ser quadrupede, como seus antepassados. Voltando a viver no solo, elle foi *obrigado, pelo comprimento dos proprios braços, a caminhar de pé*. Esse detalhe dos membros superiores longuissimos está provado por fosseis já sem conta, encontrados em todo o *Velho* Continente — da Europa Occidental ao sul da India — e tambem na Australia e no Sul da Africa, onde não raro o gorilla e o chimpanzé tem os braços do comprimento do corpo.

Continuação do periodo PLEISTOCENO. — Ha um milhão de annos.

D'ahi, a evolução alcançou a forma primitiva de Homo Sapiens, cujo fossil mais remoto é o *Sinanthropus*, de Pekim. Os ossos d'esse remotissimo antepassado do Homem actual têm sido descobertos em terrenos do periodo alagadiço, que se seguiu immediatamente ao glacial; o que prova que, em algumas regiões do planeta, a evolução foi mais rapida e o simio não esperou que o solo deixasse de ser um charco para descer a elle e se transformar em anthropoide. Depois do homem de Pekim, o typo humano mais remoto de que ha noticias certas é o Homem de Java, mais proporcionado, com a cabeça já afastado do corpo por um pescoço nitidamente formado; peito menos volumoso, torso mais alongado e pés já bem distinctos das mãos.

Do ponto de vista physico a creatura humana vai, pouco a pouco, eliminando os orgãos, que perderam a utilidade — a prostata, o segundo estomago, reduzido a um apendice, etc. — em compensação, o tacto se aperfeicoa a cada geração e o cerebro reforça a crosta de materia cinzenta, fonte e mecanismo do raciocinio.

Outro specimen das experiencias abandonadas pela natureza. — O immenso, muito forte e estupidissimo Brachiosaurio.

Fim do periodo PLEISTOCENO. — Ha dez mil annos era actual.

Faltam infelizmente os typos intermediarios, que devem ter surgido durate os nove ou dez mil annos seguintes. Depois do Homem de Java, que era pouco superior ao animalisado indigena da Australia de nossos dias, o typo mais antigo de que ha ossadas é o homem das cavernas de Cromagnon (França) já muito desenvolvido physica e mentalmente, capaz de desenhar, de pescar, fazer armas engenhosas, preparar armadilhas para as grandes feras, fazer fogueiras, assar seus alimentos etc., permittindo já prever as faculdades do homem actual.

Ao mesmo tempo, a sensibilidade moral se vai apurando. Ao exterminio dos vencidos, succedeu a escravidão, que, appellando para o interesse, impediu o conquistador de massacrar os conquistados; mais alguns seculos e a escravidão, adoptada como uma medida de clemencia, passou a ser, aos olhos dos homens cultos, uma intoleravel crueldade.

ás flôres coloração e forma deslumbrantes a fim de attrahir os insectos portadores de germens da reproducão, dota as creanças com um encanto emotivo e sem egual, para que ellas enterneçam, inspirem adoração e nos levem a lhes dedicar o melhor de nós mesmos.

As especies pelos quaes a Natuteza não mais se Interessou. Os mais frageis se entinguiram, os mais resistentes persistem até nossos dias mas deixaram de evoluir ha centenas de seculos. As trez formas do elephante da India desde o o periodo jurassico, na 150 milhões de annos.

Por sua vez, o elephante africano pouca differença apresenta de seu antepassado, o archidishonon, tambem do periodo jurassico

O primeiro modelo tinha um defeito: o dous dedos principaes estavam em um mesmo plano e só funccionavam juntos, com movimentos identicos. Nesta segunda experiencia, os dous pollegares são independentes e um delle é sou-dividido, formando uma especie de pinça. O terceiro modelo (á direita) já apresentava cinco dedos, trez centraes e dous pollegares, sendo um d'esses ultimos na palma da mão.

Quarta forma. Cinco dedos dispostos em forma de leque e reforçados por mais um na palma da mão junto do pulso. Devia ser m ito commodo para segurar objectos em forma de globo — fructas, por exemplo — mas só para isso.

O primeiro esboço de mão experimentado pela Natureza. Um só dedo central e dous pollegares.

Como sempre, a Natureza appella para os mais variados e disfarçados recursos, a fim de obter o progresso. Uma creança não poderia viver um só dia sem cuidados minuciosos, attentos, que exigem esforço, fadiga, sacrificio... Então, a natureza, que dá

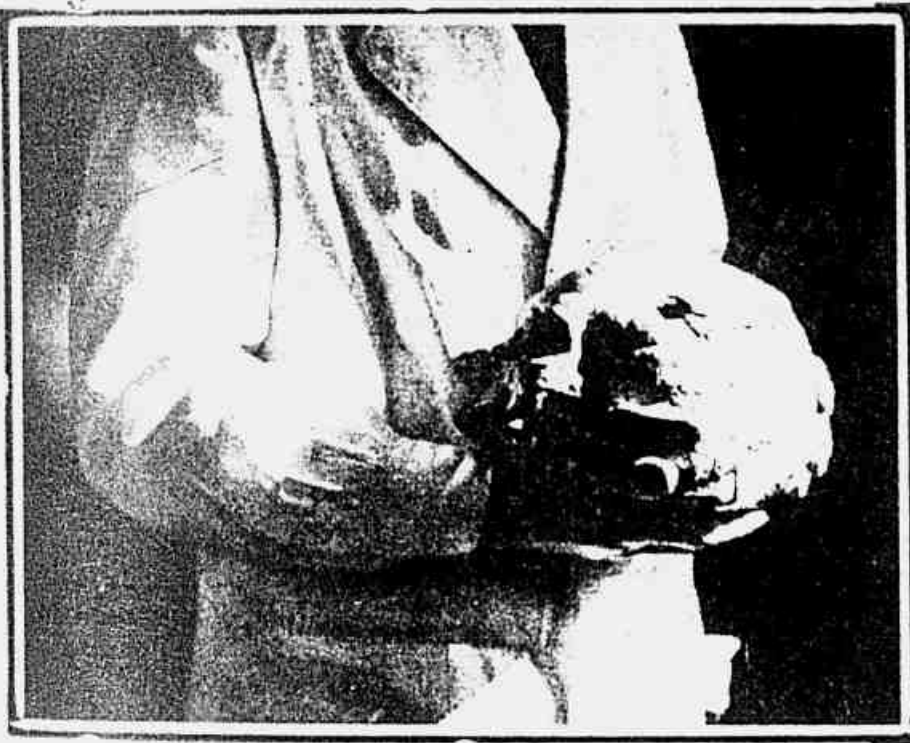
As repercussões da guerra sobre a poesia, na Allemanha

AS REPERCUSSÕES DA GUERRA SOBRE A POESIA, NA ALLEMANHA — Uma collectanea recentemente publicada em Berlim, com o titulo *A poesia da Grande Guerra*, permitte fazer ideia das vibrações da alma germanica durante a tragedia de 1914-1918.

Em Agosto de 1914 um poeta exaltava e abençoava a luta armada: "Bemdita seja a hora solenne — que nos une como um bloco de bronze — A paz era a palavra de todos — A desconfiança paralysava amigos e inimigos. — Agora veiu a guerra, a guerra leal. — Que nos levará á victoria — Nosso sangue é uma aurora — E' o vinho da eucharistia. — Corre em ondas na taça da vida — As batalhas se succedem — O inverno altera o scenario — Mas é preciso matar a ordem das estações."

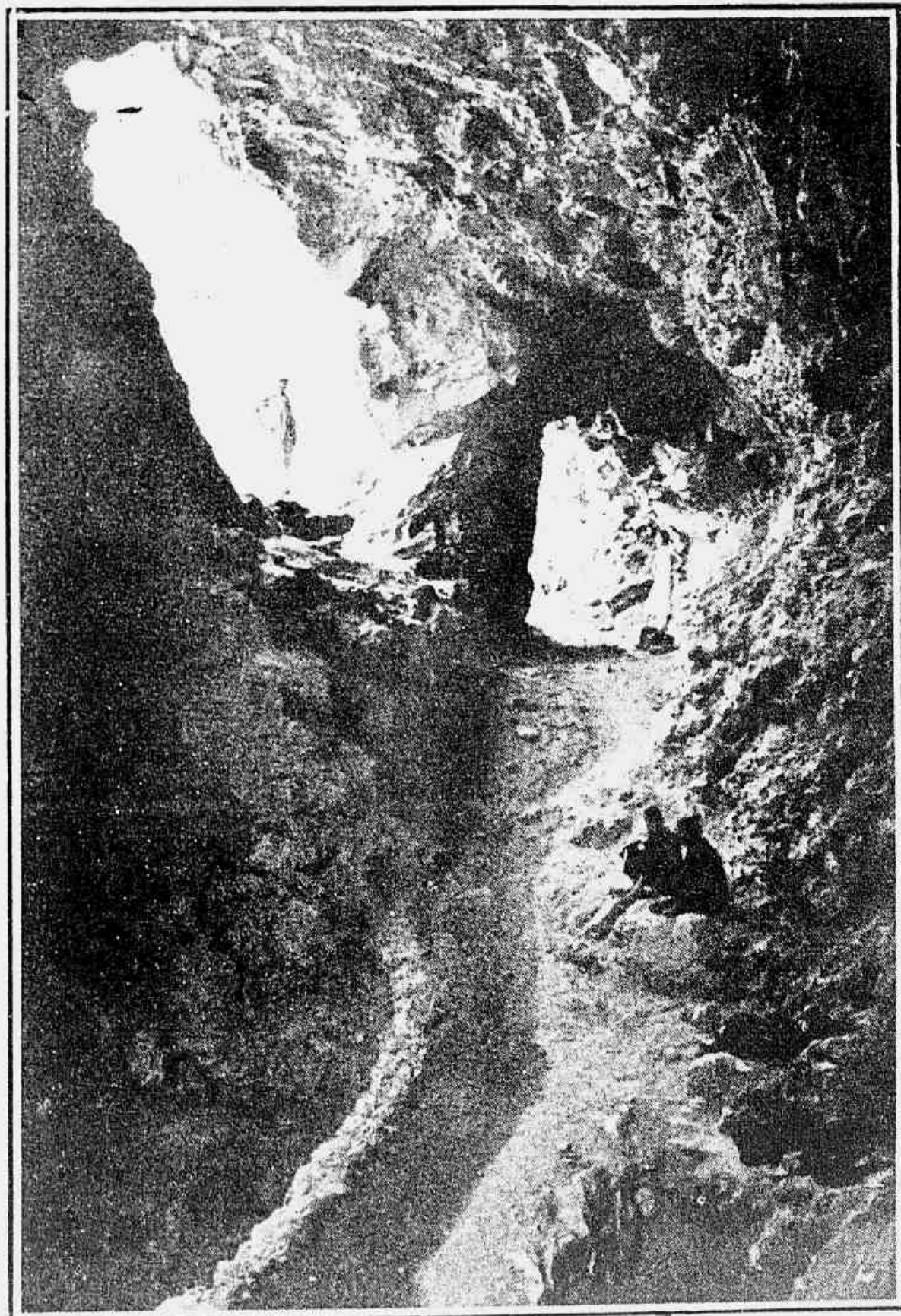
Em 1917, o soffrimento começa a fatigar e o tom é outro: "Os obuzes rugem com furor apavorante — Com a blasphemia nos labios, o canhoneiro Lucifer — Se ergue no meio dos relampagos — Nossas mascaras cahiram — Com saltos sel-

A esquerda — Esboço ainda encontrado nos gatos selvagens e arboricolas da Australia: com um só e enorme pollegar destacado para traz. *A' direita* — Mão do mesmo animal, com a forma já quasi perfeita

Tão espantoso como seria encontrar, em uma floresta da Amazonia ou do Congo, em nossos dias, um diplodocus ou um dinosauro vivo. — Para um leigo ou um desattento, o que vemos no cliché acima é um peixe vulgar; para os sabios, porem, seu encontro recente ao largo da costa sul-africana, é o maior acontecimento scientifico do seculo XX, porque todos os naturalistas acreditavam que essa peixe com esboço de patas se extinguira no periodo devoniano — isso é — *ha trezentos milhões de annos!*

Craneo de um *sinanthropus*, homem primitivo, que viveu nos arredores de Pekim. Evidentemente, morreu em combate ou foi assassinado por que seu craneo apresenta um orificio feito por pancada com objecto perfurante.

Reconstituição do que deve ter sido o homem de Pekim, segundo as caracteristicas do seu craneo. Trabalho da esculptora norte-americana Lucille Swan, especialista em antrophologia.

vagens e garras aceradas — A besta fera em nós triumpha".

1919 — *De profundis clamavi.* Sobrevieram a derrota, as humilhações do bosque de Rethondes, os sacrificios de Versailles; e outro poeta geme: "— Senhor! Não nos deixes perecer! — Um povo inteiro está de joelhos diante do cadafalso — Um povo inteiro condemnado a morrer — O' Tu, que tens na mão todas as graças! — Que nos castigas tão cruelmente — Não deixes a Allemanha, coração do Universo — Esvasiar-se de todo seu sangue — Perdoanos nossas offensas — Por que está Tua mão vasia para este povo — Que morre na afflicção? — Que fizemos nós? Não tinhamos o dever de nos defender? — Por que deixas deshonrar um povo innocente?"

Entrada da caverna na qual fo am encontrados varios esqueletos do homem primitivo chamado "de Pekim". A forma regular da abertura denuncia trabalho de mão humana ,em tempo remotissimo.

A causa — Uma familia finlandeza. O homem está na linha de frente, lutando com bravura; a mulher e os cinco filhos reduzidos á roupa do corpo e ao pouco que puderam trazer, num sacco refugiaram-se num r canto da sala de uma escola, um dos raros edificios da aldeia sufficientemente protegido contra *raids* aereos.

Radiações vitaes

Os ovos tem pleno desenvolvimento emittem uma luz invisivel ultra-violeta. Não ha necessidade de grandes esforços para comprehender que, nos ovos em gestação ou em chôco — como se costuma dizer — occorrem reacções vitaes, extremamente intensas. Partindo d'esse principio, os Srs. Robert Levy e René Audibert foram levados a suppor que elles emittem raios.

Pesquizas delicadissimas, exigindo material ultrasensivel, taes como cellulas photo-electricas, foram realizadas e o exito corou os esforços dos dous sabios francezes, trabalhando com ovos de uma rã, a **discoglossus pictus**, que, como muitos de nossos leitores sabem, têm sobre nós a grande vantagem de dispensar a existencia de cordas vocaes.

No periodo de gestação, o ovo d'esse batrachio emitte uma luz ultra-violeta, cujo comprimento de onda pode ser avaliado nas cercanias de 2.000 a 2.500 angstroms (cada angstrom vale um decimo de millionesimo de milimetro).

Essa radiação transporta energia.. Mas pouquissima! Seriam necessarios milhares e milhares de annos para que essa energia elevasse de 1 grau a temperatura de 1 gramma de agua. Não é, portanto — por ora — uma fonte de energia industrial sobre a qual possam contar os homens de negocios.

A egreja na floresta

Oban é uma pequenina aldeia da Alta-Escossia, onde os mais velhos ainda fallam, nas longas noites de inverno, sobre as proezas de Fingal, pai de Ossian.

Nas proximidades d'essa aldeia existiam, outrora, immensas florestas. Compradas, em 1934, por um riquissimo explorador, estão hoje substituidas por uma curiosa plantação, que desenha uma immensa cruz ou, mais exactamente, a nave, o transepto e o côro de uma egreja.

Porque, na verdade, é realmente uma egreja o que se edifica, pouco a pouco, nesse local; uma egreja cujas muralhas serão constituidas por uma dupla fileira de castanheiros e de tilias e cujo altar será erguido sobre um if talhado em forma de cruz, enquadrado por quatro ifs em forma de cyrio. Espesso tapete de gramma cobre, desde já, o solo do futuro templo.

Calcula-se que as arvores attingirão a altura de quinze metros desde que cheguem á maturidade. O conjunto d'essa plantação sem precedente teria custado cerca de 1.200 contos e tudo estará terminado dentro de trinta annos.

Outrora, a floresta de Dodone, consagrada a Jupiter, revelava por seus murmurios as vontades do deus. No dia em que a floresta de Oban fôr entregue ao culto, os rumores profundos e melancolicos do vento se harmonisarão com os dos alados cantores, que, certamente, terão construido seus ninhos nos ramos altos. E a Escossia, terra de eleição dos romanticos, offerecerá uma nova maravilha aos poetas, que gostam de comparar a abobada sombria das florestas exhuberantes aos cruzados de ogiva das mais bellas cathedraes.

E o effeito — Norte-americanas, com vestuarios finlandezes, fazem em um club de New York uma colheita em favor dos defensores da Finlandia e reunem em pouco mais de uma hora 10.800 dollars em dinheiro e cheques.

Arte Moderna—O CARRO DO SOL—Trabalho de aluminio de Anna Hyot Huntington.

◆◆

Numa exame de escola primaria.

O inspector interroga uma alumna:

— Quem foi Luiz XI?

— Um rei.

— E Luiz XIV?

— Outro rei.

— E Luiz XV.

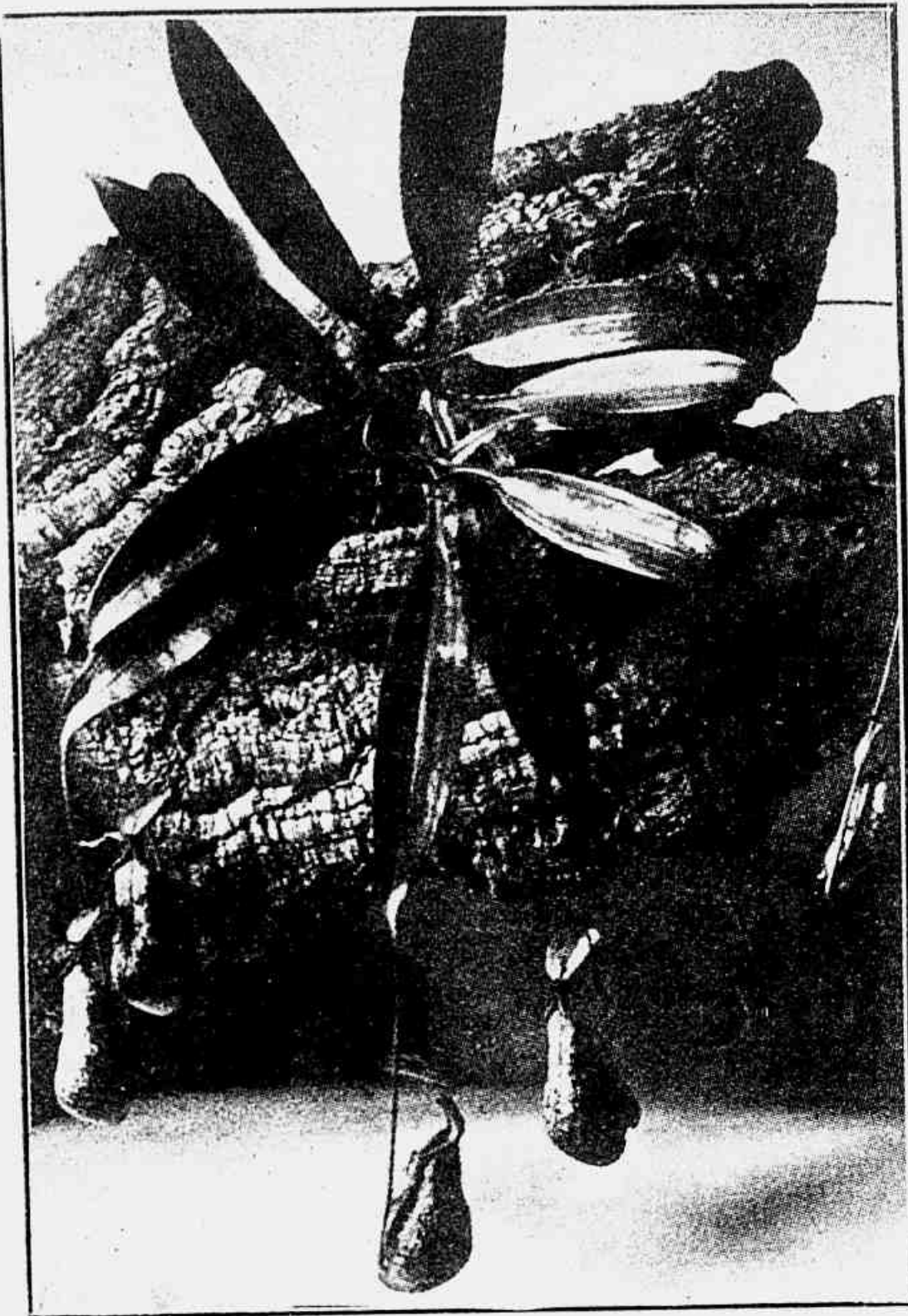
A menina hesita, reflecte e responde:

— Um salto de sapato.

A que grupo sanguinio pertence o leitor?

OS DOADORES DE SANGUE ESTÃO DIVIDIDOS EM QUATRO CATEGORIAS

Eis um estudo palpitante á margem da guerra. Em França, os soldados, que chegam a seu acantonamento, são submettidos immediatamente a uma pequenina operação. Tiram uma gotta de sangue do lobulo de sua orelha; em seguida um enfermeiro pratico procede a algumas manipulações, com o objecto de determinar quaes, entre elles, poderão vir a ser "doadores de sangue" do typo "universal". As linhas, que se seguem, são destinadas a explicar o sentido d'essa expressão e esclarecer o mysterio apparente da pratica executada sob o olhar do mobilisado.

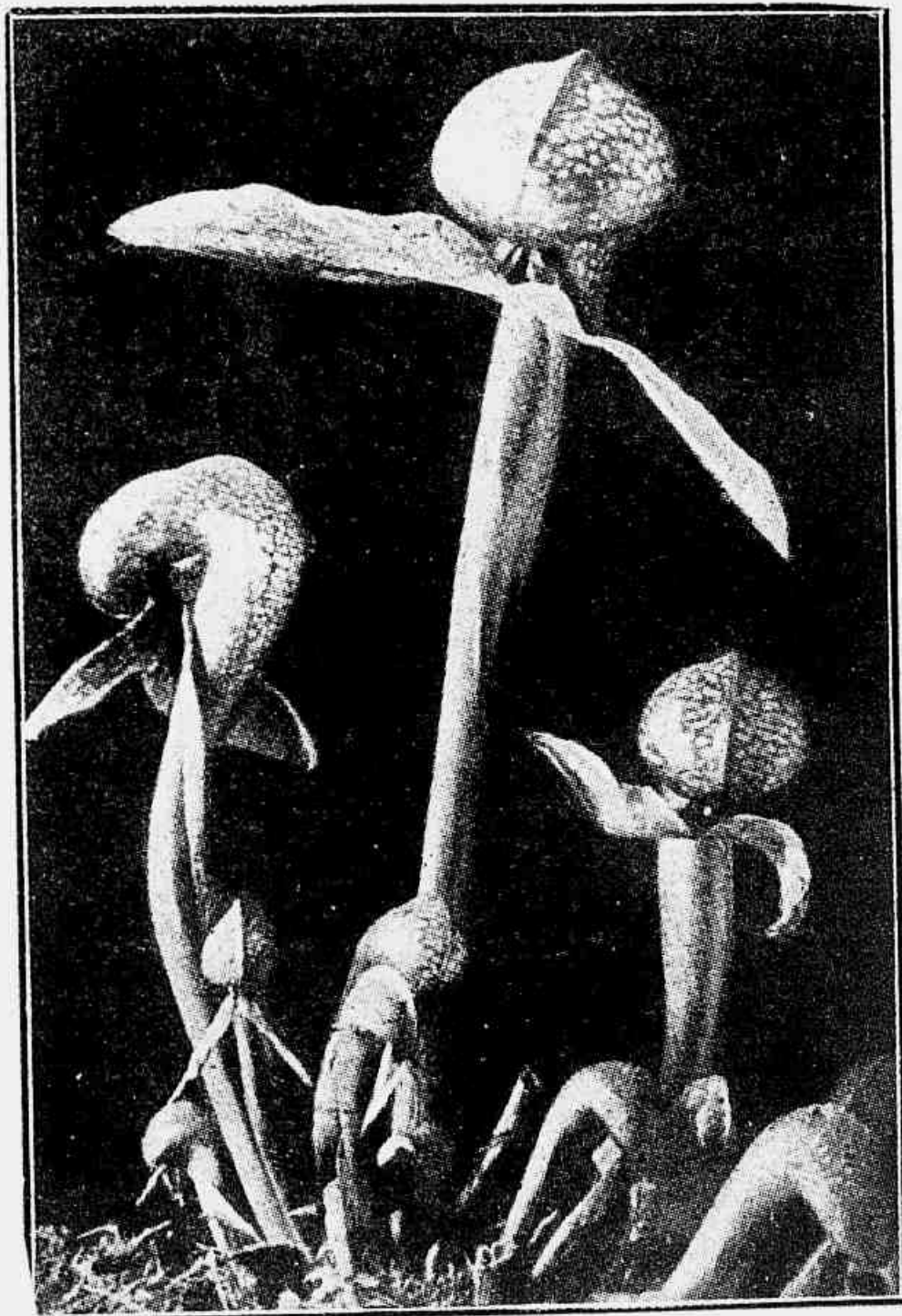
E' PERIGOSO INTRODUZIR QUALQUER SANGUE NA CIRCULAÇÃO DE UM SER HUMANO: — Ha quarenta annos, antes de outro qualquer sabio, Bordet, chamou a attenção dos biologistas para um phenomeno de altissima importancia: a introducção de serum de um gato no sangue de um

A mais curiosa das plantas carnivoras. — A *Nepenthes*. Nasce como uma parasyta em qualquer tronco de arvore mas das pontas de suas folhas pendem pequenos odres providos com uma tampa tambem com o aspecto de folhas.

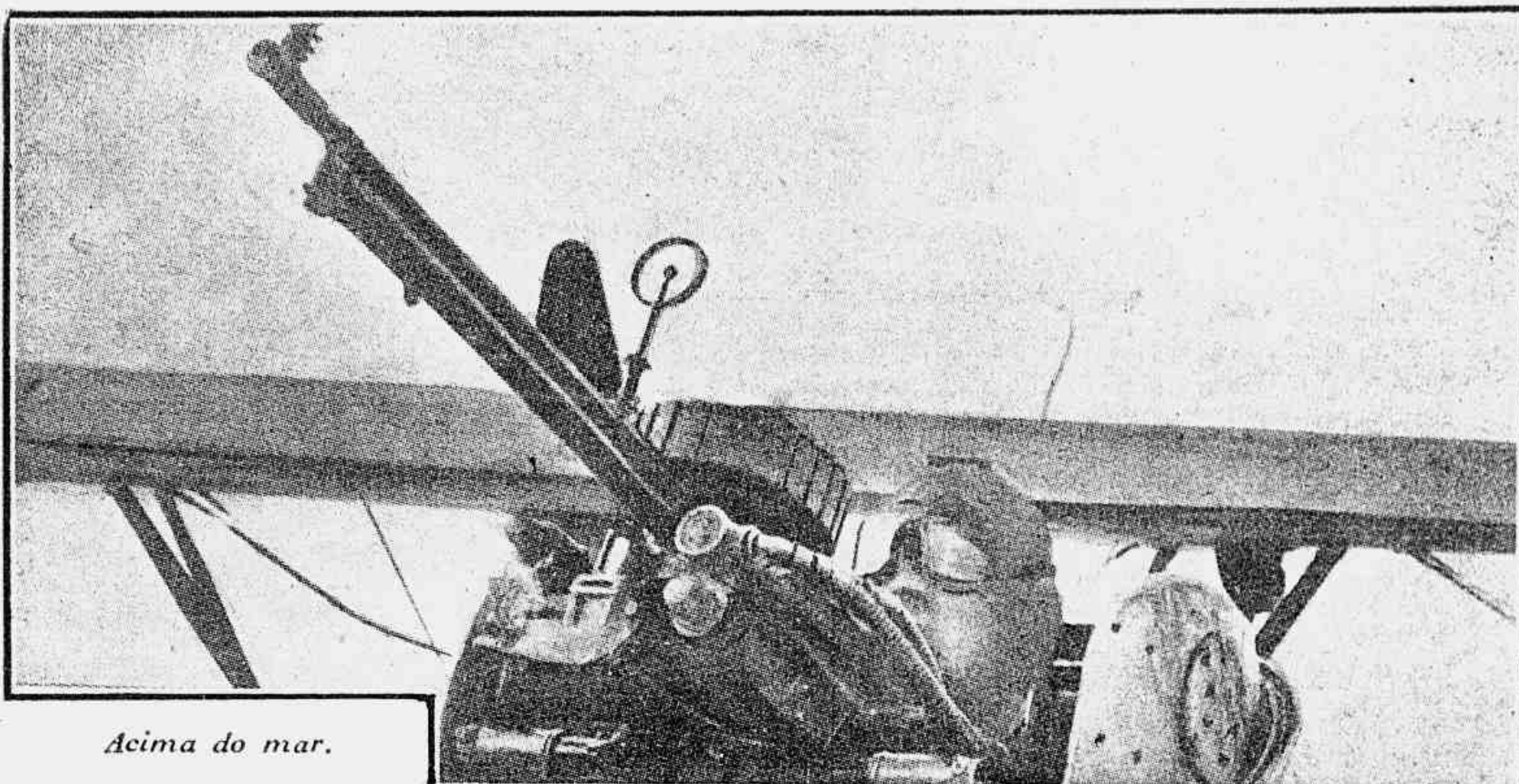
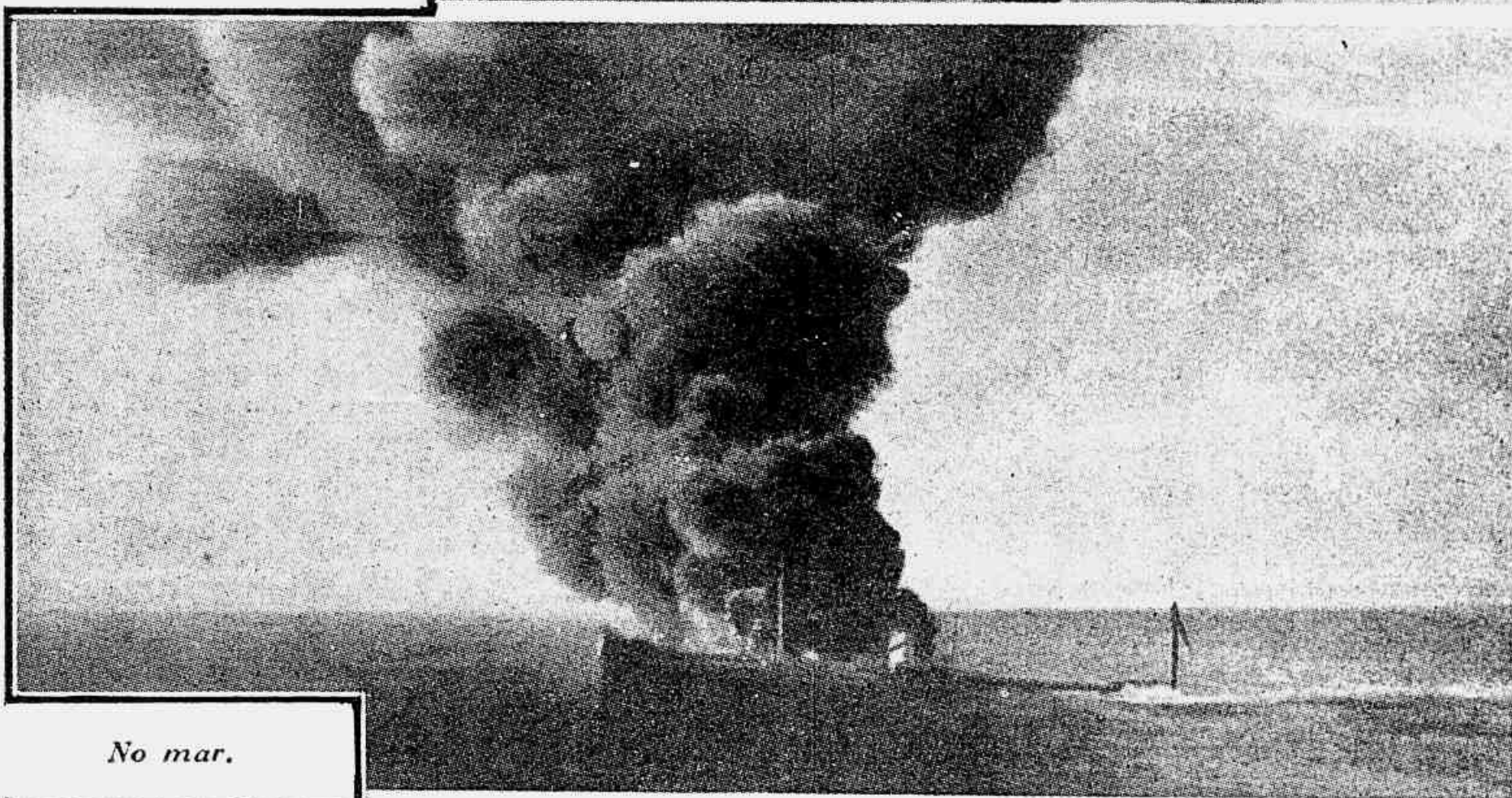
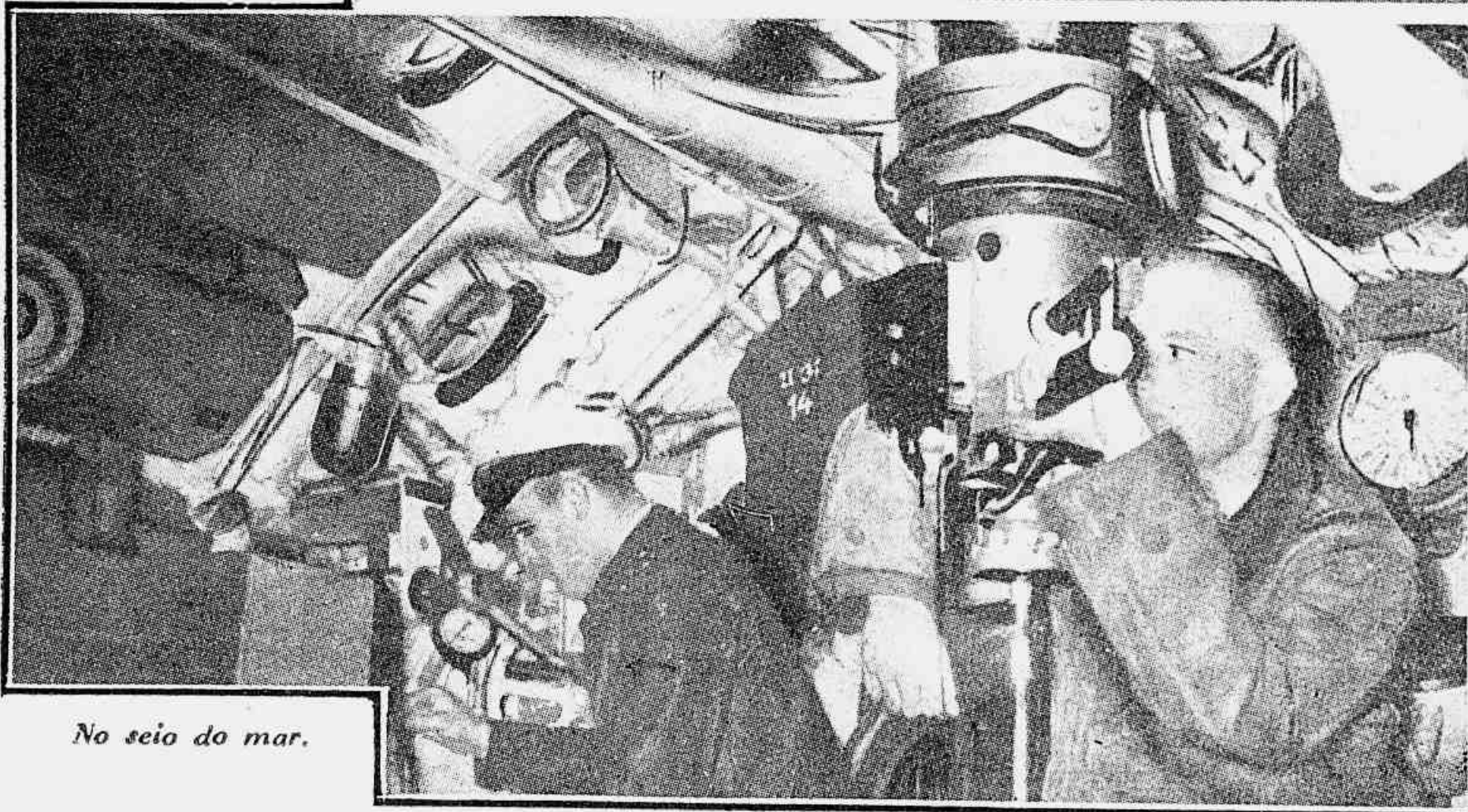
Dentro de cada um d'esses odres, a *nepenthes* distilla um mel, cujo o odor attrahe moscas, mosquitos e outros insectos similhantes. Quando elles penetram no odre, a tampa desce, aprisiona-os e o odre, funccionando como um estomago, digere-os.

A' esquerda, uma *Sarracenia Purpurea,* que attrahe os insectos, não só com o odor de seu me como tambem com o fulgor de sua côr escarlate vivaz. *A' direita,* outro aspecto de uma nepenthes

cão — generalisando — a mistura de sangue de um animal com o de outro de especie differente provocava, ordinariamente, com extrema brutalidade, uma *agglutinação* dos globulos vermelhos (hematias) no sangue do segundo. Esse phenomeno recebeu o nome de *hetero-agglutinação*.

Os sabios consideram que nisso se manifesta um phenomeno de defeza da especie; mas a realidade é ainda mais complexa. Numa mesma especie, ha *raças* diversas. Não é necessario ser racista para reconhecer um facto scientifico. O racismo, no sentido contemporaneo do termo, consiste em conceder a uma raça considerada eleita, todos os direitos com prejuizo sensivel das demais; é uma doutrina, que não tem, não pode ter o valor, que lhe querem dar.

Verificou-se, portanto, que, realizando uma mistura do sangue de certos homens com o de outros, tambem se provocava a hetero-agglutinação, que, nesse caso particular, se chama *iso-agglutinação*, porque a operação é praticada entre sêres da mesma especie. A iso-agglutinação tem, biologicamente, como objecto — é o que, pelo menos, se acredita — a conservação da raça.

Outro typo de planta carnivora — A Darlingtonia Californiae. Tambem attrahidos por um perfume de assucar, os insectos entram no globo, que encima cada flor e, atordoados, cahem no estomago formado pelo longo talo ôco.

ASPECTOS DA GUERRA EM NOSSO TEMPO

Acima do mar.

No mar.

No seio do mar.

QUATRO GRUPOS SANGUINEOS: — De 1889 a 1910, varios sabios fizeram experiencias com sangues originarios de milhares de organismos e, finalmente, chegaram a affirmar que os sangues humanos podem ser classificados em quatro grupos, designados, respectivamente I, II, III, IV.

Devemos, naturalmente, accrescentar ligeira explicação do mecanismo de agglutinação dos globulos vermelhos. No presente, admitte-se que existe:

1.º — Uma materia chamada agglutinogena nos globulos vermelhos de um individuo; 2.º — Outra materia, chamada agglutinina, no serum do mesmo ser.

Mais exactamente: — acredita-se que existam duas agglutinogenas, nos globulos: (agglutinogenas A e B) e que essas agglutinogenas determinam o nascimento no serum de substancias especiaes, que os sabios denominam "anticorpos" e são as agglutininas correspondentes.

UMA SEGUNDA CLASSIFICAÇÃO, QUE COINCIDE COM A PRECEDENTE: — Ha uma classificação internacional tambem em quatro grupos e cuja correspondencia com a primeira é esta;

Grupo I; A, B (presença das agglutinogenas A e B; grupo II: A (presença da agglutinogena A); grupo III; B (presença da agglutinogena B); grupo IV: O (zero), sem agglutinogenas.

Agora, um facto capital, que permittirá comprehender toda a technica da transfusão sanguinea.

"No sangue de um individuo, as agglutinas do serum são retidas pelas agglutinogenas correspondentes, de modo que só ficam livres e disponiveis para a agglutinação as agglutininas não absorvidas".

TIREMOS D'AHI AS CONCLUSÕES DESEJADAS: — Para os grupos I ou A. B. zero agglutinina no serum; para o grupo II ou A, agglutinina bêta; para o grupo III ou B. agglutinina alpha; para o grupo IV ou 0 (Zero), as agglutininas Alpha e bêta.

PASSEMOS, AGORA, PARA O PONTO DE VISTA PRATICO: — 1.º Posto que seu serum não contem nenhuma agglutinina, um individuo do grupo I ou A. B. não pode agglutinar os globulos de nenhum outro ser, seja qual fôr o grupo a que este pertença. Pode-se, pois, sem risco operar para o primeiro a transfusão do sangue de qualquer ser humano. E' o que se denomina um "receptor universal".

2.º — Ao contrario, um individuo do grupo IV ou 0, cujo sangue contem as agglutininas alpha e bêta, coagula as hematias dos individuos dos trez primeiros grupos. Só poderá receber sangue de um individuo de seu grupo.

3.º — Mas, se está assim limitada sua possibilidade de recepção, é ilimitada sua possibilidade de doação. Recordem-se da proporção para a qual procuramos chamar a attenção. Os globulos vermelhos de um individuo do grupo IV não contêm nem a agglutinagena A, nem a agglutinogena B. Portanto, não podem ser agglomerados por nenhum serum. Um sangue IV, podendo ser introduzido, sem risco, em qualquer organismo, pertence a um "doador universal".

4.º — O sangue II ou A, só pode ser introduzido

Forno electrico de mesa. — A ultima novidade para as donas de casa. Em dous minutos chega a temperatura necessaria para torrar biscotos; com a metade d'esse tempo assa maçãs, cozinha pudins bolos, etc.

num individuo do mesmo grupo ou do grupo I (recebedor universal).

5.º — Da mesma forma, o sangue III ou B só pode ser introduzido num individuo do mesmo grupo ou do grupo I (recebedor universal).

Pode alguem objectar que, desde 1910, delicadas pesquizas vem fornecendo resultados extremamente interessantes, provando que as considerações precedentes são apenas um primeiro estudo da questão.

Mesmo assim, resta-nos a certeza de que, praticamente, a divisão dos seres humanos em quatro grupos é sufficiente para nossa preoccupação actual: a transfusão.

LOUIS PELLETIER

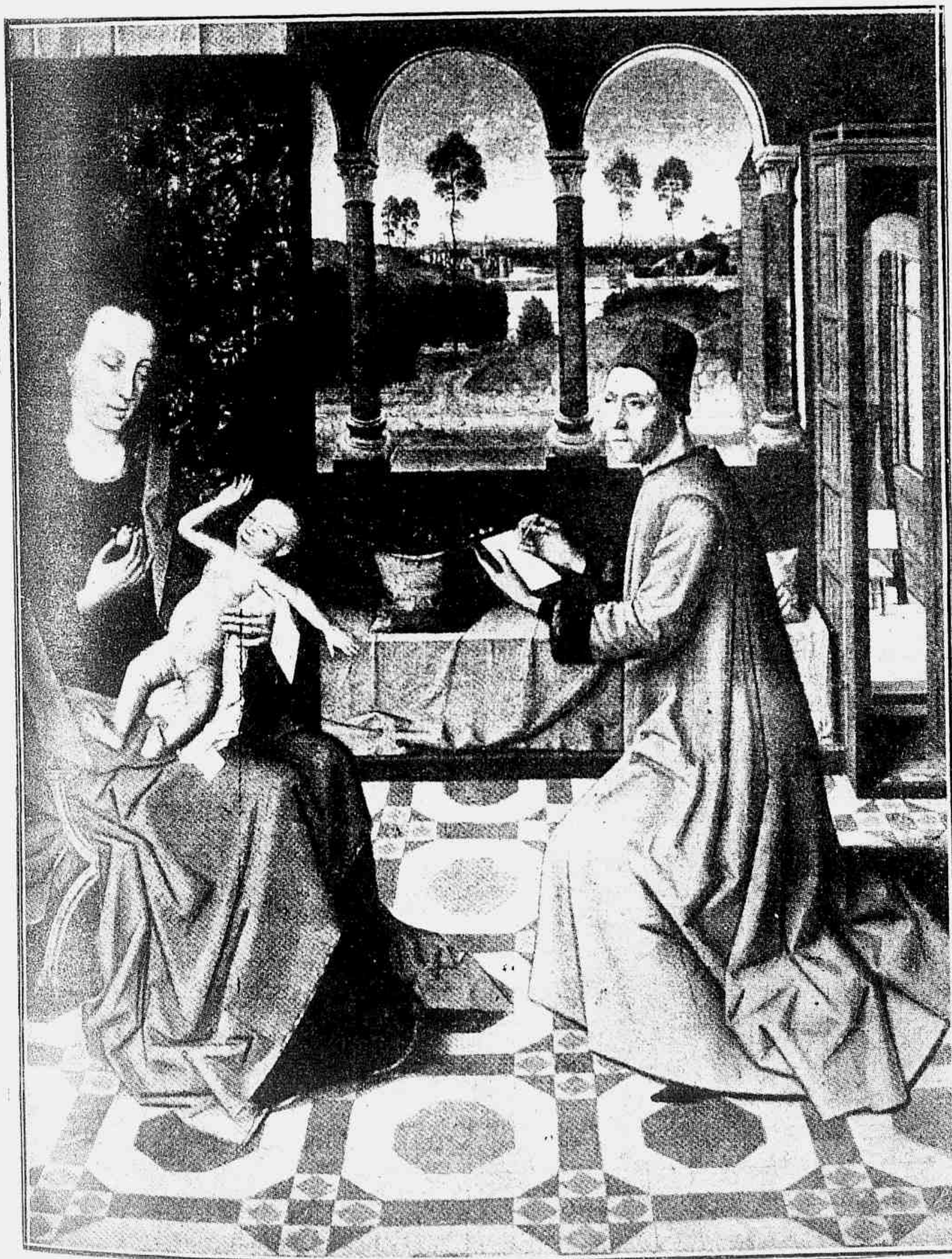
◆ ◆ ◆

OS HORMONIOS NA AGRICULTURA

Em varios laboratorios europeus e norte-americanos estuda-se, actualmente, o effeito dos hormonios sobre o poder germinativo das sementes.

Como se sabe, as sementes conservadas durante muito tempo em deposito perdem grande parte d'esse poder. Uma analyse attenta permittiu verificar que a essa perda correspondia a consideravel diminuição da *auxina*, o elemento, que nas sementes, como nas fructas, provoca a germinação.

Então, o professor H. V. Ambreg, do laboratorio de Greihwald, na Prussia, teve a ideia de mergulhar duas series de sementes já antigas em liquidos differentes; a primeira em agua pura; a segunda em uma solução de *heteroauxina*, durante vinte e quatro horas. O resultado foi o seguinte: Ficou verificado que o tratamento hormonal eleva o poder germinativo de sementes reseccadas por 1 a 4 annos de deposito, na proporção de 28 a 72 por cento.

Cowboy... falsificado. — E' o pequenino principe Harold, filho do principe Olaf, herdeiro da corôa da Noruega. Com dous annos, já va o cinema e como todos os de sua edade sonha com as proezas dos "mocinhos". Então, seus pais, como todos os pais, ansiosos de satisfazer seus desejos, arranjaram-lhe esse vestuario completo dos heroes do *far-west*.

A arte na religião. — *S. Lucas pintando o retrato da Virgem Maria.* Quadro de *Dieric Bouts*

Em compensação, o principe Edward e a princeza Alexandra, ilhos do duque de Kent, já são nacionalistas e o traje que mais os seduz e o *walkover* do operario inglez.

Vamos fallar e escrever certo?

OS DESCUIDOS

Num telegramma: — *"Os Allemães deteram o caminhão"*.

Não se sabe que razão *teram* para isso, mas o caso é que *deteram* o caminhão.

Mais alem, no mesmo despacho: *"Tanto a aviação franceza como a allemã não deu signaes de actividade"*.

Bem dizem os sabios que a guerra é uma destruição total.

Em outro despacho de procedencia britannica, o redactor traduziu a expressão *middle-east* (Oriente Medio, que é como os Inglezes chamam o Oriente Proximo) para *Meio Este*.

Commentario de um, que apenas ouviu ler o telegramma:

— Mas que tem a Mae West com a guerra?

Titulo de uma noticia. "O alargamento da bitola estreita."

Shocking!

OS DISPARATES EM QUE BANCAMOS O HOLLANDEZ

O mundo inteiro diz e escreve *Savoia*. Casa de Savoia, duque de Savoia. Comnosco é *Saboia*, alli no duro. Em compensação, para o mundo inteiro, a capital de Cuba é *Habana*. Para nós é Havana, côr de Havana, charutos de Havana; embora a dansa, que alli teve origem, seja a *habanera*. Por que? Por que em Portugal é commum confundir as lettras *B.* e *V*.

Aqui não ha essa confusão mas ficamos com suas consequencias.

A MANIA DO A

Alem das muitas palavras em que os Portuguezes e Hespanhoes conservam como prefixo o artigo arabe *al* (*Alcorão, albornoz*, (al burnus — dizem os Arabes) *alcaide* por *el caid* etc., os Portuguezes encheram os diccionarios de palavras com um *a* inutil para atrapalhar: attribulação, adaga, arremettida, assucar (e agora até açucar, do grego *sakkharon*).

Haverá, talvez, quem julgue não haver nisso nenhum mal. Engano. Isso traz difficuldade aos Brazileiros, que estudam outros idiomas e aos estrangeiros, que pretendem estudar o nosso, collocando nos diccionarios, sempre na lettra *A*, centenas de palavras que os estrangeiros collocam no *T*, no *R*, no *C*, no *B*, etc.

Nesses casos é que deviamos tentar uma simplificação, com a vantagem de approximar nosso idioma dos que são fallados pelos maiores e mais adiantados povos do mundo.

A LINGUA, QUE TEM A MANIA DE SER RICA

Bellezas, que figuram em diccionario moderno, para encher:

"ALAMÃO" — *adjectivo provincial alentejano. Individuo forte, corpulento.* Evidentemente é *allemão*, pronunciado á maneira do Alentejo, isso é — *errado* e por uma comparação arbitraria por que ha muitas allemães franzinos (Ex vi, o germanissimo Sr. Goebels. Emfim, é uma maneira de dizer como "Forte como um Turco, flegmatico como um Inglez, embora haja Turcos anemicos e Inglezes freneticos. Mas é uma palavra errada no sentido e com erro de pronuncia caracteristicamente estrangeiro, figurando em diccionario posto nas mãos dos estudantes brazileiros.

"AFERMOSEAR", *o mesmo que aformosear*.

"AFILHARAR" *v. i.* — *Ter muitos filhos*.

"AFILHAR". *v. i.* — *Dar filhos*.

Notem bem. *Afilhar* significa dar filhos. E que será *Afilhador*? Lá está na mesma pagina — E' o cabreiro, que afilha as cabras.

"AFEITEAR", o mesmo que AFEITAR. E que é AFEITAR? O diccionario explica: E' o mesmo que ENFEITAR.

Oh! lingua rica!

"AFAZENDAR-SE" — *Adquirir ou ter fazendas*. (Como demonio pode um verbo reflexivo significar *ter*?

E ainda ha quem admire o baixo nivel do ensino, actualmente. Como pode alguem aprender com livros d'esse jaez?

Em meia duzia de paginas, nesse diccionario, o mais acreditado ou pelo menos o tido por mais autorisado, actualmente, ha dezenas de termos, que nem chegam a ser erros, são simplesmente bobagens. Ex:

"ALAPOADO", *adj. Quem tem modos de lapão; grosseiro.* Os bravos Lapões, que tão corajosa e habilmente se batem ao lado dos Finlandezes, que agradeçam o juizo.

"ALACAIADO", *adj.* — Que *tem modos de lacaio*. No primeiro tempo o diccionarista escreve: *"Quem tem modos*... Ao segundo vocabulo accrescenta: "Que *tem modos*"... Qual das duas maneiras é a certa?

Senhores! Toda e qualquer reforma de ensino no Brazil deve começar pela aquisição de uma vassoura.

OS ILLOGISMOS DA FUNETICA

Impõe que escrevamos *igual* e *igreja*, do latim *aequalis* e do grego *ekklesia;* e mantem *gengiva*, do latim *gingiva*.

E ainda ha quem insista em chamal-a simplificada, tentando justificar a necessidade d'aquelle espantoso abuso de accentos pela *necessidade* de restituir a muitos vocabulos a boa pronuncia.

A verdade é outra. Já temos mostrado, muitas vezes, nesta secção— e ninguem, em boa fé, poderá negal-o—que os numerosissimos accentos tem como objectivo disfarçar os que foram adoptados com o intuito de nos obrigar a pronunciar como em Portugal: — colónia, estivémos, nóme etc.

Verdade seja que a proposito do novo vocabulario que já se annuncia, um cavalheiro, que se julga com autoridade para discutir, publicou, num grande jornal da manhã, o seguinte argumento:

"Que culpa pode ter o jornal de que o leitor leia (*sic*) *por exemplo, otimó, sómente por que a palavra otimo não tem accento"*.

Como se pode tratar um assumpto serio com pilherias d'esse jaez? Sempre se escreveu *optimo* e nunca ninguem pronunciou optimó. A preoccupação mal disfarçada e decretada em Lisboa, ha já dezenove annos, não é a de nos impedir de fallar errado, é a de nos impedir de fallar á brazileira, de nos colonisar outra vez, a pretexto de *unificar* a lingua.

Querem outra prova d'essa verdade? Essa orthographia resultou de um pretenso accordo, no qual o intuito de recolonisar o Brazil foi occulto sob o pretexto de simplificar.

Para simplificar não era preciso alterar vocabulos jamais discutidos porque estavam certos, como Suissa, assucar, não era preciso escrever *clube*, em vez de *club*, como se escreve no mundo inteiro:

Escrevia-se *cinco cincoenta*; Nada mais logico. Agora é preciso escrever *cinco cinqüenta*. Para simplificar?

O intuito foi nos impor a graphia e a prosodia portuguezas. Tanto que, embora tendo por base um supposto accordo, essa orthographia só se apresenta ouriçada de accentos no Brazil. Peguem qualquer jornal portuguez e verificarão que o accordo consiste em só a nós impor accentos a torto e a direito. Por que? Porque a pronuncia lá é tida como bôa e certa, *óntem*, ligámos. Aqui é que ha necessidade de corrigil-a.

Todas as linguas evoluem. Isso é fatal, inevitavel. A lingua portugueza evolue de um modo em Portugal e de outro no Brazil, em accordo com o genio e tendencia muito distinctas dos dous povos

A evolução, em Portugal é massiça, integral, profundamente nacionalista, defendendo ciosamente seu idioma, impedindo-o de adoptar quaesquer estrangeirismos e considerando especialmente damninho, ridiculo e desprezivel qualquer brasileirismo em vocabulos ou em prosodia. Não se encontra em jornaes portuguezes um só brazileirismo, a não ser como pilheria. Especialmente nossa prosodia provoca irresistivelmente riso. Aqui mesmo, no Brazil, pelo facto de combater a *funetica*, recebo constantemente — e colleciono — cartas em que respeitaveis anonymos (*anónimos*, pela simplificada) que nunca me viram nem ouviram, me accusam summariamente de burro, mestiço e affirmam que "provavelmente" eu pronuncio adêvogado, adêmiravel, abêsolutamente, pirigo etc. Quanto a pirigo, eu, reconheço; é verdade. Mas nunca pronunciei nem hei de pronunciar p'rigo. A menos, que seja obrigado pela orthographia resultante do accordo academico, honrado com a assignatura do eminente litterato visconde de Moraes.

Por que não sei se os leitores se recordam. Esse accordo, que sempre teve para Portugal o caracter de uma victoria patriotica, foi assignado tambem pelo saudoso banqueiro, especialmente convidado para esse fim.

BRAZIL COM S OU COM Z? Constantemente chegam a quem escreve esta secção interpellações (cortezes ou insolentes) sobre esse ponto. Como já mais de uma vez, foi explicado o criterio philologico e patriotico, que me leva a escrever Brazil, tenho deixado essas missivas sem resposta. Mas, ultimamente, seu numero cresceu tanto que vamos apresentar um argumento novo:

Paiz com um seculo—se tanto! — de existencia autonoma e que não pode recuar cem annos na Historia sem encontrar o commercio, as industrias, a navegação... por assim dizer tudo nas mãos de estrangeiros, o Brazil tem a ingenuidade de fallar em tradições.

Não nos envergonhemos por isso; os Norte-Americanos cahem no mesmo ridiculo, tentando crear uma aristocracia de senhores de escravos nos Estados do Sul e um club de descendentes dos passageiros do *Mayflower*, em New York. Mas ha casos em que levamos essa vaidade pueril a sacrificio de grandes interesses. Trechos de quatro ou cinco ruas, situadas em bairro onde o terreno se valorisa dia a dia, vertiginosamente, estão condemnados por lei a ficar como estão. Nelles, não é permittido construir arranhacéos, para não impedir que, de longe e de qualquer lado se possa vêr a egrejinha da Gloria, construcção banalissima, egual a centenas de outras, que enchem a cidade e o Brazil inteiro. Porque? Porque ella constitue *uma tradição*.

O morro de Sto. Antonio impede o desenvolvimento do centro da cidade, impede a valorisação do solo em oito ou dez ruas; obriga o Carioca a viagens inuteis para ir do largo de S. Francisco ao largo da Lapa... tudo isso para que não sejam demolidos o convento (tambem egual a centenas de outros e sem meritos architectonicos notaveis), e os arcos, obra mesquinha, sem belleza nem proporções comparaveis aos que fazem orgulho de França e da Hespanha.

Mas são tradições! — bradam os que se inculcam defensores do passado.

Ao que parece, só as tradições estrangeiras têm o valor em nossa terra.

A primeira Constituição do Brazil, o documento, que, para nós, corresponde ao que a Magna Carta é para a Inglaterra, teve seu projecto escripto pela mão de José Bonifacio, o Grande, o Patriarcha da Independencia e, nelle, como em todos os demais autographos da Constituição, apparece o nome Brazil escripto com *Z*. Isso não é uma tradição?

Mais. Em 1862, quando, pela primeira vez, o Brazil foi convidado para figurar em uma exposição universal — a de Vienna — já tinham surgido caçadores de pulgas em elephantes — por signal estrangeiros—levantando a duvida:—*S.* ou *Z*? O imperador Pedro II, consultado, entregou a decisão do problema ao sabio visconde de Porto Seguro, o grande Varghagen e este opinou pelo *Z*. Assim figurou o nome Brazil, em nosso pavilhão, na capital da Austria.

Depois, a discussão continuou, generalisou-se, prolongou-se, com argumentos de todas as origens e — força é confessal-o — as allegações em favor de uma e outra opinião se equilibram.

Diante disso, parece-me preferivel ficar com as tradições brazileiras.

Os Inglezes, até hoje, escrevem e pronunciam as formulas essenciaes em suas leis e nos grandes actos de sua vida nacional em francez medieval, por que nesse idioma foi escripta a Magna Carta. Ficando com a orthographia de nossa primeira Constituição, escripta por um mestre do idioma, não estamos em má companhia

R. de C.

A fortuna de Belkacem

CONTO MARROQUINO DE

ELISSA RHAIS

Cahuito, o usurario d'esse pequeno *bled* perdido no sul de Marrocos, estava inquieto, muito inquieto. Belkacem, o bordador berbere a quem emprestara vinte mil francos, sobre hypotheca de sua casa, uma grande e magnifica residencia, que lhe viera de seus antepassados, fôra, durante dous annos, pontual, cumprindo escrupulosamente sua palavra de homem; mas, ultimamente, estava espaçando suas visitas.

Uma certa manhã, resolvido a pôr um fim a essa alarmante situação, Cahuito fôra esperar Belkacem á sahida da mesquita e lhe reclamara, em termos imperiosos, seu dinheiro, declarando formalmente que não podia mais esperar. E, a partir d'essa manhã, a cada dia, perseguira o bordador com protestos e ameaças, atenazando-o com infatigavel persistencia até que o infeliz, exasperado, allucinado e não descobrindo outros recursos, se decidiu a pôr sua querida casa em leilão.

—◆—

Quaes não foram a surpreza e a alegria de Rebecca, a esposa de Cahuito, quando soube que iam deixar os dous quartos bolorentos e sombrios, occultos no fundo da sordida casa de penhores, para ir morar na ridente casa de Belkacem! Quiz ser a primeira a ir alli, ansiosa por ver como era, por dentro, essa construcção de tão formoso e promissor aspecto por fóra.

Com seu corpo digno de personificar uma jovem deusa do Olympo, bem modelado por um vestido de seda antigo; seus pequeninos pés á vontade em sandalias de velludo, sua enorme cabelleira negra envolta por uma écharpe de setim luzente, ella precedeu o carregador, que impellia diante de si um carrinho de mão com as malas do casal. Meia hora de marcha lhe foi bastante para avistar, no alto de uma collina, a casa muito branca, suas cupolas côr de rosa, suas varandas cobertas e seus laranjaes. Rebecca entrou e teve o deslumbramento dos corredores forrados com azulejos e o pateo calçado com lages brancas e pretas, onde uma nascente murmurava em um lago artificial emoldurado por palmeiras.

Paizagem californiana — Com *cactus* gigantescos e formações geologicas conservadas das eras primitivas.

Uma só cousa a desgostou. O aposento, que preferiu para seu quarto de dormir, não tinha "vista" para o jardim. Então, resolutamente, ella sahiu de novo e correu ao *gurbi*, construido em um campo visinho e onde Belkacem se refugiara com sua familia

— Vem cá. — ordenou-lhe a esposa do agiota — Preciso de alguem que abra uma janella na parede de meu quarto. E, se hei de pagar esse serviço a outro...

O Berbere hesitou. Mas havia muito não apparecia uma sella ou coldre para bordar. Elle já se resignara a acceitar qualquer trabalho. Ergueu-se e acompanhou Rebecca. Mas, quando entrou na casa de seus antepassados, sentiu o coração pequeno dentro do peito. Lá moveis de extranhos invadiam o pateo e uma esteira desconhecida se extendia em seu cantinho preferido, junto do lago; alli, onde elle gostava de saborear o café matinal, entre o resfolegar da agua e o odor das tamareiras. Julgou ver ainda sua esposa, sentada na borda do lago, fiando e ralhando, de vez em quando, com seus filhos, joviaes e turbulentos, nascidos todos naquella casa. Julgou vêr, na sala proxima, a mesa servida para a refeição do meio dia. Uma grande melancia entreaberta; as tigelas de cuscus, em torno... Toda a doçura da vida oriental, que elle conhecera alli.

Com vigor, que a colera augmentava, ergueu o grande martello, que trouxera e atacou a parede veneravel. Cahiu, primeiramente, a caliça pouco espessa; depois, os tijolos surgiram e começaram a cahir tambem, com resonancias funebres, no aposento vasio, á medida que o Sol, o Sol explendido do Suss, alongava seus raios, penetrando cada vez mais profundamente alli, illuminava a parede de mosaico do outro lado e as traves do tecto. Lá fóra, no ar intensamente azul, viam-se os montes do Atlas, onde as primeiras neves scintilavam.

Rebecca, extasiada, continha sua felicidade.

De subito, Belkacem deteve seu trabalho. Em outro ponto da parede, os golpes de martello produziam um som cavo. Bateu de novo, com cautela, curvou-se, observou de perto esse logar e verificou que rebentara um vaso de barro, occulto na espessura da construcção, entre tijolos e argamassa; um vaso, que parecia muito antigo e... e estava cheio de moedas de ouro, sultanis tambem antigos, com a effigie de Soliman, o Magnifico. Com precipitação febril mas prudente, o Berbere multiplicou os golpes. Havia mais

Allegorias do trabalho no seculo XVIII — O TRIGO.

um, dous, trez vasos eguaes, todos cheios de ouro.

O cerebro de Belkacem vacillou. Sua miseria, naquelle instante, lhe pareceu ainda mais injusta e mais cruel. Caberia ao usurario toda aquella fortuna, alem da casa, que obtivera por um decimo de seu valor? Seria para Cahuito aquelle ouro, que um de seus antepassados alli resguardara, provavelmente em tempo de guerras e salteagens impiedosas.

Entretanto, Rebecca, intrigada pelas attitudes do Berbere, approximara-se. Belkacem esquecera-a. Sentindo-a agora junto de suas costas, comprehendendo que já não havia meio para manter secreto o prodigioso encontro, perdeu a cabeça. Ergueu o martello e descarregou-o, com toda a força, sobre a cabeça da mulher. O sangue saltou até a parede e a esposa de Cahuito cahiu, sem um grito.

Belkacem ficou um instante petrificado, com os olhos exorbitados e a bocca muito aberta. Depois, um tremor gelado percorreu seus hombros e, sem transição, elle desatou a rir, numa gargalhada inextinguivel, com sonoridade metalica.

Os bellos instantaneos — Expressão de furor de um tigre.

—◆—

Era quasi noite, quando Cahuito chegou, curvado ao peso de um fardo.

— Rebecca! — bradou elle, desde o limiar de sua nova residencia. — Vem ver o bello lustre, que comprei para nosso quarto. Rebecca! Onde estás?

O silencio inquietou-o. Começou a percorrer a casa e, de repente, descobriu sua esposa adorada, extendida no soalho, com o corpo de jovem deusa inerte e a cabelleira empastada de sangue. Belkacem, sentado a pequena distancia, continuava a rir, brincando com punhados de sultanis.

Cahuito deixou cahir o lustre de bronze e arrastou-se pelo lagedo até abraçar a morta. Seus gritos de desespero reboaram por toda a casa e o pateo.

Esse clamor de magua só se acalmou no fim de um quarto de hora. Uma

De castigo! — Photo premiada num concurso em New York.

calma perfeita se fizera na alma de Cahuito. Elle se ergueu, segurou o demente pelos hombros e, tranquillamente, quasi com doçura, empurrou-o até lá fóra. Fechou a porta e voltou para junto da morta.

— Eu te chorarei, ó minha adorada Rebecca. Eu te consagrarei os mezes de luto. Mais tarde, Deus apagará meu desgosto. Outros, como eu, perderam a esposa e esqueceram. Melhores dias virão.

Suspirou e, com olhar agudo, avaliou o conteudo dos quatro vasos. Depois, curvando-se,

O VINHO.

começou a apanhar os sultanis que o louco espalhara pelo quarto.

ELISSA RHAIS.

O papa Pio XII é o 257.° Summo Pontifice, depois de S. Pedro. Nesse numero, houve 199 papas de nacionalidade italiana, 15 Francezes, 13 Gregos, 8 Syrios, 6 Allemães, 5 Hespanhoes, 2 Africanos, 2 Savoianos, 2 Dalmatas, 1 Inglez, 1 Candiota, 1 Hollandez, 1 Portuguez e 1 Suisso. O ultimo papa não italiano foi Adriano VI, Hollandez, nascido em Utrecht e eleito em 1522. Reinou apenas um anno.

A proposito da guerra actual, os jornaes europeus continuam a publicar informações sobre a anterior, que tanta gente acreditou ser a ultima.

Agora foram divulgadas as perdas do exercito francez, em proporção ao effectivo de cada arma.

A infantaria perdeu 21.80 por cento; a cavallaria, 7,09; a artilharia, 6,30; a aviação, 4,30. O total das perdas em relação ao total do exercito foi 15,90 por cento. Entre os officiaes de infantaria foi de 29 por c nto.

As palavras são como os saccos. Tomam a forma do que contem. A mesma palavra, segundo a inflexão e principalmente a intenção, pode ser um elogio ou um insulto. — *Alfred Capus.*

Martha Graham, dansarina norte-americana, que está obtendo grande exito em Londres, com seus bailados symbolicos.

Os idolos do publico, quando eram pequenos — A actriz Betty Davis aos seis annos.

A MORTE DE UM IMPERADOR NO EXILIO

Incidentes desconhecidos se não fantazistas, na historia do Brazil.

A proposito do fallecimento do chefe da casa de Orleans e Bragança no Brazil, transcrevemos abaixo o que a infanta D. Eulalia de Hespanha, consignou em suas "Memorias", sobre a casa imperial do Brazil e a morte de D. Pedro II, o avô do principe agora extincto. A infanta D. Eulalia, prima-irmã do rei Affonso XIII, foi a figura mais intellectual e independente da familia real hespanhola. Sem as obrigações do rei, não hesitou, muito moça ainda, em proclamar seu horror pelas etiquetas de uma corte e, abandonando seu palacio, viveu viajando pela Europa, deixando-se guiar apenas pelas preferencias de sua invejavel cultura.

No fim de sua vida, escreveu "Memorias" muito documentadas e interessantes, pois que, aparentada com todas as familias reinantes da Europa, viveu na intimidade de varios soberanos e sabia ver com lucidez os acontecimentos.

A familia imperial do Brazil, em 1862.

Eis o trecho em que a infanta D. Eulalia se refere á familia imperial brazileira e ao fim do ultimo imperador do Brazil:

Como se troca de noiva: — Depois de descrever um encontro com o rei Ferdinando da Bulgaria, dias antes desthronado, a infanta escreve:

"Typos complexos e extranhos esses Coburg-Orleans. Um irmão de Ferdinando, o principe Augusto de Saxe "pregara um formidavel peça" a sua nobre mãe, que esperava vel-o principe herdeiro do Brazil.

O imperador Pedro II tinha apenas duas filhas: — Izabel e Leopoldina. Depois de longas e laboriosas negociações em varias cortes européas, a princeza Clementina de Coburg conseguiu que a mão da princeza Izabel, fosse promettida a seu filho Augusto, emquanto seu sobrinho o conde d'Eu, filho do duque de Nemours e neto do rei Luiz Philippe, seria noivo da princeza Leopoldina.

Os dous principes partiram para o Rio de Janeiro com um pretexto qualquer mas todos — inclusive a população da capital brazileira — sabiam que o principe Augusto, duque de Saxe, viera para desposar a princeza Izabel e o principe Gastão de Orleans, conde d'Eu para desposar a princeza Leopoldina.

Poucos dias apoz sua chegada, os dous principes estavam passeiando pelos arredores do Rio de Janeiro, quando o duque de Saxe, disse a seu primo, com tan simplicidade, como se se tratasse de assumpto sem importancia:

— Ouve, Gastão. Não me tenta absolutamente a ideia de ficar no Brazil como principe consorte. Vamos trocar de noiva. Você dá mais do que eu para essas cousas de governo. Será o herdeiro do throno do mais vasto paiz da America do Sul e eu, que não tenho ambições, viverei tranquillamente na Europa com a outra princeza.

O conde d'Eu discutiu, acabou por concordar e a noticia da nova combinação matrimonial chegou á Europa para grande alegria do duque de Nemours e maior desespero da princeza Clementina.

Em 1889, proclamada a Republica no Brazil, toda a familia imperial foi banida e minha mãe me encarregou de ir esperar o imperador, seu amigo de infancia e lhe offerecer uma installação provisoria em seu palacio de Castella. O imperador, pobre mas altivo, preferiu ir morar em um hotel, recusando mesmo a hospitalidade de sua filha e seu genro, que iam residir no castello d'Eu.

O imperador Pedro II, em seu leito de morte

Dous annos depois, eu tinha voltado a Paris, afim de passar alguns dias junto de minha mãe, quando minha prima Izabel mandou me prevenir de que seu pai estava passando muito mal. Eu era a unica pessoa de minha familia, que se encontrava, então, em Paris. Sahi immediatamente e, horas depois, estava junto do venerando imperador. O soberano desthronado lutava com uma pneumonia, que devia leval-o trez dias depois.

Quando D. Pedro II se extinguiu, estavamos junto

A princeza Izabel no anno de seu casamento.

d'elle apenas a princeza Izabel, seu marido, o duque de Saxe e eu. Tinhamos passado toda a noite velando por elle. Minha mãe se retirara ao anoitecer, extenuada pelas emoções, por que dedicava profunda affeição ao moribundo.

Essa affeição foi, no dia seguinte, causa de um penoso incidente. Tinhamos acabado a toilette do morto, quando minha mãe chegou. Para que ella não tivesse má impressão, eu me apressei a tirar um lenço que havia passado em torno do rosto do imperador. Assim, com as longas barbas extendidas sobre o peito, elle apresentava uma physionomia tão serena que, pouco depois, os assistentes, alguns fidalgos brazileiros e francezes, que tinham acudido á triste noticia, ficaram estupefactos ouvindo a rainha Izabel II, sempre tão comedida em suas expressões, protestando, bradando que o imperador estava vivo, que não podia estar morto, com uma physionomia tão tranquilla, que nos iamos enterral-o vivo.

Foi preciso a presença de dous medicos de sua confiança para convencel-a da dolorosa verdade."

D. Pedro II, em 1889.

Uma mulher mesmo tola pode fazer o que quizer com um homem intelligente; mas para dominar um imbecil é preciso que a mulher seja excepcionalmente superior. — **Rudyard Kipling.**

◆ ◆

Mais audacioso do que Bismarck, o Sr. Hitler affronta duas religiões

Quasi octogenario, o Sr. Georges Goyau, da Academia Franceza, recorda, em artigo recente, que, em 1889, foi encarregado pelo *Journal des Debats* de intervistar em Roma o arcebispo Ledochovwski, de Posen, (que o chanceller principe de Bismarck depuzera e mandara prender) e o arcebispo Nulchers, de Colonia, que estivera inscripto como "empalhador de cadeiras", no registro da prisão, onde o mesmo chanceller o puzera durante um anno. A Santa Sé respondera a essas perseguições elevando os dous prelados ao cardinalato.

Qual o crime, que os levara á prisão? Haverem negado á cancellaria de Berlim o direito de definir a verdade religiosa e declarado que, nesse terreno, só se curvavam á autoridade do papa.

Os demais bispos e arcebispos catholicos allemães, reuniram-se em Fulda, diante do tumulo de S. Bonifacio, o evangelisador, que, no seculo VIII, revelou o Christianismo aos Allemães e, approvando a attitude dos arcebispos de Posen e de Colonia, acabaram por ver reconhecida pelo governo de Berlim sua autoridade espiritual.

Essa victoria fôra prevista. No auge da perseguição, o historiador Alfred de Remont mandara uma carta aberta ao omnipotente chanceller recordando-lhe que, no ritual catholico, a festa da Paschoa succede á semana da Paixão. Já em 1876, quando houvera os primeiros indicios da luta entre o chanceller, e o episcopado, o marechal de Molke escrevera: "Nenhuma força exterior é capaz de destruir o papado, que tem vencido crises peiores.

Bismarck tinha atraz de si a egreja protestante e os Israelistas mas teve que ceder. Desdenhando essas licções do passado, o Sr. Hitler rompeu ao mesmo tempo com o Novo e o Antigo Testamento, com os Catholicos, os Protestantes e os Judeus, com a egreja de monsenhor Sepell e a do pastor Sproll.

Gastão de Orleans, conde d'Eu, no anno de seu casamento.

O conde d'Eu. Ultimo retrato.

◆ ◆

Uma ilha do Tamisa era annunciada, recentemente, como posta á venda em leilão. O facto teria mediocre intelresse, se se tratasse de uma ilhoa qualquer, pousada pelo do Senhor, como uma cesta de flores, sobre as aguas pereguiçosas do rio. Porem essa ilha, que ia ser passada a martello, era a ilha da Grande Carta, tão cara a todos os britannicos. Fica situada bem diante do prado de Rynnymede, que serviu de local, em 1215 á assignatura d'essa famosa Magna Carta, que é a base das liberdades inglezas.

"Magna Carta Island", não é propriedade nacional e no correr d'estes longos seculos, passou por numerosas mãos. Muito pittoresca, é ornada com uma casa de imponente aspecto, inteiramente dedicada á lembrança que dá renome á região.

O Sr. Hepworph Thomson, seu ultimo proprietario, alli residiu dez annos. Certa vez, o Sr. Hannon, membro conservador da Camara dos Communs a visitou em companhia de sua esposa e de tal forma lhe foi agradavel a visita que, desde então, desejou ser o proprietario da ilha.

Mrs. Hannon, tendo lido, por acaso, o annuncio do leilão, encarregou seus procuradores de agir em segredo e comprar a ilha, que encantara seu marido. A ilha lhe coube por 12.500 libras, permanecendo, no momento em mysterio o nome do novo proprietario porque Mrs. Hannon se reservava o prazer de fazer ao marido uma surpreza.

O imperador Pedro II, ultimo retrato.

FLORES DO OUTOMNO. — Tela de *H. Streckenbach*

TREZ EGUAL A UM

ROMANCE DE
STANISLAS A. S. STEEMAN

RESUMO DA PARTE JA' PUBLICADA

A população de Londres está alarmada por uma serie de crimes, que desafiam a argucia de Scotland Yard. Nos dias de mais intenso nevoeiro, transeuntes isolados são assassinados com uma pancada na nuca e saqueados. Junto de cada victima, é encontrado sempre um cartão manuscripto, com o nome "Sr. Smith". Um dia, um vagabundo muito conhecido pela policia vem lhe trazer uma informação preciosa. Assistiu a um dos crimes do Sr. Smith. O nevoeiro não lhe permittiu distinguir as feições do assassino; mas, seguindo seu vulto, viu-o entrar na casa n.º 21 de Russell Square.

Mas essa casa é uma pensão. Alli residem, alem da proprietaria, Mrs. Hobson, o casal Crabtree, miss Pawter, uma commerciaria, miss Holland, uma escriptora, o major reformado Fairchild, o Dr. Hyde (medico), o Sr. Andreiew, o Sr. Collins e um presti digitador indiano ((Lalla-Poor). Não podendo saber quem é, entre todos, o Sr. Smith, a policia se limita a pôr a casa sob vigilancia. Mas chega á pensão um novo hospede, o professor Jolliet, de Sorbonne de Paris, que vem consultar documentos no British Museum.

A policia pede-lhe que a auxilie, observando os hospedes da pensão. O Francez, apavorado á ideia de que é companheiro de casa de um assassino, resolve mudar-se immediatamente. Mas, pouco depois, subindo a seu quarto a criada encontra-o morto, com um bisturi cravado nas costas. No mesmo instante uma voz ironica telephona para varios jornaes, dizendo: "Quem falla aqui é o Sr. Smith. Venho prevenil-o de que pratiquei mais um assassinato, agora mesmo, na pensão em que resido, em Russell Square, 21

A policia investiga e o que mais a perturba é que varios hospedes podem ter praticado esse crime. Por fim, prende aquelle sobre o qual recahem mais numerosos indicios. Collins, um vendedor de radios.

No dia seguinte, os curiosos affluem á pensão.

— Ignore talvez que... — começou Mrs. Hobson.

— Não, senhora, Sei perfeitamente o que se passou aqui. Mas que culpa tem a senhora de haver sido illudida por esse miseravel?.. Diga-me. Como é seu typo? Tem aspecto muito terrivel?...

Quando chegou a hora do almoço, Mrs. Hobson estava extenuada de receber pretensos pretendentes a commodos em sua pensão. A' tarde, o desfile continuou, em rythmo accelerado. A "Pensão Victoria" não era apenas uma casa **onde fôra praticado um crime**"; era o refugio de um dos maiores criminosos do seculo, uma casa onde dez ou doze pessoas tinham lidado intimamente com elle, conheciam os menores incidentes de sua vida quotidiana; seus habitos, tics e manias.

Alem dos simples curiosos, vieram reporters, photographos, inspectores de Scotland Yard, para verificações supplementares... A affluencia foi tamanha que a propria policia teve que organisar um serviço de ordem e dispersar a verdadeira multidão, que se juntara em Russell Square.

Não só Mrs. Hobson como todos os hospedes da pensão estavam exasperados por aquella importunação e deram graças a Deus, quando a policia lhe poz termo:

Apenas o Indiano parecia satisfeito; e explicou-:

— Para mim, o escandalo foi propicio. Estava sem trabalho, ha quasi um mez. Hoje, já fui procurado por trez emprezarios e acceitei contrato para o **Palladium**

— Bravo! — exclamou miss Pawter, que nenhuma circunstancia fazia perder o bom humor. — Se me arranjar uma entrada gratis, eu lhe darei uma ideia soberba para sua publicidade.

— Negocio feito! — declarou cordialmente o prestidigitador — Vejamos essa ideia.

— Mande espalhar pela cidade, cartazes em branco. Toda a gente, intrigada, se approximará para examinal-os e então será vista, num canto, a seguinte explicação: **"O texto d'esse annuncio foi escamoteado pelo famoso magico Lalla Poor, actualmente no palco do Palladium".**

— Magnifico! — exclamou o Indiano, com enthusiasmo — Garanto-lhe um camarote para minha estréa.

Entretanto, Mrs. Hobson, interpellava a escriptora.

— Miss Holland... mandaram-lhe um cesto com dous gatos; um branco ou preto. Pretende conserval-os aqui?

A solteirona perturbou-se.

— Parece-me difficil mas não sei o que faça. Os pobres animaesinhos me foram mandados por um senhor, que não conheço... o Sr. Lawson, reporter do **Night and Day (Noite e Dia).** Elle quer que eu escreva para seu jornal uma serie de artigos sob o titulo "**O Sr. Smith intimo**" Disse-me que o gato preto se chama **Night** e o branco **Day**.

— O interessante — atalhou ironicamente o Dr. Hyde — será saber como poude elle adivinhar que a senhora gosta de gatos?

— E' verdade — concordou a ingenua creatura.

— Mas a senhora pretende conserval-os ? — insistiu Mrs. Hobson, com um olhar severo.

O Sr. Andreiew interveiu:

— Ora! Que mal ha nisso?... Miss Holland terá o cuidado necessario para que elles não incommodem.

Mrs. Hobson ia replicar qualquer cousa mas o olhar cariciante do Russo paralysou-o.

Nessa noite depois de haver collocado, no phonographo o disco **Stop! You are breaking my heart,** miss Holland introduziu, pela primeira vez um detective, em num conto para creanças.

«Mudava de aspecto a cada instante — escreveu ella — **porque tinha o dom de tomar todos os aspectos.**

— Fica admiravel como gigante! — disse-lhe a princeza, deslumbrada.

— Diz isso por que ainda não me viu disfarçado em anão».

◆◆◆

No dia seguinte, no meio de uma saraivada de perguntas ,o Sr. Collins se ergueu, foi até a unica janella sala. Ficou alguns momentos contemplando o pateo por entre os varões da grade de ferro; depois suspirou profundamente e disse:

— Eu con... confesso..

Os trez policiaes presentes se ergueram em sobresalto. Havia quatro dias que o suspeito estava preso. Uma barba rala começava a apparecer em seu rosto desfigurado pela fadiga. O Sr. Strickiland lançou um olhar desconfiado a Storey, que, incapaz de dissimular seus sentimentos, começou a praguejar entre dentes. E perguntou em tom pouco seguro:

— Confessa que é o Sr. Smith?

— Sim — declarou o vendedor de radios, com firmeza — E'... é... é isso o que eu que... quero dizer.

— Então reconhece haver assassinado oito pessoas... o Sr. Busmann, no dia dez de Novembro; ás 11 horas da noite, em Tavistock Road; o Sr. Soar...

— Sim, sim...

— O Sr. Soar — continuou o superintendente, cada vez mais calmo — no dia 12 do mesmo mez, ás 5 horas da tarde, em Rockam Street; o Sr. Derwent, no dia 18, ainda de Novembro, ás 10 horas e meia da noite. em Mapple Stret, o Sr. Temple, na vespera de Natal, ás 6 horas e meia em Foxlore Street . e miss Letchworth, no mesmo dia, vinte minutos depois, na calçada de Wormholt Park; o Sr. Leighton, no dia 4 de Janeiro ás 8 horas e vinte em Goldsmith Street; o Sr. Morin, no dia 6 do mesmo mez, tambem ás 8 e pouco, em Sutton Street e, finalmente, o Sr. Jolliet, no dia 28 seguinte, em um quarto do primeiro andar da Pensão Victoria ?

— Sim, sim — repetiu o gago, que acenara affirmativamente a cada nome pronunciado pelo Sr. Strickland.

— Muito bem. E para que praticou tantos crimes ?

— O...óóóra.. O senhor bem... bem saaabe. Por interesse.

— Em todos os crimes?

— Naaaaa...turalmente.

— O Sr. Jolliet tambem?

— Tam... tam... tambem.

— Não tinha algum rancor ou... preoccupação pessoal contra elle? Não? Então, diga. Por que deixava um cartão com o nome de Smith, junto de cada uma de suas victimas.

A ingenuidade da arte mediavel — Salomé dansando diantes de Herodes. Pintura, que orna uma velha egreja de Norfolk Inglaterra.

— Por... por... para me di...divertir.
— Sabia que a pensão estava sob vigilancia?
— Não... não senhor. Se sou... soubesse não te... teria... — assassinado o pobre Francez — concluiu o Sr. Strickland.
— Mas assignou tambem esse crime...
— A... a força do... do habito.
— Que fim deu ao sacco de areia com que matou tanta gente?
— Joguei-o fó... fora.
— Onde e quando?
— No... no rio... no dia... dia... dia 27.
— Por que?
— Para... para não me... me comprometter.
— E onde escondeu os cartões de visita?
— Aca...ca...cabaram.
O Sr. Strickland fez uma pausa... Cousa extranha! Collins lhe parecia mais suspeito agora do que nos dias precedentes, quando teimava em negar. Era bem possivel que o canalha estivesse empregando um novo systema de defeza. Uma confissão illogica impressiona muitas vezes o jury em favor do accusado, que toma aspecto de victima ou irresponsavel.
— No dia 26 de Janeiro, depois de matar um homem em Sutton Street, foi directamente para a pensão?
— Sim... Creio que... que sim..
Os policiaes tocaram um olhar de intelligencia. Toby Marsh affirmava o contrario:
— Por que caminho?
— Por Bed... Bedfiod Square e Mon... Montague Place, creio.
— Estava com um sobretudo ou um impermeavel?
— Não sei... não me lembro.
— Que fez do dinheiro, que roubou?
— Está em... um logar seguro.
— Onde?
— Não... não digo.
Nesse momento, o telephone se fez ouvir. Strickland attendeu, respondeu por monosyllabas, com o rosto contrahido pela colera. Depois, pousando o phone com força, caminhou para Collins, tremulo e nervoso.
— Que significa essa confissão idiota? Enlouqueceu, pretende proteger o verdadeiro culpado ou...
— Não, não... — gaguejou Collins — Eu queria vêr se me deixavam em paz.
O Sr. Strickland já se voltara para seus auxiliraes.
— Rapazes! Não ha um momento a perder. Vamos a Mornington Crescent. Foi encontrada alli uma mulher ainda moça, sem bolsa sem joias, com a columna vertebral partida na nuca... E um cartão do Sr. Smith preso á golla do corpete.

XIII — TACTEANDO NO NEVOEIRO

— Traga-os nessa ordem — ordenou Stricçland, entregando a Fuller uma lista de cinco nomes.
O primeiro, que entrou, foi major Fairchild. Com uma breve formula de cortezia, lamentando ser forçado a importunal-o outra vez, superintendente indagou:
— Onde estava o senhor, hoje, entre as 6 e meia e ás 7 horas da tarde.
— Jogando bridge, em meu club. Por signal que perdi. Mas quizera saber por que volta a me...
— Peço-lhe que me attenda com paciencia — atalhou o policial — Qual é seu club?
— O Colonial. Albemale Street, 10.
— A que horas começou a jogar?
— As quatro e só acabei as seis.
— Muito bem; mas ao contrario do que nos affirmou, o senhor, na noite de 28, sahiu do salão, durante seis ou oito minutos... Para que?
— Macacos me mordam, se eu lhe responder mais alguma cousa! bradou o velho militar, erguendo-se furioso — Para que continua a aborrecer todo o mundo depois de ter o Sr. Smith na prisão?
O superintendente confessou desalentado:
— Infelizmente, nós nos enganamos. O verdadeiro Smith continua em liberdade e hoje, ás 6 e 20, assassinou uma transeunte em Mornington Crescent.
— Valha-me Deus! Que horror! — balbuciou o major. — Mas — continuou elle, com admiravel esquecimento de tudo quanto dissera dias antes. — Sempre tive a impressão de que esse pobre Collins não tinha o estofo de um grande criminoso.

— As apparencias eram contra elle — observou o policial.
— De certo modo, sim. Mas desculpe que lhe diga... Houve precipitação de sua parte. O senhor prendeu Collins principalmente por que elle é gago. Eu não sei francez mas estive conversando com um official, que foi addido militar em Paris, Begayer não é o unico verbo francez, que começa por b. A accusação do Sr. Jolliet pode se applicar a outro morador d'esta casa.
— Qual?
O major inclinou o corpo alto e magro para pronunciar um nome ao ouvido do superintendente. Depois, extranhando sua impassibilidade, disse, com algum despeito.
— Minha ideia não parece surprehendel-o.
— Sim, sim — disse o Sr. Strickland, distrahidamente — Sempre desconfiei d'elle.
Mas parecia pensar em outra cousa.

***

— Bôa noite, Sr. Lalla Poor... Sinto muito, mas sou obrigado a interrogal-o de novo. Onde estava o senhor, hoje, ás 6 horas da tarde?
— No gabinete de meu emprezario.
Como sempre, seu rosto parecia de pedra.
— Seu emprezario? — repetiu o policial, machinalmente.
— Sim, senhor. Devo estrear no **Palladium** na proxima semana; de modo que tenho varias cousas a combinar com o Sr. Hathway.
— Muito bem. Quer dizer que, ás 6 horas e meia, estava em conferencia com o Sr. Hathway... Onde mora elle?
— Perdão. Creio que não me expliquei bem ou não comprehendi bem a hora a que se referia... A's seis e meia, eu já havia sahido da casa do emprezario e estava em caminho para aqui.
— Onde mora esse homem? — repetiu o policia.
— Em Eversholt Street.
O Sr. Strickland estremeceu. D'essa rua a Mornington era facil ir a pé, em cinco minutos.
— Ah!... Estava em caminho para aqui... — disse elle, a final — E, naturalmente, veiu a pé...
— Como queria o senhor que eu viesse?
— Lembra-se da hora em que sahiu da casa do emprezario?
— Mais ou menos. Deviam ser seis horas e vinte. Talvez um pouco mais.
— Ou um pouco menos — suggeriu o Sr. Strickland
— E' possivel — concordou o Indiano, apoz uma breve hesitação.
O polici l continuou.
— Se eu lhe perguntasse onde estava e o que estava fazendo no dia 18 de Novembro do anno passado, ás 10 da noite ou no dia 4 de Janeiro d'este anno, ás 9 horas da noiye, talvez não pudesse responder.
— Certamente, não — declarou o Indiano, com sua eterna serenidade.
— E' lamentavel? — suspirou o Sr. Strickland. E fez um gesto de saudação para significar que o interrogatorio terminara.
Quando já estava na porta, o prestidigitador volteou:
— Perdão, senhor. Eu julgava esse caso terminado.. As perguntas, que me fez, me levam a presumir que assim não é.
— E que imagina o senhor? — indagou o superintendente, com o cenho carregado.
— O senhor não me obrigaria a esclarecer onde estava e o que fazia **hoje**, em determinada hora, sem ter razões muito fortes para isso. Supponho que o Sr. Smith fugiu e praticou outro crime.
— E' mais ou menos isso — declarou o policial, levantando-se — O **Sr. Collins** continua preso; mas o **Sr. Smith** matou mais uma pessôa, a dous passos de Eversholt Street.
— Para mim, a coincidencia é muito desagradavel — admittiu, o Indiano, tão calmo como o facto fosse destituido de importancia.

***

— Mrs. Crabtree... Não precisava de se incommodar ...Eu mandei chamar apenas seu marido.
— Mas nós não nos separamos nunca — declarou

a insupportavel mulhersinha, sentando-se resolutamente, diante do Sr. Strickland. — De resto — continuou ella, com autoridade. — Quando não me vê a seu lado, Ernesto fica como um barco sem bussola e mette os pés pelas mãos, não é verdade, Ernesto?

O superintendente estava attonito diante da imagem de um barco com pés e mãos, porem o timido marido se apressou a concordar com um movimento de cabeça.

A vista d'isso, o superintendente resignou-se a perguntar:

— Onde estava e que fazia, hoje, ás 6 horas da tarde?

O marido nem chegou a abrir a bocca. Como sempre, a mulher respondeu por elle.

— Sr. inspector. Não imagine que eu costumo encarregar meu marido de fazer compras para mim; mas um resfriado, que apanhei, não sei como, me impede de pôr o nariz fóra de casa. Então, por volta de 2 horas, pedi a Ernesto, que fosse comprar um peignoir de flanella para mim. Não contava com seu habitual... desageito. Só voltou ás 5 horas e trazendo... que? Uma peignoir horrivel, cheio de enfeites, que me faz parecer gorda como uma sapa. Fiquei desesperada e obriguei-o a ir trocal-o.

— E obteve, a final, um, como queria?

— Um magnifico... mas tive que esperar Ernesto até ás 7 horas da noite.

— Onde fez elle essa compra?

— Na casa Dadvison Davis, em Wardour Street.

O Sr. Strickland insistiu em interrogar directamente o Sr. Crabtree.

— Acredita que a vendedora, que o attendeu se recorde do senhor?

— Oh! não — exclamou Mrs. Crabtree, visivelmente indignada — Não é possivel! Responda, Ernesto.

— Não, senhor. Eu não tenho typo para impressionar as mulheres a esse ponto — declarou o homem, corando como uma collegial.

— Perdão — atalhou o Sr. Strickland, severamente— Creio que ainda não comprehenderam a gravidade da situação. O proprio Sr. Smith se encarregou de provar a innocencia do Sr. Collins, praticando outro attentado hoje. Tenho pois que verificar onde se achavam os moradores d'esta casa, na hora do crime. Será possivel que nenhuma das vendedoras com que o senhor lidou, esta tarde, tenha guardado lembrança?...

O Sr. Crabtree hesitou; porem a ameaça de um representante de Scotland Yard lhe pareceu menos terrivel do que a colera de sua esposa e elle affirmou em tom peremptorio:

— Não, senhor.

— Lembra-se das occupações ou distracções com que encheu a noite de 4 de Janeiro?

— Não — respondeu immediatamente Mrs. Crabtree. — Não é possivel que elle se lembre de uma cousa d'estas; nem eu. Mas um detalhe posso desde já lhe affirmar. Nós estavamos juntos.

E, diante do olhar suspeitoso do policial, explicou:

— Posso garantir por que eu estava em Londres nesse dia e nós só nos separamos quando eu tenho que ir passar um ou dous dias em casa de uma tia minha, uma senhora muito doente, que mora em Chislehurst. Nessas occasiões, para não fixar sózinho em casa, Ernesto vai jogar em casa de um amigo de infancia. Não é verdade, Ernesto?

— Isso aconteceu muitas vezes, ultimamente?

— Infelizmente, muitas. Ernesto é o primeiro a deplorar essa separação.

❖❖❖

Seguiu-se o Sr. Andreiew, que ouviu a já irritante pergunta: "Onde estava e que fazia ás 6 horas e meia?" — tomou um a rcontrafeito e, por fim, murmurou:

— Infelizmente, não posso lhe responder:

— Ora essa! Por que?

O Russo assumiu uma attitude de dignidade romantica.

— Por que ha cousas que um cavalheiro não diz. Alem d'isso, não comprehendo esse novo interrogatorio, depois da prisão do famoso Smith.

— Ha duas horas, mais ou menos, o Sr. Smith deixou mais uma pessoa morta na rua. Portanto, não é o Sr. Collins.

— Oh! E' lamentavel... Profundamente lamentavel— exclamou o jovem Russo, com um olhar de afflicção sincera.

— A vista d'isso — continuou o superintendente — espero que o senhor ponha de parte seus escrupulos de cavalheiro e prove sua presença em qualquer logar, na hora indicada.

— Não posso, meu caro senhor; positivamente não posso.

— Estava em algum encontro sentimental? — perguntou o policial, ironico.

— Adivinhou... Do mesmo modo, comprehenderá, estou certo, que não me é possivel compromettar uma moça de quem ainda não sou noivo.

O Sr. Andreiew sorria; mas sob essa apparencia amavel, o Sr. Strickland presentia uma inabalavel firmeza.

— Isso pode leval-o muito longe — disse elle, lentamente.

O Russo abriu os braços em uma attitude de impotente desolação!

— Pode me dizer, ao menos um que bairro de Londres reside sua... beldade?

— Em Belgravia.

Nesse momento, o inspector Storey bateu de leve na porta e entrou:

— Está bem — suspirou o superintendente, despedindo com um gesto, o Sr. Andreiew — Voltaremos a conversar mais tarde.

Storey esperou que o Russo sahisse da sala para dizer:

— A victima é Mrs. Douscombe; estava de passagem em Londres. Reside em Carlisle onde seu marido possue uma fabrica de cerveja.

— Rica por tanto.

— Parece. Vestuario elegantissimo, pelliça cara. Quando foi assassinada, sahia de casa de uma amiga, Mrs. Rooksby, que tentara impedil-a de sahir com um nevoeiro como o de hoje. Propuzera-lhe até que dormisse alli.

— E ella recusou? — perguntou o superintendente, com a fronte contrahida por uma nova suspeita. — Tinha talvez algum encontro marcado.

E pensava no discreto Sr. Andreiew

— Não sei — redarguiu o inspector com um sorriso— Diz Mrs. Rooksby que ella consultava de instante a instante o relogio pulseira.

O superintendente reflectia. O Russo era um bonito rapaz. Podia muito bem, ter feito a corte á pobre creatura, tel-a convidado para um passeio e...

— Sabe se o producto do roubo foi elevado?

— Mrs. Rooksby presume que sim, por que sua amiga andava sempre com muito dinheiro e suas joias valiam importante quantia.

— Desappareceram todas?

— Com excepção de uma opala.

— Bem. Veja se descobre outras pessoas com as quaes Mrs. Douscombe tenha estado em contacto durante sua estadia em Londres.

❖❖❖

— Bôa noite, Dr. Hyde. Sente-se... ou melhor... não. Antes de se sentar, faça-me o favor de dar alguns passos pela sala.

O medico, que se apoiara ás costas de uma cadeira, chasqueou:

— Deu, a final, por isso?

— Isso que?

— **Que je boite?** — perguntou o Dr. Hyde em francez — Deve saber que a indicação deixada pelo professor Jolliet: "**il b...**" tanto pode significar **il begaye** como **il boite** (elle coxeia). Em taes circunstancias, que queria o senhor que eu fizesse? Que chamasse sua attenção para o defeito de minha perna esquerda? Evidentemente, não. Preferi ficar quieto... Felizmente, o que o Francez pretendeu escrever foi mesmo **elle** gagueja; e, quando o senhor pren-

deu o verdadeiro assassino, eu respirei desafogado.

— Quem lhe disse que o Sr. Collins é o verdadeiro assassino? O Sr. Smith praticou outro crime hoje e eu desejo saber onde estava o senhor ás 6 horas da tarde.

— Ora essa! — exclamou o medico com accentuada surpreza — Assim, vamos mal, muito mal. As suspeitas voltam a recahir sobre todos. E o senhor que saber onde estava eu ás 6 da tarde? Passeiando.

— Com um tempo d'estes!?

— Por que não? Eu gosto do nevoeiro. Nelle pode-se encontrar tudo... Mulheres em panico, fantasmas, aventuras...

— Ou a morte.

— Sim. A morte tambem — concordou o Dr. Hyde.

Os dous homens se observavam como adversarios em um duello. Rompendo o silencio, que cahira sobre elles, Mary, a creadinha de Mrs. Hobson, appareceu na porta, dizendo:

— Sr. Strickland. Chamam-o ao telephone. E' um tal Dr. Hancock. Diz que é urgente.

XIV — O Sr. Smith = a Dr. Hyde

Eram dez horas da manhã. Um caprichoso raio de sol já obrigara Robin a mudar de logar duas vezes. O Sr. Strickland se explicava diante de seus chefes.

— Eliminado um suspeito, restam cinco. Quando me apresentei hontem, na pensão Victoria, eu tinha a escolher entre o major Fairchild, o prestidigitador Lalla-Poor, o Sr. Crabtree, o Sr. Andreiew e o Dr. Hyde. Comecei pelo major e soube que elle passara a tarde jogando com outros officiaes reformados, no Club Colonial.

— Verificou esse **alibi**?

— Foi verificado por Fuller. Conseguintemente, a menos que tenha o dom da ubiquidade, o major Fairchild está definitivamente ao abrigo de quaesquer suspeitas. Apresso-me a accrescentar que é, entre todos os moradores d'aquella casa, o unico nessa situação:

— Mas então — perguntou o sub-chefe de policia, dando um socco na mesa — Então, por que recusou reconhecer que sahira, do salão, durante cinco ou seis minutos, na noite em que o professor Jolliet foi assassinado?

— Por... pudor. Assim como o Sr. Collins não dispensa laranja, o bravo major não pode viver sem um gole de seu excellente whisky escossez, de vez em quando.

Robin e sir Christopher Hunter sorriram, indulgentes e comprehensivos. O superintendente continuou:

— Passemos ao prestidigitador. Mais ou menos ás 6 horas, elle estava em casa de seu emprezario. A's seis e vinte — diz elle — voltava para a pensão, a pé, a pezar do nevoeiro.

— Testemunhas?

— Nenhuma. Materialmente, elle dispoz de tempo para praticar o crime. O Sr. Hathway, o tal emprezario mora bem proximo de Mornington Street e affirma que Lalla-Poor sahiu de seu gabinete ás 6 horas e 10 minutos.

— Nesse caso, é preciso mantel-o sob vigilancia.

— E' o que estou fazendo — declarou o superintendente — O Sr. Crabtree, que tem a seu favor uma imbecilidade integral, affirma haver passado a tarde correndo lojas para comprar um **peignoir** de lã. Sahiu da pensão ás 2 horas da tarde, voltou ás cinco; tornou a sahir ás 5 e um quarto e só voltou ás 7. Poderia citar como testemunhas as vendedoras das casas commerciaes onde esteve; mas o medo que tem do ciume da propria esposa, paralysa-o. Em todo caso, sua estupidez é tamanha que eu o considero incapaz de inventar nem mesmo uma mentira.

— Pois interrogue essas vendedoras, sem consultal-o

— Já encarreguei Mordaunt d'esse serviço.

— De que vive esse Sr. Crabtree? — perguntou sir Christopher.

Um fulgor de jovialidade illuminou o olhar do superintendente.

— Vende apparelhos contra hernias... por correspondencia. Não riam. Isso rende mais que poderiamos imaginar. Alem d'isso, sua esposa tem um pequeno rendimento, pequeno mas apreciavel. O Sr. Andreiew allega um **alibi** de natureza muito especial e incontrolavel. Affirma que, nessa hora, estava em idyllio com... com uma creatura feminina, cujo nome não pode revelar.

— Que pensa o senhor d'essa allegação?

— Desconfio... — disse o superintendente, pensativo — O mentiroso habil mistura um pouco de verdade com as mentiras e, assim, consegue tomal-as verosimeis. Quem sabe se a mulher, em cuja companhia pretende ter estado, não era justamente Mrs. Douscombe.

— Não é provavel — observou o sub-chefe — Um encontro d'esse genero não occorre, nunca ,no meio da rua; é sempre marcado em um jardim publico ou em um cinema?

— E' possivel que Mrs. Douscombe fosse senhora ajuizada, incapaz de descer a taes leviandades e, por isso, o Sr. Andreiew se limitasse a seguil-a pelas ruas. Soube tambem que essa senhora devia voltar amanhã a Carlisle.

— Oh! Isso é muito interessante.

— Se minha hypothese é bem fundada, se o Sr. Smith — seja qual for sua identidade — tinha já escolhido sua victima e se approximara d'ella, mediante a simulação de uma intriga sentimental, não podia esperar mais. O temor de vel-a escapar obrigou-o a precipitar sua acção, innocentando o pobre Collins.

— Ora! — exclamou sir Christopher com impaciencia — Tudo quanto nos diz inculpa Andreiew e o senhor prendeu o Dr. Hyde.

— Por quatro razões. **Primo:** o Sr. Jolliet foi assassinado com um bisturi proveniente de sua maleta de profissional. **Secundo:** elle coxeia e, por conseguinte, cahe, com tanta clareza como o Sr. Collins, sob a accusação do pobre professor. **Tertio:** andou passeiando no meio do nevoeiro, hontem, entre seis e sete horas, sem razão plausivel. **Quarto:** praticando o exame, que lhe pedi, no corpo do sabio francez, o medico legista procurou em vão qualquer vestigio do medicamento, que elle affirma ter lhe ministrado na noite de 28 de Janeiro.

Robin se fez advogado da defeza.

— Essa ultima razão não me impressiona. E' possivel que, no primeiro momento de afflicção, o professor Jolliet tenha appellado para a sciencia do Dr. Hyde; depois lembrando-se de que elle podia ser o Sr. Smith, renunciou a tomar um remedio vindo de suas mãos.

— Mas o comprimido não foi encontrado — observou por sua vez sir Christopher.

— Supponho que o Francez o atirou pela janella e elle se dissolveu sob a chuva d'aquella noite.

— Mas para que teria o Dr. Hyde inventado essa fabula?

— Para se prevenir contra a hypothese de ter sido visto por alguem, quando entrou no quarto do Francez. Eis por que considero o laudo do Dr. Hancock decisivo. De duas uma: — ou o Sr. Joliet enguliu esse comprmido ou elle nunca existiu, se não na imaginação do Dr. Hyde

Robin esmagou o fogo de seu cigarro no cinzeiro e sir Christopher concordou, com olhar absorto.

◆◆◆

Collocado em presença dos inspectores encarregados de lhe arrancar a confissão, o Dr. Hyde assumiu attitude bem differente da de seu predecessor, naquella sala. Este, mesmo depois de extenuado, fazia um esforço meritorio para responder com cortezia e de modo intelligivel. O medico, terminadas as perguntas de simples identidade, fechou-se em um silencio teimoso, que só interrompia para lançar aos representantes de Scotland Yard observações sarcasticas, insolentes. Sua propria attitude, no silencio, era desrespeitosa, atrevida. Examinava

as proprias unhas, bocejava, abysmava-se em profunda meditação, como se estivesse sosinho. Seu olhar só encontrava o de algum dos policiaes por accaso e, nessas raras occasiões, elle se apressava a desvial-o, como se estivesse enojado. Em vão, os policiaes tentaram despertar nelle revolta ou indignação.

Fingia não comprehender os sub-entendidos e divertia-se com as ameaças. A's vezes, levava a desenvoltura ao cumulo de assobiar alguns compassos de uma canção, sempre a mesma, batendo o compasso, de leve, com um pé.

No fim de algumas horas Fuller e Storey disfarçavam mal um vigoroso desejo de lhe torcer o pescoço.

O Sr. Strickland, vindo observar em que pé estava o interrogatorio, interveiu pessoalmente.

— Dr. Hyde, esse processo de defeza não o levará a nenhum resultado. Mais tarde ou mais cedo será forçado a uma explicação. Com que conta o senhor para se justificar?

— Não conto com cousa nenhuma. Estou esperando — disse o medico, fitando-o com calma.

O superintendente adivinhou o que elle ia dizer, mas perguntou.

— Esperando que?

— Que o Sr. Smith pratique seu decimo assassinato.

XV — A volta do filho prodigo

Mrs. Hobson, com seu vestido predilecto, o de seda mais rumorosa e **frufrutante,** com o pescoço modelado por uma golla de renda, se mantinha na sala de jantar, debaixo de uma oleographia reproduzindo um quadro de John-Lewis Brown — soldados em exercicio num campo de relva. Seus filhos, como chamava seus hospedes, nas occasiões solennes, estavam collocados de um lado e outro, trez á direita, quatro á esquerda, como uma guarda de honra.

O Sr. Collins não devia esquecer aquella scena-scena. Quando elle, ainda com a barba crescida, extenuado, pallido, appareceu na porta da sala, oito vozes entraram alegremente a canção popular. "**Por que elle é um bom camarada...**" Depois, o major se adiantou, segurou-o pelos hombros e sacudiu-o, affirmando com voz trovejante que, alli, ninguem duvidara um só momento de sua innocencia. As mulheres fizeram questão de beijal-o, cada qual a seu modo. Mrs. Crabtree maternalmente, nas duas faces; miss Pawter, rindo; miss Holland, com timidez; Mrs. Hobson, com faceirice.

O recem-chegado, a principio attonito, como se não comprehendesse o calor d'aquella recepção, deixou-se cahir sobre uma cadeira e desatou em soluços nervosos.

— Per... perdão — gaguejou elle — Mas é a primeira vez em que sinto em torno de mim um sympathia sincera.

— Não, não — bradou o Sr. Andreiew — Nada de enternecimentos. A mesa espera-o com um bolo todo enfeitado e as palavras **Bem-vindo** no meio de um ornato complicado de clara de ovo. Offerta de Mrs. Hobson, que lhe deve bem isso.

— Por... por que? — perguntou o gago.

— Porque o senhor tornou a pensão Victoria famosa no mundo inteiro. Mrs. Hobson poderia, se quizesse, duplicar o peso da diaria e continuariamos todos firmes, aqui.

— Perdão! — protestou Mrs. Crabtree — Eu fugiria immediatamente...

O Sr. Collins subiu, fez uma ligeira toilette e, meia hora depois, sentaram-se todos á mesa. Isso é... Todos é uma maneira de dizer. A cadeira do Dr. Hyde se conservou vasia.

Lembrando-se de que o Sr. Collins tinha um fraco pelo **Irish stew** (ensopado de carneiro) a cozinheira se esmerara nesse prato. Mas nem isso conseguiu animar um pouco o Sr. Collins. Elle continuava acabrunhado; seus hombros magros pareciam esmagados por um peso enorme.

— Diga-nos — perguntou, subitamente, o major Fairchild — E' verdade que elles torturam os presos para lhes arrancar confissões?

— Não, senhor. Não me maltrataram. — Mas levavam dia e noite, insistindo com perguntas...

— Mas o senhor resistiu corajosamente.

— Não, senhor. Eu confessei.

Houve um movimento de estupefação em toda a mesa.

— Confessou que, se não era culpado?

— Tudo quanto elles quizeram. Para que me deixassem em paz.

— Oh! Nesse caso, teve muita sorte. Se o **Sr. Smith** não tivesse a ousadia de praticar mais um crime, o senhor ficaria gravemente compromettido.

O Sr. Collins ergueu os hombros com resignação fatalista.

— Com mil demonios! — exclamou o militar — E' de se jurar que o senhor é o unico que não está satisfeito com seu proprio regresso.

— Natural! — exclamou miss Pawter, com seu inextinguivel bom humor — Deu-se tão bem em Scotland Yard que está com saudades de lá.

Ninguem apreciou esse gracejo e um silencio pesou sobre a sala. Mrs. Hobson interrompeu-o, com opportunidade.

— Miss Holland — disse ella, sem elevar a voz mas com firmeza — Ha dias, quando lhe mandaram um gato branco e um preto, em nome do **Nigh and Day,** nada lhe disse. Tambem nada lhe disse, ante-hontem, quando o Sr. Malone, do **Daily Telegraphe,** lhe mandou um Angora. Mas os cinco maltezes ainda pequeninos, que chegaram hoje, exgottaram minha paciencia. E' de se jurar que esses jornalistas descobriram uma fabrica de gatos. Pelo amor de Deus, peça-lhes que lhe mandem outra cousa.

— Sim, senhora — respondeu a escriptora muito corada.

Apoz o jantar, o Russo se approximou do official reformado:

— Decididamente, meu caro major — disse elle, num tom em que seu interlocutor não poude discernir a menor dose de ironia — Tinha razão quando punha em duvida a culpabilidade de Collins. E na do Dr. Hyde acredita?...

— Nessa, sem duvida nenhuma.

O Russo meditou um instante depois declarou :

— Pois eu não acredito. Quer fazer uma aposta commigo?

No outro extremo do salão, miss Pawter interpellava o Indiano.

— Não precisa de uma assistente; uma creatura, como eu, bastante magra para ficar suspensa no ar, com a nuca apoiada nas costas de uma cadeira e os pés em outra? Ou para adivinhar com os olhos fechados, a edade dos espectadores da primeira fila ?

— Não — respondeu o Indiano muito serio — Infelizmente meu programma não inclue numeros d'esse genero.

— Mas o senhor deve ser tambem um pouco fakir... Diga-me. Acredita que Scotland acertou nessa vez?

— Que quer dizer? Se eu acredito que a policia deitou mão, agora, ao verdadeiro culpado ? Espero que sim.

— Mas o senhor não acredita...

— Não — respondeu o Indiano, com uma especie de pezar — A prisão do Dr. Hyde resultou de uma mentira inhabil. O Sr. Smith não commette... inhabilidades.

O Sr. Collins foi o primeiro a sahir do salão; Mrs. Hobson, que tinha serviço a despachar em seu escriptorio, não tardou a sahir tambem. O Russo imitou-a.

Vinte minutos depois, um ruido surdo — dir-se-hia a queda de um corpo! — se ouviu no andar superior. O Sr. e a Sra. Crabtree, o major Fairchild e o prestidigi-

tador sahiram em desordem e subiram precipitadamente a escada.

A porta do quarto do Sr. Collins estava aberta e viram o vendedor de radios se erguer penosamente, com o auxilio do Sr. Andreiew.

— Que foi isso? — perguntou severamente o major.

— Nada — disse o Russo — Collins escorregou, bateu com a cabeça no canto da mesa. Mas foi cousa atoa, não é verdade?

O vendedor de radio, que esfregava energicamente o queixo, baixou as mãos e confirmou:

— E'... cousa atôa... Nem sei como foi isso. Tive uma tonteira, creio...

Parecia muito empenhado em que o acreditassem. Por isso mesmo, não convenceu ninguem.

XVI — O provocador

— Acredite, meu velho — disse Percy Megan — Toda a redação do **Night and Day** rejubila á noticia de que seu mais brilhante reporter vai desposar a sobrinha de um lord. Não negarei que o papel de noivo accarreta umas tantas obrigações. Mas, no fim de contas, o papel de jornalista comporta-as tambem. Ha trez dias, você não põe os pés na redação.

— Não diga! Será possivel?

— Por isso, atrevo-me a lhe dar um conselho de amigo. Case-se o mais de pressa possivel... Assim talvez, possa nos dedicar suas noites...

Ginger Lawson tomou um ar de dignidade offendida.

— Não misture miss Standish com essas mesquinharias de jornal. Minha ausencia tem tido causa bem diversa e muito mais urgente. Resolvi desmascarar o **Sr. Smith.**

— Idiota. Esquece que esse miseravel já foi desmascarado.

— Não — disse o reporter, categorico. E ergueu a mesma objecção, que o Indiano suggerira a miss Pawter — O Dr. Hyde acabou preso por amontoar as mentiras mais estupidas d'este mundo. O **Sr. Smith** não seria capaz d'isso.

— Oh! Os mais habeis criminosos cahem em tolice.

— Mas não d'esse calibre. Lembre-se de que é um homem capaz de zombar da policia durante trez mezes.

— Muito bem. E como pretende você apanhal-o?

— Você já caçou tigres ou leões?

— Não. E você ?

— Tambem não; porem meu avô paterno matou mais leões no Colorado do que eu bebo whiskies no Bar do Corcunda.

— Protesto. Não ha leões, no Colorado — atalhou Percy Megan.

O reporter não se perturbou com essa objecção. Lançou um olhar desdenhoso ao secretario da redacção e corrigiu:

— Justamente. Não ha mais. Por que? Por que meu avô os matou todos, desde o primeiro até o ultimo. E sabe como? Sabe qual era sua arma principal ?

— Uma metralhadora?

— Não. Iscas.

— E um anzol... — concluiu o secretario, zombeteiro — Mas que demonio tem essa historia de leões com o **Sr. Smith.**

— Olhe para mim — disse Ginger Lawson, com emphase.

Ergueu a golla do soberbo sobretudo de pelliça, que arvorara nesse dia, collocou sob o braço esquerdo uma vistosa pasta de marroquim, fixou na bocca um charuto de Habana e deu lentamente volta á mesa do secretario.

— Supponhamos que você é o Sr. Smith... Não ficaria com vontade de me dar cabo da pelle?

— Isso eu tenho todos os dias, mesmo sem ser criminoso. Vá-se embora. Que perca seu tempo com bobagens, comprehende-se; mas que me faça perder o meu... isso é demais. Vá. Suma-se. Desappareça.

— Céos! — exclamou o reporter fantazista — O verdadeiro merito é sempre negado pelos... pelos phariseus.

— E desmascare ou não o Sr. Smith, esteja aqui amanhã, ás 9 horas.

— Estarei aqui ás 9 em ponto. A menos que o nevoeiro passe.

Sem dar attenção, ás zombarias, que esfusiavam a sua passagem, Ginger atravessou a extensa sala da redacção. Perguntavam-lhe se tinha recolhido alguma herança; se partia para Polo Norte; se aquella pasta assim tão gorda continha alguma reportagem de sensação... O reporter só se deteve um instante diante de sua propria mesa para abrir uma gaveta e tirar d'ella um revolver, que guardou num bolso de seu impressionador sobretudo.

Na rua, não se via a um metro de distancia. Era preciso ser prudente.

Ginger adiantou-se, devagar, pela calçada escorregadia como um impermeavel de **policeman.**

Os raros transeuntes, que passavam por elle eram indistinctos e silenciosos como fantamas... por que o fog londrino absorve os rumores.

— Mau — murmurou o reporter. — O nevoeiro está exaggerando. Como encontrar o Sr. Smith no meio d'essa escuridão?

Em todo caso, tomou a direcção de Russell Square, adiantando-se junto das paredes e tirando do charuto baforadas raivosas. Apos a reprehensão de Percy, ainda estava sugeito a ouvir as queixas de Priscilla, que o accusaria, não sem razão, de andar trocando pernas pelas ruas, em vez de ir passar a noite a seu lado.

Quando se approximava de Lincoln Fields ouviu, atraz de si, uma voz conhecida:

— Se não me engano é o Sr. Lawson.

Ginger volteou com o coração apressado. Nenhum rumor o prevenira da approximação de alguem. Mas reconhecendo o homem, que o interpellára, exclamou:

— Oh! Bôa noite. Anda passeiando, com o tempo assim ?

— Só com o tempo assim é possivel andar sem o anjo da guarda, que a policia teima em fornecer a todos os moradores da pensão Victoria.

— Quer dizer que conseguiu escapar á vigilancia e está gozando sua liberdade.

— E espero conseguir mais alguma cousa — disse o outro, lentamente.

O reporter conteve um calafrio. Aquella resposta lhe parecia suspeita, muito suspeita.

— Onde vai? — perguntou .bruscamente.

— Onde o senhor fôr.

— Supponhamos que eu vou me atirar no Tamisa.

— Eu assistiria com prazer a esse espectaculo.

Ginger firmou a vista para não perder um detalhe do jogo physionomico do interlocutor e disse:

— Muito bem, **Sr. Smith.**

Não desviara o olhar. O rosto do homem se manteve inexpressivo. Não transpareceu nelle surpreza ou terror.

— Por que me chama Smith? — perguntou elle, simples mente.

— Decidi interpellar assim todos os que moram na pensão Victoria. Desse modo estou certo de dar ao crim noso seu verdadeiro nome.

— A pilheria é de mau gosto, Sr. Lawson — disse o outro, friamente. — De mau gosto e... imprudente. Supponha que sou, effectivamente, o Sr. Smith. Antes de lhe fallar, poderia tel-o mandado d'esta para melhor.

Um instincto secreto aconselhava a Ginger que desconfiasse d'aquelle homem impassivel, de voz tranquilla e suave. Então desatou a rir. Elle mesmo notou que seu riso era forçado. Mas disse:

— Commigo essas cousas não se fazem com tamanha facilidade. Tenho no bolso direito um revolver e estou com um dedo sobre o gatilho.

O outro continuou:

— Alem d'isso bem sabe que o policia annunciou a prisão do Sr. Smith.

— Oh! — exclamou Ginger — Tambem acredita que o assassino é o Dr. Hyde.

A resposta surprehendeu-o.

— Não.

Deram mais alguns passos em silencio.

— Logicamente — continuou o reporter — devia acreditar na culpabilidade do medico; por que, reconhecida a innocencia de Collins e o **alibi** do major Fairchild... se ha duvidas quanto ao Dr. Hyde, as suspeitas e o campo de pesquizas fica limitado aos trez hospedes masculinos de Mrs. Hobson; trez, entre os quaes o senhor é um.

Por sua vez, o outro riu mas seu riso foi interrompido por um violento accesso de tosse.

— Quer dizer — concluiu elle, — que o senhor talvez não esteja muito satisfeito por me ter encontrado, heim, Sr. Lawson? Rua deserta... o nevoeiro nos envolvendo por todos os lados.

Em facto, Ginger estava cada vez mais inquieto mas não quiz dar parte de fraco e exclamou:

— Eu? Ao contrario. Estou achando esta nossa palestra interessantissima.

— Mas sua desconfiança contra mim, augmenta de instante a instante.

— Não — replicou Ginger — Eu desconfio do senhor e dos outros dous, em bloco.

— Faz mal.

— Em que ?

— Em desconfiar dos outros dous.

— Por que?

— Por que elles são innocentes.

Ginger se sentiu invadido por extranha fraqueza. Tinha a impressão de que uma gruta negra e profunda se abria diante d'elle. Talvez fosse possivel livrar-se ainda d'ella... Resolveu agir resolutamente:

— Quer dizer que o senhor é ?...

— Exactamente — disse o outro.

E logo acrescentou, tranquillmente:

— Veja! Lá está um policial, no outro lado da rua. Chame-o, se está com medo de mim.

O reporter volteou a cabeça na direcção indicada. No mesmo instante, o homem tirou a mão direita do bolso, recuou ligeiramente, ergueu o braço e desferiu o golpe.

Sem um grito, Ginger ficou estendido, com o rosto contra o solo.

Seu imprudente desejo se realisara.

Encontrara o Sr. Smith.

CAPITULO XVII — Querida Valeria!

— Mas... e a arma? — gritou Robin, com um gesto de furor, no momento em que Strickland se dispunha a sahir — Ao menos, podia ter encontrado a arma!

— Naturalmente... Desde que ella ainda se encontrasse na pensão!

— Que quer dizer?

— Desde que o n. 21 de Russell Square se encontra sob nossa vigilancia, o Sr. Smith praticou trez novos crimes, sendo dous em logares publicos: Vamos admittir, por um instante — contra toda verosimilhança, que elle tenha encontrado na pensão de Mrs. Hobson, um esconderijo capaz de desafiar nossas buscas. Neste caso, teria elle deixado a pensão, terça-feira ultima e hontem, levando comsigo o sacco de areia ? Ousaria tanto? Evidentemente, não! Revistado, nesse instante, por meus auxiliares, estaria perdido.

— Como explica, então, que todos as victimas — com excepção do Sr. Jolliet — tenham sido atacadas com a mesma arma?

— Muito simplesmente. o Sr. Smith antes de assassinar o professor, quando — por consequencia — tinha ainda de uma certa liberdade de movimentos, deve ter começado por buscar um esconderijo **exterior**, prevendo a vigilancia de que seria objecto. Isso lhe permitte sahir e entrar com as mãos vasias.

— As ruas de Londres não são fortes nesse genero de esconderijos!

— As ruas... não. Os parques e as praças sim. A arma repousa, provavelmente, sob uma planta, na terra de algum canteiro.

— Para ser descoberto por qualquer transeunte ou jardineiro municipal ?

— E que prejuizo teria Sr. Smith com isso? O tecido não guarda impressões digitaes.

— Claro. Mas uma tal descoberta deixaria Smith desarmado.

— Provisoriamente. E mais vale ser desarmado do que enforcado !

Robin deixou escapar um gemido, que resumia seu furor e seu desanimo.

— Então devemos desistir das provas directas: E' possivel revistar uma casa, mas não uma cidade.

— Diga antes, um quarteirão. A rapidez com que o Sr. Smith volta á pensão, apoz a pratica de novo crime, limita nossas buscas ás immediações de Russell Square.

— Apoz a prisão de Collins — que parecia pôr um fim a este drama — ficou decidido que os inspectores vigiariam o 21 e annotariam, ao accaso, as horas em que sahiam e entravam os pensionistas homens. Não creio que tenham seguido regularmente as instrucções...

— Isto hei de saber immediatamente.

Regressando a seu escriptorio, Strickland mandou chamar os inspectores Silver, Fusky e Hepgood.

— O corpo do Sr. Lawson, reporter do **Night and Day**, foi encontrado esta manhã, num ponto de Lincoln's Inn Fiedls. Segundo o Dr. Hancock, o crime — praticado pelo Sr. Smith — occorreu mais ou menos ás onze horas da noite de hontem. Os senhores estavam encarregados de seguir os passos de Sr. Crabtree, do professor Lalla-Poor e do Sr. Andreyew... Qual, d'entre os senhores perdeu o homem vigiado?

Os trez inspectores cruzaram olhares embaraçados. Hepgood foi o primeiro a fallar.

— O major Fairchild sahiu pouco antes de nove horas. Fez quatro vezes, a volta da praça, caminhando rapidamente, esbarrando em todo o mundo. Depois, voltou e não sahiu mais.

— Não quero saber do major! Falle-me nos trez outros.

— O indiano sahiu ás oito e vinte. Seguiu por Woburn Square, atravessou Gordon Place, caminhou até Gordon Square e, alli...

— Fez um passe de magica e escamoteou-se a si proprio ?

Hepgood ficou vermelho como uma pimenta:

— O nevoeiro era já espesso e elle desappareceu!

— E depois?

— Voltei a meu posto diante do 21. O professor voltou cerca de onze e quarenta e cinco.

— Você, Silver! Que fez Andreyew? Sahiu, aposto!

— Exactamente, chefe. As oito e dez. Pareceu contrariado ao me ver e rodou duas vezes no calcanhares. Perdi-o de vista em Theobalds Road.

Silver, nessa altura, sentiu necessidade de se justificar. Porem não tinha imaginação e concluiu :

— O nevoeiro era espesso e elle desappareceu!

— Optimo! Excellente! Sabe, ao menos, a que horas voltou?

— Meia noite e quarenta e dous.

— Resta Crabtree...

— Sahiu ás oito e meia — disse vivamente Fusky, que lamentava, agora, ter sido o ultimo a fallar. Voltou ás onze e quarenta e cinco. Primeiro, parecia apressado. Depois, parou, diante das lojas, dos theatros e cinemas. Pude seguil-o até Haymarket.

— Onde, já imagino, o nevoeiro era espesso e elle desappareceu!

— Exactamente, senhor.

Fusky, porem, accrescentou, corajosamente:

— Não largo a preza facilmente, chefe. Mas é essencial que a veja!

◆◆◆

Andreyew, da janella de seu quarto, viu quando o automovel da policia—que elle já tão bem conhecia — parou, diante da pensão. Mesmo sendo homem de sangue frio, sentiu indizivel angustia. A sorte estava lançada! Os detectives vinham buscar sua presa !

Approximou-se da mesa de toilette e contemplou-se no espelho, emquanto sua physionomia tomava, primeiro a expressão do criminoso, que se vê cercado e, depois a do aventureiro desenvolto.

No momento em que sorria de manso, ouviu, primeiramente bater na porta e, logo em seguida, uma voz de mulher, que murmurava seu nome.

Foi abrir. Mrs. Hobson

entrou com um "frufru" de seda. Parecia preza de violenta emoção.

— Quiz prevenil-o! — disse arquejante — O Dr. Hyde esta innocente!... **Smith**, esse monstro, praticou mais um crime!

— Quando?

— Hontem á noite. Os policiaes estão novamente dando uma busca na casa toda. Querem interrogal-o e fazer o mesmo com o professor Lalla-Poor e Sr. Crabtree!

Andreyew continuou, muito naturalmente, a comedia que imaginara.

— **Boje moi**... Estou perdido!

Habilmente, espreitava Sr. Hobson. Notou que ella hesitava e resolveu ir avante em seu plano.

— Não posso declarar onde passei a noite de hontem! E já recusei, ha dias, confessar o que fazia, emquanto matavam Mrs. Douscombe?

— Por que?

— Porque... estava em companhia de uma senhora.

— E hontem?

— Hontem tambem!

— A mesma?

— Não; outra.

Mrs. Hobson ameaçou-o com um dedo.

— Querida, Valeria! — disse o Russo, apoderando-se das mãos da romantica viuva.

E logo accrescentou, com estudada emphase:

— Prefiro que me chame apenas... Boris!

Mrs. Hobson empallideceu. Parecia lutar contra alguma ideia que teimava em penetrar sua mente.

— Não quero que o prendam! Direi que passamos a noite juntos...

— Onde?

— Em meu escriptorio no primeiro andar.

— Varios pensionistas poderiam certificar o contrario.

— Então... passeiando, commigo.

O Russo apparentou uma emoção sincera, que, de resto, não estava longe de sentir.

— Um tal sacrificio... — murmurou.

Porem Mrs. Hobson o interrompeu.

— E' na adversidade que se conhecem os amigos! — disse ella, com simplicidade.

Cerrára os olhos, erguera a cabeça. Andreyew enlaçou-a pelos hombros e ficaram assim um longo instante. Seus labios não se encontraram. No emtanto, mais tarde, Valeria Hobson sempre que recordava esta scena, voltava a sentir em sua face a respiração de Boris.

— Não! — disse, finalmente, o Russo — Agradeço do fundo de meu coração, querida. Mas hei de me livrar ou me perder sosinho. Quem é que...?

O soalho rangera, do lado de fóra. Abriu a porta bruscamente e ainda viu o Sr. Crabtree, que arrastava os pés na direcção da escada.

— Estava ouvindo o que diziamos? — perguntou em tom irritado.

— Não! Não! — respondeu o outro — Eu... eu descia naturalmente.

◆◆◆

Strickland interrogou, primeiro, o professor Lalla Poor, que pretendia ter ido a um cinema, na vespera, á noite e nem sequer ter notado a vigilancia de que era alvo!

Depois mandou vir o Sr. Crabtree e pareceu surprehendido por ver o homunculo surgir sósinho.

— Minha senhora está enferma, de cama, — explicou o Sr. Crabtree — Aproveitei a noite de hontem, para me encontrar com amigos...

— Onde marcara esse encontro?

— Numa pensão de Finsbury Circus.

— A que horas?

— Nove...

— E' curioso! Nessa mesma hora, o senhor foi visto, passeiando por Haymarket. Um de meus homens o vigiava!

O Sr. Crabtree deixou escapar um agoniado gemido.

— Por piedade... Minha mulher pensa que eu costumo ir visitar velhos amigos. Mas para ser franco, prefiro passar minhas raras horas de liberdade, num theatro ou num cinema. Acontece tambem passear, sem um fim especial, trocando passos pelas ruas...

O homensinho estava pallido e tremia. Suas palavras pareciam sinceras. Strickland, no emtanto, se dispunha a insistir, quando Storey entrou e lhe entregou uma carta sem sello, onde seu nome figurava em lettras de imprensa, recortadas de algum jornal.

— Acabo de encontral-a, presa no caixilho do espelho do porta-chapéos... Não estava alli, cinco minutos antes.

Strickland abriu o enveloppe e d'elle retirou uma folha de papel vulgar, onde com lettras e palavras cortadas de differentes jornaes, estava formado o seguinte texto:

"Se Collins gagueja (Begaye) e se Hyde coxeia (Boite), Andreyew borda (Brode).

Examine de perto seu capote e pergunte-lhe o que fazia elle, hontem á tarde, no bar do Savoy, em companhia do Sr. Lawson, o reporter."

— "E Silver, que nada me disse!" — pensou immediatamente Strickland. — "Que animal".

Voltou-se para Storey e lhe entregou a carta, dizendo:

— Temos um alliado precioso! Corra até o bar do Savoy, interrogue o gerente e todo o pessoal. Se necessario for, procure os freguezes, que alli se achavam, hontem, á tarde. Logo que obtenha qualquer confirmação, telephone para mim! Ah! Diga a Fuller que examine com uma lente **todos** os capotes pendurados no vestiario, a Head que mande chamar Silver immediatamente, a Mordaunt que venha me fallar... E mande entrar Andreyew!

CAPITULO XVIII — O Sr. Smith = a Andreyew

— Estou prompto! — disse Andreyew, entrando.

Fumava um longo cigarro com piteira de papelão, balançava com a mão esquerda, uma pequena valise de couro de porco, propria para guardar escovas e pequenos objectos de toilette e parecia tão satisfeito como se se dispuzesse a encetar uma viagem de férias.

— Prompto... para que? — murmurou Strickland entre dentes.

— Ora essa... Prompto para acompanhal-o!

— Não comprehendo...

— Pois não é assim tão difficil. Se não, vejamos! Não é verdade que o Sr. Smith praticou um novo crime e o senhor pretende me prender?

— Quem lhe disse que o Sr. Smith praticou um novo crime?

— Ninguem. Soube-o logo que seu automovel — o mesmo que levou Collins e depois o Dr. Hyde — parou diante da porta d'esta casa. De resto, espero ser preso a qualquer momento, desde o dia 28 de Janeiro, quando Sr. Smith matou o Sr. Joliet... E devido a isto!

O Russo levára a mão ao bolso exterior do casaco e d'elle retirou um trabalho de bordado multicôr, que atirou sobre a mesa:

— De mortui non maledicendum... Em todo o caso, esse pobre professor bem podia ter traçado mais uma lettra! Isto teria afastado os concorrentes ao papel de Sr. Smith. — accrescentou com escarneo.

Strickland examinou tranquillamente o trabalho de bordado, no qual ainda estava enfiada uma agulha. Depois, dobrando-o com cuidado, accrescentou:

— Onde estava o senhor — e que fazia — hontem, entre oito horas e meia noite?

(Continúa no proximo numero)

UMA PASSAGEM DIFFICIL. Quadro de *J. I. Grace.*

[illegible]ANDO O MUNDO [illegible] SESSENTA DIAS

MEMENTO DE EU SEI TUDO

OS FACTOS OCCORRIDOS EM DEZEMBRO DE 1939

[illegible]-FEIRA, 1 — O mau tempo impede qualquer activi[illegible] linha do Rheno. — O Senado da União Sul Africana con[illegible] estatística de guerra á Allemanha. — Os jornaes suecos no[illegible] os Allemães repatriados pelo Reich dos paizes do Bal[illegible] sendo installados na Bohemia e Moravia, onde substi[illegible] população tcheca. Esta vae sendo systematicamente es[illegible] pelo territorio allemão. — Em consequencia das derrotas a[illegible], varios officiaes superiores russos têm sido chamados a [illegible] onde são fuzilados ou presos — Regressou á Inglaterra o [illegible] *Ajax*. — Noticia-se em Amsterdam que, durante o [illegible] neiro, foram executadas na Allemanha 27 pessoas, sendo 17 [illegible] traição. — O Sr. Daladier pediu á Camara Franceza a [illegible] de um senador e 67 deputados communistas.

[illegible]-FEIRA, 2 — Annunciam de Helsinki o fracasso da nova offe[illegible] russa na Karelia. Reuniu-se em Belgrado o conselho per[illegible] entente balkanica, com a presença dos ministros do E[illegible] Yugo Slavia, Turquia, Grecia e Rumania. — Chega á [illegible] terceiro contingente canadense. — E' recolhido a uma casa [illegible] de Roma, gravemente enfermo, o poeta futurista Mar[illegible] — Uma estatistica só agora publicada em Madrid informa [illegible] as tropas do general Franco tiveram, durante a guerra civil, [illegible].000 mortos. — Chegam a New York 550 refugiados politicos [illegible]. — Fortes chuvas inundam varios bairros em New York.

S[illegible], 3 — Continuam paralysadas as operações de guerra, na [illegible] Rheno, em consequencia das persistentes tempestades [illegible] — Uma esquadrilha germanica tenta voar sobre as ilhas [illegible] e tem trez aviões abatidos. — A aviação russa bombardeia [illegible] portos da Finlandia e perde cinco aviões. O governo [illegible] prohibe a exportação de gazolina. — São descobertos [illegible] preparativos para uma revolução no Mexico. — Os Japonezes [illegible] a cidade de Wuyuan, na China.

D[illegible], 4 — Recomeça a actividade de patrulhas na linha do Rhe[illegible] — Violentos combates de infantaria na região do lago Ladoga. [illegible] O mahatma Gandhi conferencia com o vice-[illegible] India. — Os Japonezes permittem a entrada [illegible] viveres na concessão ingleza de Tien-Tsin. — [illegible] "Financial News" commenta com sympathia a [illegible] dos negocios na America do Sul.

SEG[illegible]-FEIRA, 5 — Reune-se em Paris, com a presença dos Srs. Chamberlain e Daladier, o Conselho Supremo dos Alliados. — O governo finlandez [illegible] ás armas todos os homens de 18 a 60 [illegible], ainda não mobilisados. — O governo da [illegible] Finlandia assigna um accordo com o governo [illegible] Suecia para o fornecimento de mão de obra [illegible] — Os Russos insistem em seus ataques [illegible] região da Karelia. — Os Finlandezes resis[illegible] e contra-atacam em varios pontos. — Trava[illegible] violento combate aereo por cima das linhas [illegible] Siegfried e Maginot. — Noticia-se em Copenhague que a Allemanha está estudando um novo a[illegible] com a Russia. — O governo canadense [illegible] que está preparando, mensalmente, 1400 [illegible], observadores, metralhadores e radiotelegraphistas para a aviação militar.

TER[illegible], 6 — O governo do Reich desmente [illegible] intenção de intervir como mediadora [illegible] Finlandia e a Russia. — As tropas russas [illegible] seus ataques especialmente contra o norte [illegible] Finlandia. — Os Finlandezes annunciam q[illegible] truiram 22 tanks russos na ultima batalha [illegible] Karelia. — O delegado do Reich na Polonia [illegible] o trabalho obrigatorio. — Verificam-se [illegible] Londres, novas explosões provocadas por Irlandeses. A policia toma rigorosas providencias. — [illegible] da neve e do frio, continua furiosa a [illegible] travada, na vespera, entre Chinezes e Japonezes [illegible] sul de Kuang-Si. — *Brazil* — Ao partir [illegible], em viagem de regresso a esta capital, [illegible] ministro da Agricultura pronuncia longo [illegible], declarando-se deslumbrado pelos recursos [illegible] Amazonia e promettendo varias providencias [illegible] seu aproveitamento.

Q[illegible]-FEIRA, 7 — O Grande Jury Federal Norte-[illegible] considerou culpados 17 membros da Frente Christã, que estavam processados por conspi[illegible] contra o governo. — A commissão de Ne[illegible] Estrangeiros do Senado approva o augme[illegible] 100 milhões de dollars para o capital [illegible] de Importações e Exportações. — Os [illegible] Hollandezes affirmam que os Allemães [illegible] nova tentativa de paz por intermedio [illegible] scandinavos. — A imprensa de Londres [illegible] commenta com satisfação a visita d[illegible] das Relações Exteriores da Turquia a [illegible] considerando que isso é a melhor prova de [illegible] Bulgaria resolveu concordar com as resoluções [illegible] conferencia da entente balkanica em Bel[illegible], abstendo-se de fazer reivindicações pera[illegible] Rumania e a Grecia. — Causa sensação em [illegible] a noticia de que o general francez Weygand [illegible] chegou á capital do Egypto acompanhado [illegible] numeroso estado-maior. — Realizam-se [illegible] cidades da Irlanda furiosos meetings [illegible] protesto e ameaça contra o julgamento [illegible] tribunal inglez condemnando á morte [illegible] Barnes e Richards, responsaveis [illegible] explosão, que causou duas mortes. *B*[illegible] Exportadores brazileiros concluiram importa[illegible] contracto para o fornecimento de *corned beef* [illegible] exercito inglez. — Chega ao Rio de Janeiro [illegible] hospede do estado, o cardeal Dougherty [illegible] arcebispo de Philadelphia.

QUINTA-FEIRA, 8 — Com a noticia da chegada do general Weygand a Cairo, divulga-se em Londres que os Alliados já concentraram, no Oriente Proximo, tropas e material de guerra em quantidade sufficiente para enfrentar qualquer eventualidade. — Os Russos são, mais uma vez, forçados a recuar, na Finlandia, com grandes perdas. — Seguem para a Finlandia dous corpos de sapadores e bombeiros voluntarios suecos. — Chega a Helsinki para se alistar no exercito finlandez, o principe Renato de Bourbon-Parma. — Noticia-se em Amsterdam que se eleva, nesta data, a 274 o numero de navios alliados e neutros destruidos pelos Allemães. — Foram executados os dous Irlandezes condemnados á morte por haver causado duas mortes com uma explosão. — A policia franceza invade e vareja a sede da representação commercial russa em Paris, aprehendendo abundante documentação. — A Camara dos Communs approva um credito para a verba de hospitalidade dos refugiados polonezes. — O Parlamento da Australia vota um credito de 25 milhões esterlinos para a construcção de aviões de bombardeio que serão offerecidos á Inglaterra. — São presos em todo o territorio belga numerosos communistas. — O governo sueco resolveu adquirir 800.000 mascaras contra gazes asphyxiantes. — (*Brazil*) O governo da Bahia contrahe, na Caixa Economica, um emprestimo de cinco mil contos para a remodelação do bairro da Sé. — O cargueiro allemão *Koenigsberg* parte do porto de Belem com um carregamento de duas mil toneladas de borracha e outros productos paraenses.

SEXTA-FEIRA, 9 — Os jornaes de Ankara noticiam que recomeçaram, occultamente, as remessas de armamento da Allemanha para a Bulgaria. — Uma esquadrilha de destroyers inglezes metteu a pique dous submarinos allemães ao largo de Scapa Flow. — Consta que a Hungria fez com a Yugo-Slavia um accordo em separado. — O governo de Ankara resolveu dispensar os technicos allemães que trabalhavam em seus estaleiros. — Os Chinezes obtêm vantagens consideraveis sobre os Japonezes em todos as linhas de frente do norte e do centro da China. — Os Japonezes

confessam que suas perdas, desde o inicio da guerra, na China, se elevam a quinhentos mil homens. *Brazil* — Decreto-lei, dando nova organização aos nucleos coloniaes.

SABBADO, 10 — Pela terceira vez, os Finlandezes repelliram os Russos do isthmo da Karelia. — A aviação russa bombardeiou a ilha de Hangoe. — A Camara dos Deputados da França approva por unanimidade, em sessão secreta, uma moção de confiança ao governo. — O governo sueco decreta severas providencias contra os communistas. — Começa o repatriamento em massa dos allemães residentes na região do Tyrol, que, apoz a guerra 1914-1918, foi annexada pela Italia.

DOOMINGO, 11 — Augmenta a actividade de patrulhas com incessantes combates deante da linha Maginot. — Chegam á Finlandia doze medicos suecos e pequenos contingentes de dinamarquezes, norte-americanos e hungaros, que vão se alistar como voluntarios no exercito finlandez. — Os ataques das forças sovieticas se intensificam principalmente na frente do Summa. — Graves difficuldades na Hungria, onde o intenso frio paralysa quasi por completo o trafego fluvial e ferroviario. — A Allemanha e a Russia assignam um novo tratado commercial. — Tremor de terra na região de Coquimbo, no Chile.

SEGUNDA-FEIRA, 12 — O governo do Reich desmente a noticia de concentração de suas tropas diante da fronteira belga. — O frio impede qualquer actividade da infantaria na frente do Rheno. — Tambem na Inglaterra a policia estabelece rigorosa vigilancia sobre os communistas. — O governo hollandez decreta augmento consideravel de varios impostos, afim de fazer frente ás despezas com a defeza nacional. — O Sr. Anthony Eden chega inesperadamente ao Cairo onde vae passar em revista importantes contingentes militares, vindos da Australia e da nova Zelandia. — As tropas chinezas annunciam importantes victorias ao sul de Kuansi-Kupzsi, e impedem um desembarque de tropas japonezas no litoral de Tchcklang. *Brazil* — O cargueiro allemão *Wakama*, que sahira do porto do Rio de Janeiro com importante carregamento de viveres para Hamburgo, é detido por um cruzador inglez, na altura de Cabo Frio e mettido a pique, pela propria tripulação.

TERÇA-FEIRA, 13 — Jornaes francezes denunciam que a Russia está concentrando tropas nas fronteiras do Iran e do Afghanistan. — Os Russos voltam a atacar furiosamente o isthmo da Karelia. — Os Finlandezes atacam na frente do Summa, conseguindo recapturar algumas posições, que haviam cahido em poder do inimigo. — O governo argentino resolve internar os marinheiros do *Graf Spee*, que estavam em Buenos Aires, tendo a cidade por menagem. Essa resolução foi tomada em consequencia dos constantes conflictos entre esses marinheiros e residentes inglezes e norte-americanos nas ruas d'aquella capital. — O Congresso Norte-Americano abriu um credito de 100 milhões de dollars para auxilios á China e á Finlandia e outro de 252 milhões para a defeza nacional.

QUARTA-FEIRA 14 — Consta em Belgrado e Buckarest que a Russia concluiu um pacto militar limitado com os Soviets. — O governo inglez permitte o alistamento de subditos britannicos no exercito finlandez. — O governo inglez confirma officialmente que foram mettidos a pique os dous submarinos allemães que torpedearam o navio sueco *Greatfield*. — Persiste em Belgrado

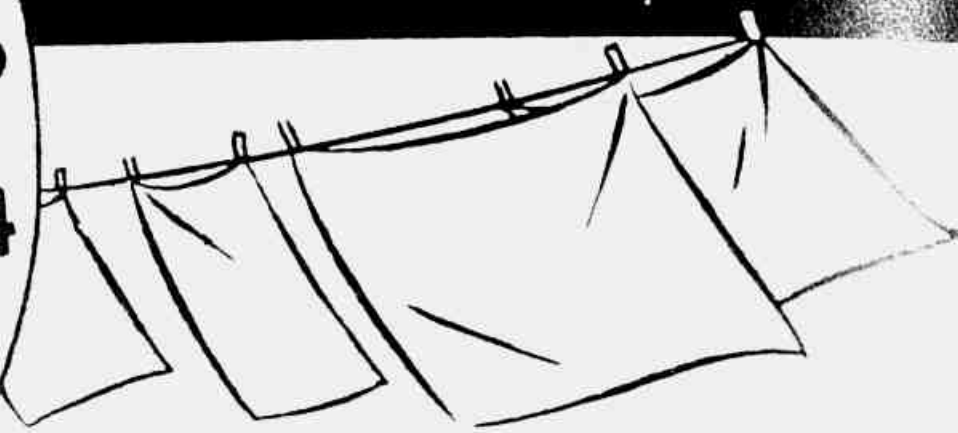
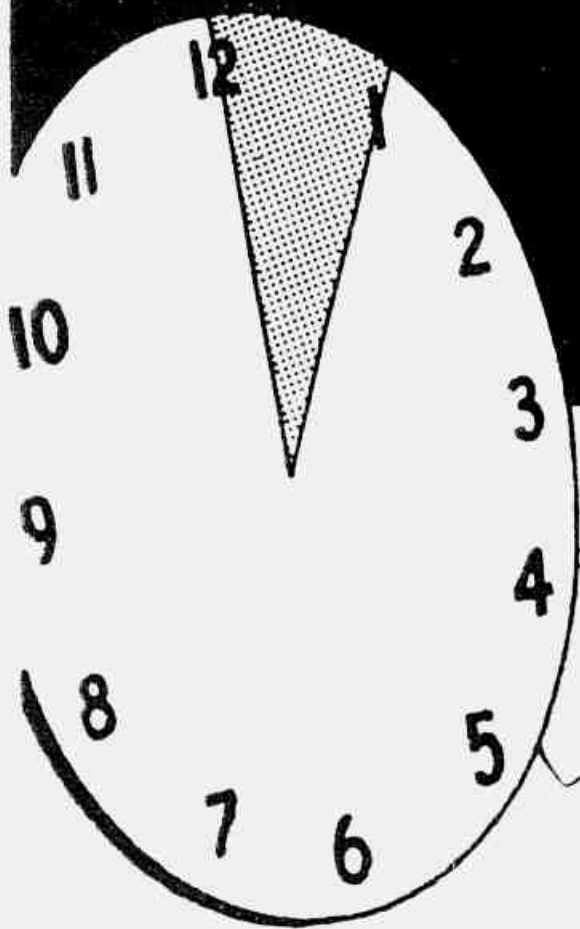
a noticia de que o novo tratado militar teuto-russo foi firmado contra a Turquia. — A Camara Norte-Americana votou um credito de 655 milhões de dollares para expansão da esquadra de guerra, durante os proximos dous annos.

QUINTA-FEIRA, 15 — Desmente-se formalmente em Berlim a assignatura de um novo tratado militar com a Russia. A imprensa da Suissa, porem, confirma a noticia, publicando detalhes do pacto. — A imprensa ingleza noticia que a Russia está construindo uma poderosa linha de fortificações em sua fronteira com a Allemanha. — Os Finlandezes conseguem isolar e cercar o 13.º corpo do exercito russo, que estava atacando o isthmo da Karelia. — Grandes contingentes allemães estão trabalhando febrilmente na construcção de galerias subterraneas ligando a linha Siegfried aos depositos de munições na retaguarda. — Chegam a Jerusalem importantes contingentes australianos, vindos do Cairo, em transito para a fronteira da Turquia com a Russia. — O governo chinez informa que as tropas japonezas estão em franca retirada em toda a linha de frente. — Morre em Paris o escriptor J. H. Rosny Ainé.

SEXTA-FEIRA, 16 — E' assignado um novo accordo economico entre a Inglaterra e a França. — O rei da Suecia declara que não é possivel a seu paiz prestar auxilio militar á Finlandia. — Os Russos conseguem penetrar em algumas posições na linha de Summa. — A torpedeira ingleza *Antilope* mette a pique dous submarinos allemães. — A imprensa de Londres observa que o longo discurso pronunciado e irradiado na imprensa pelo marechal Goering sobre a decisão do Reich de manter a luta durante tempo indeterminado não foi publicado pelos jornaes allemães. — Jornaes italianos denunciam com indignação as atrocidades a que os Russos estão sugeitando os Polonezes no territorio por elles annexado.

SABBADO, 17 — A aviação finlandeza bombardeia energicamente a linha ferrea de Leningrado. — As tropas finlandezas recuam para sua segunda linha, na frente da Karelia. — O "*Osservatore Romano* , orgão do Vaticano, lança um vehemente appello em favor da Finlandia. — Uma esquadrilha de destroyers inglezes aborda e invade o navio auxiliar allemão *Altmark*, retirando de seus porões trezentos e tantos prisioneiros inglezes de navios postos a pique pelo *Admiral Von Spee*. — As tropas chinezas entram em Numsing, de onde os japonezes se haviam retirado nos ultimos dias, utilizando para isso cerca de dous mil caminhões.

DOMINGO, 18 — Golpes de mão, emboscadas, avanços e recuos de patrulhas, continua sendo o panorama da guerra no front occidental. — A leste dos Vosges os Allemães se mostram mais aggressivos. — Foram, porem, repellidos com energia a leste do Mosella. — A Hollanda declara que "o paiz manterá a neutralidade e o aggressor eventual experimentará a força dos seus exercitos. — Os Finlandezes, em longo combate aereo, abatem 24 aviões russos. — Os Finlandezes recuam em ordem, procurando infligir grandes perdas de homens ao inimigo. — Dez mil garibaldinos preparam-se para deixar a Italia, com destino aos campos de batalha finlandezes. — Londres reconhece o ataque ao Altmark e envia nota ao governo norueguez, protestando pelo abrigo dado ao navio auxiliar do Graf Spee. — Torpedeado o destroyer inglez Daring. — Capturado o vapor allemão Morea pelos inglezes e o sueco Stoteck pelos allemães. — Naufraga o navio hollandez Ameland. — Aviões allemães vôam sobre territorio norueguez. — Violento cyclone varre os Estados Mexicanos de Nuevo Neon, Tamanlipas e San Luis de Potosi.

SEGUNDA-FEIRA, 19 — Violento duello de artilharia ao longo do Rheno. — A Hollanda protesta em termos energicos contra o torpedeamento do Ameland. — Os Finlandezes detêm a offensiva russa, tomando varios carros de assalto e material de bocca. — O Reich dirige graves ameaças ao governo norueguez, pela "impassibilidade com que assistiu o ataque ao Altmark . — O Sr. De Valera condemna a actividade dos terroristas irlandezes. — Chega ao Panamá, para visitar as defesas do famoso canal, o presidente Roosevelt. — Affirmam despachos de Paris que os Japonezes estão cercados em Nanning. — Em face da "confusão politica", o general Estigarribia, em golpe de Estado, proclama-se dictador do Paraguay.

TERÇA-FEIRA, 20 — Fracassa ataque allemão a leste de Nied- — Paralysado, do lado allemão, o trafego junto da fronteira teuto-hollandeza. — Os Finlandezes retomam todas as posições de Kulmo, repellindo os ataques russos em todas as frentes. — Recrudesce a luta na Karelia. — A Camara franceza approva, por unanimidade, a exclusão de 60 deputados communistas. — O "*Osservatore Romano* , commentando o "caso do Altmark , affirma que a responsabilidade do mesmo recahe sobre o Reich e a Noruega. — Um avião allemão vôa sobre a Hollanda.— Tremor de terra em Messina, na Italia. — Grandes inundações na Suissa. — A França envia protesto ao Japão pelos constantes ataques á ferrovia de Yunnan. — Os Chinezes affirmam ter retomado Nanning.

GRIPPE!...

Evitareis a grippe fazendo diariamente o asseio da bocca, nariz e garganta, e usando internamente uma colhér, das de sopa, de AGUA RABELLO, com igual quantidade de agua fervida.

Isto é uma pura e insophismavel verdade.

E' um producto puramente vegetal

DISTRIBUIDORES: ESPAÑA PARAMÉS & IRMÃO

RUA DA ALFANDEGA, 181 — RIO DE JANEIRO.

AGUA RABELO
(CURATIVA)
HIDROLATO DE CORNEIBA
COMPOSTO

ANTONIO RABELO JUNIOR

FABRICADA NO
Laboratorio Rabelo
DE
Antonio Rabelo Junior
Rua Cardoso Vieira, 253
JOÃO PESSÔA - PARAHIBA DO NORTE

— O Japão desmente. — Grande campanha panamericanista nas escolas norte-americanas.

QUARTA-FEIRA, 21 — Jornalistas turcos, que visitaram a França, affirmam que a linha Maginot é inexpugnavel. — Baterias francezas dispersam nos Vosges varios descatamentos allemães. — Recuando para a segunda linha de defeza em Vilborg, os Finlandezes collocam os Russos em difficil situação. — Repellidos os Russos entre o golfo da Finlandia e o lago Muola. — Aviões inglezes voltam a voar sobre Heligoland. — Desordens em Tien-Tsin, devido á falta de generos alimenticios. — (*Brazil*) — Decreto-lei creando Commissão de Reorganização dos serviços da Directoria do Imposto sobre a Renda. — Deixa o Rio de Janeiro, o cardeal arcebispo de Philadelphia.

22 — QUINTA-FEIRA —Rechassado um ataque allemão a Leste do Mosella. — Grande actividade da aviação. — Berlim receia um ataque dos Alliados á Russia, no Caucaso. — O Luxemburgo receia ser invadido de um momento para outro. — As autoridades hollandezas intrigadas por balas luminosas que cruzam o céo da Hollanda, parecendo se tratar de signaes de espiões. — Repellidos os Russos na Karelia. — Muita activa, a aviação finlandeza causa grandes perdas aos invasores. — Na imminencia de cerco as columnas russas na Karelia. — Jornaes italianos revelam que aviões allemães combatem os Russos na Finlandia. — Interpelada pela Inglaterra e pela Allemanha, no caso do Altmark, a Noruega está em critica situação. — Expulsos 115 terroristas irlandezes da Inglaterra. — Grandes explosões num deposito de explosivos de Waltham Abbey. — Entregue ao Collegio Militar da Argentina o bronze offerecido pela Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro. — Ruidosa manifestação anti-nazista, num theatro de Amsterdam. — Um dos maiores chefes militares chinezes affirma que augmentaram muito as possibilidades de victoria final de seu paiz, na guerra contra o Japão.

SEXTA-FEIRA, 23 — Calma no front occidental. — Technicos allemães são enviados para as bacias petroliferas da Russia.— Os Russos soffrem pesadas perdas em seus incessantes e mallogrados assaltos ás posições finlandezas. — Varias columnas russas aniquiladas no archipelago de Potkaerama. — O Sr. Hore Belischa preconisa um ataque dos alliados á Russia. — Os Inglezes voam sobre a Bohemia e a Austria. — Novo raid inglez sobre Heligoland. — Novo raid allemão sobre o nordeste da Inglaterra. — Considerados perdidos os navios Teines, norueguez e Leo Swanson, inglez. — Prestadas em Londres grandes homenagens ás tripulações do Exeter e do Ajax, o mesmo acontecendo com o Achilles, na Nova Zelandia. — Uma esquadra ingleza é vista em Murmansk. — Grave a situação em Varsovia. — O Egypto toma medidas contra raids aereos. — Os Trabalhistas obtêm notavel victoria nas ultimas eleições inglezas. — Novos tremores de terra na Turquia. — E' coroado em Tchunking o novo Dalai Lama, no Thibet.

SABBADO, 24 — Movimentos ligeiros e duello de arttilharia no front occidental.—Aviões francezes voam sobre a zona occidental allemã. — O governo turco obtem poderes para declarar o estado de alarma em todo o paiz. — 50 milhões de toneladas de mercadoria entraram ou sahiram dos portos inglezes, desde o inicio da guerra, segundo o ultimo discurso do Sr. Chamberlain — Discursando na celebração do anniversario do partido nazista, o Fuhrer chama o Sr. Hore Belischa de "eterno espirito judeu" e affirma "não se abaterá a Allemanha nem militar nem economicamente e que "o povo allemão foi enganado em sua fé na renovação do mundo. — Destruidos dous destacamentos russos no isthmo da Karelia. — A pressão russa se faz sentir mais intensamente na direcção de Vupuri. — O mau tempo prejudica as operações. — Naufraga o vapor Royal Archer. — Londres annuncia o afundamento de dous submarinos allemqães. — As baterias anti-aereas da Hollanda abrem fogo contra aviões desconhecidos. — Suspensa a remessa de generos alimenticios da Hollanda para a Allemanha. — Violentas explosões em dous cimenas de Londres. — Presos na Slovaquia 10 membros da Gestapo. — Formidavel in-

cendio no bairro industrial da Colombia britannica. — Nasce mais uma filha da princeza do Piemonte. — A Congregação do Santo Officio assigna decreto condemnando a "pratica da esterilização". — O *Osservatore Romano* ataca a doutrina defendida pelo Congresso da Mystica Fascista. — Um cyclone destroe a povoação boliviana de Yaculba.

25 — DOMINGO — Entre o Mosella e a floresta do Palatinado trava-se intenso duello de canhões. A Russia inicia a construcção de defezas para aparar qualquer tentativa germanica, na Polonia. — Annuncia-se nova offensiva de paz promovida pela Allemanha.. — Os Finlandezes defendem-se de forte pressão russa na Karelia — Os Russos occupam as ilhas de Koivisto, Pussari e Tiwunsaari..— Afundado o navio inglez Jevington Court. — Assignado em Roma um tratado commercial italo-allemão. — Aviões inglezes vôam sobre o centro da Allemanha. — Chega á Cidade do Vaticano o embaixador dos E.E. UU., Sr. Myron Taylor. — Chega a Italia o Sr. Summer Welles, enviado especial do presidente Roosevelt. — Violentissimo desastre de trens em Queretaro, Mexico.

26 — SEGUNDA-FEIRA — Renova-se, hoje, a velha phrase, "Nada de novo no front occidental". — O mau tempo prejudica as operações. — Permanece intacta a linha finlandeza do rio Taipale ao lago Muola. — Os Russos estão a 10 kilometros de Viborg — Fracassam os Russos ao tentar um assalto á ilha de Uuras. — Torpedeado o navio hespanhol Banderas. — Noticia um jornal de Londres que a Finlandia está disposta a negociar a paz. — Firma-se a convicção de que o presidente Roosevelt será candidato a 3.º periodo presidencial, pois não mandou retirar seu nome das eleições preliminares no Estado de Illinois

27 — TERÇA-FEIRA — Calma em todo o front occidental. — Um

torpedeiro francez afunda um submarino allemão. — Mexico e Hollanda preoccupados com a grande actividade de espiões nazistas. — A nação tcheca augmenta seu exercito. — Continúa a offensiva russa na Karelia. — Os Russos occupam Koivisto, depois de grandes perdas. — Os Finlandezes iniciam a evacuação de Viipuri. — Aviões inglezes voam sobre Heligoland, norte e centro da Allemanha até Berlim. — Capturado o navio allemão Wahebe. — Torpedeado o navio dinamarquez Ida. — Entraram em minas, afundando, os navios inglezes Ilam Monisori e Grisaba. — E' preso, na Hungria, um deputado nazista. — Conferencia com os embaixadores francez e inglez, em Roma, o Sr. Summer Welles. — O embaixador especial norte-americano deixa Roma, seguindo para Zurich. — O celebre actor francez Sacha Guitry é contractado pelo cinema norte-americano.

28 — QUARTA-FEIRA — Os Allemães repellem um ataque dos Alliados, no Mosella. — A imprensa de Berlim annuncia que o Reich "lutará até á victoria final". — Violenta batalha entre Russos e Finlandezes nas immediações de Vispuri. — Os Finlandezes abandonam os postos avançados de Nantsi. — Avançam os Finlandezes em Khumo. — Dous aviões allemães abatidos em territorio francez. — Aviões inglezes voltam a vôar sobre a Allemanha, em raid nocturno. — A Noruega propõe submetter o caso do Almarck a um tribunal internacional. — Chegam a Buenos Aires esquadrilhas aereas civis brazileiras, chilenas e uruguayas.

29 — QUINTA-FEIRA — Ligeiro tiroteio no front occidental. — Grande movimento de tropas na fronteira da Hollanda, do lado allemão. — Annuncia-se que von Papen tentará reconciliar a Russia com a Italia. — Os Finlandezes se retiram para novas posições, no

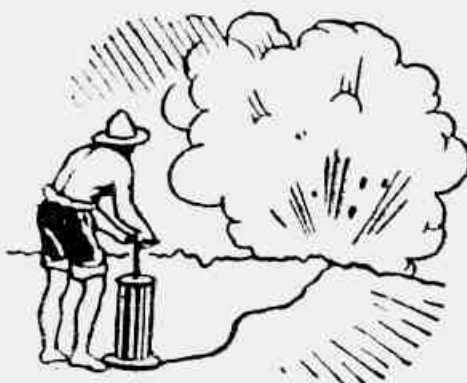
(*Conclue na pag. 105*).

através dos tempos

A polvora

Attribue-se a descoberta da polvora ao frade allemão Bertholdo Schwartz. Fazendo experiencias, aconteceu-lhe misturar enxofre, carvão e salitre. Inesperadamente, produziu-se terrivel e violenta explosão.

Antes delle, porém, no seculo XIII, Rogerio Bacon já havia copiado dos arabes a formula da polvora. O notavel progresso na historia dos explosivos foi a descoberta do "algodão-polvora" e da dynamite. Esta muito tem contribuido para as grandes e arrojadas realizações da engenharia contemporanea.

Quem pela primeira vez usa Gillette tem tambem a impressão de que "descobriu a polvora"... Entretanto, milhões de pessôas já haviam "descoberto" que Gillette offerece o meio mais rapido, hygienico e economico de fazer, diariamente, a barba em casa. Seja desse numero: adopte tambem a Gillette!

Gillette

Caixa Postal 1797 - Rio de Janeiro

Eu Sei Tudo

ANNO XXIII
N.º 11
ABRIL 1940

QUEBRA-CABEÇAS

DICCIONARIOS ADOPTADOS NESTA SECÇÃO — Simões da Fonseca; Fonseca e Roquete (2 vols.); Antonio M. de Souza (2 vols.); Bandeira — Mythologico; Chompré — Fabula; Chaves — Rifoneiro; Delicado — Adagios; Alxina — Proverbios; Lamenza — Proverbios.

DIRECTOR
DR. LAVRUD

SECRETARIO
DABLIU'

Toda a correspondencia sobre charadas deve ser dirigida para a redacção de EU SEI TUDO — RUA MARANGUAPE, 15, 1.º andar — e endereçada ao director desta secção.

2.º TORNEIO — Abril a Junho

[illegible]GRIPHOS — 1 e 2

Para o Almirante Tôgo

Fui convidado a ouvir
A *pratica* do Padre Pedra — 2-5-4
Mas lá não podendo ir
Por um *acontecimento* — 3-8-1-5-4
A comadre veio dizer-me
Esta coisa não o faças — 6-5-7-4
Em termo *brando*, a contento — 3-6-4
Disse Comadre vem e me abraça
Pois se lá fosses tu e eu
Não estariamos attentos
Fazendo a nossa *trapaça*.

UEDAHT (*Cardoso Moreira* — (*E. do Rio*

[illegible] mestre Dr. Lavrud, com os meus respeitosos cumprimentos

[illegible] á *deusa da mocidade* — 2-3-4-5
Que [illegible] desse a *felicidade* — 7-6-1-8
— [illegible] fugaz em minha vida; — 7-6-5
E[illegible] -me em pouco *tempo*, — 7-5-1-8
Un[illegible] contratempo,
Em [illegible] horrivel e má comida!...

[illegible]CANET — (*S. Sebastião do Paraizo*).

CHARADAS NOVISSIMAS

[illegible] Duas-duas — *Lacei* com *força* e fiquei [illegible] de cansaço.

ANHANGUERA — (*Tabapuan*).

[illegible] Duas-uma — Você é tão *gordo* que não [illegible] passar *alli* naquella *viga que serve de ponte*.

FIORA — (*Rio*).

[illegible] Duas-duas — O *Albino*, por causa de [illegible] foi *imputado caluminosamente*.

UEDAHT — (*Cardoso Moreira*).

[illegible] Trez-sete — Que *custo* de uma bolsa [illegible] *commum* e sem *alça*!

DARTAGNAN — (*S. Paulo*).

[illegible] Duas-duas — Prestar *soccorro* a quem [illegible] é *praxe*, mormente quando o pa[illegible] *raiz amarella cor de cenoura*.

BISILVA — (*Recife*).

[illegible] Duas-duas — Peço *protecção* para mi[illegible] ameaçada pelo *viajante hespanhol*.

EURICO — (*Baurú*).

[illegible] Duas-uma — *Supprimi* o *unico* obsta[illegible] estimulo de um *desejo ardente*.

GIL VIRIO — (*Tayuca*).

[illegible] Duas-duas — A *herva semelhante* ao [illegible] *coisa que dá proveito continuo*, po[illegible] *artimanha* para tratal-a.

CANTIO — (*Rio*).

[illegible] Duas-duas — *Rasgue* com este peque[illegible] madeira, as paginas do meu *livro*

WELTON — (*Rio*).

[illegible] Duas-duas — E' muita *ousadia* pas[illegible] dos dedos em *insectos* venenosos

SYND — (*Ceará*).

---

13 — Duas-duas — *Occupa* a tribuna e profere phrases de *responsabilidades*, apresentando uma these cheia de *controversias* um conhecido orador.

UEDAHT — (*Cardoso Moreira*).

---

14 — Duas-duas — Por você ser *expedito em executar*, eu agora apresento-lhe *mulher* bonita e *merecedora*.

RATONICO — (*Lisboa*).

---

15 — Duas-duas — Quem *rebenta cordel* nos dedos, mostra *destreza*

EL PRINCIPE — (*Uberaa*).

Ao charadista Amor & Co.

16 — Trez-uma — Apezar de não ser o Josué, *parei de repente* [illegible] com um simples *cabide*

MISS FLY — (*Parahyba*).

... Quatro — Será *pintado* este busto; será *esculpida* ao ... esta cabeça?

Quatro — Com o *calor do corpo exposto ao sol* o bobo ...

GILK ARAUJO.

... PITTORESCO — 44

E A

R. KURBAN — (*S. Paulo*).

ENIGMAS

... tres enigmas foram feitos á moda das ... perguntas enigmaticas. Os seus conceitos ... na forma interrogativa: Onde está a ...

— Você acha que é *offensa*,
... mal de alguem?
... vezes é, apenas,
... modo de querer bem.

DEQUINHAS — (*Joinville*).

Ao dr. A. Cardoso Martins

Ora lá... Matar o bicho!
... é conversa, é barganha,
... mesmo mero caprinho
... *cidade da Hespanha*.

CONDE DE ROGGER — (*Parahyba*).

Contra o inimigo aventureiro,
... em armas inferior
... o povo brasileiro
... valentia superior.

... se fazia ganhar;
... não fraqueia —
... *camara de guardar*
... e nella fogo atea.

... Barbara! grita o nimigo —
... só resta a retirada;
... forte é a gente denodada,
... pois, grande é o perigo.

Z. P. LIN — (*Curityba*).

RESUMO DO REGULAMENTO

... — Charadas casaes, novissimas e antigas, ... charadisticos, figurados e pittoreschos, ... griphos.

... griphos terão no maximo 15 lettras, devendo ... metade, sendo numero impar augmentado ... mais uma lettra e 4 conceitos parciaes. ... trabalhos devem ser apresentados separadamente um dos outros e escriptos só de um lado ... papel, trazendo cada um as soluções total e parciaes ... diccionario adoptado, assignatura e localidade.

... DICCIONARIOS — Simões (edição pequena); Fonseca ... Roquette (2 vls.); Chompré — Fabula; Bandeira ... Mythologico; Souza — Diccionario do Charadista ... Chaves — Rifoneiro; Delicado — Proverbios ... Alexina — Maximas; Lamenza — Proverbios.

... publicamos trabalhos *ferros* nem os feitos pelos ... diccionarios.

... charadisticos devem vir com a explicação ... seus truques.

... — Devem ser escriptas só de um lado do papel ... devendo occupar cada solução uma linha ... permittido para as associações ou grupos uma lista com as assignaturas de seus associados.

... — Serão sempre de 3 mezes.

... — Offerecemos quatro premios: dous para o 1.º e 2.º logares e dous para os decifradores ... de 50 e 25% das soluções.

... CRUZADAS — Baseadas nos mesmos ... trabalhos de palavras cruzadas devem ... com palavras, completas, não sendo acceito ... exemplo: *mulher sem a ultima fructa mudo ... segunda, etc.* O cruzamento deve ser perfeito ... -do-se o mais possivel *casas mortas*. ... de soluções devem vir separadas das de charadas ... isto é, em outra folha de papel, embora ... enveloppe.

... — Os problemas de palavras cruzadas, ... pittorescos ou figurados podem vir ... ou não.

... PARA A RECEPÇÃO DAS LISTAS DE SOLUÇÕES ... CADA MEZ — Capital e Nictheroy

y, 40 dias; Estado do Rio, São Paulo e Minas, 60; outros Estados e Portugal, 120.

ERRATA

O primeiro mappa do pittoresco n.º 153, de Março é ilha de Guanahan e não de Guanabara.

SOLUÇÕES DE OUTUBRO

1 — Seara; 2 — Cobrada; 3 — Cayra; 4 — Crasso; 5 — ollicli 6 — Garamufo; 7 — Madjus; 8 — Refrescado-a; 9 — Acontiosa-o; 10 — Pola-o; 11 — Irrito-a; 12 — Pavio-a; 13 — Farrusco-a; 14 — Vista-o; 15 — Malunga-o; 16 — Intento-a; 17 — Podalyrio-a; 18 — Renga-o; 19 — Arrosto-a; 20 — Gança-o; 21 — Malha-o; 22 — Rolho-a; 23 — Fia-o; 24 — Estancio-a; 25 — Testa-o; 26 — Gato-a; 27 — Peita-o; 28 — Exoterico-a; 29 — Repolego-a; 30 — Sylvio-a

24 — Duas — ... este *vaso de* ... *para guardar* ... fiz uma *escudela*.

WELTON — (R...

---

25 — Duas — ... *projecto* foi *acce*... Commissão.

EMAURO — (R...

---

26 — Trez — ... este *instrumento*.

ESCULAPIO — (...

Ao Oicar...

27 — Trez — ... se *engana* em ...

MAWERCAS — (R...

Ao Efeg...

28 — Quatro — ... *veita* em chara... *cultura*.

Z. P. LIN — (Cu... *tyba — Para*...

---

17 — Uma-uma — *Nem* só de *pão* vive o *homem*.

GONDEMAGA — (*T. E.* — *A. B. C.*).

---

18 — Uma-duas — Um *porco* é um porco e um *homem* é um *homem*.

DR. ZINHO — (*Taubaté*).

ANTIGAS

Ao Curioso e ao Zaguncha

19 — Todo o pintor que se *afflige* — 2
Com qualquer um *sentimento* — 1
Falta-lhe tinta ou *seccante*,
Pincel ou mesmo talento.

CONDE DE ROGGER — (*Parahyba*).

---

20 — Este maestro *domina* — 3
Só a turma de *trombeta*, — 2
Que por ser bem pequenina,
Nesse *porto da Bahia*
Nunca fez desharmonia.

ANAXAGORAS — (*S. Paulo*).

---

21 — *Devora* tudo; o canifraz — 2
Deixa os mais *enfurecido*. — 2
Vinte pratos bem fornidos
Não saciam o *ferrabraz*.

T. NIENTE — (*Moggy das Cruzes*).

IENGMA FIGURADO — 22

DR. LUG — (*Maranhão*).

CHARADAS CASAES

23 — Cinco — O *melro azul* só vive em *região despovoada*.

T. NIENTE (*A. C. L. B.*) — (*Moggy das Cruzes*).

29 — Duas — *Até* no amor sou *feliz!*

LERIAS (*T. L.*) — (*Lsboa — Portu*...

---

30 — Duas — *Aterro em borda de rio*, não fica solido, ... o *movimento* das aguas.

TEIMOSO — (*Florianop*...

---

31 — Duas — Aos meus foreiros ... *cedo* um prazo razoavel para o ...mento do seu *laudomio*.

D. F...

---

32 — Quatro — A *superiorida*... *homem* depende do modo de proce...

DUO X — (R...

---

33 — Quatro — E' a primeira ... são que se me *depara* para agrade... meu *protector*.

D. FUAS — (*Botoca*...

Ao illustre Dr. Lavrud

34 — Trez — Um *pedaço* de ... *pequeno*.

ALGUEM (*L. A. C. — T. L.*...
(*Lisboa — Portugal*).

---

35 — Duas — Como *açouta* ... o vento, quando se passa a noi... *relento!*

CANTIO — ...

---

36 — Duas — Este *desenho* ... a verdadeira expressão de um ... *acontecimento*.

ANATOLIO — (*S. Pa*...

---

37 — Duas — O *triumpho* ... raramente é conseguido por um ...

OICAROH — (*Campin*...

---

38 — Duas — *Cresce* assusta...mente a *palpitação* do meu coraçã...

MISS ELA...

---

39 — Sete — Foi *proferido* ... *do pleito*, uma *sentença não decis*...

DULPA SERTANE...

---

40 — Duas — Feliz de quem ja ... *ensejo* de conhecer a formosa *bah*... Guanabara.

DEQUINHA...

---

41 — Duas — *Magno segredo!*

EL REY — (*Juiz de Fóra*).

— Quatro — Será *pintado* este busto; será *esculpida* ao ... esta cabeça?

Quatro — Com o *calor do corpo exposto ao sol* o bobo ...

GILK ARAUJO.

PITTORESCO — 44

E A

R. KURBAN — (*S. Paulo*).

ENIGMAS

... tres enigmas foram feitos á moda das ... perguntas enigmaticas. Os seus conceitos ... na forma interrogativa: Onde está a ...

Você acha que é *offensa*,
... mal de alguem?
... vezes é, apenas,
... modo de querer bem.

DEQUINHAS — (*Joinville*).

Ao dr. A. Cardoso Martins

Ora lá... Matar o bicho!
... é conversa, é barganha,
... mesmo mero caprinho
... *cidade da Hespanha*.

CONDE DE ROGGER — (*Parahyba*).

Contra o inimigo aventureiro,
... em armas inferior
... o povo brasileiro
... valentia superior.

... se fazia ganhar;
... não fraqueia —
... *camara de guardar*
... e nella fogo atea.

... Barbara! grita o nimigo —
... só resta a retirada;
... forte é a gente denodada,
... pois, grande é o perigo

Z. P. LIN — (*Curityba*).

RESUMO DO REGULAMENTO

... — Charadas casaes, novissimas e ... enigmas charadisticos, figurados e pittorescos ... logogriphos.

... logogriphos terão no maximo 15 lettras, deve... repetir a metade, sendo numero impar ... mais uma lettra e 4 conceitos parciaes.

... os trabalhos devem ser apresentados separadamente um dos outros e escriptos só de um lado do papel, trazendo cada um as soluções total e parciaes, diccionario adoptado, assignatura e localidade.

DICCIONARIOS — Simões (edição pequena); Fonseca ... Roquette (2 vls.); Chompré — Fabula; Bandeira ... Mythologico; Souza — Diccionario do Charadista; ... Chaves — Rifoneiro; Delicado — Proverbios; Alexina — Maximas; Lamenza — Proverbios.

... publicamos trabalhos *ferros* nem os feitos pelo ... dos diccionarios.

... enigmas charadisticos devem vir com a explicação de seus truques.

... — Devem ser escriptas só de um lado do papel, devendo occupar cada solução uma linha. É permittido para as associações ou grupos uma ... lista com as assignaturas de seus associados.

T... — Serão sempre de 3 mezes.

P... — Offerecemos quatro premios: dous para os ... e 2.º logares e dous para os decifradores ... de 50 e 25% das soluções

PALAVRAS CRUZADAS — Baseadas nos mesmos diccionarios ... os trabalhos de palavras cruzadas devem ser ... com palavras, completas, não sendo acceitas ... exemplo: *mulher sem a ultima fructa mudada ... segunda, etc.* O cruzamento deve ser perfeito ... evitando-se o mais possivel *casas mortas*.

As ... de soluções devem vir separadas das de charadas, isto é, em outra folha de papel, embora ... no mesmo enveloppe.

IMP... — Os problemas de palavras cruzadas, ... enigmas pittorescos ou figurados podem vir desenhados ou não.

P... PARA A RECEPÇÃO DAS LISTAS DE SOLUÇÕES DE CADA MEZ — Capital e Nictheroy

y, 40 dias; Estado do Rio, São Paulo e Minas, 60; outros Estados e Portugal, 120.

ERRATA

O primeiro mappa do pittoresco n.º 153, de Março é ilha de Guanahan e não de Guanabara.

SOLUÇÕES DE OUTUBRO

1 — Seara; 2 — Cobrada; 3 — Cayra; 4 — Crasso; 5 — ollicli 6 — Garamufo; 7 — Madius; 8 — Refrescado-a; 9 — Acontiosa-o; 10 — Pola-o; 11 — Irrito-a; 12 — Pavio-a; 13 — Farrusco-a; 14 — Vista-o; 15 — Malunga-o; 16 — Intento-a; 17 — Podalyrio-a; 18 — Renga-o; 19 — Arrosto-a; 20 — Gança-o; 21 — Malha-o; 22 — Rolho-a; 23 — Fia-o; 24 — Estancio-a; 25 — Testa-o; 26 — Gato-a; 27 — Peita-o; 28 — Exoterico-a; 29 — Repolego-a; 30 — Sylvio-a

31 — Lanço-a; 32 — Novo rei, nova lei. 33 — Manhoso; 34 — Hamadan; 35 — Munemune; 36 — Contrapôr; 37 — Torcicollo; 38 — Abanadar; 39 — Rebolar; 40 — Rico-homem; 41 — Parabem; 42 — Patola; 43 — Asmasello; 44 — Janota; 45 — Avelar; 46 — Varadouro; 47 — Boana; 48 — Cada um canta como tem graça e casa como tem ventura.

DECIFRADORES

Paco, Joaquim Tres, Gondemaga, Cartos, Dioguinho, D. Fuas, Violeta, Anhanguera, Anatolio, Oicaroh, Lis, Mawercas, Don Roal, Durmel, Tenente, Litha, Dr. Kean. K. Nivete, Roaso, Mariola, Gil Virio, Centauro, Pituca, Almirante Togo, Alvasco, Violeta, Dr. Jomond, Julião Riminot, R. Kurban, Anaxagoras, El Principe, Roldão, Maloyo, Yára, Johanes Latium, Z. P. Lin, Ibsen, Clara Maria 48 pontos; Uedaht 45; Cantio 44; Miss Elaine, D. Bil 43; Buridan, T. Feres 41; Calepino 39; O Sineiro 33; Augustus 31; Gilk Araujo, Ojuara, Welton, Notrya, Sadi 30; Dequinhas 25; Jomaré, Ciro Pinales 20; Henoponte Braga 15.

APURAÇÃO FINAL

4.º Torneio de 1938

Tenente, Litha, Romeu do Prado, Conde de Rogger, Miss Fly, Alvasco, Fontelisio, Ratonico, Ruvina, Icaro, Wodem, Dr. Lug, Jupiter, Dopasso, Clara Maria, Z. P. Lin, Julião Riminot, Yara, Dr. Kean, K. Nivete, Peralta, Gondemaga, Cartos, Ed. Lyrial Jr. Paco, Anatolio, Dr. Zinho, Alter Ego, El Principe, Johanes Latium, Roaso, Violeta, D. Fuas, Joaquim Tres, Anhanguera R. Kurban, Anaxagoras, Oicaroh, Mawercas, Lis, Don Roal, Durmel, Athenas, Pandemonio, 153 pontos; Dr. Jomond 150; Dick Sand 147; Cantio 136; Miss Elaine 133; Major Vecê 128; Megaréo Filho 126; O Sineiro, Walwich 118; Welton, Notrya, Sadi 117; Thais Ahmés 116, Emauro 115; Calepino 103; Wigario de Welkfield, Bigorna, Helianto 102; Augustus 99; Gilk Araujo, Ojuara, Buridan 97; Biscaro 94; Alguem, Dropê, Rei Viola, Erbelo, Rotie, Agnus Matutus, Copofonico, Turuna de Geremoabo, 87; Nail do Ata 52; Megareo 50; Vescha 41; Eusarso 30; Eurico, Teimoso 26.

1.º Torneio de 1939

Z. P. Lin, R. Kurban, Anaxagoras, Oicaroh, Lis, Mawercas, Don Roal, Durmel, Pompeu Junior, Joaquim Trez, Anatolio, D. Fuas, Tenente, Litha, Paco Dr. Jomond, El Principe, Zeilah, Johanes Latium, K. Nivete, Alvasco, Roaso, Conde de Rogger, Miss Fly, Violeta, Automarepe, Dequinhas, Clara Maria, Ibsen, Fontelisio, Ratonico, Ruwina, Athenas, Pandemonio, Anhanguera, Alter Ego, Gondemaga, Cartos, Ed. Lyrial Jr. 162 pontos; Billé 142; Welton, Notrya, Sadi, Dupla Sertaneja 133; Buridan 132; T. Feres 123; Thais Ahmés 114; Gilk Araujo, Ojuara, Calepino 107; O Sineiro, Warwick 104; Emauro 92; Didi, Said 80; Eusarso 61; Jupiter, Icaro, Dr. Lug, Wodem, Verçosa 53; Romeu do Prado 50; A. Petrocelli 49, Arievilo 41.

2.º Torneio de 1939

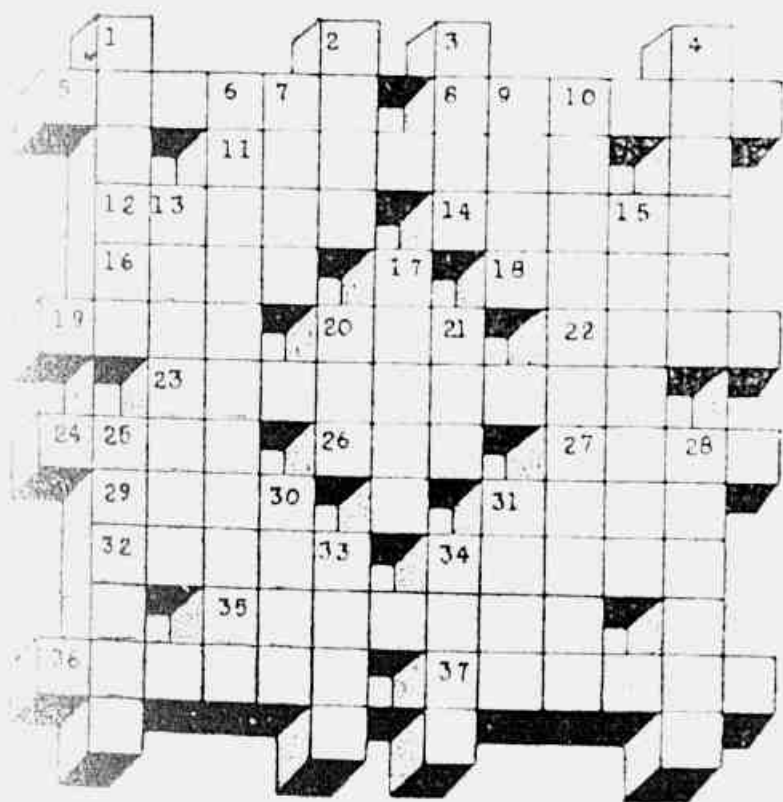
R. Kurban, Anhanguera, Anaxagoras, Gondemaga, Cartos, Ed. Lyrial Jr., Anatolio, Paco, Joaquim Trez, Oicaroh, Lis, Mawercas, Don Roal, Durmel, Dioguinho, Alvasco, El Principe, D. Fuas, Violeta, Zeilah, Raul Petrocelli, Aldo Petrocelli, Z. P. Lin, Gil Virio, Tenente, Litha, Alter Ego, Roaso, Johanes Latium, Conde de Rogger, Miss Fly, K. Nivete, Jupiter, Icaro, Wodem, Dr. Lug, Dr. Kean, Julião Riminot, Ratonico, Ruvina 145 pontos; Dr. Jomond, Clara Maria, Ibsen, Luar 144; Dequinhas 137; Welton, Notrya, Sadi 133; Billé 130; Oicreal 127; T. Féres 124; Calepino 123; Buridan, O Sineiro, Warwick 121; Arievilo 117; Cantio, Dupla Sertaneja 106; Thais Ahmés 101; L. P. M. 99, Fiora 94; Emauro 91; Nicolau, 84; Teimoso 80; Gilk Araujo, Ojuara 71; Eusarso 56; Automarepe, Athenas, Pandemonio 47; Japy 45; Eurico 35; Dupla Silva 31.

3.º Torneio de 1939

T. Niente, Paco, Roaso, Anhanguera, Dioguinho, Alter Ego, Gondemaga, Cartos, Oicaroh, Lis, Mawercas, Don Roal,

Durmel, Fuas, O Sineiro, Warwick, Johanes Latium, Anatolio, R. Kurban, Anaxagoras, Tenente, Lithia, El Principe, Joaquim Trez, Dr. Jomond, Julião Riminot, Maloyo, Gil Virio, K. Nivete, Violeta, Alvasco, Dr. Kean, Luar, J. Florentino Jr., Clara Maria, Ratonico, Ruwina, Aleioal, Alguem, Chigato, Forquinha, Hanibal, Jorubasil, Lerias, Olho do Lince, Ricardo, da Torres, Lumaro 135 pontos; Yára 134; Buridan 125; T. 119, Cantio 109; Calepino 107; Dequinhas 105; Miss Elaine Icaro, Jupiter, Wodem, Dr. Lug 91; Welton, Notrya, Sadi 86, Araujo, Ojuara 85; Thais Ahmés, Billé, 38; Augusto 26.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1

GAUCHINHO (*A. C. L. B. — Rio*).

Horizontaes — 5 — Escudeiro de Evandro, rei da Italia; 8 — Peça da armadura que resguardava o pescoço; 11 — Torre do Tombó; 12 — Junta; 14 — Sagrada; 16 — Estas cousas; 18 — Historiador allemão; 19 — Vestidura antiga; 20 — Servidor; 22 — Divindade convertida em monte; 23 — Copista; 24 — Rio da Africa portugueza; 26 — Rochedo; 27 — Pae de Euripo; 29 — Acto religios dos Mouros; 31 — Cidade da Argelia; 32 — Funcho marinho; 34 — Infusivel; 35 — Arrepiamento; 36 — Respeitar muito; 37 — Tosquiar.

Verticaes — 1 — Especie de esponjeira sempre verde; 2 — Toca; 3 — Rei de Sparta; 4 — Plaino; 6 — Balbuciar; 7 — Vicio; 9 — Villa e freguezia e cabeça do conselho do districto de Aveiro; 10 — Antiga capital do departamento da Vendéa; 13 — Roubar; 15 — Arremedar; 17 — Planta menisperme; 20 — Ave trepadora americana; 21 — Deosa; 25 — Concha de balança; 28 — Posquetes; 30 — Lugubre; 31 — Peça; 33 — Herva que se cria nos mattos 34 — Valido.

SOLUÇÕES DE OUTUBRO

PROBLEMA N.º 1

Horizontaes — 1 — Donata; 2 — Avexas; 3 — Negaça; 4 — Amoras; 10 — Sala; 11 — Ures; 12 — Sura; 13 — Oman.

Verticaes — 1 — Dana; 5 — Ovem; 6 — Nego; 7 — Axar; 8 — Taça; 9 — Asas; 10 — Suso; 14 — Arum; 15 — Lera; 16 — Asan.

DECIFRADORES

Dupla Carioca, Gondemaga, Cartos, Anhanguera, Buridan, Paulistinha, Mawercas, Mme. Pompadour, O Sineiro, Padre Pedra, Gilk Araujo, Ojuara, Welton, Notrya, Sadi, Paulo e Virginia, Xico, T. Niente, K. Nivete, Cabo 29, Roaso, Butucarahy, Alvasco, O Gordo e o Magro, Violeta, Dr. Jomond, Calepino, El Principe, Almirante Togo, Cantio, Dequinhas, Johanes Latium, Jomaré, Ciro Pinales, T. Féres.

CORRESPONDENCIA

Expediente até o dia 20 de Fevereiro.

OIRTEMED (*Porto Alegre*) — Das cinco novissimas a do *cão* ,não será publicada.

POLVO (*S. Paulo*) — Feita a troca como pediu.

K. LOURO PARAISENSE (*S. Sebastião do Paraiso*) — Inscripto com muito prazer.

ALMIRANTE TOGO (*Paracamby*) — Gratos pela munição.

Memento de Eu Sei Tudo

(Conclusão da pagina 98)

isthmo de Carelia. — Avançam, porem, as tropas finlandezas no sector de Salmo. — São comprados por um commerciante uruguayo os restos do couraçado *Almiral von Spee*. — A Universidade de ... EE. UU. organisa cursos especiaes sobre a U R S S . — Os 45 mil ... preparam a immediata construcção de couraçados de agricolas ... — A Italia vai enviar 30.000 trabalhadores correntes para a Allemanha, no correr dos primeiros seis mezes do ... — A Italia vai decretar que judeu não pode exercer profissão liberal nem ter freguezes ou clientes extranhos a sua raça. — Chega a Londres o Dr. Moniz de Aragão, novo embaixador do Brazil na Inglaterra. — Deixa Zurich com destino a Berlim, o Sr. Summer Welles — Fallece Michael Hainisch, que foi primeiro presidente da Republica da Austria. — Violento incendio destroe o studio cinematographico francez, onde era filmada a versão do famoso livro "Hitler me disse".

N. 275
ABRIL
1940

Eu Sei Tudo

N. 11
do Anno
XXIII

SUMMARIO

Artigos

Arte

A Sciencia ao alcance de todos

Contos e episodios historicos

Cousas que é bom saber...

Romances

Tourismo por photographia

Novidades e invenções

Diversos

ANECDOTAS, CARICATURAS, INFORMAÇÕES, CHARADAS, ETC.

Esta revista contem 108 paginas

No turbilhão da vida moderna a victoria cabe aos
CEREBROS FORTES!
Fraqueza cerebral, dyspepsia nervosa, neurasthenia, falta de memoria e perda de apetite desaparecem com o uso do
Neurobiol
O TONICO DO CEREBRO
Á VENDA EM TODO O BRASIL
T. TARQUINO